



CERT: 154/

LIV: 01

PÁG: 01

225

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 1/4 87

TÍTULO DA PEÇA: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

		DISTRIBUIÇÃO
AUTOR DA PEÇA: "GLÁUCIO GIL"		
PROCOLOS:		
41191/68-DFSP	30802/75-SRA	
3318/68-DR/RS	20717/75-SR/SP	
847/70-SCDP/GE	37007/76-SR/SP	
1232/70-SCDP/BA	23166/78-SRA	
36929/71-SRA	13035/81-DCDP	
25864/71-DFSP	15001/81-DCDP	
2808/71-SRA	15964/81-SR/RJ	
40267/71-SRA	12669/82-SCDP	
32700/72-SRA		
28338/73-SRA		
32756/73-SRA		
34750/73-SRA		
37140/73-SRA		
44161/73-SRA		
63303/73-SRA		
67901/73-SRA		
13126/74-SR/GB		
60216/74-SRA		

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

023
*



Proc. n.

Sr. Chefe do SCDP:

TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Parecer |

Dois jovens conquistadores envolvem-se em uma série de trapalhadas procurando seduzir garôtas, fugindo da vigilância dos pais.

Peça que já serviu de tema para um filme forjado em deliciosa comédia.

As situações insinuantes não chegam a criar motivações capazes de perturbar a formação moral da juventude, pelo que, proponho a liberação da peça para maiores de 14 (CATORZE) ANOS.

Este é o meu parecer.

DF. 03.abril.68

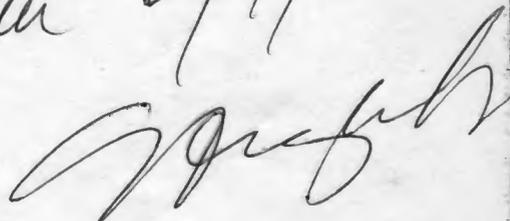

Carlos Lúcio Menezes

Censor Federal

1.2829938

Expedir os certificados
de acordo com
voto do censor.

Em 5/4/68





MINISTERIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL
TURMA DE CENSURA DIVERSÕES PUBLICAS

D. F. S. P.	
041191	16 JUL 68

34

Of.nº 051/TCDP/DR/RS

PoA., 11 julho 1968.

DO Delegado Regional/RS
AO Senhor Chefe da SCDP/DPF/Brasília
Assunto: Solicitação-faz.

Anexo: Três volumes c/respectivo
Licença da SBAT/RS.
(Remete)

Senhor Chefe:

Em cumprimento a Portaria nº 768, 06-11-67, do SCDP/DPF/Brasília, e conforme doc. prot. nesta DR/RS sob o nº 3318, 11-07-68, esta TCDP/RS encaminha a Vossa Senhoria, // três (3) Volumes da Peça Teatral, intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", de Gláucio Gill, a ser encenada nesta Capital pelo Grupo Teatral "Presença" de Santa Maria/RS, a fim de que a mesma s ja submetida à CENSURA para o competente Certificado liberatório.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. meus protestos de estima e consideração.

João de Deus Guimarães

ITO DO CARMO GUIMARÃES GEN R/1
Delegado Regional/RS

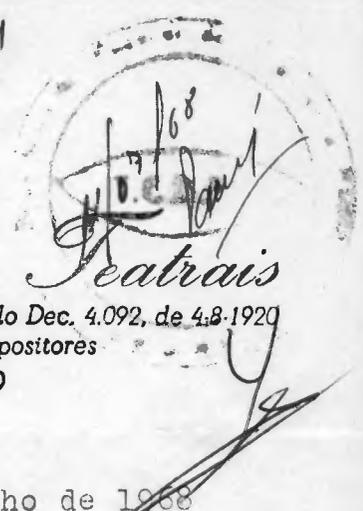
BRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI em 16/7/1968 AS 11 HS.

ASS

CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

Paim.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4.8.1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Pôrto Alegre, 10 de julho de 1968

Ilmo. Sr. Dr. Pedro Freire
dd. Diretor do Grupo Presença
N E S T A

Prezado senhor:

Atendendo ao seu pedido verbal, vimos informá-lo de que a peça "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", de Gláucio Gill está reservada para êsse conjunto para sua temporada nesta Capital.

Fica-lhe, pois, concedida a necessária licença para essa temporada, e cujos direitos autorais serão acertados oportunamente, em consonância com as tabelas vigentes.

Cordialmente

SBAT

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul


DR. ARON MENDEL
REPRESENTANTE GERAL



Ao Senhor Chefe da
Turma de Censura de Diversões Públicas / DR/RS

PEDRO DUARTE PINTO SOARES FREIRE, com 34 anos, de profissão advogado e funcionário público municipal na cidade de Santa Maria, neste Estado, residente à rua Avenida Rio Branco, nº 252, apartamento 13, com carteira de identidade nº 8074, do Posto de Identificação de Santa Maria, RS, vem, mui respeitosamente, solicitar de Vossa Senhoria, se digne mandar passar o visto da CENSURA FEDERAL, na peça de título "Tôda donzela tem um pai que é uma fera", de autoria de Glaucio Gil, autor carioca já falecido, para o competente CERTIFICADO liberatório para execução pública.

Nêstes têrmos

Pede e espera honroso deferimento

Pedro Duarte Pinto Soares Freire

Pedro Duarte Pinto Soares Freire, Diretor do Grupo Teatral "Presença" de Santa Maria, RS.

DPF - DR/RS
Prot. Geral N.º 3318
Data 11-7-68
<i>Uprally</i>

SECRETARIA DE DEFESA NACIONAL
DIRETORIA DE DEFESA JURIDICA

PROTÓTIPO DE ATOS ADMINISTRATIVOS

PROTÓTIPO DE ATOS ADMINISTRATIVOS
- Inicialmente a autoridade competente, no âmbito da
Administração Pública, deve emitir o ato administrativo, observando-se
os princípios da legalidade, da finalidade, da motivação, da razoabilidade,
da proporcionalidade e da eficiência.

PROTÓTIPO N.º _____ DATA 11/7/68

Despacho Do Prof TCBP para estado

e proceder sucessivamente a

Tornar

em 211 Jussara S

Usp/SP

Este ato administrativo produz efeitos desde a data de sua publicação,
salvo disposição em contrário.

DEL REG - DFSP - DIRS

Assinado em _____
Pelo(a) Senhor(a) _____

Este ato administrativo produz efeitos desde a data de sua publicação,
salvo disposição em contrário.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Em, 18/julho/68.

Sr. Chefe da Seção de Censura.

A peça "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Gláucio Gill, de que trata o presente, foi em 03 de abril do corrente ano examinada pelo Censor Carlos Lúcio Menezes e, no dia 05 do mesmo mês foi expedido Certificado nº154/68, com validade até 05/04/69, classificando-a imprópria para menores até 14 (quatorze) anos.

Para o Grupo PRESENÇA de Santa Maria/RS, que ora solicita exame da referida peça, sugiro, s.m.j., que seja expedido Certificado com a mesma restrição etária,.

A consideração superior.

Em, 18 de julho de 1968

JOSE SAMPAIO BRAGA
T C T C -SCBP/DF

De acordo.

Em 17/7/68

[Assinatura manuscrita]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07281P.8

CENSURA FEDERAL

TEATRO



Certificado N° 435/68

PEÇA - TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA -

ORIGINAL DE GLAUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 18 de JULHO de 19 68

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 18 de JULHO de 19 68

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Aloysio
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/69

Certifico constar do livro nº _____ fôlha nº _____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - TODA DONZELA TEM UMA PAI QUE É -
UMA FERA

Original de GLÁCIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

Tendo sido censurada em 17 de JULHO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS

OBS: ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 17 de JULHO de 19 68

- JOSÉ SAMPAIO BRAGA -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

• FESTA •

8
9
19

Santos, 5 de maio de 1968

Ex. Sr.
Sr. Carlos Pinheiro
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
BRASIL

Solicitamos de V.Excia., a liberação dos textos
que seguem anexos em presentes, em dos quais já de domínio público, afim
de serem apresentados aos autores que os montaram, para participar das edições
de livros a serem publicados pela Editora Sesi, no VII Festival de Teatro Amador
de Santos, de São Paulo, patrocinado pela Comissão Estadual de Teatro
de São Paulo.

Os textos e os gráficos que os montaram, são os:

- 1) "Uma noite de verão", de William Shakespeare, pelo Teatro Experimental de São Paulo, de São Paulo, Estado de São Paulo.
- 2) "Uma noite de verão", de William Shakespeare, pelo Teatro Experimental de São Paulo, de São Paulo, Estado de São Paulo.
- 3) "Uma noite de verão", de William Shakespeare, pelo Teatro Experimental de São Paulo, de São Paulo, Estado de São Paulo.
- 4) "Uma noite de verão", de William Shakespeare, pelo Teatro Experimental de São Paulo, de São Paulo, Estado de São Paulo.
- 5) "Uma noite de verão", de William Shakespeare, pelo Teatro Experimental de São Paulo, de São Paulo, Estado de São Paulo.

ATENCIONAMENTE

CARLOS PINHEIRO

Presidente da Federação

BR DFANBSB NS.CPR. A.PTE. 0728, P. 11



POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL
D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

10

DEP. FEDERAL SDS, POLÍCIA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
SETOR - DE MENSAGENS

Recebido 15/8/68 Hr. 10 25

Encaminhado - Hr. - En

AS-

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

BEL IVO DE PAULA RIBEIRO
SUBDELEGADO REGIONAL DPF/SANTOS
RUA SENADOR FEIJÓ 57 -SANTOS-SP

364 15-8-68

REFERÊNCIA SEU OFÍCIO 783/68 DE 6-8-68 VG SOLICITO VOSSA SENHORIA COMUNICAR SENHOR CARLOS PINTO VG PRESIDENTE FEDERAÇÃO SANTISTA TEATRO AMADOR VG AVENIDA SIGUEIRA CAMPOS 278 APARTAMENTO 4 NESSA CIDADE VG MESMO DEVERÁ REMETER SEDE SCDP AUTORIZAÇÕES DA SBAT OU AUTORES REFERENTES PEÇAS TEATRAIS "CAFÉ ET SIMPATIA" VG AUTORIA JAYR PINHEIRO ET JOSÉ BRASIL VG "O SANTO INQUÉRITO" AUTORIA DIAS GOMES VG "TÓDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA PERA" AUTORIA GLÁUCIO GIL ET "SONHOS DE UMA NOITE DE VERÃO" AUTORIA SAKESPEARE VG PARA QUE MESMAS POSSAM SER EXAMINADAS ET POSTERIORMENTE LIBERADAS ÊSTE SERVIÇO PT SDS MANOEL FELIPE SOUZA LEÃO NETO CHEFE EXERCÍCIO SCDP

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
de 1920.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE



Afiliação a Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores.
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1911
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 -
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENTRAL DE
DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA I.C.T.C.
EM, 9/9/68

Direitos de Representação

Autorização Nº 183279

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 1º e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral:

Toda Donzela Tem um Pai que é uma Peça

Original de *Glauco Gil*

Música de _____

Tradução de _____

Nº Teatro *Estudante de Navos* Cidade *Santos*

Empresa *Amador* Pela Cia. _____

nos dias *a avison*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de _____ % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Santos de *Agosto* de 1968

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Signature]
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/P.2

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições e irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para alguns daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentemente coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

12
[assinatura]

Sr. Chefe da Seção de Censura.

A Federação Paulista de Amadores Teatrais, enviou para exame deste SCDP a peça teatral "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Gláucio Gill, que será encenada pelo Grupo de Teatro Estudantil de Novos-SP, no VI Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo.

A referida obra, já foi liberada por este Órgão pelos Certificados nºs 154/68 e 435/68 de 5/4/ e 18/7/68 respectivamente, com a IMPROPRIEDADE PARA MENORES ATÉ 14 (quatorze) ANOS, depois de ratificado o parecer do Censor CARLOS LUCIO MENEZES, que a examinou.

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro, s.m.j., a manutenção do critério classificador, emitindo-se os Certificados requeridos com a impropriedade para menores até 14 (quatorze) anos.

À consideração superior.

Em, 10/Set/68.

[assinatura]
JOSE SAMUEL BRAGA
TCTC- SCDP/DF

De acordo.
Em 11/9/68
[assinatura]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.15

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 550/68

PEÇA -/::: TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA :::/-

ORIGINAL DE GLÁUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 10 de SETEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO Brasília, 10 de SETEMBRO de 19 68

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Aloysio Muhlethaler
Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P. 0728, P. 16

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 17, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA /-

Original de GLÁUCIO GILL
Tradução de _____
Adaptação de _____
Produção de FEDERAÇÃO SANTISTA DE TEATRO AMADOR (SANTOS-SP)
Tendo sido censurada em 10 de SETEMBRO de 19 68 e recebida a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE ANOS)

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 10 de SETEMBRO de 19 68



Jose Sampaio Braga
JOSE SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

Araras, 20 de janeiro de 1.969

Ao
Departamento de Censura Federal
Brasília-DF

Prezados senhores:

Anexamos ao presente requerimento, a autorização nº 185772 da SBAT, com sede no Rio de Janeiro, e escritórios á Avenida Ipiranga 1123, 8º andar, em São Paulo, para a representação da peça Teatral alí mencionada, ou seja, "Tôda Donzela tem um Pai que é uma Fera", juntamente com três cópias da mesma, para que receba a devida censura.

Esta peça será levada pelo GRUTA, Grupo Teatral Ararense, formado por amadores, todos ex-alunos do I.E.Dr. Cesário Coimbra, desta cidade, em caráter beneficente.

Resumidos ao exposto, firmamo-nos mui

Atenciosamente



P/ GRUTA-Leotil Luiz Faggion Bellini

P.S.-GRUTA-Grupo Teatral Ararense

Caixa Postal-60-

a cargo de Leotil Luiz Faggion Bellini

Araras-Estado de São Paulo



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

15

Direitos de Representação Autorização Nº 185772

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Toda Donzela tem um pai...*

..... *que é uma fera*

Original de *Gláucio Gil*

Música de

Tradução de

No Teatro *Diversos*

Cidade *Araçás*

Emprêsa *STUTA*

Pela Cia.

nos dias *para Censura da peça*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

..... %

da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$

por espetáculo, obrigando-se a Em-

prêsa a fornecer à SBAT uma cópia do *bonheur* de receita, devidamente au-

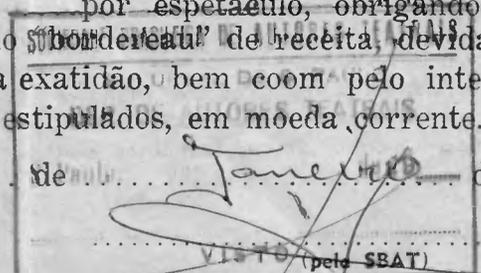
tenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral paga-

mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, *14* de *Janeiro* de 19*69*

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.

— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Grupo Teatral Ararense de São Paulo, enviou para exame deste SCDP, a peça teatral "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Glaucio Gill.

A referida obra já foi examinada e liberada por / este Órgão, várias vezes, conforme cópia de certificados e parecer do Censor Federal CARLOS LUCIO MENEZES, constantes em nossos arquivos, classificando-a imprópria para menores até 14 (quatorze) anos.

Tem por tema, "dois jovens conquistadores que envolvem-se em uma série de afarpalhadas, procurando seduzir garôtas, fugindo da vigilância dos pais; as situações insinuantes não chegam a criar motivações capazes de perturbar a formação moral da juventude."

Assim sendo, à vista do exposto e após concluirmos pela comparação dos escritos, o liberado e o presente, de que são idênticos, sugerimos que seja mantido o mesmo critério / classificador, emitindo-se os certificados requeridos, condicionando a entrega dos mesmo, ao exame do Ensaio Geral, para efeitos de marcação. s.m.j.

A consideração superior,
Em, 29/janeiro/69

JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Ao Sr. Chefe do S.C.D.P.
para decisão final

Em 29/1/69

[Assinatura]

De acordo
Em: 30/1/69
[Assinatura]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

17
[Signature]

Certificado Nº 946/69

PEÇA -!!!/ TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA /!!!-

ORIGINAL DE GLÁUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 31 de JANEIRO de 19 74

Brasília, 31 de JANEIRO de 19 69

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

[Signature]
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MÜHLERTHALER DE SOUZA**
[Signature]

M. J. - D. P. F. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/72
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 30, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:!!:/ TÔPA FANZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA /:!!:-

Original de GLÁUCIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUTA

Tendo sido censurada em 29 de JANEIRO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS.-

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT, DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 31 de JANEIRO de 1969

- JOÃO SAMPAIO BRAGA -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º

Data

Do: CHEFE DO SCDP

Para: SR. CHEFE DO TCDP-PR/SP.

Assunto: PEÇA TEATRAL (ENCAMINHA)

SR. CHEFES

ANEXO, ENCAMINHO A V.SA., SCRIPTS E CERTIFICADOS DA PEÇA TEATRAL "TODA FONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" DE AUTORIA DE GLÁUCIO GIL, SOLICITANDO QUE REFERIDOS DOCUMENTOS SOMENTE SEJAM ENTREGUES AO INTERESSADO - GRUPO TEATRAL ARARENSE (GRUTA) CAIXA POSTAL 60 - ARARAS ESTA DE SÃO PAULO - APÓS / EXAME DO ENSAIO GERAL POR ESSA DR, REMESSA DE RELATÓRIO MINUCIOSO A RESPEITO A ÊSTE SCDP E DECISÃO // DESTA CHEFIA, À VISTA DO MESMO, COMUNICADO VIA RÁDIO

ATENCIOSAMENTE,

W. Mi...
ALOYSIO MUELETRALER DE SOUZA
CHEFE DO SCDP.

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
de 1920.



Filial à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
de Paris.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

19

Direitos de Representação Autorização Nº 144857

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representa-

ção da peça teatral: "TODA DONZELA SEM UM PRINCEPE É UMA FERA"

Original de GAUCIO GIL

Música de

Tradução de

No Teatro Escola Industrial, Cidade Moji das Cruzes

Empresaria ELADIA MORAES, Pela Cia.

por dias PARA CUREIRA DA PEÇA

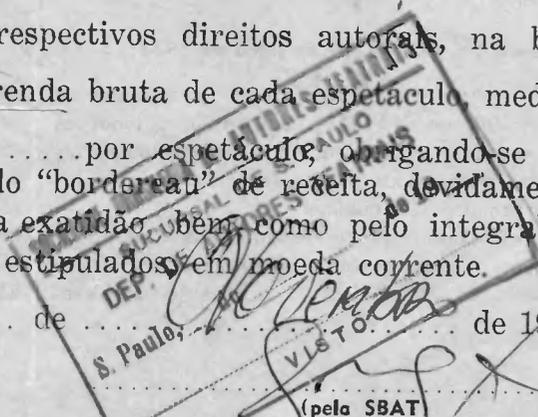
sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo 20 de 1955

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.

A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de qualquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou qualquer outros responsáveis pelas representações, exhibições, irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como qualquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algu das fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentemente coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da propriedade autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 1.º, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL*20*

Sr. Chefe da Seção de Censura

A Empresa ELADIA MORALES, de São Paulo, enviou para revalidação de a peça teatral " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Glauco Gil.

A referida obra, foi liberada para essa Empresa e várias outras no ano p. passado, com a IMPROPRIEDADE PARA / MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS, conforme parecer do Técnico de Censura CARLOS LUCIO MENEZES e cópias de certificados, constantes em nossos arquivos.

Assim sendo, à vista do exposto, sugerimos que seja mantido o mesmo critério classificador, emitindo-se os certificados requeridos. s. m. j..

À consideração superior.

Em, 06/março /1969

[Assinatura]
JOSE SAMUEL BRAGA
TETC-2C/SCDP*De acordo.**Em 6/3/69**[Assinatura]**Em 7/3/69.**Exped-se certificados
Mansour*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

21

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1046/69

PEÇA - / : : : TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA : : : / -

ORIGINAL DE CLAUDIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 10 de MARÇO de 19 69

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Aloysio Muhlethaler de Souza

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 33, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA -

Original de CLAUDIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de O GRUPO - COMPANHIA ELÁDIA MORALES ; (SP)

Tendo sido censurada em 06 de MARÇO de 19 69 e recebida

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATROZE) ANOS

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 10 de MARÇO de 19 69



JOSÉ SAMPALHO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR 0726/P. 28
DFAN66B NS.CPR.TEA.PTE

Sr. Chefe da Turma de Censura Federal no Rio Grande do Norte

22

SANDOVAL WANDERLEY

Nome

PRESIDENTE

cargo

Responsável pelo(a) TEATRO DE AMADORES DE NATAL, situado à
rua FRAÇA AUGUSTO SEVERO n. S/N bairro RIBEIRA

vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa., a aprovação e a liberação
(Comédia)
do(a) TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, conforme determina o
Decreto n. 1.023, de 17 de maio de 1962.

Têrmos em que,

P. deferimento

NATAL/RN, _____, 27 de FEVEREIRO de 1969

Sandoval Wanderley



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada a Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

Direitos de Representação

Autorização Nº 209604

Teatro Amador de Natal

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

Toda boneza tem um pai que é uma fera

Original de *Glauco Gil*

Música de _____

Tradução de _____

No Teatro *Alberto Maranhão* Cidade *Natal*

nos dias *7, 8 e 9 de Abril 1964*

sob as condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de *Cr\$ 1/2 Salário* por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

a de Autorização deve ser anexada ao na respectivo e entregue às autoridades ente — A quitação do direito autoral ivo, só poderá ser dada nas primeiras os recibo oficiais da SBAT.

Emílio Souza
(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabeção pública, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pelo rádio telephônico com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas são responsáveis pelos direitos autorais das produções ali realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1932:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.



24

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA.

SANDOVAL WANDERLEY, PRESIDENTE DO TEATRO DE AMADORES DE NATAL-RN, ENVIOU PARA EXAME DESTES SCPD A PEÇA TEATRAL " TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" DE GLAUCIO GIL.

REFERIDA OBRA JÁ FOI EXAMINADA E LIBERADA POR / ÊSTE ÓRGÃO VÁRIAS VÊZES, NO ANO P. PASSADO E NO CORRENTE, COM A IMPROPRIEDADE PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS, / CONFORME PARECER DO CENSOR CARLOS LUCIO MENEZES E CÓPIAS / DE CERTIFICADOS LIBERATÓRIOS, CONSTANTES EM NOSSOS ARQUIVOS E FICHARIO.

ASSIM SENDO, À VISTA DO EXPOSTO E COMO SE TRATA DE MESMA OBRA, POIS FOI ESTA A CONCLUSÃO QUE CHEGAMOS AO FAZERMOS A COMPARAÇÃO DOS ESCRITOS, SUGERIMOS QUE SEJA MANTIDO O MESMO CRITÉRIO CLASSIFICADOR, EMITINDO-SE OS CERTIFICADOS REQUERIDOS. S.M.J.

À CONSIDERAÇÃO SUPERIOR.

EM, 06/MARÇO/69

Jose Sampaio Braga
JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

*Em 7 Mar 69
Espeço os cert.
tipicas*

Slouman



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 154/68

PEÇA - / TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA / -

ORIGINAL DE GLAUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 05 de ABRIL de 19 69

CLASSIFICAÇÃO
Brasília, 05 de ABRIL de 19 68

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.33

apca/

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -06-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA/-

Original de GLÁUCIO GILL
Tradução de _____
Adaptação de _____
Produção de _____
Tendo sido censurada em 03 de ABRIL de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS.

OBS: - O PRESENTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 05 de ABRIL de 19 68



CARLOS LUCIO MENDES-

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P 31



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1052/69



PEÇA - / - TÔPA FONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA - / -

ORIGINAL DE CLAUDIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 10 de MARÇO de 1969

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07261P.35

[Handwritten signature]

M. J. D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 33, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - TOMA RONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA / -

Original de CLAUDIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO AMADORES DE NATAL - RN -

Tendo sido censurada em 06 de MARÇO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS
CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCRP.

Brasília, 10 de MARÇO de 19 69

JOSE SAMPAYO BRAGA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 3 b

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º

Data 10/03/69

Do: CHEFE DO SCDP

Para: SR. CHEFE SUB-DELEGADO REGIONAL DO DDF-RN

Assunto: PEÇA TEATRAL (ENCAMINHA)

SR. SUB-DELEGADO:

EM ANEXO, ENCAMINHO A V. SA., SCRIPTS E CERTIFICADOS DA PEÇA TEATRAL "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", AUTORIA DE CLAUDIO GILL, SOLICITANDO QUE REFERIDOS DOCUMENTOS SOMENTE SEJAM ENTREGUES AO INTERESSADO SR. SANJOVAL WANDERLEY, / PRESIDENTE DO TEATRO DE AMAPORES DE NATAL, SITO / À PRAÇA AUTUSTO SEVERO, S/Nº, BAIRRO RIBEIRA, NESTA CAPITAL, APÓS O EXAME DO ENSAIO GERAL, REMESSA DE MINUCIOSO RELATÓRIO A RESPEITO E DECISÃO / DESTA CHEFIA, COMUNICADA VIA RÁDIO.

ATENCIOSAMENTE,

ALOYSIO MUBLETHALER DE SOUZA
CHEFE DO SCDP



29

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

Nome do Autor: Gláucio Gill

Nome do Tradutor:

Gênero: Comédia

Entrecho: Joãozinho - um rapaz direito e de bons princípios - convivia com a filha de um general em seu apartamento de Copacabana. Sabedor disto, o pai da moça, furioso, vai à sua procura. Joãozinho pede ajuda a seu amigo e vizinho Porfírio, um play-boy que se orgulhava de ser solteiro, e, o envolve no seu drama, quase que o levando a casar com a filha da "fera". Dêste mal-entendido, as surpresas se sucedem. Joãozinho, somente depois disto tudo, quando todos os papéis já estão prontos para o casamento de Porfírio com a filha do general, "consola" a moça, possuindo-a; a mesma coisa acontece também entre ele e uma vizinha do bloco que, por idêntico motivo, já estava noiva do general que era viúvo. Conhecedor de tais fatos, Porfírio faz tentativas para também tirar partido da ~~aproximação~~ situação, sendo repellido pelas mulheres e convencendo-se, posteriormente, de que, se o general e Joãozinho são retos, moralistas e respeitadores, ele é um santo. E vai embora para a casa de sua mãe.

APRECIACÃO: A peça parece-nos mais uma sátira a determinadas concepções de moral e respeito por parte de pessoas exageradamente radicais em seus pontos de vista sobre o assunto. Uma linguagem acessível e amena, sem palavrões, dá o toque artístico à presente obra, apesar da temática ~~observação~~ que limita a sua liberação para um público adulto apenas, liberação esta que deve ser condicionada ao exame do ensaio geral.

Classificação final: IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS :::::

Brasília-DF. em 19 de abril de 1969

Censor Federal - matrícula n.
Antonio de Pádua Carvalho Alves - Credenciado-Cart.058-DF

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor ANTONIO DE PÁDUA, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

AUTOR: Gláucio Gill

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (DEZOITO) ANOS

OBS. Condicionada a exame do ensaio geral.

A PRESENTE OBRA
DEVERÁ SER LIBERADA 14 ANOS e Certificação Visto etc

Em 22 de abril de 1969

10/3/79, conforme art. 10
Lei 5536/68/11

Chefe da TCTC

JOSE SAMPAIO BRAGA

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe SCDP, para a decisão final.

Em 22 de abril de 1969

Chefe da seção de Censura

SOUZA LEXO

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
CHEFE DO SCDP

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 1156/69

PEÇA - / : : : TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA : : : / -

ORIGINAL DE CLAUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 23 de ABRIL de 19 69

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Aloisio Munlethaler de Souza
Chefe do S. C. D. P. ALOISIO MUNLETHALER DE SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0726, P40

M. L. - D.P.F.
CERTIFICADO DO S.C.D.

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 30, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - **TODA DONZELA TEM UMP PAI QUE É UMA FERA -**

Original de **GLAUCIO GIL**

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de **COMPANHIA DE AMADORES - (GB)**

Tendo sido censurada em 22 de ABRIL de 1969 e recebido

a seguinte classificação: **IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS
CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.**

**OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPTS
DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 23 de ABRIL de 1969

JOSE SAMPIÃO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0728/P.41

31

23/04/69

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/GB
Providências (SOLICITA)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico desse Serviço:

1. Assistir ensaio geral da peça "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", autoria de GLAUCIO GIL; e

2. Enviar a este SCDP, relatório minucioso a respeito dos espetáculos e,

3. Entregar a documentação (scripts e certificados) anexa aos interessados - Companhia Amadores - somente após autorização desta Chefia, via rádio.

Atenciosamente,

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

24/04/69



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.43

34

CENSURA FEDERAL TEATRO

946/69

Certificado Nº _____

-/::: TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA :/:-

PEÇA _____



GLAUCIO BILL

ORIGINAL DE _____

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 05 de MAIO de 1969

**IMPRÓPRIO
ATE 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. *Aloysio Muehlethaler de Souza*
ALOYSIO MUELETHALER DE SOUZA

ap/

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

01

30

Certifico constar do livro nº _____ fôlha nº _____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

Original de **GLAUCIO GILL**

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de **GRUTA (SP)**

Tendo sido censurada em **RE 23** de **ABRIL** de 19 **69** e recebido

a seguinte classificação: **IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS :::::**

CONDICIONADA A EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME ART. 1ª, § 2ª, DA LEI 5535/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE DARRIMBADO PELO SCDP.

Brasília, **05** de **MAIO** de 19 **69**

JOSE SAMBATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

35

CENSURA FEDERAL

TEATRO



Certificado Nº 1156/69

PEÇA -/!!! TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA !!!/-

GLÁUCIO GILL

ORIGINAL DE _____

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 05 de MAIO de 19 69

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

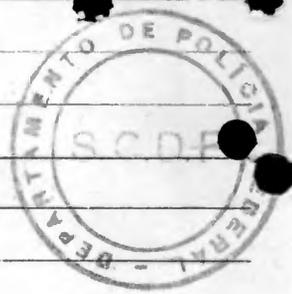
Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

ap/

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 36, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA



Original de GLAUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de COMPANHIA DE AMADORES (CB)

Tendo sido censurada em RE 23 de ABRIL de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS:::::

CONDICIONADA A EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME ART. 1º, § 2º - LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRITTO DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 05 de MAIO de 19 69

JOSÉ SAMPÃO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07261 P.47

36

CENSURA FEDERAL TEATRO



1052/69

Certificado Nº _____

-/::: TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA :::/-

PEÇA _____

GLAUCIO GILL

ORIGINAL DE _____

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 05 de MAIO de 19 69

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. *Aloysio Muhlethaler de Souza*
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

ap/

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

01

33

Certifico constar do livro nº _____, fôlha nº _____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada **TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA**

GLAUCIO GILL

Original de _____

Tradução de _____

Adaptação de _____

TEATRO DE AMADORES DE NATAL (RN)

Produção de _____

RE

23

ABRIL

69

Tendo sido censurada em _____ de _____ de 19_____ e recebido

IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS:::::

a seguinte classificação:

CONDICIONADA A EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME ART; 1º, § 2º, DA LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 05 de MAIO de 1969

JOSÉ SÉRGIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

06/05/1969

CHEFE DO SCPP.
SR. SUBDELEGADO DA SRR/RN
PEÇA TEATRAL (ENCAMINHA)

SENHOR SUBDELEGADO,

ANEXO, ENCAMINHO A V.SA., SCRIPTS E
CERTIFICADOS DA PEÇA TEATRAL " TODA CONZELA TEM
UM PAI QUE E UMA FERA ", AUTORIA DE GLAUCIO /
GILL, COM A NOVA IMPROPRIEDADE 18 ANOS, SOLICIT
TANDO QUE REEERIMOS DOCUMENTOS SEJAM ENTREGUES
AO INTERESSADO - TEATRO DE AMADORES DE NATAL -
LOGO APÓS A REVOLUÇÃO NOS CERTIFICADOS COM A
IMPROPRIEDADE DE 14 ANOS, QUE ESTÃO NESSA SRR.

ATENCIOSAMENTE,

Aloystio Muhlethaler de Souza
ALOYSTIO MÜHLETHALER DE SOUZA
CHEFE DO SCPP.

6/5/69

06/05/1969

CHEFE DO SCPP

SR. DELEGADO REGIONAL DO CPF/DR/SP

PEÇA TEATRAL (ENCAMINHA)

SENHOR DELEGADO,

ANEXO, ENCAMINHO A V.SA., SCRIPTS E CERTIFICADOS DA PEÇA TEATRAL "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", AUTORIA DE CLAUDIO GILL, COM A NOVA IMPROPRIEDADE 18 ANOS, SOLICITANDO QUE REFERIDOS DOCUMENTOS SEJAM ENTREGUES AOS INTERESSADOS - COMPANHIA ELÁDIA / MORALES - E - GRUTA - LOGO APÓS A REVOLUÇÃO DOS CERTIFICADOS COM A IMPROPRIEDADE DE 14 ANOS, QUE ESTÃO NESTA DR.

ATENCIOSAMENTE,

Aloysto Muhlethaler de Souza
ALOYSTO MUHLETHALER DE SOUZA
CHEFE DO SCPP.

Atal
6/5/69

32

06/05/1969

CHEFE DO SOMP.

SR. DELEGADO REGIONAL DO DPF/DR/GB.

PEÇA TEATRAL (ENCAMINHA)

SENHOR DELEGADO,

ANEXO, ENCAMINHO A V.SA., SCRIPTS E CERTIFICADOS DA PEÇA TEATRAL "TODA DONZELA/TEM UM PAI QUE É UMA FERA", AUTORIA DE GLAUCIO GILL, COM A NOVA IMPROPRIIDADE DE 18 ANOS, SOLICITANDO QUE REFERIDOS DOCUMENTOS SEJAM ENTREGUES AO INTERESSADO - COMPANHIA DE AMADORES - LOGO/ APÓS A REVOLUÇÃO DOS CERTIFICADOS COM A IMPROPRIIDADE DE 14 ANOS, QUE ESTÃO NESSA CR.

ATENCIOSAMENTE,

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUILETHALER DE SOUZA
CHEFE DO SOMP.

Opauk
6/5/69



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 02

CENSURA FEDERAL

TEATRO



Certificado Nº 1046/69

PEÇA - / : : : TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA : : : / -

ORIGINAL DE CLAU D I O G I L L

APROVADO PELOS S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

Brasília, 10 de MARÇO de 1969

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 33, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA -

Original de CLAUDIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de O GRUP. -COMPANHIA ELÁDIA MORALES. (SP)

Tendo sido censurada em 06 de MARÇO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATROZE) ANOS

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

BS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 10 de MARÇO de 19 69



JOSÉ SAMPAIO BRAGA

[Handwritten signature]

Chefe Turma de Censores de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, p. 54

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1046/69

PEÇA - / : : : TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA : : : / -

ORIGINAL DE CLAUDIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 10 de MARÇO de 1969

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F. PR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P55
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 33, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA -

Original de CLAUDIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de O GRUPO -COMPANHIA ELÁDIA MORALES ; (SP)

Tendo sido censurada em 06 de MARÇO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATROZE) ANOS

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

BS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 10 de MARÇO de 19 69



Jose Sampaio Braga
JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe de Turma de Censores de Teatro e Congêneres

SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICASBRASÍLIA - DF43

LADISLAU JOSÉ VITACHI, brasileiro, casado, residente à rua Dr. Carlos de Campos, 633, Vila Industrial, Campinas, Estado de São Paulo, em nome do GRÊMIO DRAMÁTICO SANTA BÁRBARA, vem respeitosamente solicitar a expedição do certificado de - censura liberatório para o texto abaixo, juntando o requerido por Lei.

Nêstes termos

P.Deferimento

Campinas, 30 de julho de 1969

Nome do texto: TODA DONZELA TEM UMPAI QUE É UMA FERA

" " autor: GLÁUCIO GILL

Número de atos: 3 (três)

Autorização da SBAT nº 188490

3 (três) cópias do texto

SANTA BÁRBARA D'OESTE, 17 DE JULHO DE 1969.

45
fl. 1

ATO I - TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA - De Gláucio Gill
Peça em 3 atos

Abre-se o pano mostrando um apartamento típico de rapaz solteiro, em Copacabana, desses de quarto, kitchenette e banheiro, com a despêdem condizente. Deitado num sumier, dormindo, está Porfírio, de pijama de calça curta. Um despertador visível marca dez para as seis. O ambiente está em semi-penumbra, vendo-se numa parede um desses quadros com os dizeres: "Neste apartamento mora um solteiro feliz". Toca a campainha insistentemente. Duas, três, quatro vezes. Porfírio acorda, meio estremunhado, acende a luz e abre a porta. Entra Joãozinho, rápido e afobado. O cenário é único e a peça tem cinco personagens.

JOÃOZINHO - (entrando rápido e ofegante). O porteiro me avisou.

PORFÍRIO - Avisou o quê?

JOÃOZINHO - O homem está lá em baixo e quer subir a todo pulso.

PORFÍRIO - Que homem? Calma, senta, você está afobado.

JOÃOZINHO - O General. O pai da Daisy.

PORFÍRIO - Eu disse a você. Eu disse que essa garôta era um espêto.

JOÃOZINHO - Ele descobriu que Daisy está morando comigo e... Porfírio, vai dar um bode dos diabos. O porteiro me disse que o homem está uma fera.

PORFÍRIO - Por que é que êle ainda não subiu?

JOÃOZINHO - Por causa do portão. Do portão, você está compreendendo?

PORFÍRIO - Não.

JOÃOZINHO - O portão só abre as seis horas. Antes disso não pode entrar ninguém estranho.

PORFÍRIO - Vai ver então êle foi embora e resolveu voltar depois.

JOÃOZINHO - (agitadíssimo, vai até a janela). Qual nada. Ele está lá em baixo. E insistiu. E disse que tinha que entrar imediatamente porque precisava tirar satisfações com um patife aqui do prédio.

PORFÍRIO - Mas como é que você sabe que o patife é você?

JOÃOZINHO - Ele disse textualmente. O porteiro veio me contar. O patife do 803 que trouxe minha filha para cá.

PORFÍRIO - É. Então é você mesmo.

JOÃOZINHO - Ele esbravejou, berrou, gritou, mas o porteiro não deixou ele entrar. Foi duro na queda.

PORFÍRIO - Tá aí. Até que essa múmia dêsse poteiro foi decente.

JOÃOZINHO - (Decentérrimo)! Não deixou o General entrar e veio me avisar. Aí eu comecei a racionar.

PORFÍRIO - Claro.

JOÃOZINHO - Vi que tinha que agir rápido.

PORFÍRIO - Lógico.

JOÃOZINHO - Precisava de uma saída imediata.

PORFÍRIO - Imediata.

JOÃOZINHO - De alguma coisa ou de alguém que me ajudasse.

PORFÍRIO - Perfeito.

(Ligeira pausa).

JOÃOZINHO - Aí eu vi que êsse alguém... era você.

PORFÍRIO - (apreensivo). EU? Mas por que logo eu?

JOÃOZINHO - Porque você é meu amigo.

PORFÍRIO - Mas você tem uma quantidade de amigos. Podia escolher outro.

JOÃOZINHO - Não, Porfírio. Eu insisto em que você me salve porque você é o meu melhor amigo.

PORFÍRIO - Não, Joãozinho. Eu acho que você pode perfeitamente procurar outra solução, sem me meter no barulho. Mesmo porque eu não tenho nada com o caso, mal conheço a Daisy e não tenho a menor vontade de conhecer o pai da Daisy.

JOÃOZINHO - Você não vai conhecer o pai da Daisy. Você nem vai ver a cara d'êle.

PORFÍRIO - (empurrando Joãozinho para a porta). Ainda bem que você concorda. Agora você vai dar o fora, que eu...

JOÃOZINHO - (parando). Não, você não entendeu. Você não vai ver o General, mas ainda assim é você que vai me salvar.

PORFÍRIO - Joãozinho, você é que não entendeu. O que eu estou querendo dizer é que não pretendo em absoluto me meter nesse carnaval. Em absoluto, você está compreendendo? Não quero nada com o caso.

JOÃOZINHO - Quer dizer que você pretende abandonar o seu amigo numa hora crítica?

PORFÍRIO - Exatamente.

JOÃOZINHO - (ar de estupefação). Porfírio!!!

PORFÍRIO - (tranquilo). Que é?

JOÃOZINHO - Nunca pensei que você pudesse ser tão desumano.

PORFÍRIO - Joãozinho, eu gosto muito de você, mas êsse bode é seu e eu estimo que êle continue inteiramente seu. Ponto. (Porfírio começa a se preparar para continuar a dormir).

JOÃOZINHO - Você esquece que êsse General é uma fera.

PORFÍRIO - Cão que ladra não morde.

Continuação do ATO I

JOÃOZINHO - Esse morde, Porfírio. Eu sinto que ele morde.

PORFÍRIO - Essa é boa. Você se mete nas suas complicações e depois...

JOÃOZINHO - O que eu quero te pedir não vai te custar nada...

PORFÍRIO - Você quer deixar eu continuar a dormir?

JOÃOZINHO - Você não pode fazer isso comigo. O homem está armado.

PORFÍRIO - Exatamente.

JOÃOZINHO - Exatamente o que?

PORFÍRIO - Exatamente porque o homem está armado é que eu não quero nada com o caso. Tchauzinho. (deita novamente, pausa).

JOÃOZINHO - Ingrato!

PORFÍRIO - O que?

JOÃOZINHO - Ingrato sim. É isso que você é. Um ingrato de uma ingrati-dão monstruosa.

PORFÍRIO - Mas ingrato por que?

JOÃOZINHO - Se lembra daquela prova de física no quarto ano do colégio?

PORFÍRIO - Mas isso foi no quarto ano de colégio.

JOÃOZINHO - Você era prêmio Nobel de analfabetismo.

PORFÍRIO - Nós éramos crianças. Agora a situação é diferente.

JOÃOZINHO - Te dei cola da prova inteirinha. Ou vai dizer que não se lembra que eu te dei cola da prova inteirinha.

PORFÍRIO - Não precisa também me atirar isona cara.

JOÃOZINHO - (levemente melodramático). Mas a vida é assim mesmo. Naque-la prova eu me arrisquei p'ra te salvar. Agora você nem ia se arris-sar... Enfim, vá a gente contar com os amigos... De qualquer um, eu seria capaz de esperar isso. Mas de você, Porfírio, eu confesso que não. Você, que gu quando nós tínhamos sete anos, os garotos da rua não queriam deixar jogar bola de gude... Você se lembra que os garotos da rua não queriam deixar você jogar bola de gude, não se lembra?

PORFÍRIO - Lembro, Joãozinho, lembro.

JOÃOZINHO - E quem foi que convenceu os garotos da rua a deixar você jogar bola de gude?

PORFÍRIO - Foi você, Joãozinho.

JOÃOZINHO - Pois é...

(Pausa)

PORFÍRIO - Se fôsse um outro caso qualquer, eu toparia te ajudar. Mas esse negócio de pai é sério.

JOÃOZINHO - Justamente porque é sério é que eu preciso da tua ajuda.

PORFÍRIO - Olha, já são quase seis horas. É melhor você ir andando. E vai ver a coisa não será assim tão preta quanto você está pensando. Vai ver, no fundo, esse General é até uma boa praça. Um cara liga, do peito...

(Ouve-se de fora uma voz aos berros: "Eu quero entrar p'ra quebrar a cara dele". Joãozinho e Porfírio correm para a janela).

JOÃOZINHO - (saindo da janela). Depois disso você concorda que se o General subir, arrombar a porta do meu apartamento e encontrar Daisy lá dentro, vai dar bôlo, não vai?

PORFÍRIO - Bôlo? De aniversário!!

JOÃOZINHO - Agora, você também concorda que se o General chegar lá e NÃO encontrar a filha no meu apartamento, aí não haverá nada, não é?

PORFÍRIO - Claro.

JOÃOZINHO - Pois o que eu queria de você... Mas qual! Não adianta! Você não é amigo bastante p'ra isso.

PORFÍRIO - Fala logo! Que é que você queria?

JOÃOZINHO - Só quero que você concorde que eu traga Daisy para cá e que ela fique aqui, enquanto o General dá a busca no meu apartamento. Só isso. Tipo da coisa garantida.

PORFÍRIO - Garantida, uma brisa. Isso é a mesma coisa que guardar pólvora em casa na hora do incêndio.

JOÃOZINHO - Eu não disse? Você não é amigo bastante p'ra ajudar ninguém. Eu só espero que sua mãe nunca precise de um favor seu. Porque se precisar, vai ser uma desilusão p'ra pobre da velhinha.

PORFÍRIO - Amigo eu sou, mas isso já é industrializar a amizade.

JOÃOZINHO - Industrializar? Você nunca achou que estava industrializando minha amizade todas as vezes que me fez pregar as mentiras mais absurdas e deprimentes p'ras suas oitocentas namoradas. Você não achou que estava industrializando nada quando foi para São Paulo e largou a Issurinha e o marido aqui nas minhas mãos, achou?

PORFÍRIO - Mas ali você podia dizer que não sabia de nada e que não tinha nada a ver com o peixe.

JOÃOZINHO - E nesse caso agora, você nem precisa falar com ninguém. Daisy fica aqui somente enquanto o General estiver passando em revista o meu apartamento. Logo que ele for embora, ela volta lá p'ra casa.

PORFÍRIO - E se o General descobrir que ela está aqui?

JOÃOZINHO - Mas descobrir como?

PORFÍRIO - Nesses momentos todo pai se revela um sherlock.

JOÃOZINHO - Escuta, Porfírio. Se você me negar isso, a cara aqui dêse seu amigo vai ser simplesmente triturada. Você já pensou no remorso que vai sentir quando me vir com os olhos inchados, o nariz sangrando e com quatro dentes assim p'ra fora da boca? Você já pensou, Porfírio?

PORFÍRIO - Isso é muito relativo. Eu conheço um cara que teve uma briga feia p'ra xuxu e três dias depois estava bom p'ra outra. Você vai se recuperar numa semana no máximo.

JOÃOZINHO - A questão é que o General também pode querer me obrigar a casar com Daisy.

(Pausa).

PORFÍRIO - (profundamente chocado). Você acha que ele faria uma coisa dessas?

JOÃOZINHO - Ele é capaz de todas as baixezas...

PORFÍRIO - Bem, agora o caso muda de figura...

JOÃOZINHO - E não é que eu não admita a idéia do casamento, mas...

PORFÍRIO - (cortando). Não diga bobagens.

JOÃOZINHO - Mas é que eu ainda não tenho uma situação financeira para isso.

PORFÍRIO - (enfático). E mesmo que tivesse. O casamento é uma solução inteiramente primária, sem a menor originalidade.

JOÃOZINHO - (pomposo). Falta um minuto para as seis, Porfírio. Eu não quero te forçar a uma decisão. Só peço que daqui a dois, quando me encontrares com DEZ filhos nas costas, tu te lembres que tu foste o responsável.

(Porfírio está com uma cara inteiramente horrorizada. Passam-se alguns segundos).

PORFÍRIO - (emocionado). Não, Joãozinho, eu seria incapaz dessa maldade. Traz a menina p'ra cá.

JOÃOZINHO - Obrigado, Porfírio. Eu sabia que você era um rapaz de bons sentimentos.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio dobra o cobertor, guarda algumas roupas e passa um pente no cabelo. Entra Daisy, de négligé, praticamente empurrada por Joãozinho).

JOÃOZINHO - (da porta). Aguenta a mão aí que eu vou enfrentar a fera.

(Porfírio e Daisy ficam sós; olham um para o outro. Daisy sorri e ajeita os cabelos. Porfírio está com cara de poucos amigos. Calado, Porfírio senta numa poltrona. Daisy senta em outra, mais ou menos em frente; permanece o silêncio. Por fim, Daisy fala).

DAISY - Que maçada, heim?

PORFÍRIO - Maçada? Ah! Eu chamo a isso uma aventura altamente sinistra.

DAISY - Mas a culpa não foi minha.

PORFÍRIO - E tem mais. Quero lhe dizer que foi inteiramente a contragosto que eu concordei com essa sua vinda para cá. Foi mesmo só para evitar consequência mais funestas.

DAISY - Eu podia esperar tudo, menos que papai estourasse aqui a essa hora.

PORFÍRIO - Pois sim! Aposto que foi você mesma que deu o endereço a ele.

DAISY - Eu não! Juro! Você acha que ia fazer uma coisa dessas?

PORFÍRIO - GARANTO !

DAISY - Mas p'ra que? Com que interesse?

PORFÍRIO - (baixando a voz). P'ra impressionar o Joãozinho. Fique você sabendo que eu sou um profundo conhecedor da psicologia feminina.

DAISY - Pois nesse caso está redondamente enganado. Quem deu o endereço a papai só pode ter sido a família na casa de quem eu estava morando aqui no Rio. Eles também são de Minas, de modo que papai recomendou que eu fosse morar lá. Mas eles eram muito quadrados. Por isso um dia resolvi tomar coragem e vim morar aqui no apartamento do Joãozinho.

PORFÍRIO - Tá aí. Isso até que foi uma atitude muito nobre.

DAISY - Pois é. Mas aí eles fizeram uma onda daquelas.

PORFÍRIO - E o que foi que você fez?

DAISY - Ué, não dei a mínima e continuei aqui, não é? Mas eles ficaram tão danados que só podem ter sido eles que deram o endereço p'ra papai. Eles me acham uma perdida.

PORFÍRIO - (irônico). E você, o que é que se acha?

DAISY - Eu apenas acredito em amor. P'ra mim é a única coisa que conta neste mundo. O resto é bla-bla-bla.

PORFÍRIO - Mas então me diga uma coisa.

DAISY - (cortando). Agora, amor mesmo. Com falta de ar e tudo. Quando eu vejo essas garotas por aí dizendo que estão apaixonadas sem ter falta de ar, eu acho até graça.

PORFÍRIO - Mas se você pensa assim e teve coragem de mudar p'ra cá, por que é que você agora não foi homem bastante p'ra enfrentar seu pai? Enfrentar no duro mesmo. Dizer: "papai, eu vim p'ra cá morar com o Joãozinho, etc...etc... boas festas e passe bem". Por que é que você não fez isso?

DAISY - Porque não era bem o caso.

PORFÍRIO - Como não era bem o caso, Você tinha obrigação de inocentar o Joãozinho. Na minha filosofia, esse é o papel de uma moça de brio.

DAISY - Não era o momento para uma atitude dessas

PORFÍRIO - Ah, mas era o momento de entregar o Joãozinho à fúria assassina do seu pai, não é? Não, minha filha. Nessas ocasiões é que uma mulher se revela verdadeiramente mulher. Você tinha que deixar que o Joãozinho se colocasse num discreto segundo plano, permitindo mesmo a ele uma certa covardia, que nesses casos é perfeitamente compreensível, enquanto você tomava as rédeas da situação e assumia diante do seu pai integral responsabilidade pelo ocorrido.

DAISY - Você não pode dizer isso, porque você nem sabe qual é o ocorrido.

PORFÍRIO - (irônico). Não sei, mas posso imaginar.

DAISY - E pode imaginar errado também.

PORFÍRIO - Meu anjo, não é preciso uma grande dose de inteligência p'ra concluir o que se passa entre você e Joãozinho, sozinhos naquele apartamento. E olha, na minha opinião não são coisas que se pudesse apresentar num filme p'ra crianças, não.

DAISY - Mas são coisas que se podia perfeitamente apresentar num filme impróprio até catorze anos. Só até catorze anos, você está me compreendendo.

(Pausa).

PORFÍRIO - Você naturalmente acha que uma criança de quinze anos já deve conhecer todas as verades da vida, não é? É um ponto de vista. Aliás é um ponto de vista perfeitamente respeitável.

DAISY - Não. O que eu quis dizer foi que a situação entre eu e Joãozinho não é exatamente essa que você armou com a sua imaginação degenerada. Aliás bem que o Joãozinho tinha me dito que você era um libertino que só pensava em sexo.

PORFÍRIO - Mas vem cá. Você não está querendo insinuar que você...ainda..

DAISY - (após leve pausa, semi-constragida). Pois é...

PORFÍRIO - Na sua idade?!!

DAISY - Que é que tem a minha idade?

PORFÍRIO - Na sua idade isso não se admite mais.

Daisy - Bem, mas essa situação também não vai se eternizar.

PORFÍRIO - Mas por que você não se decide logo? Plhe, há um ditado que diz: " Não deixe para amanhã aquilo que pode fazer hoje".

DAISY - Eu já me decidi.

PORFÍRIO - Como?

DAISY - Quando eu vim morar no apartamento do Joãozinho, tinha justamente acabado de me decidir.

PORFÍRIO - Mas depois se acovardou...

DAISY - Não. Continuei decidida e até hoje estou decididíssima.

PORFÍRIO - Então o que é que falta?

DAISY - (após leve pausa). A colaboração de Joãozinho.

PORFÍRIO - Ué... Mas... porque?...

DAISY - Ih, isso é uma história muito complicada.

PORFÍRIO - Eu gosto de histórias complicadas.

DAISY - É, mas eu não vou contar. E veja lá, hein! Isso é segredo.

PORFÍRIO - Bom, mas então me responda o seguinte. Essa sua decisão, muito digna aliás, se aplica só ao Joãozinho, ou tem assim... uma abrangência _ mais ampla?

DAISY - Só ao Joãozinho.

PORFÍRIO - E por que essa limitação tola e inteiramente sem propósito?

DAISY - Porque acontece que o Joãozinho me dá falta de ar e eu pretendo _ me casar com ele.

PORFÍRIO - Casar?

DAISY - Casar. Por que não?

PORFÍRIO - Quer dizer que você admite, clinicamente, serem essas as suas _ intenções?

DAISY - Não vejo nada de clínico nem de mau nisso.

PORFÍRIO - É revoltante.

DAISY - É o normal.

PORFÍRIO - É revoltante o maquiavelismo do seu plano. Agora eu vejo exatamente que tipo de criatura você é. Fria, calculada e despidida de qualquer sentimento. Responda depressa. Que é que você mais deseja na vida?

DAISY - Bem... é casar.

PORFÍRIO - Está vendo?

DAISY - Por causa da lua de mel.

PORFÍRIO - Você disse que era casar. Não disse que era casar com o Joãozinho.

DAISY - Eu não disse, mas é lógico que pensei no Joãozinho.

PORFÍRIO - Ou no Pedrinho, ou no Henriquinho, se houvesse um Pedrinho ou um Henriquinho na sua lista de vítima mais prováveis. Você não tem a menor poesia. Você corrompe a beleza de uma ligação de amor, porque no fundo o que você pretende é o casamento.

DAISY - Mas é perfeitamente natural que uma moça queira se casar.

PORFÍRIO - É admissível, mas o que não é admissível é preparar uma ratoeira, onde o queijo frito é você mesmo.

DAISY - Que queijo frito?

PORFÍRIO - Ora, não se faça de mal entendida. Agora, uma coisa eu reconheço. É um plano inteligente, suave e bem urdido. Uma moça e um rapaz se conhecem... Vem aquele papinho preliminar. Depois trocam o primeiro beijo. Vão ao cinema... Conversam... Passeiam... e o ingênuo está crente que está fazendo uma conquista, quando na verdade ele é que está sendo seduzido. Um dia ele se deixa seduzir um pouco mais... e nesse dia cavou sua própria sepultura.

DAISY - Pois sim. Aí ele dá o fora nela.

PORFÍRIO - Se ela não souber agir com inteligência, O negócio é ir provocando uma neurose no rapaz. Continuar a dizer que nem pensa em casamento, mas que, a final de contas, ele tem certas responsabilidades para com ela. O pobrezinho se debate, mas ela continua implacável, sem exigir nada dele. Aí é que está. Sem exigir nada dele. Vai-se criando um drama de consciência no infeliz. Ele sabe que ela fez alguma coisa por ele, e que ele não pode fazer nada por ela. A não ser casar !

DEISE - Está um calor aqui ... Posso tirar esse robe ?

PORFÍRIO - Pode tirar tudo que quiser. (Dayse começa a tirar o robe) Porfirio prossegue). Por isso é que eu tenho um horror profundo da moça de família. Por causa dessa... (Porfirio começa a ver que Dayse está com uma camisola bastante importante por baixo do negligê e vai relutando o ritmo da frase) ... técnica... comunista... de infiltração progressiva. (Porfirio se cala embevecido por Dayse da camisola)

DAYSE - (Tendo a tirado o negligê e colocando-o sobre uma poltrona). Você estava falando ? Porfirio

PORFÍRIO (acordando) De que mesmo ?

DAYSE - Da nossa técnica comunista, infiltração progressiva.

PORFÍRIO - Que aliás eu reconheço que funciona com a precisão de um relógio suíço. É o caminho mais rápido e seguro para o casamento.

DAYSE - Eu vou morrer de rir no dia em que você casar.

PORFÍRIO - Nunca. O casamento é a vale comum onde acabam os conquistadores fracassados. E tem mais, o casamento líquida com qualquer paixão. Sabe porque ? Por causa do convívio diário. É impossível duas pessoas afinarem por completo. E as briguinhas de todo dia acabam com o amor.

DAYSE - Mas cada um sempre cede um pouco.

PORFÍRIO - E nessa história de ir cedendo, o sujeito está sendo infeliz do mesmo jeito, só que é uma infelicidade a prestações.

DAYSE - Bem, mas pelo menos a lua de mel, você concorda que é o máximo.

PORFÍRIO - É apenas a bonança, que precede a tempestade.

DAYSE - (Inflada) - Há, isso é que não. Eu admito tudo, mas não me venha negar a lua de mel.

PORFÍRIO - O que é que tem de especial na lua de mel ?

DAYSE - É o máximo do romance concentrado. São duas pessoas que se amam, não tendo outra coisa a fazer senão se amar.

PORFÍRIO - É quem é que te garante, que isso não se torna cansativo ?

DAYSE - Ainda por cima num lugar lindo, sem a menor preocupação. Cada um sabendo que seu único passatempo é amar o outro. Puxa, é bárbaro.

PORFÍRIO - Você é de um romantismo delinquente.

DAYSE - (Com entusiasmo um tanto excessivo) - São 15 ou 20 dias em duas pessoas se entredevoram de amor. Não, meu filho, lua de mel é fogo, sabe. É prá valer. Eu sou barada por uma lua de mel.

PORFÍRIO - (levemente assustado) - Com essa disposição, você vai acabar com o Joãzinho.

(continuação do 1º ato)

DAYSE - Se eu não estivesse tão apaixonada pelo Joãozinho, sabe o que eu fazia ? Casava com ele pra ter uma lua de mel. No dia em que o casamento não desse mais pe, separava. E ficava sózinha. - Até me apaixonar por outro rapaz. Aí casava de novo Ah, meu filho, só prá ter outra lua de mel. E assim por diante.

PORFIRIO - E você acha isso direito ?

DAISY - Seria sempre por amor. Sempre casando e sem a menor levianidade. O problema é que aqui não tem divórcio.

PORFIRIO - Por isso não. Foi exatamente prá solucionar essa falta de divórcio, que Deus criou o México.

DAISY - Aí já é um negócio meio torto...

PORFIRIO - Mas mesmo que não precisa envolver potências estrangeiras na jogada, você vai me desculpar, mas esse seu plano falha, - porque não evita o tédio conjugal.

DAISY - O que você acha então que duas pessoas apaixonadas devem fazer ?

PORFIRIO - Se tiverem um pingote de bom senso, viverem como amantes.

DAISY - Mas aí elas podem se cansar do mesmo jeito uma da outra.

PORFIRIO - Viverem como amantes, mas cada um em sua casa. Essa é - a única maneira de se obter os momentos agradáveis do amor.

DAISY - Você é mesmo um libertino ! Um libertino de vida inteiramente dissipada.

PORFIRIO - Não . Sou apenas um solteiro convicto e feliz.

(Toca o telefone. Porfírio estende)

PORFIRIO - (ao telefone) - Alô. (horrorizado). O que ? Mas como é que isso foi acontecer ?

DAYSE - O que foi ?

PORFIRIO - (ainda ao telefone) - E agora o que é que eu faço ? Joãozinho, você é uma centopéia . (desliga)

DAISY - O que foi ?

PORFIRIO - (apavorado) - Seu pai ESTÁ vindo para cá.

DAISY - Ih, e agora ?

(Porfírio corre para a cozinha, corre para a porta, vai a janela, esta inteiramente transtornado. Não - sabe o que fazer).

PORFIRIO - Eu bem que achei que esse negócio ia dar bode (para Daisy). Vamos, não fique aí parada. Tenha um idéia.

DAISY - Não sei....

PORFIRIO - Vamos! Uma idéia !..

DAISY - Só se a gente....

PORFIRIO - Só se a gente o que ?

DAISY - Fôr para a rua.

PORFIRIO - De pijama e camisola ?

54

DAYSY - Pois é ... então

PORFIRIO - Já sei. Partamos para a solução francesa.

(Porfírio pega Daysy pelo braço, abre a porta do armário e começa a enfiar a moça lá dentro.)

PORFIRIO - Entra aí.

DAYSY - Mas aí eu vou morrer afixiada.

PORFIRIO - (fechando a porta do armário). Problemas posteriores, serão resolvidos posteriormente.

(toda a campanha. Porfírio está apavorado sem saber para onde ir).

GENERAL - (do lado de fora). Vamos, abra !

PORFIRIO - (timidamente) - Já vai.

(Porfírio ABRE a porta. O general entra como um tufão. Joãozinho está com ele. Porfírio fulmina Joãozinho - com um olhar.)

GENERAL - (entrando) - Onde está ela ? Onde está minha filha ?

PORFIRIO - Que filha ? O Sr. deve ter batido na porta errada.

GENERAL - Não se faça de besta. (General vai procurar na cozinha e no banheiro.)

PORFIRIO - (indo atrás do General). Não será em outro prédio?

GENERAL (da cozinha) - Deixe disso que eu já sei muito bem que tipo de indivíduo que você é.

PORFIRIO - (baixo, para Joãozinho) - Traidor !

JOÃOZINHO - A culpa não foi minha .

GENERAL - Vamos, diga ! Onde está ela ?

PORFIRIO - Como é mais ou menos a sua filha ?

JOÃOZINHO - (timidamente). General, eu tenho a impressão....

GENERAL - Não tem impressão coisa nenhuma.

PORFIRIO - Se o Sr. me descrever sua filha....

JOÃOZINHO - General, eu acho....

GENERAL - (cortando) - Onde está ela ?

PORFIRIO - Eu talvez possa ajudar a procurar.

JOÃOZINHO - General, eu acho....

GENERAL - (cortando) - Eu é que acho que vim cair entre dois patifes.

JOÃOZINHO - Perdão, General. O Sr. não pode dizer isso de mim. O Sr. - já vistoriou meu apartamento e viu que eu não tenho nada a ver com - sua filha.

PORFIRIO - (Para Joãozinho) - Ah, você não tem nada a ver com a filha dele ? E eu por acaso é que tenho ?

GENERAL - Claro que tem. Fique sabendo que o porteiro me deu a sua - ficha.

PORFIRIO - Minha ficha ? Que foi que aquela múmia disse ao Sr. ?

JOÃOZINHO - Eu acho que você não deve se referir ao nosso porteiro nesses termos.

PORFIRIO - Desde quando você virou defensor (calcando as palavras) - dessa MÚMIA desse porteiro aqui do prédio ?

GENERAL - Quando eu não encontrei minha filha no apartamento desse... rapaz, eu voltei a falar com o porteiro. Aí ele me disse que tinha - mesmo estranhado muito que eu qui sesse tirar satisfações com seu -- Joãozinho, porque este era um rapaz direito e de boa família. Agora...

JOÃOZINHO - Por aí o sr. vê quem eu sou.

GENERAL - Agora... Que o que eu devia estar havendo, era um engano - no número do apartamento, e que minha filha devia estar no apartamento do Sr. Porfírio... Seu nome não é Porfírio ?

PORFIRIO - Porfírio da Cruz.

GENERAL - Pois é. Porque o Sr. Porfírio acrescentou o porteiro, é que era um libertino da pior espécie, um sujeito mulherengo, que vivia - trazendo moças prá dentro de casa.

PORFIRIO - Ele disse isso ?

GENERAL - Disse.

PORFIRIO (exageradamente incrédulo) - Ele disse isso ?

GENERAL - Já disse que disse.

PORFIRIO - (para Joãozinho) - Joãozinho, você ouviu o que o General disse que o Porteiro disse ?

JOÃOZINHO - Ouvi.

PORFIRIO - (ainda para Joãozinho) - E você não tem nada a dizer ?

JOÃOZINHO - Bem, esse porteiro sempre me pareceu um sujeito de confiança....

PORFIRIO - (fulmina Joãozinho com o olhar) - (Para o General). General, eu só espero que o senhor tenha tido bom senso de não acreditar naquele sujeito.

GENERAL - Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFIRIO - Não diga isso, General. Esse porteiro é um delinquente, um esquisofrênico, um paranóico que já esteve internado umas dez vezes.

GENERAL - Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFIRIO - Qual nada, General. Nem pense nisso. Ele é um caluniador da pior espécie. Só o sr. vendo. É um sujeito que tem um senso de humor - extremamente primitivo e que se diverte inventando piadas desse gênero. Eu, um libertino ! (riso forçadíssimo) ah... ah.... ah... que absurdo.

GENERAL - (solene) - Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFIRIO - Mas como é que o sr. pode ter essa certeza ?

GENERAL - Porque ninguém mente diante de um revólver. (saca o revólver). E ele falou com esse cano encostado na testa. (com o revólver na cara do Porfírio). Vamos, diga,. Onde está minha filha ?

PORFIRIO - General, o sr. está vendo com seus próprios olhos que sua - filha não está aqui. Esteja certo que eu compreendo que isso é uma coisa muito séria, um pai procurando uma filha....

JOÃOZINHO - Foi justamente o que também expliquei ao General.

PORFIRIO - (melífluo) -. Conforme o senhor mesmo disse, ninguém mente diante de um revólver. E não sei se o senhor reparou nesse detalhe,

mas eu estou diante de um revólver. E lhe digo mais. Essa sua estima paterna, esse seu cuidado com sua filha, é uma coisa que até me comove. Numa circunstância dessas, eu jamais faltaria a verdade.

GENERAL - (solene) - Você jura que minha filha não está nesse apartamento ?

PORFIRIO - (igualmente solene) - Juro.

GENERAL - Por quem ?

PORFIRIO - Pela mãe do Joãozinho morta.

JOÃOZINHO - Ei ! Isso não !

GENERAL - Porque é que ele disse " Ei, isso não ! ?...)

PORFIRIO - (suave e explicativo) - Porque ele é um embecil, General.

JOÃOZINHO - Não, o que eu quis dizer, foi que....

PORFIRIO - (cortando). Foi que no momento como esse qualquer juramento é ainda pequeno, e que eu devia ter jurado não só pela mãe, como - também pelo pai, avós, e sobrinhos e tios, todos mortos.

GENERAL - (baixando o revólver, levemente dramático) -. O que me dá raiva é que não mereço este castigo porque jamais prevariquei.

PORFIRIO - É mais feito pelo outro ter baixado a arma). General, nós compreendemos perfeitamente sua preocupação, afinal de contas todo mundo sabe como Copacabana, está cheia de rapazes pouco respeitadores das virtudes femininas, mas, já que sua filha não está aqui, o sr. - não acha que chegou o momento de ir procurá-la em outros lugares ?

JOÃOZINHO - Nesse ponto eu acho que ele tem razão, General.

PORFIRIO - E ir rápido, inclusive porque ela pode estar correndo perigo de vida.

JOÃOZINHO - E numa eventualidade assim, cada minuto conta (ligeira - pausa)

PORFIRIO - Eu nem sei como o sr. pode ficar aí parado, sabendo que -- sua filha pode estar em ~~lugar~~ algum lugar sendo estrangulada (intencional, olha para o armário), ou asfixiada.

GENERAL - Realmente, eu acho que você tem razão, mas ...

PORFIRIO - Então vá, General. Faça isso, por sua filha... e até por mim (vai empurrando o General para a porta)

GENERAL - (parando) - Mas ir para onde ?

PORFIRIO - Ora, General, me admira o senhor. dê uma busca completa, - (cutuca Joãozinho)

JOÃOZINHO - Claro... claro... Uma busca completa.

GENERAL - (sentando numa cadeira). Bem Pois é, mas eu não sei por onde começar. (Pausa. Os três estão parados. Nessa altura Daysy tosse dentro do armário. O General levanta os olhos, como que procurando quem tossiu. Imediatamente Porfírio tosse meio assustado e fica olhando para o General. Novo silêncio. Por fim dissipam-se as suspeitas do General.)

GENERAL - (levantando-se) -. Bem, eu acho então que vou começar procurando na praia.

JOÃOZINHO - (animando-o). Isso mesmo, General. Na praia...

PORFIRIO - (entusiasmadíssimo) - Grande idéia, General !

(O General vai saindo quando dá com os olhos no negligé de Daysy, que ficara em cima de uma poltrona).

GENERAL - (parando de estado). Que é isso ?

PORFÍRIO (rápido). Isso ? Ora, um robe de chambre.

GENERAL - Mas de quem ?

PORFÍRIO - Meu. De quem é que havia de ser ?

GENERAL - (definitivo) - Isso não é robe de chambre de homem...

PORFÍRIO - (falsamente efeminado). Ora, General, cada um usa o robe de chambre que quer.

(Pausa)

GENERAL - (peremptório) - Esse robe não dá em você.

PORFÍRIO - / Claro que dá ! (Porfírio se enfia da melhor maneira que pode dentro do négligé e termina a fala de novo falsamente efeminado). Agora, eu acho uma indiscrição muito grande o sr. perguntar mais qual quer coisa a respeito desse robe... (Novo silêncio. Daysy tosse novamente. Porfírio também tosse de novo, mas o General parte como uma -- felxa para o armário e abre-o e Daysy cai praticamente desfalecida em seus braços. Porfírio senta desalentado e Joãozinho VAI ajudar o General a socorrer a filha.)

GENERAL - (com a filha nos braços e aos berros). minha filha ! Patife ! (acariciando a filha) . Não, patife não é você não, meu bem. É -- esse libertino aí ; E de camisolinha (Porfírio olha para ele). Não, - de camisolinha não é você não , seu libertino . É minha filha. Fala - meu anjo. Você está bem ?

DAYSY - (começando a se recuperar). Papai, esse rapaz

GENERAL - (cortando, carinhoso) . Não precisa dizer nada. Já sei de tudo. Você não teve culpa.

DAYSY - Não, papai, o que eu quero dizer...

GENERAL - Não se canse. Eu compreendo. Você foi iludida.

DAYSY - Porfírio não tem nada...

GENERAL - (cortando) - Eu sei, meu bem. Ele não tem nada que presta. Mas descansa. Descansa.

PORFÍRIO - Deixa ela FALAR General.

GENERAL - (para Porfírio). Cala a boca.

PORFÍRIO - General, embora possa parecer estranho, eu não tenho nada a ver com sua filha .

GENERAL - Sedutor ! (O General está ainda acomodando Daysy no sofá).

PORFÍRIO - Joãozinho, explica o caso a ele.

GENERAL - Libertino !

JOÃOZINHO - (para Porfírio) - É melhor você aguentar a mão um pouco mais.

~~XXXXXXXX~~ - PORFÍRIO - Melhor por que ?

GENERAL - Devasso !

JOÃOZINHO - No fim dá tudo certo.

PORFÍRIO - Depende do que você chama de Dar certo.

GENERAL - (para Joãozinho). Nem dê resposta a ele. Esse sujeito não merece a menor consideração.

PORFÍRIO - General : sua filha não mora aqui comigo.

GENERAL - Você nem sabia que ela estava de camisolinha no seu armário, não é ?

PORFÍRIO - Isso eu sabia, mas....

GENERAL - E por que é que ela estava de camisolinha aí no seu armário ?

PORFÍRIO - prá se esconder do senhor, mas...

GENERAL - E de quem foi a idéia de escondê-la no armário ?

PORFÍRIO - Foi minha, mas...

GENERAL - Então como é que você ainda quer negar que a seduziu ?

PORFÍRIO - (exasperado). Mas eu não seduzi. (aproximando-se do sofá, onde daisy, está deitada). Daisy, diga a seu pai com toda a honestidade: eu te seduzi ?

DAYSY - (ainda não totalmente restabelecida). Não, papai. Ele não me seduziu.

PORFÍRIO - Está vendo ?

GENERAL - Minha filha, não procure defender êsse canalha. Você nem sabe o monstro que êle é.

PORFÍRIO - Daisy, conte a seu pai tudo o que se passou aqui.

GENERAL - Isso é que nunca. Não vou admitir que a ingenuidade de minha filha seja corrompida contando toda a pouca vergonha que se passou entre vocês.

PORFÍRIO - Mas não houve pouca vergonha nenhuma.

GENERAL - Prá você nada é pouca vergonha. Você acha tudo perfeitamente natural. O porteiro me avisou !

PORFÍRIO - Assim não é possível. O sr. não deixa eu explicar.

GENERAL - E não deixa mesmo. Porque prá seu crime não há explicação - possível. Mas isso não vai ficar assim não.

PORFÍRIO - Pois fique o senhor sabendo que Daisy mora é no apartamento do Joãozinho.

JOÃOZINHO - Porfírio !!!...

PORFÍRIO (imitando Joãozinho) JOÃOZINHO !

GENERAL - Cínico ! Como é que você tem coragem de incriminar um rapaz como o Joãozinho, que é um perfeito cavalheiro ?

PORFÍRIO - Mas é com êle que ela mora. Juro.

GENERAL - Você jurou antes que Daisy não estava aqui.

PORFÍRIO - Pergunte a ela.

GENERAL - Ah ! mas isso não vai ficar assim, não.

PORFÍRIO - Daisy, não é com o Joãozinho que você mora ?

JOÃOZINHO (rápido) - Você não vê que a menina ^{não} está ainda em condições de responder nada ? Que ainda está praticamente sem sentidos ?

GENERAL - (para Porfírio). Não vai ficar assim, não, porque você vai casar com ela.

DAYSY (voltando imediatamente a si) - Casar ?

GENERAL - Casar, sim. Nem que êsse patife tenha que ir enjaulado prá igreja.

DAYSY - Bem, se o negócio é casar...

PORFÍRIO - Daisy, Daisinha, meu amor, você não pode fazer isso comigo.

DAYSY - (ar ingênuo e magoado) - Você não quer casar comigo ?

PORFÍRIO - Eu não tenho nada contra você pessoalmente. O que eu tenho é contra o casamento.

GENERAL - Quem aqui fez, aqui paga.

PORFÍRIO - Mas eu não fiz nada.

GENERAL - Você seduziu a minha filha e agora vai casar com ela.

PORFIRIO - (para Joãozinho). Joãozinho, o que é que você me diz a isso ?

JOÃOZINHO - Bem , eu acho melhor não contrariar o General, prá ele não ficar mais nervoso ainda.

PORFIRIO - (vencido) Eu sou um mártir cercado de víboras por todos os lados.

GENERAL - Daysy, vista o seu robe. Você vai agora mesmo comigo pa-
ra o hotel. (Porfirio começa a despir o robe, para Daysy depois vesti-
tir).

JOÃOZINHO - (solícito) - General, há qualquer coisa QUE O sr. Queira
que eu faça ?

PORFIRIO - Joãozinho, comparado a você, Judas Iscariotes foi o sujei-
to mais honrado que já pôs os pés no mundo.

JOÃOZINHO - Eu apenas, estou procurando ser gentil.

GENERAL - Porque é um cavalheiro, e não um libertino sônico como vo-
cê.

PORFIRIO - Mas não se esqueça que Judas acabou com uma corda no pes-
coço.

GENERAL - (para Joãozinho). O que eu quero é que você fique aqui vi-
giando esse malandro. (para Porfirio). Quanto a você, nem pense em
fugir, porque irei arranca-lo ate da sepultura, prá levá-lo prá igre-
ja. (para daysy). Vamos Daysy. (para os dois). Nós voltamos mais --
tarde(da porta). Vamos rápido, porque quero começar a tratar hoje --
mesmo dos papéis do casamento.

(O General e Daysy, saem, Porfirio deixa-se cair
desalentado numa cadeira e fecha o pano sôbre o
primeiro ato.)

SANTA BÁRBARA D'OESTE - 17 de julho de 1.969.

ATO II - TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

(Mesmo cenário. Porfírio de calção faz ginástica com dois pequenos pesos.

Está fumegando de ódio. Joãozinho anda de um lado para o outro).

JOÃOZINHO - Foi até bom isso acontecer, porque agora eu pude ver como você é meu amigo. (Pausa; Joãozinho continua a andar. Pára de novo). E não há nada que eu aprecie mais que a amizade. Foi uma coisa que papai sempre me ensinou. (Continua a andar. Pára de novo). Puxa, Porfírio você não sabe a admiração que eu estou sentindo por você. Mas eu também seria capaz de qualquer sacrifício pela nossa amizade. Olha por você, eu seria, capaz de dar a minha mão esquerda. (Porfírio continua fazendo ginástica em silêncio, fuzilando). Daria até minha mão direita. (O outro continua sem se impressionar). Bom Porfírio, está bem. Eu daria as duas (toca o telefone. Joãozinho vai atender).

JOÃOZINHO - (ao telefone, ultra solícito). Alô? Ah, sim, seu General; Pois não seu General. O que o sr. quiser, seu General. Estou aqui para servi-lo, seu General. Não. Claro. Lógico. Da cruz, seu General. (desligando). Às suas ordens, seu General. (desliga e vira-se para o Porfírio, com um sorriso amável e explicativo). Era o General. (Porfírio tem uma contração de ódio). Queria o teu nome completo para os papéis de casamento.

PORFÍRIO - (falando baixo, suave, com um carinho quase maternal com Joãozinho). Joãozinho, você tem que reconhecer que o que você está fazendo comigo é uma sujeira, não é?

JOÃOZINHO - (meditativo e amável). Não, eu não diria que é exatamente uma sujeira.

PORFÍRIO - (suavíssimo). E por que é que você não diria que é exatamente uma sujeira, Joãozinho?

JOÃOZINHO - Bem, porque isso é uma troca de favores entre dois amigos.

PORFÍRIO - (ainda exageradamente calmo). Numa troca de favores, Joãozinho, geralmente há dois favores. Um favor p'ra lá e outro favor p'ra cá. Mas nesse caso, meu caro Joãozinho, só há um favor. (Aos berros). Que é o favor P'ra lá!

JOÃOZINHO - Calma, Porfírio, calma. Você está nervoso.

PORFÍRIO - Nervoso não. O que eu não gosto é deser feito de palhaço. Você sabe muito bem que tinha obrigação de ter dito ao General que Daisy morava era no SEU apartamento.

JOÃOZINHO - Mas eu achei que seria indelicado.

PORFÍRIO - Indelicado como?

JOÃOZINHO - Depois do homem ter dado aquela bronca toda com você, fazer êle repetir tudo comigo seria uma descortesia. Ia deixar o General numa posição ridícula.

PORFÍRIO - ~~XXXXXXXXXXXX~~ E daí?

JOÃOZINHO - Isso não se faz.

PORFÍRIO - E isso se faz, o que você está fazendo comigo?

JOÃOZINHO - Mas você é meu amigo.

PORFÍRIO - Joãozinho, você vai me fazer um favor. D e hoje em diante, você vai me considerar seu inimigo. Seu inimigo de morte, tá bem?

Continuação do ATO II.

JOÃOZINHO - P'ra mim você sempre será um irmão, Porfírio.

PORFÍRIO - Aliás, mais importante do que isso, eu quero saber o seguinte. Pelo que eu compreendi, a nossa amiga Daisy ainda é de uma inocência repulsiva em matéria de sexo, não é?

JOÃOZINHO - Como é que você sabe disso?

PORFÍRIO - Não interessa. É ou não é?

JOÃOZINHO - É.

PORFÍRIO - (invektivando). E como é que você explica isso, se ela própria me disse que não teria nenhuma objeção a se associar mais intimamente com você?

(Pausa. Joãozinho baixa a cabeça).

JOÃOZINHO - (amargurado). Esse é que é o meu drama, Porfírio.

(Porfírio fica chocado e sem jeito diante da reação do outro. Não sabe o que dizer).

PORFÍRIO - (procurando consolar Joãozinho). Bem, mas... espera lá. Vámas... com alma. Não se afobe. Isso deve ser um período apenas. Você talvez ande cansado... No outro dia eu li que descobriram uma vitamina genial...

JOÃOZINHO - (cortando rápido). Você me acha com cara de precisar de vitamina? O meu drama é outro.

PORFÍRIO - Qual é, então?

JOÃOZINHO - Porfírio, eu vou te fazer uma confissão. (envergonhado). Eu sou um rapaz direito.

PORFÍRIO - (seríssimo). Mas Joãozinho, você precisa superar essa frase.

JOÃOZINHO - (torturado à la James Dean). Eu sei que isso é uma coisa que não se admite mais hoje em dia... mas eu não posso. Eu não posso, você compreende? Eu não tenho coragem de fazer mal a uma moça sempretender casar com ela.

PORFÍRIO - Mas quem é que disse que você está fazendo mal? É apenas uma questão de ótica.

JOÃOZINHO - Você não pode compreender isso, porque você é um libertino.

PORFÍRIO - Não, eu compreendo, mas considero um fricote filosófico inteiramente anacrônico.

JOÃOZINHO - Foi por isso que eu até hoje não tive nada com a Daisy. E não é que eu não admita a idéia de poder casar com ela, mas...

PORFÍRIO - (repugnado). Não diga isso.

JOÃOZINHO - Mas você sabe que a minha situação financeira tão cedo não permitiria.

PORFÍRIO - Mas então eu não entendo uma coisa. Por que é que você não conta esse drama todo ao General? De acordo com a filosofia antiquada dele, ele ia te achar formidável e aí não chateava mais, porque via que a filha não tinha sido seduzida por ninguém.

JOÃOZINHO - Mas você sabe que a minha situação financeira tão cedo não permitiria.

PORFÍRIO - Mas então eu não entendo uma coisa. Porque é que você não conta esse drama todo ao General? De acordo com a filosofia antiquada dele, ele ia te achar formidável e aí não chateava mais, porque via que a filha não tinha sido seduzida por ninguém.

Continuação do ATO II.

JOZIZINHO - Eu pensei nisso. Mas depois do escândalo todo que o General fez como porteiro, ele naturalmente iria contar esse drama ao mesmo porteiro, ao síndico, aos vizinhos, a todo mundo, p'ra que ninguém pudesse pensar mal de sua filha. Ai...

PORFÍRIO - (cortando). Ai seria ótimo. Você podia tranquilamente se tornar amante dela sem que ninguém pensasse mal de você.

JOZIZINHO - Nada disso. Ai a notícia iria se espalhar até a turma da praia.

PORFÍRIO - (sério e pensativo). Compreende.

JOZIZINHO - Quando Daisy veio morar no meu apartamento, ela me explicou que continuaria a receber roupas e dinheiro de, pai de modo que não me daria despesa alguma. Mas a turma da praia pensa que ela não é só minha amante, como ainda que ela me mantém. E isso me dá um cartaz daquêles. Se eles descobrissem agora que eu sou um rapaz direito, eu ficaria desmoralizado para o resto dos meus dias.

PORFÍRIO - Claro! Claro! (pausa).

JOZIZINHO - Não, contar ao General não é solução.

PORFÍRIO - Bom, mas também não é solução deixar o General fazer eu me casar com ela.

JOZIZINHO - Precisamos encontrar uma saída.

PORFÍRIO - E rápido, porque enquanto isso o General está desencadeado. (pausa). (animado). Já sei! A Loló!

JOZIZINHO - Que Loló?

PORFÍRIO - Loló, a nessa vizinha lá do lado.

JOZIZINHO - Que é que tem ela?

PORFÍRIO - Ela é quem vai me salvar.

JOZIZINHO - Eu acho muito arriscado qualquer coisa a Loló.

PORFÍRIO - Por que?

JOZIZINHO - Porque ela é meio...Lenda.

PORFÍRIO - Lenda não é bem o termo. Ela é um quadrúpede disfarçado em mulher.

JOZIZINHO - Você já tem algum plano?

PORFÍRIO - Tenho. Dá um pulo si ao lado e pede a ela p'ra vir cá.

JOZIZINHO - (indo para a porta). Mas se ela é um quadrúpede, como é que você vai explicar o plano a ela?

PORFÍRIO - No regime da arara. Falar e mandar ela repetir. Vá lá.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio acaba ~~de~~ de se vestir a jato).

JOZIZINHO - (de fora, metendo a cabeça na porta). Ninguém atende.

PORFÍRIO - Diz que é você. Ela deve estar pensando que é algum cobrador.

JOZIZINHO - (ainda de fora). Então ela até que que raciocina um pouco.

PORFÍRIO - Até ai vai a inteligência dela.

(Joãozinho sai de vista novamente. Em seguida, ouvem-se vozes de fora. Joãozinho e Loló aparecem na porta. Loló é uma garôta boa e bonita, mas que em geral fala com a boca mole).

PORFÍRIO - Entre. Pode entrar. Não faça cerimônia.

Loló - (de boca mole). (ainda de fora). Entrar no seu apartamento?

Continuação do ATO II.

JOÃOZINHO - Pois é. Nós queríamos bater um papinho com um rapaz sôzinha num apartamento.

PORFÍRIO - (explicativo, como quem fala com uma criança). Bom, mas isso era com um rapaz. Aqui nós somos dois rapazes. Logo, não há problema.

(Pausa)

LOLÓ - (com o rosto iluminado, por ter compreendido). Ah... é mesmo!

(Loló e Joãozinho entram. Joãozinho fecha a porta).

PORFÍRIO - Sente-se, Loló.

PORFÍRIO - (lento e explicativo). Loló eu precisava de um grande favor teu. Você faz um favor teu. Você faz um favor p'ra mim?

LOLÓ - (de boca mole). Depende.

JOÃOZINHO - (alucinante e melífluo). É uma coisinha à tea, que não vai custar nada.

PORFÍRIO - O que eu queria de você era o seguinte.

LOLÓ - (assustada). Ih, é pior.

PORFÍRIO - O que?

LOLÓ - Ficar com dois rapazes em vez de um, sôzinha, num apartamento.

JOÃOZINHO - (meio desalentado). Esse negócio vai demorar duas horas.

LOLÓ - Vou-me embora. É pior sim.

PORFÍRIO - Não faça isso, Loló. Seria pior num caso qualquer. Mas no nosso caso é diferente.

LOLÓ - (ainda de boca mole). Por que?

PORFÍRIO - (sério e explicativo). Porque nós, em essência abstrata da situação fenomenológica de homem, substantivamos a priori um espírito dogmático. Nós condicionamos fatores imóveis e justapostos no espaço, pelo repertório de "kosmos" existente em nós. / É o trânsito da Historicidade nos diagnósticos assimilados. (pausa). Compreendeu? (Joãozinho está olhando Porfírio com expressão inteiramente apavorada diante da explicação incompreensível. Loló está com cara de quem ficou vivamente impressionada. Pausa)

LOLÓ - (convicta). Compreendi.

PORFÍRIO - Então senta e ouve. Nós vamos sair e você vai ficar aqui sôzinha. Daqui a pouco vai chegar um homem.

LOLÓ - (levantando assustada). Outro homem?

JOÃOZINHO - (fazendo Loló sentar de novo). Mas com uma môça.

LOLÓ - Ah, sim.

PORFÍRIO - Aí eles vão perguntar quem é você. E você vai responder que é minha esposa.

LOLÓ - (desconfiada). Espôsa?

JOÃOZINHO - (tom brincalhão, para eliminar suspeitas de Loló). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

LOLÓ - Ah! Uma brincadeira que nós vamos fazer...?

PORFÍRIO - Pois é! Uma brincadeira que nós vamos fazer. Bom, então você entendeu bem essa primeira parte?

LOLÓ - Entendi.

Continuação do ATO II.

PORFÍRIO - Muito bem. Ai eles vão provavelmente perguntar se nós já somos casados há muito tempo. E você vai responder que nós nos casamos há cinco anos, mas que logo depois nos separamos.

LOLÓ - Ih, que brincadeira bôba.

PORFÍRIO - Bem, nos separamos, mas agora você voltou.

JOZÓZINHO - Voltou, tá compreendendo?

PORFÍRIO - Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher. Entendeu?

LOLÓ - Entendi.

PORFÍRIO - Então repete.

LOLÓ - Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher.

JOZÓZINHO - Não. Loló! Você tem que dizer: "Voltei p'ra vir morar com ele. p'ra continuar a ser sua mulher".

LOLÓ - Assim não é repetir.

PORFÍRIO - Per que é que assim não é repetir?

LOLÓ - Porque repetir é dizer iguaximmitux igualzinho a mesma coisa.

JOZÓZINHO - Não. Você repete, mas tem que colocar a frase na primeira pessoa.

LOLÓ - Que primeira pessoa?

JOZÓZINHO - Na primeira pessoa. No pronome "EU". Quando o Porfírio fala com você, ele se refere a você no tratamento de "você", mas quando você fala, você se refere a você como "eu" e ao Porfírio como "ele".

LOLÓ - Mas se quando o Porfírio fala comigo, ele se refere a ele como "eu" e a mim no tratamento de "você", e quando eu falo, eu me refiro a mim como "eu" e ao Porfírio como "ele"...

PORFÍRIO - (aos berros). Chega!

JOZÓZINHO - (querendo continuar). Não, mas...

PORFÍRIO - Jozózinho, por santo amor de Deus!!!

LOLÓ - Nisso eu tenho razão. Se p'ra mim eu falo no tratamento de "eu", então eu tenho que mudar a frase, e si eu não estou mais re-pe-ti-a-do, porque já não estou mais dizendo as mesmas palavras. (triumfante). Conheceu, papudo?

PORFÍRIO - Tá bem, Loló. Ganhou. Você é um gênio.

LOLÓ - (modesta) Qual nada! Você é que não pensou muito no que 'tava dizendo.

PORFÍRIO - O importante é que depois de dizer isso tudo, você não responde mais nada que eles perguntarem. Mais nada, tá O.K.?

LOLÓ - Por que?

JOZÓZINHO - Porque... porque senão eles podem desconfiar da brincadeira.

PORFÍRIO - Você só diz isso. Que é minha esposa, há cinco anos, que nós nos separamos e que agora você voltou p'ra nós continuarmos a viver juntos. Se eles tiverem qualquer dúvida, você diz de novo isso p'ra eles. (Pausa).

JOZÓZINHO - Mais alguma coisa, Porfírio? (Jozózinho vai à janela e olha para baixo).

PORFÍRIO - Mais nada.

LOLÓ - Mas vem cá.

PORFÍRIO - Que é, Loló?

~~LOLÓ - Eu conto essa história~~

Continuação do ATO II.

LOLÓ - Da conto essa história toda, mas o que é que eu ganho com isso? 65

PORFÍRIO - Por esse favor, Loló, você pode pedir o que quiser.

LOLÓ - O que eu quiser?

PORFÍRIO - O que é que você mais deseja na vida?

LOLÓ - Casar.

PORFÍRIO - (para Joãozinho). Joãozinho, cada vez eu me convengo mais que as mulheres não têm a menor imaginação. (para Loló). Por que é que você não pede outra coisa?

LOLÓ - Porque disse é que estou muito precisada.

PORFÍRIO - E se eu te oferecesse um casaco de peles?

LOLÓ - (de boca mole). Marido é mais engraçado. (risinho semi-envergonhado).
~~2x~~ (pausa).

PORFÍRIO - Joãozinho, o que é que você está fazendo aí na janela?

JOÃOZINHO - Tou vigiando a chegada do General.

PORFÍRIO - Você que ir buscar um copo com água p'ra Loló?

JOÃOZINHO - (desconfiado), Um copo de água?

PORFÍRIO - Perfeitamente. Um copo com água.

JOÃOZINHO - Mas quem é que disse que ela está com sede? Você está com sede, Loló?

PORFÍRIO - Claro que ela está com sede. Então você não está vendo que ela está com sede? Que está até com os lábios rachadinhos? Vai logo.

(Joãozinho vai indo desconfiado para a cozinha)

LOLÓ - (intrigada). Eu estou com sede, é?

PORFÍRIO - Está sim. Escuta. Se você fizer isso que eu pedi, eu prometo que faço o Joãozinho casar com você.

LOLÓ - Batata?

PORFÍRIO - Batata.

LOLÓ - Então eu topo.

JOÃOZINHO - (entrando com a água). Pronto. (dá o copo a Loló, que já o olha com ar mais embevecido do mundo). Porfirio, eu não sei porque eu estou com um presentimento que esse plano não vai dar certo. (Joãozinho volta para a janela).

PORFÍRIO - Claro que vai dar certo. Se o General se convencer que o Loló é minha esposa, ele não pode querer que eu seja bigamo, pode?

JOÃOZINHO - Mas você se esquece... (olha para baixo, agitado). Aí vêm eles!!

PORFÍRIO - Loló, veja lá, hem! Posso confiar em você? (Porfirio e Joãozinho preparam-se para sair).

LOLÓ - Farei os possíveis.

JOÃOZINHO - Deus é grande!

LOLÓ - Escuta, esse homem que vem aí é seu amigo?

PORFÍRIO - Do peito. Só que ele é muito brincalhão e às vezes finge que não gosta de mim. (eles já estão na porta).

JOÃOZINHO - (da porta). Mas é fingimento. Só fingimento. (Saem e fecham a porta. Loló fica sózinha ensaiando em silêncio as respostas que lhe foram ensinadas. Depois faz uma cara de quem não está entendendo muita coisa. Mas dá de ombros e aguarda. Toca a campainha).

Continuação do ATO II.

LOLÓ - (abrindo a porta) Pode entrar. (O General e Daisy entram meio desconfiados e procuram com os olhos Porfírio e Joãozinho).

GENERAL - Onde estão Porfírio e Joãozinho?

LOLÓ - (após pequena hesitação). Saíram.

GENERAL - Mas vão demorar?

LOLÓ - (nova hesitação). Acho que não.

GENERAL - (sentado). Muito bem. Nós esperamos então. (Pausa).

LOLÓ - Ih, começa logo!

DAISY - Começa o que?

GENERAL - Desculpe perguntar, mas quem é você?

LOLÓ - (satisfeita por ter sido finalmente feita a pergunta que esperava, responde convicta). Eu sou a esposa de Porfírio.

DAISY - (desconfiada). Espôsa?

LOLÓ - (explicativa) É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

GENERAL - Brincadeira? Que brincadeira?

LOLÓ - Não era isso que o sr. devia perguntar agora.

GENERAL - O que é que eu devia perguntar agora?

LOLÓ - Há quantos tempos nós somos casados.

GENERAL - Muito bem. Então me diga. Há quanto tempo vocês são casados?

LOLÓ - Há cinco anos.

DAISY - Mas casados no duro?

LOLÓ - (hesitante, coçando a cabeça). Bem, isso ele não explicou, mas eu acho que é.

GENERAL - E onde é que você andou todo esse tempo?

LOLÓ - Nós logo depois nos separamos.

DAISY - Bem, mas onde é que você esteve?

LOLÓ - Por aí.

GENERAL - E a agora você voltou?

LOLÓ - Voltei... Espere aí. Como era mesmo? Voltei... P'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser sua mulher. Teve que ficar assim por causa da primeira pessoa.

Continuação do ATO II67
fl. 8

(O General e Daisy se entrecolham, desconfiadíssimos).

General - A senhora quer fazer o favor de repetir essa frase?

LOLÓ - Como foi que eu disse mesmo?

GENERAL - A senhora disse: "Voltei p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser mulher".

LOLÓ - Olha, deixa eu dizer depressa que sai. (fecha os olhos e dispara as palavras). Voltei p'ra vir morar com ele p'ra continuar a ser sua mulher. (abre os olhos triunfantes). Viu?

GENERAL - (nervoso). Daisy, você quer ver se descobre quem é essa louca e o que é que ela está fazendo aqui?

Daisy - Vocês tem filhos?

LOLÓ - Isso eu não posso responder.

Daisy - Por quê?

LOLÓ - Porque senão vocês vão desconfiar da brincadeira.

GENERAL - Mas afinal de contas, que brincadeira é essa?

LOLÓ - (coçando a ~~xxxxxx~~ cabeça). Pois é. Isso é que eu também não sei.

GENERAL - Escuta menina - Responda com toda sinceridade. Você tem certeza que não é maluca?

LOLÓ - (intimidade). Eu sou a esposa de Porfírio.

GENERAL - Mas nunca esteve internada?

LOLÓ - Há oiaa anos.

DAISY - Você hoje já esteve conversando com o Porfírio?

LOLÓ - Mas logo depois nos separamos.

DAISY - Porfírio disse a você p'ra que é que eu vinha aqui?

LOLÓ - P'ra vir morar com ele, p'ra ser sua mulher.

GENERAL - (aos berros). Tá tudo explicado. Mas fique sabendo que o canalhocrata do seu amiguinho não me escapa. E que vai acabar na igreja não que seja a bala.

LOLÓ - Puxa, se isso é fingimento, o sr. finge bem p'ra xuxu.

GENERAL - Fingimento? Você vai ver a ~~xxxxxx~~ lição que eu vou passar naquele libertino.

(Nesse momento abre-se a porta com violência e surgem Porfírio e Joãozinho. Porfírio para dramaticamente na entrada).

PORFÍRIO - (olhando Loló). Querida! Tu voltaste! (ligeira pausa).

LOLÓ - (de boca mole). Olha, danou tudo!

(Porfírio parte para abraçá-la).

PORFÍRIO - Oh, meu amor! Há quanto tempo!

LOLÓ - "Tou dizendo que danou tudo!

PORFÍRIO - Compreendo. A tua vida longe de mim é que se danou, não foi? Mas não há de ser nada, meu bem. Vamos recomeçar tudo e reconstruir o nosso lar. (Porfírio está abraçado com ela; há um silêncio). Não dizes nada querida?

GENERAL - (peremptório). Não vai reconstruir coisa alguma nenhuma.

PORFÍRIO - Ah, General, o senhor está aí?

GENERAL - (sereno e definitivo). Eu vim aqui p'ra você assinar os papéis do casamento. (enfia um papel na mão de Porfírio).

PORFÍRIO - (amável, embora recebendo o papel). Não vê o senhor, General, que eu não lhe disse antes, mas sucede que eu já sou casado.

GENERAL - (aproximando-o de Porfírio e oferecendo-lhe sua caneta). Você tem caneta? Porque se não tiver, eu tenho objeção alguma em emprestar a minha.

PORFÍRIO - (parando). General, parece que o senhor não compreendeu bem. Eu disse JÁ ERA casado. (amável). E de acôrdo com a lei brasileira, não sei se o senhor sabe, a gente não pode casar duas vêzes.

GENERAL - (sacando o revólver). Não se faça de bêsta e assina logo, porque eu quero dar entrada nos papéis ainda hoje.

PORFÍRIO - (violento). Mas isso é uma violência. O sr. não pode fazer isso. É um crime contra a liberdade individual de um cidadão. Afinal de contas, eu tenho meus direitos. (ralentando gradativamente o ritmo da frase). E não posso ser forçado assinar... uma coisa... coma... qual... eu... não... estou... de acôrdo. (baixo e humilde). Não posso... Ou posso?

GENERAL - (ainda amável). Pode. (Porfírio está com o papel e a caneta na mão).

PORFÍRIO - (com os olhos fixos no revólver). Joãozinho, você me acharia um traidor se eu agora contasse tudo... Mas tudinho mesmo?

JOÃOZINHO - Ainda não chegou o momento de empregar medidas tão extremas.

PORFÍRIO - (após rápida leitura). De minha livre e espontânea vontade, General?

GENERAL - (sempre amabilíssimo). Assina, meu anjo.

PORFÍRIO - Joãozinho, só p'ra minha informação, eu queria saber o seguinte. Você acha que o momento de empregar medidas extremas p'ra salvar um guilhotinado é antes ou depois da cabeça pular fora?

GENERAL - (aos berros, com o revólver na cara de Porfírio). Assina!

PORFÍRIO - Já que falou com bons modos...

(Porfírio assina. O General guarda o revólver. Pega o papel, olha-o com carinho e então enxuga uma lágrima furtiva).

GENERAL - (emocionado). Meus filhos, vocês me desculpem a enção mas é que eu sou um velho de natureza sentimental. (Porfírio olha com a cara de poucos amigos para ele). É esse o momento romântico com que eu sempre sonhei na minha vida; ver minha filha pedida em casamento. Mas como eu não sei fazer discursos bonitos, só quero dizer uma coisa a vocês: sejam felizes. (beija os dois).

PORFÍRIO - Isso já é tripudiar.

GENERAL - (encaminhando-se para sair). Daisy, meu bem, fique aí direitinho com seu noivo, que o papai já volta. (para Porfírio). Meu genro, comporte-se, sim! (para Joãozinho e Loló). P'ra vocês que ficam, até logo. (Sai. Pausa).

LOLÓ - (de boca mole). Até que ele é um bocado simpático, não é?

PORFÍRIO - (de boca mole, imitando Loló). Você acha, acha?

DAISY - Começar o que?

PORFÍRIO - Começar o que?

DAISY - Fique sabendo que nenhum de nós está aqui disposto a aturar seu sarcasmo nem seu mau humor.

PORFÍRIO - Você se esquece que vocês é que estão na minha casa? Os in-comodados que se mudem.

DAISY - E você se esquece que está falando praticamente com a sua esposa?

PORFÍRIO - Espôsa?

LOLÓ - (convencida que está acertando em cheio). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

PORFÍRIO - (rosnando). Loló, chega, ouviu? Essa brincadeira já acabou.

LOLÓ - (chorosa). Você não tem direito de falar assim comigo. Eu respon-di tudo direitinho.

JOÃOZINHO - Calma, Loló.

LOLÓ - (ainda chorosa). Não posso entender porque é que não deu certo.

JOÃOZINHO - Não chora. No fundo, Porfírio não está zangado com você.

PORFÍRIO - (irônico). Claro que não. (sardônico, para Loló). Eu só queria era um outro favor teu.

LOLÓ - (de boca mole). Pois não, Porfírio.

PORFÍRIO - (ultra-sardônico). Era que você pegasse uma gillete e cortasse uma a uma as veias de teupuleo. Ou então tomasse café com formicida. (vai pegando um tom violento). Ou ateasse fogo às vestes. Ou metesse uma bala na cabeça.

(Loló, que conforme Porfírio falava ia ficando cada vez mais assustada, rebenta num pranto convulsivo).

JOÃOZINHO - Calma, Loló. Não chora. É que Porfírio está nervoso. (vai levando Loló para a porta). Vamos sair um pouco. Vamos dar uma voltinha. (saem).

DAISY - (para Porfírio). Você não tem mesmo um pingue de coração.

PORFÍRIO - Vocês por acaso é que têm? O que eu acho gozado é o tom com que você ~~me~~ já fala comigo.

DAISY - Que tom?

PORFÍRIO - Esse tom de vida de casado.

DAISY - Não diga bobagens,, porque nós ainda nem sequer somos casados.

PORFÍRIO - A simples perspectiva do casamento, transforma qualquer Pier Angeli em um Boris Karloff.

DAISY - Bem, eu realmente fui um pouco indelicada com você, mas você também foi muito indelicado com a Loló.

PORFÍRIO - (levemente representando). Não, não tem importância. E não me compreenda mal. Eu gosto de você. Você é o tipo de mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei.

DAISY - (surpresa e um tanto irônica). Que -é que há com você, hem?

PORFÍRIO - Não, no duro. Não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho ~~maximista~~ envolvente, que seduz qualquer pessoa.

DAISY - É isso que você diz a todas as suas namoradas?

PORFÍRIO - Bem, se você se acha repulsiva e não quer acreditar, isso é problema seu. Uma coisa te digo. Eu estou falando exatamente o que eu estou sentindo.

DAISY - É que você mudou tão de repente..?

PORFÍRIO - (ainda levemente representando). Daisy, eu sou muito diferente do que vocês me julgam. No fundo eu sou um romântico. E todas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

DAISY - Por que você ainda não se encontrou...?

PORFÍRIO - Exatamente. É na verdade eu leve uma vida triste, solitária e tremendamente amargurada.

DAISY - (sincera). Puxa, você deve sofrer um bocada.

PORFÍRIO - (falsamente amargurado). Não há nada pior que ter cada dia uma pequena. De que cada dia conhecer um corpo diferente, é um sofrimento paguroso.

DAISY - Eu nunca imaginei que os homens pudessem pensar assim.

PORFÍRIO - Eu não sou um homem como os outros. Eu acho que sexo, apenas por sexo, sem uma ligação afetiva, não é um ato digno de criatura evoluídas.

DAISY - É exatamente o que eu também acho.

PORFÍRIO - Pois é. Eu senti que você pensava assim. Por isso, logo à primeira vista, eu gostei de você.

DAISY - Até que você não é tão ruim quanto eu pensava.

PORFÍRIO - E agora nós vamos nos casar.

DAISY - Aliás, aí há uma coisa que eu quero te explicar, Porfírio.

PORFÍRIO - Eu também tenho uma coisa que eu quero te explicar. É o seguinte. Eu sou definitivamente contra a noite de núpcias.

DAISY - Contra?

PORFÍRIO - É. Eu acho que o dia de casamento é um dia muito agitado, muito muito cheio de corre-corre, de modo que, p'ra minha sensibilidade, a noite desse dia não é em absoluto o momento ideal para a primeira ligação de amor entre duas pessoas.

DAISY - E daí?

PORFÍRIO - Daí, que na minha opinião, quando duas pessoas se casam, já devem se conhecer com toda intimidade, p'ra evitar constrangimentos. E, para se conhecerem, nada melhor do que um momento tranquilo e despreocupado em que os dois estejam juntos, numa profunda e perfeita comunhão espiritual. (pausa). Um momento como esse que nós estamos vivendo agora.

DAISY - Continua.

PORFÍRIO - Na noite de núpcias, quando o rapaz segura a mão da moça, há um certo mal estar, porque aquilo já estava pré-determinado. Mas num dia qualquer, quando ele segura a mão dela (segura a mão de Daisy), aquilo tem um significado muito mais profundo, porque foi alguma coisa que surgiu com emoção e espontaneidade. Por outro lado...

DAISY - (desprende-se dele). Basta de tapiação. Você pensa que eu não sei onde você quer chegar? O que eu fico bêta é de ver como você pode querer fazer isso com a namorada de seu melhor amigo.

PORFÍRIO - (furioso). Belas! É com quem meu melhor amigo quer me ver casado.

DAISY - Isso não tem nada a ver com o peixe.

PORFÍRIO - Isso é o próprio peixe

DAISY - Você é mesmo um libertino sem moral.

PORFÍRIO - Nós não vamos nos casar?

DAISY - Vamos.

PORFÍRIO - Então porque é que a gente não pode começar a se amar logo, desde hoje?

DAISY - Porque você não me dá falta de ar.

PORFÍRIO - Mas você não vai permitir que esse detalhe técnico atrapalhe toda minha vida.

DAISY - Fique sabendo que nós só vamos nos casar p'ra eu me libertar das garras de papai e pro Joãozinho não poder mais ter aqueles dramas de rapas direito. Em seguida, eu venho morar aqui para não dar despesas ao Joãozinho e mesmo porque, perante a lei, você tem obrigação de me manter. Mas não vamos ter nada um com o outro, tá me entendendo? Todas as minhas noites de amor, eu as passarei com o Joãozinho. E pode começar juntar dinheiro também, porque é você que vai pagar minha lua de mel com meu amor.

PORFÍRIO - (estupefato). Mas isso não se faz a um cão danado.

DAISY - E tem mais. Quero esse apartamento limpo, arrumado e, de hoje em diante, sem aquele quadro libidinoso na parede. (Daisy parte para o quadro "neste apartamento mora um solteiro felis").

PORFÍRIO - (num apêlo patético). Não! Isso não!

DAISY - (virando o quadro). Quero decência aqui dentro!

PORFÍRIO - (num gemido repugnado). Decência?

DAISY - E acima de tudo moral. (~~mas~~ começa a cair o pano. Daisy abre a porta para sair). Moral, tá me entendendo? (sai batendo a porta).

(Tertina de fechar o pano sobre o segundo ato).

SANTA BÁRBARA D'OESTE = 17 de Julho de 1.969.

ATO III - TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA - Gláncio Gill.

(Mesmo cenário, mas sem o quadro
 "neste apartamento..." na parede.
 Porfírio e o General estão em
 cena jogando uma partida de xadrez).

PORFÍRIO - General, eu não sei como lhe dizer isso, mas sou forçado a lhe dar uma notícia desagradável que vai alterar muitos dos seus planos.

GENERAL - (apreensivo). O que é?

PORFÍRIO - Eu compreendo que o sr. fez uma série de projetos baseado num facto e que agora, com essa notícia, esses projetos irão todos por água abaixo, mas...

GENERAL - Fale logo.

PORFÍRIO - ... Mas chegou o momento em que não posso mais lhe sonegar o que está se passando aqui. General o sr. vai me desculpar imensamente eu lhe dizer isso, mas a realidade é dura... é que sua filha... é virgem. (pausa).

GENERAL - Por que ?

PORFÍRIO - Porque... Ora, porque. O sr. tem idade bastante p'ra saber porque.

GENERAL - O sr. tem alguma deficiência?

PORFÍRIO - Não é bem esse o caso, General!

GENERAL - (mais queimado). O sr. está por acaso querendo insinuar que minha filha não é atraente o bastante para entusiasmar um homem?

PORFÍRIO - General, eu tinha prometido ao Joãozinho não contar nada a respeito desse caso. Mas agora eu já fui empurrado até muito perto do altar, de modo que sou forçado a quebrar minha promessa. Daisy morava, não comigo, mas com o Joãozinho.

GENERAL - Mesmo que isso fôsse verdade, continua inteiramente inexplicável essa pureza de minha filha.

PORFÍRIO - Acontece que o Joãozinho tem o grave defeito de ser um rapaz direito.

GENERAL - Bem, vamos ver isso por partes. Primeiro. Como é que você pode provar que Daisy não morava com você e sim com o Joãozinho?

PORFÍRIO - Vou lhe responder também por partes. Primeiro. O sr. já percebeu que nas novelas policiais o assassino não é nunca aquele que tá na cara que devia ser?

GENERAL - Já.

PORFÍRIO - E quem é normalmente o assassino?

GENERAL - O mordomo.

PORFÍRIO - Que é o tipo do sujeito que é um verdadeiro doce de côco e que ninguém desconfiava, não é?

GENERAL - Exatamente.

Continuação do ATO III.

PORFÍRIO - Muito bem. Pois no nosso caso, o mordomo é o Joãozinho. (pausa).

Segundo. Que é que todo mundo diz que eu sou?

GENERAL - Um libertino.

PORFÍRIO - E o sr. acha que um libertino que se preza, um sujeito que tem um horror mortal ao casamento, iria estar morando com uma môça numa vida em tudo e por tudo semelhante a do casamento?

GENERAL - Realmente... Parece que não.

PORFÍRIO - Terceiro. Quando o sr. entrou no apartamento do Joãozinho, qual foi sua impressão?

GENERAL - Muito boa.

PORFÍRIO - E quando o sr. entrou no meu apartamento, qual foi sua impressão?

GENERAL - Uma respeitável bagunça.

PORFÍRIO - Uma salutar e respeitável bagunça masculina. Muito bem. Agora me diga uma coisa. O sr. considera sua filha uma reþapsa?

GENERAL - Não.

PORFÍRIO - Então onde é que é mais provável que Daisy estivesse morando? No meu apartamento ou no do Joãozinho?

GENERAL - No do Joãozinho.

PORFÍRIO - Quarto e último. Quando o sr. estava procurando Daisy neste apartamento, o sr. chegou a ir até o banheiro?

GENERAL - Cheguei.

PORFÍRIO - E o que é que o sr. viu lá?

GENERAL - Apenas alguns jornais espalhados.

PORFÍRIO - (inflamado). E o sr. acha que há alguma mulher no mundo que permita ao marido ou ao amante êsse prazer humano e singelo de ler tranquilamente seus jornais?

GENERAL - De forma alguma.

PORFÍRIO - Então o sr. concorda que êsses benditos jornais são a prova definitiva da minha vida de solteiro?

GENERAL - Você me convenceu. Daisy morava com o Joãozinho. Mas como é que eu agora posso ter certeza de que êle não abusou de minha filha?

PORFÍRIO - Observando os seguintes detelhes. Um. O ar aparvalhado do Joãozinho que é típico de rapaz direito. O vigarista tem um brilho fascinante no olhar que o sujeito honesto nunca tem. Dois. A preocupação de Joãozinho em querer ficar "bem" diante do sr. O libertino não se incomoda de ser considerado libertino. Três. A ansiedade desvairada de Daisy em querer casar e ter uma lua de mel A môça que... já se encontrou na vida, também quer casar, mas com mais serenidade.

GENERAL - Isso significa uma mudança completa nos meus planos.

PORFÍRIO - Mas também significa que se acabaram as suas preocupações.

GENERAL - Só que Daisy volta a ficar sem nenhum marido à vista.

Continuação do ATO III.

PORFÍRIO - Acima de tudo, General, o importante é que agora não se justifica mais o sr. andar sacando seu revólver por aí.

GENERAL - (cordial). Você é um patife de última classe, mas ainda assim eu quero explicar que se assumi uma atitude aparentemente violenta foi...

PORFÍRIO - Aparentemente?

GENERAL - ... Foi porque eu tenho uma estima e um amor imenso a minha filha. A mãe morreu quando ela tinha dois anos e você sabe que não é fácil para um pai substituir o seio materno.

PORFÍRIO - (intencional). Claro!

GENERAL - Nem tornei a me casar para me dedicar inteiramente a ela. E esta vida sozinho foi me tornando cada dia mais austero.

PORFÍRIO - Todo sujeito só é um moralista.

GENERAL - Quando ela quis vir para o Rio, eu só concordei porque ela vinha morar na casa de uma família conhecida. Mas agora vi que, mesmo assim, os perigos são muitos. Nunca se pode ter certeza de que ela vá encontrar sempre rapazes honrados e distintos como o Joãozinho. Há também os tipos como você. Por isso vou levá-la de volta p'ra minha companhia.

PORFÍRIO - (despedindo-se d'ele). Embora em matéria de amor o sr. seja o tipo do reacionário, eu até que gosto do senhor.

(Nesse instante entra Joãozinho, cabisbaixo e amargurado).

GENERAL - (alegre, para Joãozinho). Meu rapaz, já sei de tudo!

JOÃOZINHO - (espantado). Tudo?

PORFÍRIO - (definitivo). Graças a mim.

GENERAL - (pomposo). E devo dizer que admirei imensamente sua conduta irreprochável.

JOÃOZINHO - Irreprochável?

GENERAL - Não é todo dia que se encontrar um gentleman como você, meu rapaz. Um gentleman com a retidão moral e o caráter que você demonstrou.

JOÃOZINHO - O sr. tá exagerando, General...

GENERAL - Não seja modesto. Você é um dos poucos que pode dizer com orgulho: eu sou um cavalheiro.

JOÃOZINHO - Mas general, eu não sou...

GENERAL - (cortando). Meu rapaz, no meu nome e no de minha filha...

JOÃOZINHO - (nervoso). General...

GENERAL - Da quero lhe agradecer o fato de não ter feito aquilo que qualquer libertino teria feito.

JOÃOZINHO - (exasperado). General, o que eu estou tentando dizer é que acabei de fazer exatamente aquilo que qualquer libertino teria feito.

GENERAL - (perplexo). Mas como é que o sr. pôde fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO - Como? Da maneira tradicional!!!

PORFÍRIO - (divertido). Quando foi isso?

JOÃOZINHO - Agora... agorinha.

Continuação do ATO III.

GENERAL - E eu que o julguei um cavalheiro.

PORFÍRIO-(imitando o General). Meu rapaz, meus parabéns.

GENERAL - Súcia de crápulas.

JOÃOZINHO-(abatido).Sou um canalha.

GENERAL -(partindo para a porta); Vou buscar minha filha.Vou imediatamente buscar minha filha.

(Sai.Pausa.Joãozinho deixa-se cair numa poltrona arrasado).

JOÃOZINHO-(amargurado). Que é que eu faço agora, Porfírio?

PORFÍRIO- (tranquilíssimo). Ora, o caso também não é assim tão sério...

JOÃOZINHO - Eu me sinto o, último dos canalhas,

PORFÍRIO- Obrigado.(Porfírio começa a arrumar o apartamento).

JOÃOZINHO - Obrigado por que?

PORFÍRIO- Porque assim, no máximo, eu poderei ser o penúltimo.

JOÃOZINHO- Brincadeira tem hora, Porfírio.

PORFÍRIO - E eu acho essa hora tão boa quanto qualquer outra.

JOÃOZINHO - Você não vê que eu me envolvi numa responsabilidade tremenda?

PORFÍRIO - Não vejo responsabilidade nenhuma.(Porfírio pega o quadro "neste apartamento"... para recolocá-lo na parede).

JOÃOZINHO- Você não pode compreender isso porque você é um libertino.

PORFÍRIO - Comparado com o que vocês planejam e agem aqui, eu 'tou chegando à conclusão que eu sou um anjinho fugido de presépio.

JOÃOZINHO - Será que você não podia me ajudar em nada?

PORFÍRIO - (definitivo). Não. Caso você ainda não tenha percebido, eu agora vou pedir a vocês todos que sumam do meu apartamento e começo vida nova, meu velho. Longe de preocupações e, se Deus quiser, uma vida inteiramente sem moral.(aciona um interruptor que reduz a luz do ambiente. Em seguida liga a vitrola. Entra em bg uma marcha militar do gênero do hino dos fuzileiros navais americanos).

JOÃOZINHO - Você não vai nem se interessar pelo que vai acontecer comigo?

PORFÍRIO - Que tal minha nova técnica?

JOÃOZINHO - Antigamente a música era romântica.

PORFÍRIO - Aí é que está. Música romântica é justamente o que a vítima está esperando. É um condicionamento muito elementar.

JOÃOZINHO - O que eu acho formidável é êsse acabamento profissional que você empresta a uma conquista.

PORFÍRIO - A marcha militar exerce uma influência sub-Liminar. A figura vai começando a ficar com vontade de assumir uma atitude heróica. E a tendência ao leito se torna uma consequência lógica irreversível.

JOÃOZINHO - Isso já é colocar uma cantada em termos de sistema filosófico.

PORFÍRIO - Você conhece a Mariusca?

JOÃOZINHO ~ Aquela boa, que não dá bola p'ra ninguém?

PORFÍRIO - Exatamente. Pois eu boleei uma técnica infalível para atraí-la a êste apartamento.

JOÃOZINHO - Ela não quer nada.

PORFÍRIO - Quer. Eu sei que quer porque apliquei um teste psicológico. Perguntei a ela, se ela tivesse que ir à Europa, e se pudesse visitar somente uma cidade, qual cidade que ela escolheria. Ora, uma moça preocupada em estudos, responderia Roma. Uma romântica, diria Veneza. Mas ela respondeu Paris. O que revela suas tendências óbvias.

JOÃOZINHO - E o que você vai fazer?

PORFÍRIO - Começar a sair com ela.

JOÃOZINHO - Isso é o que todos têm feito.

PORFÍRIO - Mas com a diferença que eu não vou querer absolutamente nada. Vou pegá-la em casa, de automóvel, muito digno, passear um pouco e depois levá-la de novo em casa de automóvel, sem nem pedir p'ra segurar na mão.

JOÃOZINHO - Não 'tou vendo onde você quer chegar.

PORFÍRIO - Isso quatro, cinco, seis vezes. Almoços, jantares, concertos de piano, convite p'ra assistir peças de Bertolt Brecht. Negócio cultural p'ra xuxu. E sem falar em sexo. Aí a coitadinha vai começar a ficar meio intrigada.

JOÃOZINHO - Puxa, esse plano é a longo prazo.

PORFÍRIO - Mas funciona. Ela vai começar a pensar lá com seus botões. Que é que há com esse cara, que canta tudo que é pequena e comigo não quer nada?

JOÃOZINHO - (fascinado). E vai achar que o defeito talvez seja dela. Que ela é que não é boa o bastante p'ra você.

PORFÍRIO - E vai passar a se ofefecer. Vai falar com aquela boquinha linda assim bem juntinho da minha. E eu nem pelota.

JOÃOZINHO - Você vai traumatizar a garôta.

PORFÍRIO - Até o dia em que eu marcar um encontro aqui no meu apartamento. Ela vai vir rastejando. Implorando o meu amor. (pausa). O resto, eu deixo a sua imaginação completar.

JOÃOZINHO - (fascinado). Isso é que é vida. (Porfírio desliga a vitrola). (amargurado). Puxa, p'ra que é que eu fui inventar de ser um rapaz direito?

PORFÍRIO - Joãozinho, você tem que se convencer de uma coisa. Na vida, tudo que é bom, é pecado.

JOÃOZINHO - Uma coisa eu não posso perdoar meus pais.

PORFÍRIO - O que é?

JOÃOZINHO - Terem me dado uma formação moral tão sólida.

PORFÍRIO - Você ainda insiste nessas idéias "démodées"?

JOÃOZINHO - (solene). Depois do que eu fiz a única solução é o casamento.

PORFÍRIO - Joãozinho, eu vou te pedir uma coisa.

JOÃOZINHO - Fala.

PORFÍRIO - É que você tenha um pouco mais de pudor e não fale em casamento com tanta naturalidade. Eu sou um sujeito muito sensível, sabe?

Continuação do ATO III.

JOÃOZINHO - P'ra mim o mal não é tanto o casamento.O diabo é que ela é tão burrinha...

PORFÍRIO - (intencional).Eu até que a acho uma menina muito viva...

JOÃOZINHO - Muito viva? Ah! Então eu sou um cérebro eletrônico.(pausa.Os dois param na posição em que estão.Em seguida vão virando lentamente o rosto um para o outro).

PORFÍRIO - Espera ai! De quem é que você está falando?

JOÃOZINHO - Da Loló, ora essa.

PORFÍRIO - Então foi com ela?

JOÃOZINHO - (cabisbaixo).Pois é.Foi com ela.

PORFÍRIO - Eu pensei...

JOÃOZINHO - E agora eu vou ter que casar com aquela mentecapta.

PORFÍRIO - Mas você sabendo como você pensa,como é que foi fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO - A carne é fraca, Porfírio.

PORFÍRIO - E agora vai casar...?

JOÃOZINHO -(dramático).Não posso suportar a idéia de não casar e saber que causei a perdição de uma môça,que lancei no mundo uma infeliz.

(Nesse instante abre-se a porta e entra Loló,com o ar mais feliz do mundo).

LOLÓ - (sorridente para os dois). Oba! (pausa).

PORFÍRIO - (para Joãozinho).Até que ela não parece assim tão infeliz... Mas se você acha que deve casar...

JOÃOZINHO - (cortando).É uma questão de fôre íntimo.

PORFÍRIO - Já sei,que eu não posso compreender porque...

LOLÓ - (cortando com ar de quem descobriu a pólvora).Porque você é um libertino.

PORFÍRIO - Loló,o que me impressiona é a originalidade da s tuas conclusões.

(Nesse instante abre-se a porta e entra o General puxando Daisy pelo braço).

GENERAL - (solene).Meus senhores,tenho uma revelação a fazer.Perdi a confiança em minha filha.Porque depois da confissão completa do Joãozinho,ela ainda insiste em querer defender sua pureza.

PORFÍRIO - Acontece que houve um engano,General.

DAISY - Eu bem que disse a papai que tinha havido um engano.Não era possível. Eu não me lembrava de nada.E isso é o tipo da coisa que não pode acontecer sem a gente se lembrar.

GENERAL - Qual foi o engano?

PORFÍRIO - A pureza perdida no caso,não foi a de sua filha, e sim a de nossa vizinha aqui presente.

DAISY - O quê?Quer dizer que êles dois...

PORFÍRIO - É.

Continuação do ATO III.

GENERAL - Quer dizer que minha filha ainda...

PORFÍRIO - Ainda.

DAISY - E agora? Que é que vai acontecer?

PORFÍRIO - Agora Joãozinho e Loló vão se casar.

DAISY - (indignada). É o fim! O fim do final!

PORFÍRIO - Eu disse a você.

DAISY - Disse o quê?

PORFÍRIO - Que esse era um plano que funcionava com a precisão de um relógio suíço.

GENERAL - Bom, então... Está tudo resolvido.

DAISY - Joãozinho, fique sabendo que você caiu no meu conceito.

GENERAL - Mas minha filha, ele vai remediar o mal casando com Loló.

DAISY - O problema não é esse. O fato é que o mínimo de consideração que ele podia ter comigo, era me dar prioridade.

LOLÓ - (de boca mole). Quem vai ao vento perde o assento.

PORFÍRIO - Depois dessa frase bíblica da Loló, eu acho que você não tem outra solução senão se conformar, minha cara Daisy.

DAISY - Não. Antes eu quero ver o que Joãozinho tem a me dizer.

GENERAL - (consolando). Conforme-se, minha filha, conforme-se. Loló teve apenas mais sorte que você. Só isso.

DAISY - (imperativa). Fala, Joãozinho.

JOÃOZINHO - Bem, você sabe... Nós saímos juntos daqui. Loló estava magoada com o Porfírio tinha dito a ela. Ai ela começou a chorar... Ai eu comecei a consolá-la... Ai ela chorou mais... Você sabe como é. Eu sou um sujeito de coração mole. Não sei resistir a lágrimas de mulher.

GENERAL - Bem, amigos, o que passou, passou. E agora chegou o momento da separação. Daisy e eu voltamos hoje mesmo para Minas. (para Joãozinho e Loló). P'ra vocês, meus votos de felicidades.

JOÃOZINHO - Obrigado, General.

GENERAL - E você, Porfírio, veja se segue o exemplo de Joãozinho.

PORFÍRIO - Boas festas, General.

GENERAL - (encaminhando-se para Daisy). Eu vou descer que eu ainda tenho que fazer umas compras. Enquanto isso você pega as suas roupas lá no apartamento de Joãozinho. Depois desce que eu estarei te esperando lá em baixo.

DAISY - Está bem, papai! (o General encaminha-se para a porta).

GENERAL - (da porta). Bom amigos, até mais ver então. (sai).

PORFÍRIO - JOÃOZINHO - LOLÓ - (juntos). Tchauzinho. Até a vista, General. Até logo General.

DAISY - (zangada). Joãozinho, você quer então devolver minhas roupas?

JOÃOZINHO - Pois não. (saem Joãozinho e Daisy. Pausa).

Continuação do ATO III.

PORFÍRIO - (ar honesto). Loló, nós andamos discutindo um pouco (aciona o interruptor que reduz a luz do ambiente), mas eu não quero que você me compreenda mal. Na verdade eu gosto de você. Você é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei. (liga a vitrola, entra a marcha militar em bg).

LOLÓ - (admirada). Eu, é?

PORFÍRIO - É isso não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

LOLÓ - Por que é que você 'tá falando tão macio?

PORFÍRIO - Porque eu sou muito diferente do que você me julga. No fundo eu sou um romântico. E tôdas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

LOLÓ - Defesa de que?

PORFÍRIO - Do meu próprio subconsciente.

LOLÓ - Próprio o que? Não entendi, não. (ligeira pausa). Que música é essa?

PORFÍRIO - (com ar de rapôsa). Uma música, ué. Uma música como outra qualquer. O que ela te dá vontade de fazer?

LOLÓ - Sair marchando.

PORFÍRIO - (rápido e aliciante, ajeitando o sumier). Marchando em direção a quê? (ligeira pausa).

LOLÓ - Não sei... Sair marchando. Sair marchando.

PORFÍRIO - (ajeitando melhor o sumier). Então... Saia marchando.

(Loló sai marchando em direção à porta, abre a porta e sai de cena, sempre marchando).

PORFÍRIO - (sêco e imperativo). Alto. (Loló pára). Meia volta, volver! (ouve-se o barulho dos pés de Loló fazendo meia volta, fora de cena. Porfírio aciona o interruptor. A luz volta ao normal). Loló, você quer fazer a gentileza de voltar aqui p'ra dentro?

LOLÓ - (entrando, um pouco intimidada). Que foi que eu fiz de errado?

PORFÍRIO - (contido). Nada, Loló. (desliga a vitrola). Vamos começar de novo. Loló que é que você acha da injustiça?

LOLÓ - É ruim, não é?

PORFÍRIO - É bárbaro. Agora me diga uma coisa. Você acharia justo, se você fôsse andando pela rua e visse dois pobres, dar um conto de réis a um dos pobres e não dar nada ao outro?

LOLÓ - Não... Não 'tava certo.

PORFÍRIO - Pois o que você está fazendo com o Joãozinho e comigo é exatamente isso.

LOLÓ - P'ra que é que você 'tá me dizendo isso?

PORFÍRIO - P'ra ver se você se revolta contra êsse abominável estado de coisas e se anima a tomar uma providência.

LOLÓ - Providência p'ra que?

PORFÍRIO - P'ra gente aproveitar melhor êsse tempo que nós temos agora.

LOLÓ - Aproveitar como?

Continuação do ATO III.

PORFÍRIO - Loló, eu vou ter dar um outro exemplo, p'ra ver se você me compreende melhor. Você algum dia já viu uma criança pálida e triste espiando um doce na vitrine de uma confeitaria?

LOLÓ - Já.

PORFÍRIO - É uma cena de levar lágrimas até aos olhos de um coveiro, não é?

LOLÓ - É triste p'ra xuxu.

PORFÍRIO - MUITO bem. E qual é o impulso ético e humano de uma criatura de bom coração diante dessa cena? (Pausa. Loló continua com ar apavorado). Que é que você faria?

LOLÓ - Dava o doce à criança.

PORFÍRIO - Exatamente. Pois nessa novela que eu acabei de contar, a distribuição de papéis é a seguinte. A criança pálida e triste sou eu. O doce é você.

LOLÓ - Você não tem cara nem triste.

PORFÍRIO - Isso é o que você pensa. Eu juro que vivo aqui numa melancolia profunda, tão solitária, amargurado e triste que, puxa, quando eu penso no meu caso, morro de pena de mim mesmo, (ligeira pausa).

LOLÓ - (meio em dúvida). ~~xixixix~~ Nada... Isso é conversa tua.

PORFÍRIO - Conversa? Mas eu não sou de conversa. Eu não prometi que fazia o Joãozinho casar com você?

LOLÓ - Prometeu.

PORFÍRIO - E agora ele não vai casar?

LOLÓ - Vai.

PORFÍRIO - Então como é que você pode dizer que eu sou conversa?

LOLÓ - Mas você não ajudou nada p'ra êsse casamento. Foi tudo um esforço meu.

PORFÍRIO - Mas eu influenciei o Joãozinho. É a mim que você deve agradecer a possibilidade dêsse esforço. E agora você que me fazer essa ingratidão...

LOLÓ - Eu não sou ingrata.

PORFÍRIO - Pois prove isso. Depois de euter te arranjado um casamento, você tem obrigação de também me fazer alguma gentileza. Na vida tudo é reciprocidade.

LOLÓ - Mas qual é a gentileza que você quer que eu faça?

PORFÍRIO - Eu já não te disse que eu sou um amargurado?

LOLÓ - Já.

PORFÍRIO - E você não acha que a gente deve dar momentos de alegria aos amargurados?

LOLÓ - Lá isso deve.

PORFÍRIO - E qual é o melhor momento de alegria que você pode me dar? (ligeira Pausa).

LOLÓ - Ah, não vem com pergunta assim de sopetão que eu me atrapalho tôda.

PORFÍRIO - (desanimado). Assim não é possível.

LOLÓ - (iluminada), Já sei. Dar um conto de réis a um pobre?

PORFÍRIO - (subindo em tom). Não, x LOLÓ.

LOLÓ - Te dar um doce de presente?

PORFÍRIO - (exasperado). Desde que êsse doce seja você, tá me entendendo? Desde que êsse doce seja você.

Continuação do ATO III.

LOLÓ - (em tom seguro). Ah,então era isso que você queria dizer com aquela história de aproveitar melhor o tempo?

PORFÍRIO - (ainda exasperado).Exatamente,Loló.

LOLÓ - (também nervosa).Então porque é que você não disse logo?

PORFÍRIO - Está dito agora.(pausa).

LOLÓ - (baixo novamente). É... mas não pode ser.

PORFÍRIO - (controlado). Não pode por que?

LOLÓ - Por causa do Joãozinho.

PORFÍRIO - Joãozinho não tem nada a ver com esse meu momento de alegria.

LOLÓ - Tem sim.

PORFÍRIO - Por que?

LOLÓ - ~~Rapax~~ Porque tem.Joãozinho não ia gostar.

PORFÍRIO - Mas a gente não vai sair espalhando a coisa por aí.Ele não vai saber.E uma pessoa não pode gostar de uma ~~quaxnã~~ coisa que não chegou a saber.Você,por exemplo,não pode ficar amolada por ter perdido um broche,se você não chegar a reparar que perdeu esse broche.

LOLÓ - Eu perdi um broche? Quando?

PORFÍRIO - (de novo exasperado).Não Loló,isso foi uma comparação.Escuta.P'ra gente chegar a alguma conclusão,você tem que acompanhar meus raciocínios.

LOLÓ - (ofendida).Você 'tá querendo me chamar de burra,é?

PORFÍRIO - Não,Loló. Como é que você foi pensar~~um~~ uma barbaridade dessas?

LOLÓ - 'Tá sim.Você 'tá querendo me chamar de burra.Agora eu percebi muito bem. E eu admito tudo,menos isso.Vou-me embora.

PORFÍRIO - Loló,onde é que está o seu espirito de solidariedade humana? Você não pode ir embora agora.

LOLÓ - (chorosa).Vou sim.Você me magoou e eu vou-me embora lá p'ra baixo.
(Encaminhando-se para a porta).

PORFÍRIO - Mas Loló...!

LOLÓ - (da porta).E só volto quando o Joãozinho voltar (sai).

PORFÍRIO - (furioso,sózinho,andando de um lado para outro).O que é que há? O que é que há comigo?

(Nesse instante abre-se a porta e entra Joãozinho).

JOÃOZINHO - (patético da porta).Profírio,sou um desgraçado.

PORFÍRIO - Desgraçado sou eu.Joãozinho,me diz com toda sinceridade.Você me acha repulsivo?

JOÃOZINHO - Você é um encanto.Eu é que sou em desgraçado.

PORFÍRIO - O seu problema já está todo resolvido.

JOÃOZINHO - Não 'tá não.

PORFÍRIO - P'ro seu raciocínio simplório,casando com a Loló,você não tem mais dramas.

JOÃOZINHO - Tenho sim.

PORFÍRIO - Você já 'tá exagerando nessa história de querer ser um rapaz direito.

Continuação do ATO III.

JOÃOZINHO - Ninguém me compreende.

PORFÍRIO - (olhando para a porta). O que eu compreendo é que há certas vítimas que não estão à altura da beleza de uma cantada psicológica.

JOÃOZINHO - Meu caso não tem solução.

PORFÍRIO - Esta senhora é uma ameoba. Uma ameoba. E como é que a gente vai convencer uma ameoba a dormir com a gente?

JOÃOZINHO - Sou um infeliz.

PORFÍRIO - Basta dêsse negócio de você ser um infeliz. Eu é que acabei de desonrar pela segunda vez a reputação dêsse apartamento.

JOÃOZINHO - Mas eu estou com um tremendo problema de consciência.

PORFÍRIO - Pois eu estou exatamente atrás de um problema de consciência igual ao teu.

JOÃOZINHO - Eu sabia que você não ia compreender...

PORFÍRIO - Mas já não está tudo dito e explicado?

JOÃOZINHO - Acontece, Porfírio, que quando Daisy foi buscar as roupas lá no meu apartamento, ela começou a chorar...

PORFÍRIO - (atônito). Continua.

JOÃOZINHO - E você sabe que eu não sei resistir a lágrimas de mulher. (Pausa. A fisionomia de Porfírio se contrai. Ele se aproxima até ficar bem junto de Joãozinho).

PORFÍRIO - (Como que cuspiendo no resto do outro). Libertino!

JOÃOZINHO - Mas Porfírio, você não imagina como eu estou sofrendo.

PORFÍRIO - Libertino, sim senhor! Enquanto eu fico aqui numa vida ascética de monge budista, você anda se esbaldando por aí. Devasso! Corrupto e corruptor!

JOÃOZINHO - Não Porfírio, eu sou um rapaz direito!

PORFÍRIO - Você não tinha lenço no, seu apartamento?

JOÃOZINHO - Tinha, mas ...

PORFÍRIO - Então porque é que você não deu um lenço a Daisy quando ela começou a chorar? Mas não! Você tinha que se demonstrar mais humano e solidário com o sofrimento dela, não é? Eu só espero que minhas irmãs nunca encontrem um rapaz tão humano e solidário quanto a você. Descarado!

JOÃOZINHO - Mas Porfírio, você sempre achou isso uma coisa tão normal e salutar.

PORFÍRIO - Quando era comigo. Você não espera que eu vá gastar a MINHA filosofia p'ra explicar o SEU sem-vergonhismo.

JOÃOZINHO - Mas eu quero remediar tudo.

PORFÍRIO - Como? Remediar tudo Como? Eu só quero saber o que é que você pretende fazer agora diante dessa dupla responsabilidade, dessa dupla amargura, dêsse duplo drama de consciência.

JOÃOZINHO - Pois é. Isso é que eu não sei.

PORFÍRIO - Case com as duas. Com uma no Uruguai e com a outra na Argentina. Depois passe as segundas, quartas e sextas com a Daisy e as terças, quintas e sábados com a Loló. Mas os domingos deixe livre. Deixe livre p'ra assistir filmes românticos. E quando as mocinhas da platéia começarem a chorar, traga todas elas aqui p'ro seu apartamento.

Continuação do ATO III.

JOÃOZINHO - Você está sendo injusto, Porfírio.

PORFÍRIO - (ainda furioso). Ou então nem entre no cinema. Vá só p'ra fila. Vá p'ra fila e comece a cortar uma cebola.

JOÃOZINHO - Você está sendo injusto e cruel. Eu estou num momento de intenso sofrimento moral e preciso justamente da ajuda de um amigo como você.

PORFÍRIO - Joãozinho, meta uma coisa na cabeça. A única coisa que eu ainda pretendo fazer por você na vida, é segurar a alça de teu caixão no cemitério. Mais nada.

JOÃOZINHO - Mas como é que eu vou contar o caso ao General?

PORFÍRIO - Usando tato e habilidade. Dê um tapinha nas costas dele e diga: General, sua filha, bau... Bau...! E quando ele disparar o revólver, abra bem a boca, p'ra ver se você engole depressa a bala, antes dela te estourar o crânio.

JOÃOZINHO - Isso não é hora para brincadeira.

PORFÍRIO - Você não sabe como eu estou falando sério, meu caro Joãozinho. Como eu estou falando sério...

JOÃOZINHO - Você não compreende que se eu casar com a Loló, vou me sentir eternamente responsável pela perdição da Daisy, e se eu me casar com a Daisy a Loló é que não me dará paz a consciência.

PORFÍRIO - Não case com nenhuma, então. E mande as duas chorar as ~~inúmeras~~ mégoas aqui no meu apartamento.

JOÃOZINHO - Eu só queria uma coisa de você, Porfírio.

PORFÍRIO - Pode dizer que eu terei o máximo prazer em NÃO fazer.

JOÃOZINHO - Eu vou trazer a Daisy p'ra cá. E depois, se o General vier também, eu só queria que você saísse um pouco com a Daisy p'ra eu ter minha conversa a sós com o General. Só isso.

PORFÍRIO - Você tem certeza que o que você quer não é que eu saia com o General, p'ra você ter outra conversa a sós com a Daisy?

JOÃOZINHO - Porfírio, depois disso eu juro que não te incomodo nunca mais.

PORFÍRIO - (após certa hesitação). Vá lá. Mas olha. Toma cuidado quando você der a notícia ao General. Ele pode também querer chorar...

JOÃOZINHO - Até já, Porfírio (sai).

(Porfírio fica sózinho em cena. Vai até a vitrola. Ouve-se a marchinha "a vida de casado é boa... mas a vida de solteiro é melhor". Porfírio dá um suspiro de satisfação e vai ao sumier, onde se deita para repousar. Nesse instante abre-se a porta suavemente e entram o General e Loló sorrateiros e cabisbaixos. Entram, fecham a porta e ficam postados de pé na entrada com o ar mais culpado do mundo).

Continuação de ATO III.

PORFÍRIO - (de sumier, virando a cabeça). Ah, vocês estão aí? (o General e Loló nada respondem. Porfírio levanta-se, vai até a vitrola e desliga-a).

PORFÍRIO - (na vitrola). Vocês se encontraram lá embaixo? (o General e Loló em silêncio e de cabeça baixa).

PORFÍRIO - (guardando o disco). Eu estava aqui ouvindo essa musiquinha p'ra repousar um pouco e ... (Porfírio pára de estação a frase e o que está fazendo. Está com uma expressão de quem de repente entendeu tudo. Vira-se lentamente e vai se encaminhando para o General e Loló).

PORFÍRIO - (a principio em tom baixo e em seguida subindo em volume a dramaticidade). Não. Não. Não!!!

(General e Loló continuam de cabeça baixa e em silêncio)

PORFÍRIO - Vocês não vão me dizer que vocês dois... (General faz que "sim" com a cabeça).

PORFÍRIO - O que me impressiona é a rapidez com que vocês agem.

GENERAL - Você sabe, Porfírio...

PORFÍRIO - (furioso). Não precisam dizer nada. Já sei. Já sei de tudo. Loló chegou lá embaixo chorando, não foi?

GENERAL - Pois é. E agora é que eu compreendi como o Joãozinho é um rapaz de bons sentimentos.

PORFÍRIO - Bons sentimentos? Então eu sou um São Francisco!

GENERAL - A gente não pode resistir, Porfírio. É uma coisa de partir o coração, quando ela começa a chorar.

PORFÍRIO - Vocês precisavam ser menos emotivos, sabe?

GENERAL - É uma coisa que você não pode compreender, Porfírio, porque você é um...

PORFÍRIO - (cortando furioso). Porque eu sou o que? Diga se tem coragem. Porque eu sou o que?

GENERAL - (intimidado). Porque você... bem, não tem uma sensibilidade assim tão nobre e apurada quanto a nossa.

PORFÍRIO - (furioso). Eu sou um puro. Uma criança perdida numa noite de tempestade. Tudo o que me sobra em teoria, vocês estão aí firmes, pondo em prática.

GENERAL - A questão, Porfírio, é que eu estou agora com um problema.

PORFÍRIO - Pois estimo que o senhor continue comê-lo.

GENERAL - Não sei como contar o caso ao Joãozinho. Você sabe... Isso é um assunto delicado. Afinal de contas Loló é noiva dele.

PORFÍRIO - Mas o senhor pretende contar com o caso ao Joãozinho?

GENERAL - Claro. Lembre-se que eu sou um homem honrado.

PORFÍRIO - (irônico). Ah, perdão. Eu tinha me esquecido.

GENERAL - E aí é que eu precisava de um grande favor teu Porfírio.

PORFÍRIO - (apreensivo). Qual?

GENERAL - É que quando eu fôsse contar o caso ao Joãozinho, você esqueceu um pouco com a Loló. Você compreende... P'ra eu êle termos nossa conversa a sés.

PORFÍRIO - Tá O.K. Eu agora topo tudo.

Continuação do ATO III.

(Nesse momento abre-se a porta e entram Joãozinho e Daisy).

JOÃOZINHO - (meio sem jeito). Ah, General, o sr. está aí?

GENERAL - (ultra amável). Estava justamente te esperando, meu rapaz.

JOÃOZINHO - (solicito). Ora, General mas o sr. não devia se incomodar...

GENERAL - É sempre um prazer falar com você, meu rapaz.

DAISY - Puxa, papai você tá um bocadinho gentil, hem?

GENERAL - Joãozinho merece, minha filha. Joãozinho merece.

PORFÍRIO - Bem, eu vou dar uma volta por aí. (intencional). Daisy e Loló, vocês não querem vir comigo? (sai).

GENERAL - Vai, Loló. Vai passear com o Porfírio.

JOÃOZINHO - Acho melhor você também ir, Daisy. (saem Daisy e Loló).

(o General e Joãozinho ficam parados um diante do outro. Sorriem constrangidos)

GENERAL E JOÃOZINHO - (juntos). Sente-se General. Sente-se Joãozinho. (sorriem novamente e sentam. Pausa)

JOÃOZINHO - O senhor está bem acomodado, General?

GENERAL - Muito bem. Muito bem. Você é que parece que está numa posição um pouco incomôda. (pega uma ~~alfom~~ almofada que estava em uma poltrona).

JOÃOZINHO - Não senhor, está ótimo.

GENERAL - Ponha essa almofada nas costas, meu rapaz. (levanta-se para colocar a almofada nas costas de Joãozinho).

JOÃOZINHO - Ora, General, não se incomode...

GENERAL - Não, mas eu insisto.

JOÃOZINHO - Obrigado então, General. (General senta novamente. Pausa).

GENERAL E JOÃOZINHO - (juntos). General... Joãozinho...

(Quando vêem que falam juntos, param novamente).

JOÃOZINHO - Pode falar General.

GENERAL - Não, fale primeiro.

JOÃOZINHO - Dessa vez sou eu que insisto, General. O sr. é mais velho.

(O General ajeita-se na cadeira).

GENERAL - Joãozinho, você sabe que eu sou um homem vivido.

JOÃOZINHO - Claro, General.

GENERAL - É uma coisa eu aprendi na vida.

JOÃOZINHO - (ultra solícito). Claro, General.

GENERAL - Foi a compreender certos ~~axaxixax~~ deslizes que as criaturas às vezes cometem.

JOÃOZINHO - Puxa, General, o sr. não imagina como eu fico satisfeito do senhor dizer uma coisa dessas.

GENERAL - Eu é que fico satisfeito de ver a sua compreensão.

(Nesse instante abre-se a porta e entra Porfírio).

Continuação do ATO III.

PORFÍRIO- (entretanto).Joãozinho,você quer vir ~~arrá~~ até cá?(leva Joãozinho para um canto e cochicha qualquer coisa no ouvido dele.Joãozinho franze a testa e cochicha também,Porfírio cochicha novamente para Joãozinho e então este,meio a contragosto entrega ao outro um molho de chaves.Porfírio agradece e sai).

GENERAL - Ele é um bom rapaz.É pena que seja tão devasso.

JOÃOZINHO -Mas continue General.O senhor ia dizendo que estava pronto a compreender um deslize que alguém tivesse tido com sua filha...

GENERAL - Bem,eu não estava me referindo exatamente a minha filha.Eu falava por exemplo, de um deslize que alguém tivesse tido com a noiva de alguém...

JOÃOZINHO - Ah,era com a noiva?

GENERAL - Porque é que havia de ser com a filha?

JOÃOZINHO - General,eu tenho uma coisa a lhe dizer,mas não sei como explicar

GENERAL - Diga,que a gente depois encontra a explicação.

JOÃOZINHO - General... O fato é que eu e sua filha... tivemos um deslize. (pausa).

GENERAL -Bem afinal ~~sem~~ de contas a gente tem que compreender que o deslize é o único método p'ra uma môça de família ter certeza do seu amor por um rapaz.Só quando ela está disposta a deslizar com ele sôbre os limites da moral é que o amor é verdadeiro.

JOÃOZINHO -Essa explicação está ótima,General.Continue.

GENERAL - Aliás,os limites da moral provávelmente foram feitos p'ra isso mesmo.P'ra servir de termômetro da intensidade do amor das môças de família.

JOÃOZINHO- Eu não podia esperar que o sr.fôsse mais compreensivo.

GENERAL - Mas agora chegou a sua vez.

JOÃOZINHO -De ser compreensivo?

GENERAL - De me arranjar uma boa explicação.

JOÃOZINHO -P'ra que?

GENERAL - P're fato da fidelidade de certas noivas não ser tão canina quanto seria desejável.

JOÃOZINHO - General,o sr. sabe,depois do casamento,a traição é um choque brutal e sem remédio.Mas entre,noivos,é uma coisa que tem até um certo sabor de aviso preventivo.Aviso de que aquêle casamento não ia mesmo ser feliz. Por isso ia mesmo ser feliz.Por, isso General de fundo do meu coração, eu lhe agradeço ter seduzido minha noiva.

GENERAL - Ora,não há de que,meu rapaz.Não há de que.Mas agora me diga uma coisa.(solene).Quais são as suas intenções em relação a minha filha?

JOÃOZINHO - As mesmas que a sua em relação a minha noiva.

GENERAL - (ainda solene).Faremos então um duplo casamento.

JOÃOZINHO -(mesmo tom).Porque somos dois homens honrados.

GENERAL -(mesmo tom).Parabéns,meu rapaz.

JOÃOZINHO - (mesmo tom).Parabéns,General.

~~SRM~~ (Pausa).

Continuação do ATO III.

GENERAL - (desfazendo a pôse). Puxa, até que foi bem mais fácil do que eu pensei, Ainda bem que você também tinha um deslize p'ra contar...

JOÃOZINHO - Nada como dois deslizes p'ra unir duas pessoas.

GENERAL - Onde estão as meninas?

JOÃOZINHO - Devem estar no meu apartamento, porque Porfírio veio cá me pedir a chave.

GENERAL - O que? Você entregou a chave do seu apartamento àquele libertino, sabendo que ele estava com nossas noivas?

JOÃOZINHO - Bem, mas ainda não deu tempo de ter acontecido nada.

GENERAL - Nunca se sabe. Nunca se sabe. (nesse instante abre-se a porta e entram Daisy e Loló).

GENERAL - Ué, vocês estão aí?

LOLÓ - E ouvimos tudo.

DAISY - E vamos querer a maior lua de mel. (elas se atiram aos braços de seus respectivos noivos).

JOÃOZINHO - Mas o que foi feito do Porfírio?

DAISY - Ele parece que ficou meio matusquela.

LOLÓ - (de boca mole). Logo que nós saímos... Imagina só o que ele fez.

Mandou a gente parar aí no corredor e disse p'ra eu abrir bem a vista (abre desmesuradamente os olhos e a seguir fala rápido). Aí ele soprou com toda a força dentro do meu olho! (abre-se a porta e entra Porfírio).

GENERAL E JOÃOZINHO - (juntos para Porfírio). Canalha!

DAISY - Eu não entendi p'ra que é que ele fez isso!

JOÃOZINHO - P'ra fazer ela chorar.

GENERAL - (intencional). Para fazer ela chorar, 'tá compreendendo?

PORFÍRIO - Basta!

LOLÓ - (rápido); Mas eu não chorei!

PORFÍRIO - Rãa!

DAISY - Eu também não!

PORFÍRIO - Fora todo mando!

GENERAL - Vamos embora mesmo! Não temos mais nada a fazer aqui na toca desse libertino!

JOÃOZINHO - Vamos!

(Saem todos do quatro. Porfírio fica sózinho. Dá um suspiro de alívio e, quando vai sentar, toca a campainha da porta. Indignado, Porfírio pega uma garrafa e parte para a porta, com atitude agressiva. Ao abrir a porta, ouve-se uma voz de mulher, fora de cena).

VOZ (off).) (uma mão entrega um embrulho). Só Porfírio, vim trazer a roupa!

PORFÍRIO - (abaixando a garrafa e recebendo o embrulho). Quanto é?

VOZ - (off). Quinhentos mil réis.

PORFÍRIO - (saindo para o banheiro, com o embrulho). A senhora tinha dito que era trezentos.

VOZ - (off). É, mas agora é quinhentos mesmo. (pequena pausa). (a luz ambiente se reduz) Porfírio entra de novo em cena e vai a vitrola, ouve-se a marcha militar).

Continuação do ATO III.

PORFÍRIO- (em tom melifluo); Dona X Floristela, nós andamos discutindo um pouco, mas eu não quero que a senhora me compreenda mal. A senhora é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei...

VOZ-(Off, espantadíssima). Que é isso, só Porfirio?

PORFÍRIO- (Já quase delirando). Não, no duro. A senhora tem um encanto pessoal um carinho envolvente que seduz qualquer pessoa.

VOZ-(off). Cruz credo! Até logo, só Porfirio! Até logoinho!

(Ouve-se os ruídos de passos se afastando. Arrasado, Porfirio se encaminha para apanhar alguma coisa debaixo do sumier, quando entra Joãozinho, rápido e ofegante).

JOÃOZINHO - Porfirio, preciso falar com você!

PORFÍRIO - (tirando uma pequena valise debaixo do sumier em tom entre dramático e heróico). Adeus, Joãozinho, rápido e ofegante).

JOÃOZINHO - Porfirio preciso falar com voce!

PORFÍRIO- (tirando uma pequena valise debaixo do sumier, em tom entre dramático e heróico) Adeus, Joãozinho!

JOÃOZINHO - Mas Porfirio, p'ra onde é que você vai?

PORFÍRIO - (saltando para a platéia e saindo pelo corredor entre as poltronas). Vou-me embora pra casa de mamãe!!!

(E assim cai o pano sobre o terceiro ato, com a figura de Joãozinho perplexo, no centro do palco



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

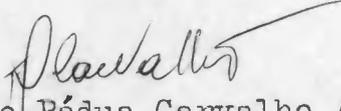
89
MEM.º N.ºs/n
Data 8-08-69

Do Técnico de Cens.Cred. Antonio de Pádua
Para Sr. Chefe da TCTC-SC/SCDP
Assunto: Informação (presta)

Sr. Chefe,

Tendo lido o script da peça teatral "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", autoria de Gláucio Gill, que instrue o pedido de censura feito pelo Grêmio Dramático Santa Bárbara de Campinas-SP, possuímos elementos para informar a V.S^a, que o mesmo é idêntico ao script liberado através do certificado nº 1156/69, com impropriedade até 18 (dezoito) anos, cuja censura foi feita pelo signatário do presente.

Atenciosamente,


-Antonio de Pádua Carvalho Alves-
Téc.Censura Cred.-Cart.058-DF

92

Sr. Chefe da Seção de Censura,
O Grêmio Dramático Santa Bárbara, de Campinas-SP,
enviou para exame dêste SCDP, a peça teatral "TÔDA DONZELA TEM
UM PAI QUE É UMA FERA", autoria de Glácio Gill.

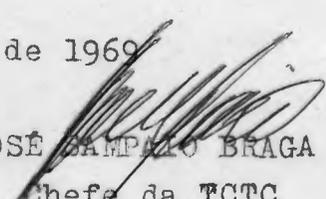
A referida obra já foi liberada diversas vêzes por
êste órgão, tendo sido classificada como IMPRÓPRIA ATÉ 18 (DEZOI-
TO) ANOS, estando seu certificado com validade até 10 DE MARÇO DE
1974.

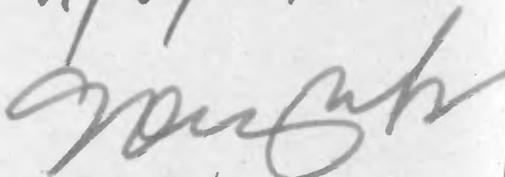
A costumeira comparação de scripts foi feita pelo
Téc. Censura Credenciado Antonio de Pádua que, em memorando anexo,
informa que o script que instrue o presente pedido está idêntico
ao já liberado, cuja cópia consta em nossos arquivos.

Assim, e, para os efeitos da Lei 5536/68, sugerimos
seja expedido certificado liberatório também para êste pedido, com
as mesmas impropriedade e validade dos anteriores, ou seja 18 ANOS
e ATÉ 10 DE MARÇO DE 1974.

A consideração superior.

Brasília-DF, 11 de agosto de 1969


JOSE CAMPELO BRAGA
Chefe da TCTC

70 Senhor chefe do
SCDP para a liberação.
Em 11/8/69

Em 11/8/69
Expedir o certificado
Moyner



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

96

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1607/69

PEÇA -/::: TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA :::/-

ORIGINAL DE GLÁUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 12 de AGOSTO de 19 69

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Aloysio Muhlethaler de Souza
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA**

sp/

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. F. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 51, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Original de GLÁUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRÊMIO DRAMÁTICO SANTA BÁRBARA - CAMPINAS-SP

Tendo sido censurada em 03 de AGOSTO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS :::::
CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME
§2º do ART. 1º DA LEI 2536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO S
da PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 12 de AGOSTO de 19 69

JOSÉ HAMPATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 104

92
085-TCTC

13-8-69

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/SI

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste SCDP:

1. assistir ensaios gerais das peças "SOMBRAS NO FIM DA ESCADA", "CAN-CAN, CARTOLA & CORONÁRIAS", "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", "AQUELAS PESSOAS ESTRANHAS", "OH! ESSES BRUXOS", e "O AUTO DA COMPADECI DA";

2. enviar a este SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,

3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) aos interessados - nomes e endereços nos versos dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2 (dois).

Atenciosamente,

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072810106

Exmo Sr Chefe do Serviço de Censura do Departamento de
Polícia Federal = BRASÍLIA

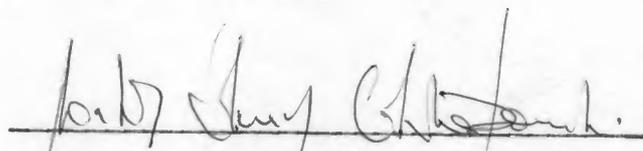
94

Eu, CARLOS OLEVIR OLDAKOWSKI, infra assinado, presidente do V Festival de Teatro Amador de Santa Catarina, a ser realizado em JOINVILLE a partir do dia 22 de novembro de 1969 nas dependências da Sociedade Harmonia Livre, venho requerer a V. Excia. permissão para a realização dos espetáculos, bem como, a liberação das peças a serem // apresentadas no referido Festival, com a maior brevidade // possível, conforme relação e cópias em três vias das peças em anexo.

Nêstes termos

Pede deferimento

Joinville, 25 de outubro de 1969.


Prof Dr CARLOS OLEVIR OLDAKOWSKI
Presidente V FTASC

Recebido
EM-147/11/69




BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726/P 107

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

98

Memº S/Nº

12.11.1969

Do Técnico de Censura Cred. Eliel José de Sousa
Para Sr. Chefe da TCTC-SC/SCDP
Assunto: Informação - presta

Sr. Chefe:

A peça em aprêço já foi liberada várias vezes por êsse SCDP, sendo de impropriedade para menores de 18 anos o seu limite e vario.

Após observar o "Script", que ora se me apresenta, pude constatar sua autenticidade e identificá-lo perfeitamente com o já censurado. Assim, S.M.J., o critério classificador poderá continuar.

Atenciosamente,

Eliel José de Sousa

Téc.Cens.Cred.Cart.nº 067 DF



Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

99
[Handwritten signature]

Sr. Chefe da Seção de Censura

CARLOS OLEVIR OLDAKOWSKI, presidente do V Festival de Teatro Amador de Santa Catarina, enviou para exame / dêste SCDP, a peça teatral " TÒDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Gláucio Gil.

A referida obra, já foi liberada por êste Órgão, para vários produtores, com Certificados válidos até 10 de março de 1974, classificando-a para 18 anos.

O cotejamento dos escritos, foi feito pelo Técnico de Censura credenciado ELIEL JOSÉ DE SOUSA, que por memorando anexo, informa-nos serem perfeitamente idênticos.

Assim sendo, à vista do exposto e de conformidade/ com o artigo 10 da Lei 5536/68, sugerimos que se expeça os certificados requeridos, nas mesmas condições acima grifadas. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 14 NOV 69

[Handwritten signature]
JOSE SAMPAYO BRAGA
TOIC-SC/SCDP

*A consideração do
Senhor Chefe do SCDP.*

Em 14/11/69

ATCTZ

M. B. B. S.

14.11.69

[Handwritten signature]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 109

100
[Handwritten signature]

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2001/69

PEÇA -::::/ TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA /::::-

ORIGINAL DE GLAUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MARÇO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 14 de NOVEMBRO de 19 69

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

[Handwritten signature]
Chefe do S. C. D. P. CONSTANCO MONTEBELLO / SUBSTITUTO

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 63, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA /:::-

Original de GLAUCIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de CARLOS OLEVIR OLDAKOWSKI - SANTA CATARINA - SC.

Tendo sido censurada em 14 de NOVEMBRO de 19 69 e recebi

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.-

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.-

Brasília, 14 de NOVEMBRO de 19 69

[Assinatura]
- JOSÉ SAMPAIO BRAGA -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728,0 110

**Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres**



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P/111

101

CENSURA FEDERAL

TEATRO



Certificado Nº 2668/70

PEÇA -:::TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA:::-

ORIGINAL DE GLÁUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de JUNHO de 1975

Brasília, 29 de JUNHO de 1970

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 84, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -1: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA :-

Original de GLÁUCIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de HUGO ALVES MESQUITA- RESID. EM FORTALEZA-CE.

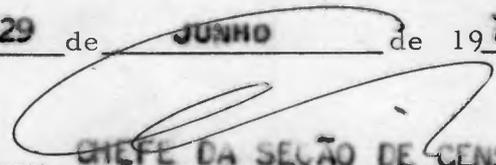
Tendo sido censurada em 26 de JUNHO de 1970 e recebida

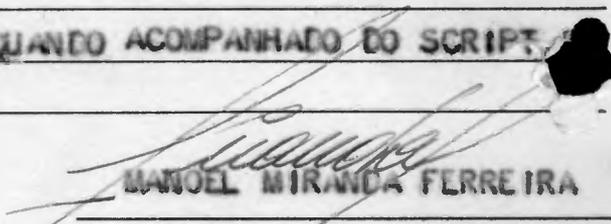
a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUADRZE) ANOS -

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SSCP .-

Brasília, 29 de JUNHO de 1970


CHIEFE DA SEÇÃO DE CENSURA


MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

Ilmo. Sr. Diretor do Serviço Federal de Censura de Diversões
Públicas:

103



HUGO ALVES MESQUITA, brasileiro, solteiro, residente e domiciliado nesta Capital, diretor de "HUGO / BIANCHI ESPETÁCULOS", vem, muito respeitosamente, requerer de V. Sa. se digne de determinar seja submetida à censura a peça de glâncio Gil, "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERRA", para apresentação no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, Ceará, já autorizada pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (autorização anexa), para o que junta três vias datilografadas do texto original.

Temos em que,

P. deferimento.

Fortaleza, 29 de maio de 1970.

[Handwritten signature]

[Handwritten notes and initials]
103
26/11/70
M



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

105

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: *Toda Sonzela tem um pai que é uma fera #*
- b) Título original: _____
- c) Autor: *Glauco Gil #*
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: _____
- h) Classificação da Censura: *14 (censura) auto #*

II) Análise

- a) Gênero: *Obra: O escrito examinado confere com o fito aprovado por este PCPR, conforme termo de aprovação de 28-26-11-70*
- b) Argumento: _____

CLÉVIS

c) 1 - Mensagem: _____

2 - Impressão final: _____

d) Diálogos: _____

e) Cenas: _____

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seq. Censura:

Em anexo, informação do Téc. Censura Carlos Lúcio, que fez a comparação de scripts da peça TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, concluindo pela identidade entre os mesmos.

14 - ANOS

DF, 26 de junho de 1970

Maquel Miranda Ferreira
MADEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da TCTC

De acordo com o parecer,

José Salvo
3.7.70

Liberal, 4
31/7/70
[Signature]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 116

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

110

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: *Toda Donzela tem um pai que é um feroz*
- b) Título original: _____
- c) Autor: *Gláucio Gil*
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: _____
- h) Classificação da Censura: *18/depoids aus*

II) Análise

- a) Gênero: _____
- b) Argumento: *Ob. O escrito é semelhante ao já
aprovado por este Depto, cf. M. Aquino e
N. 0711176*

[Handwritten signature]

c) 1 - Mensagem: _____

2 - Impressão final: _____

d) Diálogos: _____

e) Cenas: _____

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o parecer do Técnico de Censura CARLOS LUCIO MENEZES, que a examinou:

TÍTULO :- TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE UMA FERA

AUTOR :- GLAUCIO GIL

REST. :- 18 - ANOS

EM, 03-07-70

TCTC-SC-SCDP

*de acordo
7.7.70*

*libere
8/7/70*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 118



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2744/70

PEÇA --:::/TODA DONZELA TEM UM PAI QUE UMA FERA/::--

ORIGINAL DE GLÁUCIO GIL -

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 7 de JULHO de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 7 de JULHO de 19 70

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE MOURA -

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 86, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA /-

Original de GLÁUCIO GIL -

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de T.E.U. - TEATRO EXPERIMENTAL DE UBERABA, RUA ALAÔR PRATA - Nº 20-F - UBERABA - ESTADO DE MINAS GERAIS. -

Tendo sido censurada em 19 de JULHO de 1970 e recebido

a seguinte classificação: **-:: IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS ::-**

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SO E VALIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP. -

Brasília, 7 de JULHO de 1970

CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

MANGEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

117

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: *Toda donzela tem um pai que é uma fera #*
- b) Título original: _____
- c) Autor: *Gláucio Gill #*
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: _____
- h) Classificação da Censura: *18 (devido) aus #*

II) Análise

- a) Gênero: _____
- b) Argumento: *Ob. O presente escrito confere com os anteriores já aprovados por este setor, conforme consta de nossos Arquivos #*

DF-20411-70

Cláudio

c) 1 - Mensagem: _____

2 - Impressão final: _____

d) Diálogos: _____

e) Cenas: _____

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

H. Bell
21/7/70
M...

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura: Carlos Lucio Meneses, que a examinou.

TITULO: TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

AUTOR : GLAUCIO GIL

REST. : 18 ANOS

Em, 20 de Julho de 1970

Manoel

-MANOEL MIRANDA FERREIRA

-Chefe da TCTC -

de acord.
assinado
20.7.70



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.07268122

818

CENSURA FEDERAL

TEATRO



Certificado Nº 2307/70

PEÇA *** / TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA / ***

ORIGINAL DE GLAUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 20 de JULHO de 1975

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 20 de JULHO de 19 70

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. PROP. WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 88, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

Original de GLAUCIO GIL
Tradução de _____
Adaptação de _____
Produção de HELIO BERGAMASCO Rua 3 nº 1.172 Rio Claro-SP.
Tendo sido censurada em 20 de JULHO de 19 70 e recebida a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS
CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP

Brasília, 20 de JULHO de 19 70

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P.123

SOCIEDADE CULTURAL E ARTÍSTICA DE FEIRA DE SANTANA

FEIRA DE SANTANA - BAHIA

121

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

Brasília - D.F.



A Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana, vem, através seu Presidente, solicitar de V. S. a censura e liberação da peça "Tôda Donzela Tem um Pai que é uma Fera", de Gláucio Gill, pelo que encaminha três cópias/textos de acôrdo com as exigências deste Serviço.

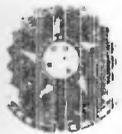
Atenciosamente,

Feira de Santana, 14 de julho de 1970.

Luciano Ribeiro Santos
Luciano Ribeiro Santos

Presidente da SCAFS

Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana
Rua Juvêncio Erudilho, 104
Feira de Santana - Bahia

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
- b) Título original: _____
- c) Autor: GLAUCO GIL
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: SOCIEDADE CULTURAL E ARTISTICA DE FEIRA DE SANTANA
- h) Classificação da Censura: 18 ANOS

II) Análise

- a) Gênero: COMEDIA
- b) Argumento: O EPISODIO DESEENROLA-SE NO APARTAMENTO DE UM RAPAZ SOLTEIRO PORFIRIO EM COPACABANA- JOÃOZINHO OUTRO MORADOR DO EDIFICIO VEM PEDIR UM FAVÔR AO AMIGO. É QUE O PAI DA MOÇA QUE ESTA MORANDO COM ELE ENCONTRA-SE NA PORTÁRIA DO PREDIO QUERENDO SUBIR PARA TOMAR SATISFAÇÃO COM UM PATIFE NAQUELE PREDIO. SUBINDO O GENERAL NÃO ENCONTRA A FILHA NO APARTAMENTO DE JOÃOZINHO, INDO ENCONTRAR NO APARTAMENTO DE PORFIRIO, POIS JOÃOZINHO PEDIU PARA PORFIRIO ESCONDER DAYSE EM SEU APARTAMENTO. ENTÃO O GENERAL INTIMA PORFIRIO A CASAR COM DAYSE. NO FINAL JOÃOZINHO SEDUZ
- c) 1 - ~~XXXXXXXXXX~~: LOLO É A FILHA DO GENERAL, QUE POR SUA VEZ MANTEM RELAÇÕES COM LOLO. NO FINAL JOÃOZINHO CASA COM DAYSE E O GENERAL COM LOLO
- C- MENSAGEM- BOA
- 2 - Impressão final: BOA, POIS CONSEGUE PRENDER A ATENÇÃO DO PÚBLICO PELO ERREDO APRESENTADO. SENDO O DESEMPENHO DOS PERSONAGENS DE BOA QUALIDADE.
- d) Diálogos: BONS DE ACORDO COM O TEXTO APRESENTADO
- e) Cenas: SOMENTE A VISTA NO ENSAIO GERAL

f) Personagens: JOÃOZINHO - QUE FAZ O PAPEL DE MORALISTA - PORFIRIO - QUE
FAZ O PAPEL DE LIBERTINO - GENERAL - PAI DE DAYSE E OUTROS

g) Valor educativo: BOM

III) Conclusão A PEÇA APRESENTA UMA BOA IMPRESSÃO FINAL, OBSERVANDO-SE AS
RESTRICÇÕES PARA UM PÚBLICO DE 18 ANOS, DE ACORDO COM OS DIVER-
SOS PARECERES EMITIDOS POR OUTROS CENSORES

Brasília, 5 de AGOSTO de 19 70

Técnico de Censura - Cart. nº _____

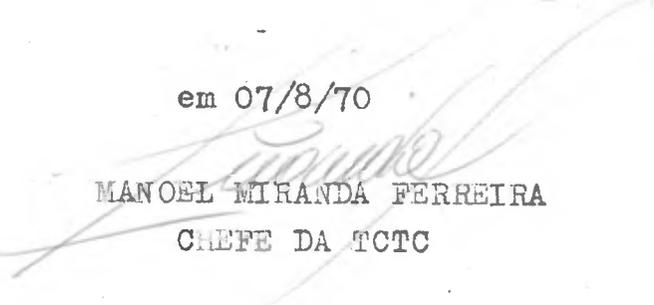

WILSON CAMARGO

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA
ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA,
COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA
WILSON CAMARGO, QUE A EXAMINOU.

Título: TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
Autor: GLAUCIO GILL
RESTR.: 18 Anos

Obs: Esta peça já recebeu a mesma restrição anteriormente

em 07/8/70


MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

123

Documentação

- a) Título em Português: TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.
- b) Título original: _____
- c) Autor: Glauco Gil
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana.
- h) Classificação da Censura: Proibido para menores de 18 anos.

Análise

- a) Gênero: COMEDIA
- b) Argumento: Esta comédia analisa, de forma bastante cômica, os problemas sofridos por um rapaz solteiro, Porfírio, que se vê envolvido, por um amigo, num caso de necessidade de casar com Deyse, filha de um general. Após muitas situações embaraçosas, tudo se resolve, casando cada qual com a pessoa certa e deixando Porfírio, "o galã" sem ninguém.
- c) 1 - Mensagem: A peça não traz mensagem específica. Tem, apenas, como objetivo, criar uma série de situações embaraçosas e cheias de comicidade.
- 2 - Impressão final: Apesar de não trazer mensagem específica, a peça tem muita boa impressão final, pois além de divertir, valoriza o que deve ser valorizado e não valoriza o que não deve.
- d) Diálogos: Ótimos e perfeitamente ajustados ao texto.
- e) Cenas: Em vista do ensaio geral.

f) Personagens: Porfirio , Joãozinho , Dayse , General e Lol
sem características que merecessem ser destacadas.

g) Valor educativo: Apesar de ter como objetivo apenas uma comé
mos dizer que tem bom valor educativo, em vista de
os verdadeiros valores em escala real.

III) Conclusão A peça tem ótimo enredo, um bom grau de comi
é bem escrita. Em vista do tema e como foi tratado
por proibição para menores de 18 anos, para que ês
a adquirir conceitos errôneos dos valores reais da

Brasília, 05 de outubro de 19

Técnico de Censura - Cart. nº

Vasco Pedro Moretto
Vasco Pedro Moretto.

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA,
COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA
WILSON CAMARGO E VASCO PEDRO MORETTO, QUE
A EXAMINARAM.

TÍTULO- TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

AUTOR - GLÁUCIO GILL

RESTR.- 18-DEZOITO- ANOS****POR AMBOS OS CENSORES

OBS.- ESTA PEÇA JÁ FOI LIBERADA ANTERIORMENTE, COM A MESMA RESTRIÇÃO

Sei acô b
5-10-70
f

EM 05 DE OUTUBRO DE 1970

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

CHEFE DA TCTC

124



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2865/70

PEÇA === " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA PERÁ " ===

ORIGINAL DE GLAUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 06 de OUTUBRO de 19 75

Brasília, 06 de OUTUBRO de 19 70

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON DE AGUIAR



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0428.V.13 0
M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 90, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE E UMA FERA "

Original de GLAUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

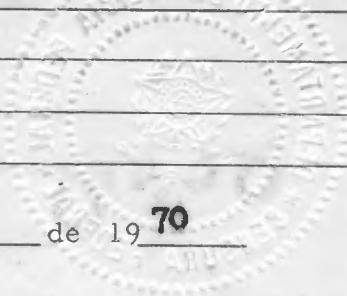
Produção de SOC. CULTURAL E ARTÍSTICA DE FEIRA DE SANTANA - /BA.

Tendo sido censurada em 05 de OUTUBRO de 19 70 recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS

- CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 06 de OUTUBRO de 19 70


Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

127
Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura das Divisões
Públicas - Brasília

O TEATRO AMADOR DO CENTENÁRIO, de Santa Cruz do Rio Pardo, Estado de São Paulo, Caixa Postal 34, pelo seu presidente abaixo-assinado, Prof. Celso Fleury Moraes, portador da carteira de identidade RG.1.419.452, juntando quatro scripts da comédia teatral de Glaucio Gill, "Tôda Donzela tem Um Pai Que É Uma Fera", requer a V.S. se digne expedir o competente certificado de censura.

Nestes Termos
P.Deferimento
Santa Cruz Rio Pardo, 11 setembro 1970.



TEATRO AMADOR DO CENTENARIO
CAIXA POSTAL 34
SANTA CRUZ RIO PARDO-SP



128
D

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

PARECER

Documentação

a) Título em Português: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

b) Título original:

c) Autor: GLAUCIO GIL

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor: TEATRO AMADOR DO CENTENARIO- SP

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: 18 ANOS

Análise

a) Gênero: COMEDIA

b) Argumento: O EPISÓDIO desenrola-se no apartamento de Porfirio, rapaz solteiro que mora em Copacabana, seu amigo Joãozinho outro marafor no edifício vem lhe pedir um grande favor. Para esconder em seu apartamento sua amante Dayse, pois o pai dela encontra-se na portaria do prédio querendo subir para tomar satisfação segundo o "porteiro" com um patife que mora naquele prédio. Subindo o general não encontra a filha no apartamento de Joãozinho, indo encontrar no de Porfirio. O general intimava a Porfirio a casar com sua filha. No final Joãozinho se fez lole e a filha do general, que por sua vez mantém relação com Lolô, acabando Joãozinho casando com Dayse e o general com Lolô.

MENSAGEM- BOA

2 - Impressão final: CONSEGUE PREENHER A ATENÇÃO DO PÚBLICO PELO ERREDO APRESENTAÇÃO, SENDO O DESEMPENHO DOS PERSONAGENS DE BOA QUALIDADE.

d) Diálogos: BONS DE ACÓRDO COM O TEXTO APRESENTAÇÃO

e) Cenas: A SEREM VISTAS NO ENSAIO GERAL

f) Personagens: JOÃOZINHO QUE FAZ O PAPEL DE RAPAZ MORALISTA, LOLA A MOÇA INGENUA, PORFIRIO, QUE REPRESENTA O PAPEL DE LIBERTINO SER E O GENERAL PAI DE FAYSE,

g) Valor educativo: Bom

III) Conclusão. Pode a presente peça ser liberada para um público de FICÇÃO ETÁRIA SUPERIOR A 18 ANOS.

Handwritten signature and date:
10.
12.

Brasília, 8 de OUTUBRO de 19

Handwritten signature:
WILSON CAMARGO
Técnico de Censura - Cart. nº

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA,

COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

WILSON CAMARGO, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

AUTOR - GLAUCIO GILL

RESTR. - 18-DEZOITO- ANOS

OBS.- PEÇA LIBERADA DIVERSAS VÊZES COM A MESMA RESTRIÇÃO.

EM 8 DE OUTUBRO DE 1970

Handwritten signature:
MANOEL MIRANDA FERREIRA

CHEFE DA TCTC

Handwritten notes:
De acordo
8.10.70
f

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/P.134



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

129

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3172/70

PEÇA === " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA " ===

ORIGINAL DE GLAUCIO GILL

PROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de OUTUBRO de 19 75

Brasília 23 de OUTUBRO de 19 70

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LENOS CAVALCANTE

Genalemo

M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

ADP...
CINEMA...

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 100, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

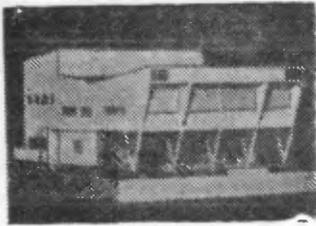
Original de GLAUCIO GILL
 Tradução de _____
 Adaptação de _____
 Produção de TEATRO ANADOR DO CENTENÁRIO - STª CRUZ DO RIO PARDO /SP.
 Tendo sido censurada em 08 de OUTUBRO de 19 70 e recebida a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.
- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 23 de OUTUBRO de 19 70


 MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
 de Teatro e Congêneres



Grupo de Amadores Teatrais «Viriato Corrêa»

FUNDADO EM 28 DE JUNHO DE 1937

Entidade Artístico-Beneficente { Municipal — Lei n. 51, de 29/11/1949
Reconhecida de Utilidade Pública: { Estadual — Lei n. 3.100, de 21/11/1956

Registrado: { Conselho Nacional de Serviço Social
Conselho Estadual de Serviço Social (RJ)

SEDE PRÓPRIA: PRAÇA SAO SEBASTIAO * TRÊS RIOS — E. DO RIO

132

Três Rios, 05 de fevereiro de 1971.

ILMO. SR;

CHEFE DA SBAT

BRASILIA - DF

Prezado senhor:

Venho pela presnete, solicitar de V.S., que nos envie o CERTIFICADO DE CENSURA, da peça "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" que se realizará nos dias 28,29 e 30 de março de 1971, sob a direção de JOSÉ MOACYR.

Nêstes têrmos

P. Deferimento

Três Rios, 05 de fevereiro de 1971.


p/ CHEFE DA SECRETARIA:

133
/

17/02/71

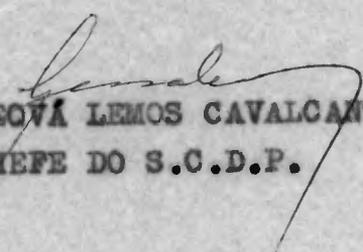
069/71-SCDP

: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
: SR. CHEFE DO GRUPO DE AMADORES TEATRAIS "VIRIATO CORRÊA"
: SOLICITAÇÃO - FAZ -

SENHOR CHEFE,

Com referência a sua carta datada de 05/2/71, solicitando o envio de certificados da Peça - "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", encareço a Vossa Senhoria encaminhar a este / S.C.D.P., requerimento solicitando a censura de referida peça e o / comprovante de direitos autorais.

Atenciosamente,


- GEOVÃ LEMOS CAVALCANTE -
CHEFE DO S.C.D.P.



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

134

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: Toda mulher tem um pai que é uma fera
- b) Título original: _____
- c) Autor: James Gil
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Grupo de Amadores Teatrais "Viriato Corva"
- h) Classificação da Censura: 18 ANOS.

II) Análise

- a) Gênero: Comédia.
- b) Argumento: Porfirio, rapaz solteiro residente em Copacabana se vê envolvido por um amigo, num caso de necessidade, de casar com a filha de um general. Situações embaraçosas se sucedem, porém tudo termina bem, casando cada qual com a pessoa certa e Porfirio ficando na esperança. O general, viúvo, se casa com Loló, sua vizinha e faz amizade com Daisy, filha do velho que era a "fera".
- c) 1 - Mensagem: Indefinida, apresentando situações complicadas, cheias de comovedade.
- 2 - Impressão final: Boa, coerente com o tema.
- d) Diálogos: Ajustados ao texto
- e) Cenas: Condicionadas a resumo-geral.

f) Personagens: Lupinus, Joazeiro, Dayse, General e Lolo.

g) Valor educativo: Bom, por realçar valores positivos.

III) Conclusão Opino pela liberação para maiores de 18 ANOS

Handwritten notes and signatures:
- A large 'X' is drawn over the left side of the page.
- A signature is written vertically: "Lupinus".
- Another signature is written vertically: "Joazeiro".
- A date "24/03/71" is written vertically.

Brasília, 19 de Março de 19 71

Técnico de Censura Cart. nº _____

Handwritten signature: Ufermarufontes

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA ALENCAR MONTEIRO, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

AUTOR - GLÁUCIO GILL

RESTR.- 18-DEZOITO- ANOS

OBS.- PEÇA LIBERADA ANTERIORMENTE C/A MESMA RESTRIÇÃO

EM 23 DE MARÇO DE 1971

Handwritten signature: Flawalis
ANTÔNIO DE PÁDUA C. ALVES
T.C.T.C.

Handwritten notes:
De acordo.
Eu: 24/3/71
Handwritten signature:



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 140

135

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 3510/71

PEÇA === " TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA " ===

ORIGINAL DE GLÁUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 25 de MARÇO de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 25 de MARÇO de 19 71

**PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

Genalva
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 10, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

Original de GLAUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE AMADORES TEATRAIS "VIRIATO CORREIA" - TRES RIOS/RJ.

Tendo sido censurada em 19 de MARÇO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 25 de MARÇO de 19 71

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-chefe da seção de censura-

Chefe de Turma ~~XXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXXXX~~

GRUPO ESTUDANTIL DE TEATRO AMADOR DE MARILIA
G. E. T. A. M.

FUNDADO EM 1 DE MAIO DE 1.957

ÓRGÃO DE UTILIDADE PÚBLICA ESTADUAL E MUNICIPAL

Avenida Rio Branco N.º 57

MARILIA — Estado de São Paulo

PAUCA SED BONA

Exmo. Sr. Diretor do Serviço de Censura de Diversões Públicas

137
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

17 SET 11 24 36929

RECEBIDO POR: *[Assinatura]*

WILSON SANT'ANNA PROTO, brasileiro, casado, funcionário público estadual, residente e domiciliado em Marília-SP, na Avenida Rio Branco, nº 57, pelo GRUPO ESTUDANTIL DE TEATRO AMADOR DE MARILIA -GETAM, v e m, respeitosamente, requer a V.Exia. a expedição de Certificado Liberatório de Censura, para o texto, abaixo, juntando, para tanto, o exigido por lei .

Têxto : "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

Autor : GLÁUCIO GILL

Nº de atos : 3 (três)

Têrmos em que,
Roga deferimento.

Marília, 5 de maio de 1 971

Wilson de Sant'Anna Proto
Wilson Sant'Anna Proto
Presidente -GETAM

Em anexo: três vias do texto supramencionado e autorização da SBAT, para fins de censura.



140

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

TEATRO - COMÉDIA **PARECER**

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

ESTA PEÇA JÁ FOI CENSURADA E LIBERADA
 VÁRIAS VÊZES, COM CENSURA PARA MAIORES DE 14 E 18 ANOS.

PELO ASSUNTO FOCALIZADO (UM PAI QUE
 QUER CASAR A FILHA A FÔRÇA COM O NAMORADO COM QUEM
 VIVIA HÁ ALGUM TEMPO) E PELA MANEIRA COMO É LEVADA,
 OPINIO PELA LIBERAÇÃO DA MESMA COM CENSURA PARA MAIORES
 DE 18 ANOS.

BRASÍLIA, 27 DE SETEMBRO DE 1971

Helosa M. D. Oliveira

HELOISA M. D. D'OLIVEIRA

[Faint handwritten notes and signatures, including a large signature that appears to be 'F. J. ...']

A Seção de Censura:

O texto foi liberado simultaneamente para 14 e 18 anos até a emissão de um relatório sobre o ensaio-gerac levado a efeito em São Paulo, realizado em abril de 1969, passando-se a classificar o espetáculo para maiores de idade, com substituição dos certificados que ainda estavam em vigor, na forma do Usp. do então Chefe do SCDP.

Em 30.9.71

Wilson de Queiroz Garcia

TC TC

Liberar-se com a restrição etária máxima.

A CHEFIA DO SCDP:

Na forma da informação supra, da TCTC, opino no sentido da LIBERAÇÃO COM 18 ANOS, QUE DEVE SER, A PARTIR DE AGORA, A CLASSIFICAÇÃO DEFINITIVA.

Em: 30/9/71.

Wilson de Queiroz Garcia



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0728, P. 145

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº

4.269-71

PEÇA

•TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA•

ORIGINAL DE

GLÁUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 01 de OUTUBRO de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 01 de OUTUBRO de 71

**PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

General Lemos
GEOVA LEMOS CAVALCANTE

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

14/10/71
[Handwritten signature]

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 34, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

Original de GLÁUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de WILSON SANT'ANA PROTO

Tendo sido censurada em 27 de SETEMBRO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS.

OBS: CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

[Handwritten signature]

Brasília, 01 de OUTUBRO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CH. DA SEÇÃO DE CENSURA

-WALER-

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

142

Mem: nº 819 /71 Em, 04/ 10 71

De: Chefe da TCTC do SCDP
Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DFP/ SP
Ass: Providências - solicita -

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação do interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Autor: GLAUCIO GILL

Intra: GRUPO ESTUDANTIL DE TEATRO AMADOR DE MARILIA

Endr: MARILIA-SP.

Atenciosamente,

PAULO DE CARVALHO DE CARVALHO

-TCTC-

D. F. S. P.
025864 - 9 JUL 71

São Paulo, 7 de julho de 1971

Ilmos.Srs. do
SERVIÇO DE CENSURA DA POLICIA FEDERAL
BRASILIA-DF

144
/

Venho por intermédio desta solicitar de Vossas Senhorias a censura da peça "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Glaucio Gil, para ser encenada pelo Teatro do Estudante Secundário Sanjoanense, da cidade de São-João da Boa Vista.

Para tanto, anexo ao presente requerimento 3(Tres) cópias do texto e autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais de número 17.626 de 7/7/71.

Sem mais para o momento,

Nêstes Têrmos
P;DEFERIMENTO

Luiz Henrique
LUIZ HENRIQUE - p/T.E.S.S.

DPF - D - SRA
Recebido 9/7/71
[Signature]



147

TÍTULO Tôda Donzela tem um pai que é uma fera

PARECER

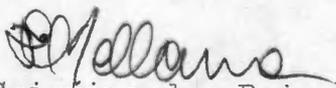
Autor- Gláucio Gil

Impropriedade- impróprio para menores de 18 anos.-

General, severíssimo vai a procura da filha Daisy, sabedor que esta vivia com um homem. Joãozinho corre ao vizinho e amigo: Porfírio, para se livrar da fúria do pai revoltado. Porfírio recebe com mau gosto a jovem em seu apartamento, mas lá é descoberta. É obrigado pelo pai a casar-se. Inventa impedimentos por ser casado com a vizinha Loló, sendo descobertas suas mentiras. General é informado das boas relações e puras entre Joãozinho e Daisy, não acreditando, porém. O rapaz é escrupuloso e respeitador. Apaixona-se pela vizinha Loló, ficando noivos. Irônicamente, também conquista Daisy, não sabendo como resolver seus problemas. Seu amigo Porfírio, não é bem sucedido em planos de conquistas. Por obra do destino o general vem a gostar da noiva de Joãozinho, motivo este que o faz tratar bem o rapaz que agora não vê mais motivo para declarar ou melhor, negar suas relações com Daisy.

Indico a censura com impropriedades para menores de 18 anos, dada as características insinuosas apresentadas no script, quanto à casamento, sexo, etc.

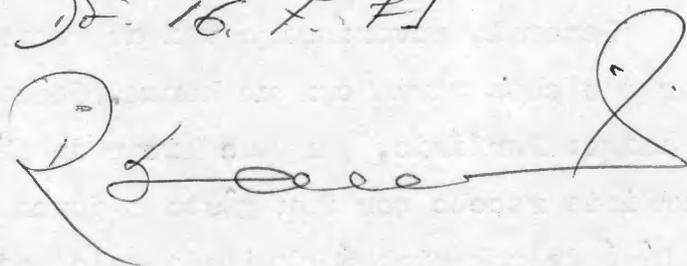
Brasília, 16 de julho de 1971


Teresa Cristina dos Reis Marra

Is: Chef:

Para já censure a
manutenção de a
MA CLASSIFICAÇÃO. 18 ANOS

DF. 16. 7. 71



De acordo com o parecer
do Técnico de Censura.

Qui: 19/7/71

Wilson M.

Fiz-se com a
impropriedade de

18 anos

Jos. Alberto
20.07.71



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072618/151

148

CENSURA FEDERAL

TEATRO

4 005/71

Certificado Nº _____

-/ **TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERRA** /-

PEÇA _____

GLÁUCIO GILL

ORIGINAL DE _____

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 21 de julho de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 21 de julho de 19 71

**PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

Genivaldo
GEOVÂ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 26, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

GLAUCIO GILL

Original de _____

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

TEATRO DO ESTUDANTE SANJOANENSE - SÃO PAULO - SP

Tendo sido censurada em 16 de JULHO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS :::::**

::: CONDICIONADA, ENTRETANTO, AO EXAME DO ENSAIO GERAL :::::

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 21 de JULHO de 19 71

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0726/R152

~~EXIBIR EM PASTA DE CENSURA~~
~~EXIBIR EM PASTA DE CENSURA~~

255



2 JUN 1971 02808

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DA BAHIA

RECEBIDO POR: *[Signature]*

Ofício N.º 57/TCDP/FS
DO: Cel. Delegado Regional do DPF/Ba.
AO: Senhor Chefe do SCDP/Brasília
Assunto: Comunicação (faz)

Em 19-01-71



Senhor Chefe:

Comunico a V.Sa., que foi assistido ao ensaio geral da peça teatral "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de autoria de Glaucio Gill, na cidade de Feira de Santana, pelo Major Elísio Pires Rebouças, representante da fiscalização de censura naquêlê município, não tendo constatado o mesmo nenhuma irregularidade no texto, fala ou marcação, ocasião em que foi entregue ao interessado a documentação da referida peça.

Atenciosamente

No imp. Humberto Mouta Teixeira
LUIZ ARTHUR DE CARVALHO - Cel.
Delegado Regional do DPF/Ba.

Humberto Mouta Teixeira - Del.
Inspetor Polícia Federal
Chefe de Gabinete

AO
S.C.D.P.
EM, 22/01/71.
[Signature]
GEN. DEMOCRITO SOARES DE OLIVEIRA

Junte-se ao processo.
[Signature]
22.01.71

P.0255

152



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 2668/70

PEÇA -TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA-

ORIGINAL DE GLAUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de JUNHO de 1975

Brasília, 29 de JUNHO de 1970

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Wilson A. de Aguiar
Chefe do S. C. D. P. 8/ PROF. WILSON A. DE AGUIAR

ap/

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 84, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA-

Original de GLAUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de HUGO ALVES MESQUITA- Fortaleza-CEARÁ

Tendo sido censurada em 26 de junho de 1970 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS
CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIBÃO DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 29 de JUNHO de 19 70

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

**Chefe de Turma de Censores
de Teatro e Congêneres**



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.156

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2668/70

PEÇA -:::TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA:::-

ORIGINAL DE GLÁUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

VÁLIDO ATÉ 29 de JUNHO de 1975

Brasília, 29 de JUNHO de 1970

[Handwritten signature]

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 84, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA ::-

Original de GLÁUCIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de HUGO ALVES MESQUITA- RESID. EM FORTALEZA-CE.

Tendo sido censurada em 26 de JUNHO de 1970 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS -

=CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL=

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP. -

Brasília, 29 de JUNHO de 1970

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

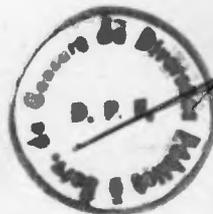
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, p. 156

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2668/70

PEÇA -:::TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA:::-

ORIGINAL DE GLÁUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de JUNHO de 1975

Brasília 29 de JUNHO de 1970

[Handwritten signature]

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. **PROF. WILSON A. DE AGUIAR**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 159 M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 84, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -!!: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA !!-

Original de GLÁUCIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de HUGO ALVES MESQUITA- RESID. EM FORTALEZA-CE.

Tendo sido censurada em 26 de JUNHO de 1970 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUADRZE) ANOS -

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP .-

Brasília, 29 de JUNHO de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores,
de Teatro e Congêneres

157

ILMO.SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPE

BRASILIA - DF -

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

11 OUT 15 11 40267

Saudações

[Handwritten signature]

O abaixo assinado, representante do Grupo de Teatro Amador da Casa das Beiras, tem a honra de encaminhar a V.S. para fins de CENSURA 3 copias da peça TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA comédia original de Glaucio Gill, para apresentação no teatro auditorio da Casa das Beiras, no dia 6 de Novembro de 1971.

Sem outro assunto, subscrevo-me com a maior consideração.

Rio, 8 de Outubro de 1971.

[Handwritten signature]



158

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 7 de Outubro de 1971

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

DE: Glaucio Gill

próxima apresentação da Grupo da CASA DAS BEIRAS .

..... no Teatro da Casa das Beiras

com estréia marcada para o dia 6 de Novembro de 1971.

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

159

TÍTULO TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA:

PARECER

COMÉDIA DE GLÁUCIO GILL.

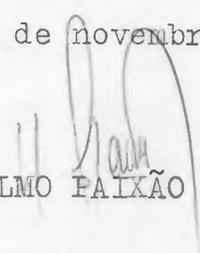
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS - C/CORTE

Argumento: Porfírio, jovem solteiro de Copacabana, vive aproveitando as vantagens de sua vida de libertinagem, quando, repentinamente, vê-se envolvido, por engano, em um casamento com a filha de um general viúvo.

Após várias situações cômicas e confusas, tudo acaba bem com o casamento de Daysé, "a filha da fera" com Joãozinho, jovem pacato e virtuoso e vizinho de Porfírio, enquanto o general casa-se com a outra vizinha, Loló, permanecendo Porfírio solteiro.

Apreciação: Peça já liberada várias vezes por este Serviço, sendo-lhe conferida impropriedade máxima. Sugiro idêntico tratamento face ao tratamento inadequado no tocante a conceitos de natureza moral. Sugiro, ainda, corte, conforme indicação à página 40.

Brasília, 3 de novembro de 1971.


DALMO PAIXÃO

Sr. Cel.:

Trata-se de expediente
liberando várias vezes pelo
S. D. A. para estar: 1971
mantido, indicando o T.C.

que examinou o presente
"script" corte no prazo
40. tem se liberando a

para com chancela máxima
mas veja como de acurately
entre restrição, considerando

que para "outro grupo"
a Censar no impo

Corte - 03.11.77

[Handwritten signature]

Liberar-se el
18 mo. qu: 031x1/71
Wissell mi
DOP. P1 Chebr
do JCDP

São Paulo, 11 de Outubro de 1971

De Alvaro Adamo, Técnico de Censura 328-SP
A Sra. Chefe da T.C.D.P.

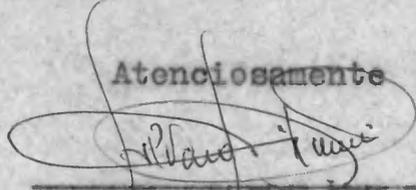
Atendendo as determinações de V.S., estive na Cidade de São João da Boa Vista, onde procedi o ensaio geral da peça "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", / autoria de Glaucio Gill.

Trata-se da estória de duas jovens que abandonam o lar, em busca de aventuras. O pai de uma delas vai a procura da filha, e quando a encontra, apaixonou-se pela colega da mesma.

O texto aprovado pelo S.C.D.P., com impropriedade até 18 anos, não é alterado pela encenação.

Opino pela liberação do certificado, bem como aprovação do programa.

Atenciosamente


Alvaro Adamo

T.Censura 328-SD

ENC. P/OF. 581/71-SP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07281P.165

CENSURA FEDERAL

TEATRO

** Certificado Nº 4362/71

PEÇA • TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA •

ORIGINAL DE GLAUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 08 de NOVEMBRO de 19 76

Brasília, 08 de NOVEMBRO de 19 71

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

[Handwritten Signature]
ROGERTO NUNES

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 37, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada
' TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA '

Original de GLAUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO AMADOR DA CASA DAS BEIRAS /GB

Tendo sido censurada em 03 de NOVEMBRO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS.

' CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL '

O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 08 de NOVEMBRO de 19 71

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CH. DA SEÇÃO DE CENSURA



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 862

Data 11.11.71

Do : Chefe da TCTC do SCDP
Para : Sr. Chefe da TCDP-DR-DRF/GB
Assunto: Providências - Solicita -

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências - no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: Toda Donzela Tem um Pai que é Uma Fera.

Autor: Glaucio Gill

Intr: Grupo de Teatro da Casa das Beiras.

Endr: Rio de Janeiro - GB

PAULO LEITE DE LACERDA

-TCTC-

MJ - DPF - SRA/BSB
 18 JUL 1972 032 00
BSB
 RECEBIDO POR *[Signature]*

164



Joinville, 27 de junho de 1972.

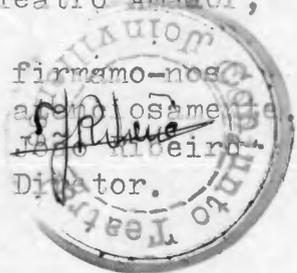
Ilmo. Sr.
Diretor da POLICIA FEDERAL DE BRASILIA.

Prezado Sr.

A presente tem por objetivo solicitar a colaboração de V.sra. no sentido de liberar a peça Teatral Toda donzela tem um pai que é fera, que o Conjunto Teatral Joinvilense, levará no VIII FESTIVAL DO TEATRO AMADOR DE SANTA CATARINA, a se desenrolar em Lages no próximo mês.

Certo que V.Sa. terá a máxima boa vontade para com nosso grupo de Teatro Amador,

firmamo-nos
 a esta osame
 João Ribeiro
 Diretor.



PEÇA: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA;"

C. T. C.

166

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
GÊNERO PEÇA TEATRAL

1) 3. ARQUIVO
Documentação Arquivado
Já liberada? EM ORDEM
SIM
Id. etária inferior a 18 anos
Praça Joinville - SC
D.F. 19/07/72
Arquivo

4) CHEFE S.C.
Dr. Dir. D.C.D.
De acordo: 18 anos
conforme parecer
de fls. 1-E.
Em 20/07/72
Joelino
p/Ch. S.C.

2) PROGRAMAÇÃO
Rec. Censura T. TOLEDO
Rec. Censura
Rec. Censura
Data p/exame 19 de 7/72 a 20 7/72
Obs: CON
D.F. 19/7/72
Programação

3) S.C.T.C.
Limites certificados,
de acordo com o parecer (18 anos).
Em 19/07/72
Quirina
4/TCTC

5) DIRETOR D.C.
Libere-se em
função do parecer
rubricado 1-E.
20/7/72
18 anos
Director



TÍTULO "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 13 ANOS

Nesta data, procedemos ao exame da peça teatral "Tôda Donzela Tem Um Pai Que É Uma Fera", de autoria de Gláucio Gill, enviada a este serviço para ser censurada. Comparando o script atual, com o apresentado anteriormente, constatamos que, são idênticos. Assim sendo, sugerimos seja liberada com a impropriedade anterior, para menores de 18 anos.

Brasília, 19 de Julho de 1972

Therezinha de Toledo Neves
Therezinha de Toledo Neves

~~Expediente certificado,
de acordo com o parecer (18 annos).~~

~~Em 19/07/72~~

~~Chirio~~

~~P/TCTC~~



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0926,0172

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 5.232/72

PEÇA " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

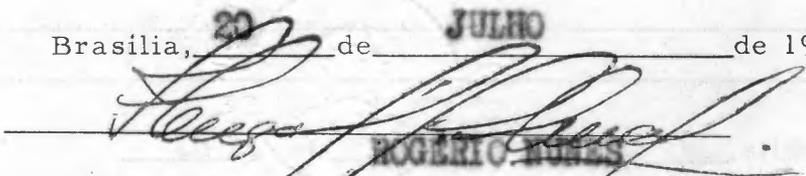
ORIGINAL DE GLAUCIO GILL

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 20 de JULHO de 19 77

Brasília, 20 de JULHO de 19 72

**PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS**


ROGERIO NUNES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar do livro nº 02 folha nº 65, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

Original de CLAUCIO GILL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de CONJUNTO TEATRAL JOINVILENSE - SC

Tendo sido censurada em 19 de JULHO de 19 72, e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE DEZTOITO (18) ANOS. CONDICIONADO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 20 de JULHO de 19 72

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 173



HUGO POVOA DA SILVA



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N. 619/72

Data 20/07/72

Do Chefe da TCTC da DCDP - DPF - DF.

Para Chefe da TCDP da SR - DPF - SC.

Assunto: Solicitação (faz).

Senhor Chefe,

Solicito providências de V.S. no sentido de mandar proceder ao ensaio geral da peça teatral intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", liberada nesta data, com a impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos, cujos "scripts" e respectivos certificados seguem em anexo.

Encareceria urgência na remessa do relatório, a fim de ser anexado ao processo anterior.

Atenciosamente,

CARLOS OLIVEIRA DE OLIVEIRA

Chefe da TCTC em exercício

169

-B



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 20 de Março de 1973

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (.....TRES) cópias da peça:

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

DE: Glancia Gill

próxima apresentação da Alunos da Fac. Gama Filho

no Teatro de Fac. Gama Filho

com estréia marcada para o dia 20 de Abril de 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,


por Djalma Bittencourt
Superintendente

S. C. T. C.

TÍTULO: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FEA

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Documentação: Em ordem

Já liberada? sim

Cls. Estária anterior: 18 anos

Praça: GUANABARA

DF: 23/03/73

[Signature]
Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Gilberto

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Data para Exame: de 26/03/73 a 28/03/73

QBS: _____

DF: 26/03/73 [Signature]

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

- De acordo com o parecer no 1830/73 - De 30 dias, sem condições, condicionados ao ensaio geral.

- Guata se os cert. ficarem com validade até 20/7/77.

[Signature]
P. V. DE AZEVEDO NETTO

4) CHEFE S. C.

So. Urubator
faça se por
receita de fls. 4, se
guro seja liberado
para maiores de
dezito anos -

30-3-73

[Signature]
Bubonagui.

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 30/3 1973

[Signature]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 1830/73

Título: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FILHA"
AUTOR: GILVCO GIL
Classificação Etária: 18 (DEZOITO) ANOS
Espécie: PEÇA TEATRAL. Com cortes: NÃO.
Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -
Dublado: - - - Legendado: - - -
Vedada a Exploração Comercial: NÃO.

Cenas: A vista do ensaio geral.

Época: Contemporânea. Gênero: Comédia.

Linguagem: Acessível.

Tema: Psicossocial.

Personagem: Sedutores, coléricos, autoritários, inescrupulosos.
Mensagem: Imprecisa, tendendo para o lado negativo.

Enredo: Daisy, jovem de família mineira, resolve morar com seu namorado Joãozinho, em Copacabana. A sua mudança para ali transtorna seu pai, um general, que possui procura Joãozinho. Este para salvaguardar sua integridade física pede incontinenti a seu amigo e vizinho Porfírio,

VIDE VERSO. . .

1 - Cortes:

2 - Conclusão: Trata-se de peça em várias oportunidades já encaminhadas para apreciação da CENSURA. Confrontando o presente texto com o anterior, observei que ambos mantêm semelhança, quanto a forma e conteúdo. Assim, considerando o seu valor negativo, por detur -

VIDE VERSO ; ;

par conceitos morais, opino no sentido de que seja mantido o critério adotado nos exames anteriores, isto é, 18 (DEZOITO) ANOS, CONDICIONADO AO ENSAIO GERAL.

É O PARECER

BRASÍLIA, 28 DE MARÇO DE 1973.

Gilberto Pereira Campos
GILBERTO PEREIRA CAMPOS

-Téc.Censura-

ENREDO- um celibatário "bon-vivant", que deixe Daisy por alguns instantes em seu apartamento; até a "fera" ir se embora. Inteirado da fama de conquistador de Porfírio, o general investe para o apartamento deste. Encontrando sua filha ali, de arma em punho, obriga a Porfírio jurar que vai casar-se com Daisy. Porfírio, vendo Joãozinho esquivar-se e sabendo que Daisy ainda é donzela, suplica a Lóló, sua vizinha, para dizer ao general que são casados. Descoberta a mentira, Porfírio narra toda a verdade ao general, inclusive sobre a virgindade de sua filha. Nesse ínterim, Joãozinho seduz Lóló. Daisy procura seu namorado e este conta sobre o que aconteceu entre ele e Lóló. Desesperada, ela acaba também sendo seduzida pelo Joãozinho. Após uma série de situações desconexas, Joãozinho casa com Daisy e o general, a "fera", com Lóló, ficando Porfírio a ver navios, na mais completa solidão e ainda com a pêcha de sedutor!!!

Campos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.179

S
At
174
3

143/73-SC/DCDP

29 MARÇO

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF NA GUANABARA

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

CLÁUDIO GIL

SUPERINTENDENTE,

NO TEATRO GAMA FILHO

Cláudio Gil

FVAN/aga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726180

154/73

: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

: GLAUCIO GILL

20

JULHO

77

30

MARÇO

73

Rogério Nunes

- ROGÉRIO NUNES -

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

175

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726/P.181
50 BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

GLÁUCIO GILL

GLÁUCIO GILL

FACULDADE GAMA FILHO - GB -

28

MARÇO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: ALUNOS DA FACULDADE GAMA FILHO

30

MARÇO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS
DEUSDETH BURLAMAQUI



MJ - DPF - SRA/BSB

5 JUN 1973 028338



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Antônio...
02
~~XXXXXXXXXX~~

Em 04 de junho de 1973

OF. Nº 144/73/GAB/SCDP/SR/MG

Do Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça teatral (ENCAMINHA)

1. Ao arquivo, arquivos e registros
2. Ao S.C. p/ manter
Amorim
Sr. 05067-B

Senhor Diretor:-

Para que seja submetida a essa Divisão de Censura, estamos encaminhando o "script" em 3 (três) vias da peça teatral de autoria de GLÁUCIO GIL, intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, sob a responsabilidade do Sr. Anfrido Ziller Júnior, Administrador do Teatro do Senac de Belo Horizonte.

Na oportunidade renovamos nossos protestos de estima e consideração.

[Assinatura]
AMANDO AMARAL - Cel. R/I
Superintendente Regional do DPF/MG

Anexo: Requerimento do interessado e carta da Sbat.

178
9

05



Ilmo. Sr.

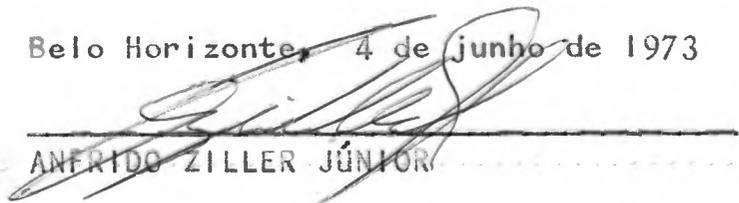
Diretor da Divisão de Censura e Diversões
Públicas do D.P.F.
BRASILIA - DF.

O abaixo assinado, Sr. ANFRIDO ZILLER JÚNIOR,
Administrador do Teatro do Senac de Belo Horizonte, vem
mui respeitosamente, por meio dêste, passar às mãos de
V. Sa. o texto da peça " Toda donzela tem um pai que é
uma fera " de Gláucio Gil, a ser encenada no Teatro do
Senac a partir de 18 de junho do corrente ano, para a sua
liberação mediante devida censura.

Nêstes têrmos,

Pede Deferimento.

Belo Horizonte, 4 de junho de 1973



ANFRIDO ZILLER JÚNIOR



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 01 de junho de 1 973

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões
Públicas do D.P.F.
BRASILIA - DF

Senhor Diretor:

Temos a grata satisfação de passar às mãos de V.Sa., 3 (três) cópias datilografadas da peça TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, da autoria de nosso falecido associado Gláucio Gil, a fim de ser censurada de acordo com o Regulamento dessa conceituada Divisão.

Essa peça deverá ser apresentada pelo Grupo de Teatro do SENAC, no teatro do mesmo nome, nesta capital, a partir do dia 18 deste mês.

Sem ótro particular, no momento, aproveitamos a oportunidade para reiterar-lhe a expressão de nosso elevado apreço.

Atenciosamente,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE MINAS GERAIS

Grover Ferreira
GROVER FERREIRA — DIRETOR

180
05

S. C. T. C.

TÍTULO: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA
GÊNERO: PEÇA TEATRAL FERA

1) S. ARQUIVO

Coelho

Documentação:

EM ORDEM

Já liberada? :

sim

Cls. Estária anterior:

18 ANOS

Praça:

Belo Horizonte - MG

DF.

061.6.173

[Signature]
Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

Sr. Viçoso

Foco do p...

peça 3795/73,

pedido pela liberação

para menores de de

2015 anos

061.6.173

[Signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura:

Valmira

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de

11.106.173 a 13.106.173

QBS:

DF. 08.106.173

[Signature]
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em

15 de 1973

[Signature]

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 3795/73

Título: TODA A DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
 Autor: Glaucio Gil
 Classificação Etária: 18 anos
 Espécie: Peça teatral Com cortes: Não
 Boa Qualidade: Livre P/Exportação: ...
 Dublado: Legendado:
 Vedada a Exploração Comercial: Não

Cenas: À vista do ensaio geral

Época: Contemporânea Gênero: Comédia

Linguagem: Simple

Tema: Confronto

Personagem:

Mensagem:

Enredo: Confronto

1 - Cortes: Não

2 - Conclusão: Peça teatral já examinada anteriormente por esse departamento, e ao confrontá-la com a original, verifica-se que não há modificações - quer no conteúdo ou forma. Pelo seu elevado teor de conceitos morais que aborda, deverá ser mantido o critério anterior, ou seja, de impropriedade à menores de 18 anos.

Brasília, 12 de junho de 1973
 Valmira N. Oliveira - Téc.Cens. DPF-507

182
/

427/73-SCTC/SG/DODP

13 junho

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - MINAS GERAIS

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA
FERA"
" GLUCIO GIL "

SUPERINTENDENTE:

TEATRO DO SENAC / BH

FVAN/fnn .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/P.168

01 02

183

TOA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GIL

154/73

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

77 JUNHO 15

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS. CONDICI

GLAUCIO GIL

DADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALI

DADO DURANTE ACOMPANHAMENTO DO "SERIPT" DEBIDAMENTE CARIMBADO PELA DCP.

20 JULHO 77

REQUERENTE: ANRÍDIO SILLER DIBRIDO

15 JUNHO 73

Rogério Nunes

ROGERIO NUNES

15 JUNHO 73

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

01

05

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

: GLÁUCIO GIL

TEATRO DO SENAC DE BELO HORIZONTE -MG -

12 JUNHO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICI
ONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ, VALI -
DADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: ANFRIDO ZILLER JUNIOR

15 JUNHO

73

RECEBI 1ª e 2ª VIAS DO TEXTO
EDUO DO CERTIFICADO E
3ª VIA DO TEXTO

DEUDETH BURLAMAQUI

RECEBIDO - SRA/BSF

ILMO. SR; CHEFE DE CENSURA DE POLICIA FEDERAL 25 JUN 03 51 032756

RECEBIDO [Signature]

BRASILIA

985
02
[Signature]

Eu, WALDOMIRO GOMES JUNIOR, Residente à rua Carlos Gomes, nº 484, Estado Civil, solteiro, venho mui ' respeitosa^{mente} requerer à Vv. Ss. que se digne mandar ' censurar a Peça: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, ' de Aatoria de Glaucio Gill,

Que será representada a partir do dia 12 ' de Agosto de 1.973, na Cidade de Sertãozinho, Estado de ' São Paulo, pelo Grupo ou Empresa, TASC, com Cobrança de ' Ingressos. Junto segue 3 (tres) cópias do Texto e autoriza^{ção} da SBAT.

Nos referidos termos,

P. Deferimento.

[Signature]
Waldomiro Gomes Junior



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO

~~Rio de Janeiro~~, 15 de JUNHO

de 19 73

187
04
[Signature]

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

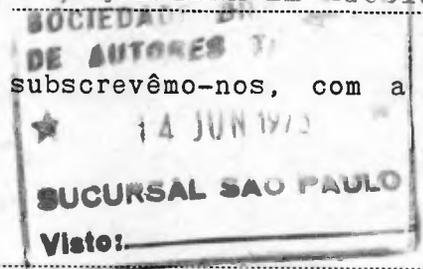
DE: GLAUCIO GIL

próxima apresentação da TASC

no Teatro DE SERTÃOZINHO

com estréia marcada para o dia 2º) QUINZENA DE AGOSTO

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,



Djalma Bittencourt
Superintendente

188

S. C. T. C.

TÍTULO: TOGA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Coelh

Documentação:

EM ORDEM

Já liberada? :

sim

Cls. Estária anterior:

18 anos

Praça:

SERTÃOZINHO - SP

DF:

27.6.73

[Signature]
Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

05

Sa. Niacete

*Face ao parecer
de 4429/73, opinio
p/ liberação p/ 18 anos
res de dezoito anos*

Coelh 6.7.73

[Signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura:

Correa Lima

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de

02/07/73 a 04/07/73

OBS:

DF:

29.6.73

[Signature]
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

*De acordo com o parecer
de 4429/73 - Deposto
(18) Anos, sem condições,
condicionadas, em se-
tant, ao uso geral.
Quita-se de senti-
ficadas, observando
a validade dos an-
teniores.*

[Signature]
673
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de S.C.T.C./DCBP

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 6.7.1973

[Signature]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 4429/73

189
06

Título: "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

- Gláucio Gill

Classificação Etária: 18 anos

Espécie: Peça teatral Com cortes: N ã o

Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -

Dublado: - - - Legendado: - - -

Vedada a Exploração Comercial: N ã o

Cenas: A vista do ensaio geral

Época: Atual Gênero: Comédia

Linguagem: Confronto

Tema: Confronto

Personagem: Confronto

Mensagem: Confronto

Enredo: Confronto

1 - Cortes: N ã o

2 - Conclusão:

- V I R E -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726/P.194

CONCLUSÃO - Confrontado o presente texto com o original, SEM ALTERAÇÃO, sugiro seja mantida a liberação anterior - impropriedade para menores de 18 anos - visando salvaguardar, desse modo, os princípios institucionais da família, condicionando a citada liberação ao respectivo ensaio geral.

Brasília, 4 de julho de 1973


CORRÊA LIMA
- Tec. de Cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.195

190

523/73-SCTC/SC/DCDP.

05 JULHO 3

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

"TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCO GIL

Superintendente

Sertãozinho, Estado de São Paulo



FVAN/apf.

BR DFANBSB NS GBR TEA PTE. 0728, P. 196

191

0154/73

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

GLAÚCIO GIL

20 JULHO

77

06 JULHO

73

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728.0197

01

05

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

SLAUCIO GIL

SLAUCIO

GRUPO TASC

04

JULHO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: WALDOMIRO GOMES JUNIOR.

06

JULHO

73

HLON/

DEUSDETH BURLINAGUI

MI-DEF-SRA/BSB

02

5 JUL 1945 034750

Ilmo. Sr. Chefe da Censura Federal em Brasília

Handwritten signature and scribbles

193

Respeitosas Saudações

Anexo copias da peça TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, de Pedro Bloch, que um grupo de jovens pretendem levar no setor de Teatro Amador, em nossa cidade. Grupo B do Amador Gil Vicente.

Solicitamos Censura para o mesmo, embora seja peça por demais conhecida.

Agradecendo antecipadamente a atenção de V. Sa., subscreve-se penhoradamente

Celina Lourdes Alves Neves

Celina Lourdes Alves Neves
Diretora do Gil Vicente

Rua Gerson França nº 6-66 - Bauru - 17100



04
off

TÍTULO: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GÊNERO: PEÇA ^{BF} TEATRAL

195

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: Sim

Cls. Estária anterior: 18 anos

Praça: BAURW - SP

DF: 121.7.173

[Signature]
P/ Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

Sr. Diretor

Face ao conteúdo do parecer no 5069/73 - DEZOITO (18) Anos.

Em 24/7/73

[Large Signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: ~~_____~~

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Data para Exame: de 16/07/73 a 18/07/73

OBS:

DF: 43.107173

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 5069/73 - Dezoito (18) Anos, Sem cortes, condicionado, entretanto, ao usar o grad.

Quarta - Se os certificados, observados a partir de dois anteriores.

[Signature]
23.7.73
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de SCTC-SC/DCBP

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 24/7/1973

[Signature]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 5069 / 73

05
87
196

Título: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

Autor: Glaucio Gill

Classificação Etária: 18 ANOS

Espécie: Peça teatral Com cortes: Não

Boa Qualidade: Livre P/Exportação:

Dublado: Legendado:

Vedada a Exploração Comercial: Não

Cenas: Apenas com o Ensaio Geral.

Época: Atual Gênero:

Linguagem: Confronto

Tema: Confronto

Personagem: Confronto

Mensagem: Confronto

Enredo: Confronto

1 - Cortes: NÃO

2 - Conclusão: Após examinar com cautela os "scripts" que me foram apresentados pude constatar inteira igualdade de textos, não tendo sido feito nenhuma alteração. Assim, sugiro sua liberação com impropriedade para menores de 18 anos, tendo em vista o grau de sátira a certos princípios de moral. Ainda assim sujeita ao ENSAIO GERAL.

Brasília, 19 de julho de 1973

Elie José de Sousa

197

608/73-SCTC/SC-DCDP

20 de julho 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF EM SÃO PAULO

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLÁCIO GIL

SUPERINTENDENTE,

EM BAURU - SP



MI - DPF - SRA/BSB

3 JUL 1973 037140

RECEBIDO... *Handwritten signature*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

198

255

Brasília, DF.

Em 27 DE JUNHO DE 1.973

OF. Nº 164/73/GAB/SCDP/DPF/SR /MG

Do :- SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF EM MINAS GERAIS.

Ao :- ILMO SR. DIRETOR DA DCDP/BSB

Assunto :- RELATÓRIO(ENCAMINHA)

*Ante a presença
concorrente.*

44/160773

SENHOR DIRETOR:-

DANDO CUMPRIMENTO AO QUE DISPÕE O MEMORANDO DE Nº 427/73-SCTC/SC/DCDP, DATADO DE 13 DE JUNHO DE 1.973, VIMOS, PELO PRESENTE, ENCAMINHAR O RELATÓRIO DA PEÇA TEATRAL INTITULADA "TÔ DA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", AUTORIA DE GLÁUCIO GIL, COM ENCENAÇÃO PRÉVIA REALIZADA NO TEATRO DO SENAC, NESTA CAPITAL.-

APROVEITAMOS O ENSÊJO PARA APRESENTAR OS NÓS
SOS PROTESTOS DE ELEVADA ESTIMA E DISTINTA CONSIDERAÇÃO.

Handwritten signature
AMARDO AMARAL - CEL. R/1
SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF EM MINAS GERAIS



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

-SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM MG-
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

EXAME PRÉVIO DA PEÇA TEATRAL "TÔDA DOZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", REALIZADA ÀS 15 HORAS, DO DIA 18.6.73, NESTA CAPITAL, NO TEATRO DO SENAC.-

R E L A T Ó R I O

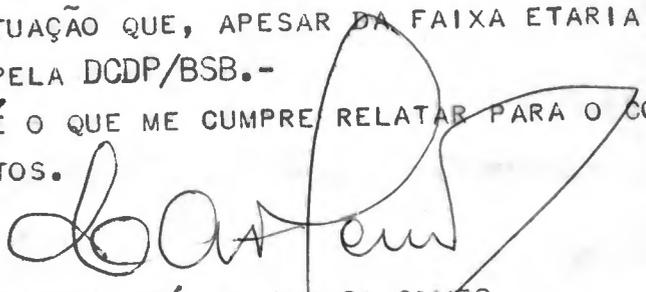
SENHOR CHEFE DO SCDP:-

POR DETERMINAÇÃO DE V.SA., COMPARECI ÀS 15 HORAS, DO DIA 18 DE JUNHO DE 1.973, COM A FINALIDADE ESPECÍFICA DE ASSISTIR A PRÉVIA TEATRAL "TÔDA DOZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", AUTORIA DE GLÁUCIO GIL E COM A IMPROPRIEDADE DE 18 ANOS.

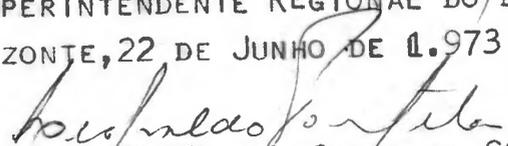
CAUSOU-ME ESPÉCIE, APENAS A FIGURA DO GENERAL, QUE, EMBORA, DURANTE A ENCENAÇÃO USE UMA FARDA AMARELA, EM DETERMINADA OPORTUNIDADE O GENERAL DE REFERÊNCIA TIRA OS TRAJES E, FANTASIADO DE HIPPIY DANÇA O "TANGO" COM UM DOS INTERPRETES.

OUTROSSIM, ESCLAREÇO-VOS, QUE VETEI U'A EXPRESSÃO CORPORAL (MOMENTO EM QUE PORFÍRIO (ATOR) SE COLOCA DEBAIXO DO LENÇOL DA CAMA DO SEU APTº), SITUAÇÃO QUE, APESAR DA FAIXA ETÁRIA, NÃO FAZIA PARTE DO SCRIPT LIBERADO PELA DCDP/BSB.-

É O QUE ME CUMPRE RELATAR PARA O CONHECIMENTO DE V.SA. E DEVIDOS EFEITOS.


CARLOS ABÍLIO FRANÇA GOMES
TÉCNICO DE CENSURA

À CONSIDERAÇÃO DO SR. SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF:-
BELO HORIZONTE, 22 DE JUNHO DE 1.973


LEOPOLDO PORTELA - CHEFE DO SCDP

01

05

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726/P.204

GLAÚCIO GIL

GRUPO B. DO AMADOR GIL VICENTE - SP -

19 JULHO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIO
NADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: CELINA LOURDES ALVES NEVES.

23

JULHO

73

mh

DEUSETH BURLAMAQUI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726,0 205

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

GLAUCIO GIL

154/73

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GIL

20 JULHO

77

23

JULHO

77

Handwritten signature

PROIBIDO
MENORES DE
DEZOITO ANOS

CA
2

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

MI - DFF - SRA/BSB

BRASILIA

13 AGO 1973 064161

RECEBIDO POR
202
[Signature]

EU EJUARDO GUERRERO CASTILHO

Residente a Rua (A) AZEVEDO SOARES, 2.664 - TATUAPÉ -

N.º 2.664 Apto. — Estado Civil CASADO

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar

a Peça: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FÉRA"

Autoria de: GLAUCIO GILL - 3 - ATOS -

Trad. (Adap.) _____

Que será representada a partir do dia 26 / 8 / 1973

na Cidade SÃO PAULO Estado SÃO PAULO

pelo Grupo ou Empresa TEATRO POPULAR DE COMÉDIA - AMADORES -

~~SEM~~ Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT N.º _____

Nos referidos termos

P. deferimento

[Signature]



[Handwritten signature and scribbles]
207

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1929
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO
~~RIO DE JANEIRO~~, 8 de AGOSTO de 19 73

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UM FERA"

DE: GLAUCIO GIL
próxima apresentação da TEATRO POPULAR DE COMÉDIA
no Teatro JOÃO CAETANO
com estréia marcada para o dia FINS DE AGOSTO DE 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

DE AUTORES TEATRAIS
★ 8 AGO 1973
SUBCURSAL SÃO PAULO
Visto:

Djalma Bittencourt
Superintendente

204
[Signature]

TEATRO

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UM FERA

1) S. ARQUIVO *26/2/73*

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18 anos

Praça S. PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 14 / 8 / 73

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

SR. Diretor

De acordo com o parecer 6547/73 - dezoito (18) anos.

Em 27/8/73

[Signature]
[Signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 6547/73 - Dezoito (18) anos - sem condições, condicionado, em frentado, ou em caso geral.

Emite-se os certificados, observada a validade dos anteriores.

[Signature]
28/73
M
A. DE AZEVEDO NETTO
Chefe

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERÉ - S

na forma do parecer

Em 27 / 8 1973

[Signature]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

205
6547/73

Parecer Nº

Título: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA;

Classificação Etária: 18 anos

Espécie: peça teatral Com cortes: Não

Boa Qualidade: x- Livre P/Exportação: x-

Dublado: x- Legendado: x-

Vedada a Exploração Comercial: Não.

Cenas: À vista do ensaio geral.

x-x-x-x

Época: Atual Gênero: Comédia.

Linguagem: Simple, cômica.

Tema: Social.

Personagens: normais.

Mensagem: De entretenimento.

Enredo: C O N F R O N T O

X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X

1 - Cortes: x-x

2 - Conclusão: Após minucioso exame em que foram confrontados o texto atual com o anteriormente censurado, concluímos não ter havido modificação de base. Apoiados no art. 10 da Lei 5536, sugerimos a manutenção da impropriedade máxima.

Brasília, 20 de agosto de 1973.

Jacira Franca
Jacira da Costa Franca,
tec. cens.

206

747/73-SGTC/SC/DGER

22/agosto 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPT - SÃO PAULO

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE
É UMA FERA ".
" GILMUCIO GIL "

SUPERINTENDENTE:

BAURU/SP.

FVAN/fm.

154/73

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLÁUCIO GILL

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

20

JULHO

77

24

AGOSTO

73

Roberto Nunes

ROBERTO NUNES

106
707

DESDETH BURLAMAGUI

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS. CARIMBADO PELA DCCP. PROIB. PARA MENORES DE 18 ANOS.

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLÁUCIO GILL

CEP: 01

TEATRO POPULAR DE COMÉDIA - SP - 08 AGO 73

EDUARDO GUERRERO CASTILHO

20 AGOSTO

JUN 1973

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCP.

PROIB. PARA MENORES DE 18 ANOS. CARIMBADO PELA DCCP. PROIB. PARA MENORES DE 18 ANOS.

[Handwritten signature]

24

AGOSTO

73

DE US DE TH BURLAMAQUI

MJ - DFF - SRA / BSS

- 9 NOV 10 43 AM 063303

909

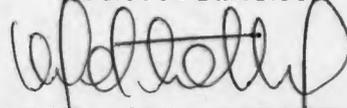
Ilmo Sr.
Chefe do Serviço de Censura de
Diversões Públicas
Edifício do B N D E - 4º andar
BRASILIA / DF

Vimos pelo presente, encaminhar à V.S^a., tres
textos da peça ' TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA ',
de Glaucio Gill para apreciação e exame da mesma, solicitan-
do ainda a inclusão do Certificado de Censura.

Outrossim estamos enviando anexo, ofício da
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT).

Sendo o que tínhamos para o momento, subscre-
vemo-nos

Atenciosamente


MARIA OLGA STRATZMANN



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Porto Alegre, 6 de novembro de 1973

Exmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de
Diversões Públicas
BRASILIA

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S. para fins de censura, tres exemplares da peça TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, de Glaucio Gill.

Sem outro assunto, somos

cordialmente

S B A T

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul

DR. ARON MENDA
REPRESENTANTE GERAL

TEATRO

[Handwritten initials]

TITULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

211

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18

Praca PORTO ALEGRE

Obs.: _____

DF. 9 / 11 / 73

[Handwritten signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor.

de acordo com o parecer - 10366/73 - dezoito (18) anos.

Em: 20-11-73

[Handwritten signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 10366/73 - dezoito anos, sem corte, condições para o ensaio geral.

Emitir-se os certificados com validade até 20/7/77

[Handwritten signature]
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de SCTO-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 20/11/1973

[Handwritten signature]
Rogério Nunes



Parecer Nº 10366/73

9/12

Título: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

Classificação Etária: 18 anos.

Espécie: Teatro. Com cortes: Não.

Boa Qualidade: x Livre P/Exportação: x

Dublado: x Legendado: x

Vedada a Exploração Comercial: Não.

Cenas: Condicionadas a ensaio geral.

Época: Atual. Gênero: Comédia.

Linguagem: Comum.

Tema: Confronto.

Personagem: Confronto.

Mensagem: Confronto.

Enredo: Confronto.

1 - Cortes: Não.

2 - Conclusão: Tendo procedido ao exame de confronto da peça "Toda donzela tem um pai que é uma fera", constatei que os textos são idênticos tanto na forma quanto no conteúdo. Poderá ser mantida a mesma classificação anterior, ou seja: imprópria para menores de 18 anos.

Brasília, 13 de novembro de 1973.

Ana Katia B. Vieira
Ana Katia B. Vieira.

213

1.150/73-SCTC/SC/DCDP

14 novembro 3

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

GLÁUCIO GIL

Diretor:

PORTO ALEGRE/RS

FVAN/fd

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072618 218

154/73

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GILL

20 JULHO

77

19

NOVEMBRO

73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

116
114

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728,0219

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GILL

MARIA OLGA STRATTMANN

13

NOVEMBRO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

[Handwritten signature]
20 NOVEMBRO 73

[Handwritten signature]

DEUSDETH BURLAMAQUI

mhf



M-SPF-SRA/BSB

3 DEZ 11 21 2 057901

Arthuri

215

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 156/SCDP/SR/RS/73

Pôrto Alegre, 28/11/1973

DO: Chefe do SCDP/SR/RS
AO: Ilmº Sr. Diretor da DCDP
ASSUNTO: Encaminhamento (Faz)
Anexo: Relatório

Arthuri
ao processo
de 3 x 11/73

Pelo presente, encaminho a V. Sª o relatório anexo, relativo a peça " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA ", em atenção / ao seu ofício nº 1.150/73-SCTC/SC/DCDP de 14 de novembro de 1973.

Na oportunidade, reafirmo a V. Sª meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

[Assinatura]
ROQUE GILBERTO CHEDD
CHEFE DO SCDP/SR/RS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DO: TÉCNICO DE CENSURA DANILO M. CANARIM
 AO: SR. CHEFE DO SCDP/SR/RS
 ASSUNTO: RELATÓRIO (APRESENTA.)

Cumprindo determinação de V. Senhoria, compareci ontem pela manhã no Centro de Arte Dramática desta capital a fim de proceder o ensaio geral da peça teatral em dois atos intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" original de Gláucio Gill, Certificado nº 154/73 com impropriedade até 18 anos sem cortes e expedida por Brasília em 20/11/1973.

A PEÇA - Este trabalho de Gláucio Gil é uma comédia de costumes do autor onde satiriza uma situação existencial comum nos dias atuais.

Conta-nos a estória de dois rapazes solteiros que vivem no mesmo edifício em apartamentos diferentes. A ação inicia-se quando Joãozinho vem pedir um favor a Porfírio qual seja o de esconder em seu apartamento a garota com a qual vive em virtude de estar sendo procurada por seu pai.

A partir daí desenrolam-se situações cômicas e confusas com Porfírio tudo fazendo para ajudar o amigo em apuros.

Ao final, tudo termina bem com Joãozinho casando-se com a tal garota e Porfírio livra-se da enrascada em que se metera passando ainda como sendo um devasso.

O ensaio transcorreu normalmente com os atores cumprindo o texto liberado, e as normas da Censura motivo pelo qual opino pela liberação da peça em questão. A duração é de 1 Hora e 30 minutos.

Era o que me cumpria informar a V. Senhoria nesta oportunidade.

Daniilo M. Canarim

DANILO M. CANARIM
 Técnico de Censura nº 211

216
 Visto P. ALEGRE, 26/11/73
 De acordo. Encaminha-se
 1 encs. min. a Sr. Diretor da DC. DP.
 8m 26/11/73
 S. Censura Federal/SR/RS

S. Paulo, 27/11/73

1. De acordo com o parecer
censório, remeta-se à BSM, -
através da Superintendencia.

M. Marcilio Nogueira



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

De- Técnico de Censura

Ao- **Bel. Manoel Marcilio Nogueira**- Chefe do SCDP SR/SP.

Assunto- Relatório do Ensaio Geral da Peça " TODA DONZELA
TEM UM PAI QUE É UM FERA"

(Realizado na cidade de Bauru, dia 17/08/73).

Assisti ao Ensaio Geral da Peça " TO-
DA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FÉRA", original de Gláucio *
Gil, encenada pela Grupo de Teatro Amador de Bauru, libera-
da pela DCDP para maiores de 18 anos, sem cortes.

Bastante cuidado teve a diretora des-
te grupo amador suprimindo certos tipos de vestuário, ao in-
vés de negligê a atriz usa camisola de mangas compridas. *
Roupas comuns e calção de educação física complementam o guar-
da roupa. Toda a apresentação acontece em um pequeno aparta-
mento de quarto e banheiro. O destaque de marcação é apenas *
para um ator que faz ginástica, em segundo plano do palco, *
com um halteres. Constante é a movimentação, com os persona-
gens andando por todo o palco.

Embora liberado para 18 anos este tex-
to, uma das participantes é menor de 18 anos, a que faz a * *
personagem Daisy. Esta moça conta atualmente com 17 anos. Mas
com o cuidado que tiveram com a montagem e o burilamento que
deram ao texto (várias palavras e frases foram suprimidas), * *
nada vejo que possa obstar sua participação.

Mesmo sem ter sofrido nenhum corte, *
faço restrição a uma frase que aparece por duas vezes à fl, *
10: TÉCNICA COMUNISTA DE INFILTRAÇÃO PROGRESSIVA.

São Paulo, 20 de Agosto de 1973.

Drauzio Seimann

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Técnico de Censura nº 366



1043 1317:5 021172

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Em, 09 de abril de 1974

199

Do Chefe do SCDP/SR/GB

Ao Diretor da DCDF

Assunto :- enc. peças teatrais

Ref. prot. 13.126/74

Senhor Diretor,

Encaminho a V.Sa., petição protocolizada sob n. 13.126/74, através da qual é solicitado exame censório para / as peças - "TODA DONZELA SEM UM PAI QUE É UMA FERA", de Glaucio Gil e "DEPOIMENTO EM VIDEO TAPE", de Carlos Nobre e Theotonio de Paiva.

Em anexo, seguem 6 (seis) exemplares dos scri pts, bem assim, as guias da SPAT, expedidas em 5 do mes em curso. Ao ensejo renovo a V.Sa. os protestos de consideração e apreço.

Josefina V. Silva
 JOSELITA VIANA E SILVA
 Inspectora-Chefe do SCDP/SR/GB

219
 [Handwritten signature]

02
 [Handwritten signature]



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

DE: Glaucio Gill

próxima apresentação da DA A.T.A. PROVA PUBLICA DE ALUNOS

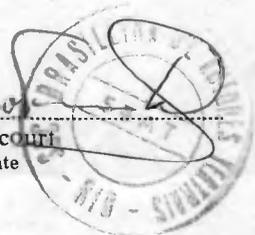
no Teatro DO C. DOS SUB-TENENENTES SGTS-

DO EXERCITO.

com estreia marcada para o dia 28 de Abril de 1974.

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente



ILMO.SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL DO DPF
BRASILIA - DF.

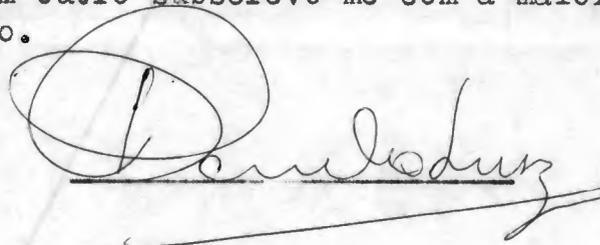
MJ-DPF SR/GB

-8 ABR 1150 N 13126

Saudações.

O abaixo assinado tem a honra de encaminhar a V.S. para fins de CENSURA 3 copias das peças: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, de Glaucio Gill e DEPOIMENTO EM VIDEO TAPE, de Carlos Nobre e Theotônio de Paiva, para apresentação do Alunos da Associação de Teatro Amador (A.T.A.), nos dias 27 e 28 de Abril de 1974, no Teatro do Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército.

Sem outro subscrevo-me com a maior consideração.



TEATRO

922
9

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 18

Praça RIO DE JANEIRO 65

Obs.: _____

DF. 15/4/74

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

05
H

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

*Libere-se o cer-
tificado na forma
do parecer 14613/74,
condicionada, tra-
via, ao exame do
resumo final e de-
servida a vista da
de já estabelecida*

F. V. DE AZEVEDO NETTO

Chefe da SCTC-SC/DOP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 26/04/74

Rogério Nunes

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº

223
9/06
14613/44
[assinatura]

Título: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

Classificação Etária: 18 anos.

Espécie: Peça teatral. Com cortes: Não.

Boa Qualidade: Livre P/Exportação:

Dublado: Legendado:

Vedada a Exploração Comercial: Não.

Cenas: À vista do ensaio-geral.

Época: Atual. Gênero: Comédia.

Linguagem: Comum.

Tema: Psicossocial.

Personagem:

Mensagem: Entretenimento.

Enredo: CONFRONTO.

1 - Cortes: Não há.

2 - Conclusão: Trata-se de confronto. Feito o exame dos textos e constatado semelhança, sugiro lhe seja dado a mesma classificação anterior, isto é, 18 anos.

Brasília, 22 de abril de 1974.

[assinatura]
JOÃO CAMELIER - Téc.Cens.

224

259/74-SCTC/SC-DCDP

25.04

4

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FER

GLÁUCIO GIL

Superintendente:

no Rio de Janeiro

FVAN/aga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0724,0229

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

154/74

• TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

• GLÁUCIO GIL

20

JULHO

77

26

ABRIL

74

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

925

Rogério Nunes
**PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS**

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726.030

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: GLÁUCIO GIL

: ASSOCIAÇÃO DE TEATRO AMADOR - GB -

22

ABRIL

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

[Handwritten signature]

Manoel Francisco C. Guado
MANOEL FRANCISCO C. GUADO - SUBST.
MEMBRES DE
DEZOITO ANOS

26

ABRIL

74

MHF

FICHADO
S. A. DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728P/231



MJ - DPF - SRA/358

29 JUL 11 31 AM 46107

227

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Departamento de Polícia Federal

Divisão no Rio Grande do Norte

OFÍCIO Nº 0766/74-SCDP/DPF/RN Natal, 24 de Julho de 1974

Do: DIRETOR DA DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL/RN

Ao: Sr. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

As: Peças Teatrais (encaminha)

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminho a V.Sa., as peças teatrais POR CAUSA DE UMA NIINI-SAIA e TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, em três vias de responsabilidade do Teatro de Amadores de Natal acompanhadas do respectivo requerimento e autorização da SBAF/RN.

Valho-me da oportunidade para renovar a V.Sa., protestos de elevada estima e distinta consideração.

Franklin Ferreira de Carvalho

Bel. FRANKLIN FERREIRA DE CARVALHO
DIRETOR DA DPF/RN

FTC/rs.

228 / 4

Ilmo. Snr.

Delegado do Serviço de Censura e Diversões Públicas

Brasília - DF

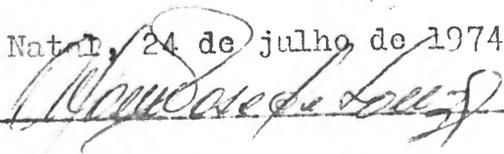
O TEATRO DE AMADORES DE NATAL, vem por meio desta solicitar de V. S., a conceder a deliberação/ das cópias que seguem anexa das comédias "POR CAUSA DE UMA MINI-SAIA", da autoria de Sandoval Wanderley e "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", de autoria de / Glaucio Gil, para a devida encenação pelo o referido / grupo.

Aproveitamos o ensejo para aproveitar a V. S., os nossos protestos de elevada estima e consideração.

Nestes Termos

P. Deferimento

Natal, 24 de julho de 1974



O

TEATRO DE AMADORES DE NATAL

NATAL - RIO GRANDE DO NORTE

==SERVIÇO DE DEFESA DO DIREITO AUTORAL==

BUREAU DE COBRANÇA

229
[Handwritten signature]

B. R. de - N.º

Data/...../.....

Para:

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, para os devidos fins, que o TEATRO DE AMADORES DE NATAL, nada deve a SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, junto a Representação nesta Estado.

Natal, 24 de julho de 1974.

[Handwritten signature]

JOAO GIBSON
REPRESENTANTE DA SBAT NO RIO G.NORTE

TEATRO

93 0/14

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordemClas. Anterior 18Praça NATAL - RN

Obs.: _____

DF. 1 / 18 / 74

 Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura L. Hernandez

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

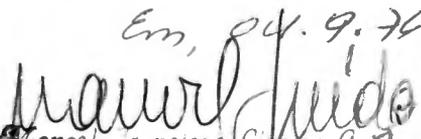
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. concordo com o parecer nº 18945/74.

Emite-se os certificados, 18 anos, em cartões, condicionados, toda via, ao exame do ensino geral.

A consideração do senhor Chefe do S.C.

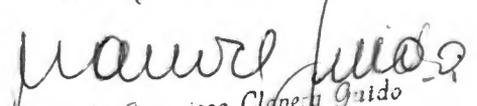
Em, 04.9.74


 Manuel Francisco Claveria Guido
 Chefe da Seção de Censura do
 Teatro e Congêneres / SQ

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se conforme
 o parecer nº
 18945/74.

Em 06.09.74


 Manuel Francisco Claveria Guido
 Chefe do Serviço de Censura
 Subst.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728R.235

93/1
[assinatura]

PARECER Nº 18945 / 74

TÍTULO: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", confronto da peça teatral de Caucio Gil.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS

Confrontando os textos da peça teatral acima citada, pu de constatar que ambos são idênticos.

Conforme certificados anteriores, ainda em vigor, e se tratando de apresentação que critica os padrões morais de nossa gente e desvaloriza as nossas tradições, opino pela liberação com a impropriedade para menores de dezoito anos.

Brasília, 27 de agosto de 1974.

L. Fernando
L. Fernando

Técnico de Censura

232
~~060974~~

700/74-SCTC/SC/DOD.

Diretor do Departamento de Polícia Federal no RN

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA
FERA"

Gláucio Gil

Diretor:

Natal -RN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072810.237

TOGA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GIL

154/74

TEATRO DE AMADORES DE NATAL - RN -

! TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

27

AGOSTO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZEMBRO/74) (DEZEMBRO/74) (DEZEMBRO/74)
AO EXAME DO ENSAIO GERAL, O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCPD.....

GLAUCIO GIL

05

SETEMBRO

79

05

SETEMBRO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

Rogério Nunes
ROGERIO NUNES

033

BRIDFANBSB NS CPR TEA PTE 0728 P. 238

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLÁUCIO GIL

TEATRO DE AMADORES DE NATAL - RN -

27 AGOSTO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

06

SETEMBRO

74

MHF

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

DEZOITO ANOS

DPF - SRA
R. 07
Rob. [signature]



MJ - DPF - SRA / BSB

0 SET 14 53 74 060216

RECEBIDO POR:

Antonio

235

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF

Of. nº 656 /74-SCDP-SR/GB

Em /26/9 /1974

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto censura de peça

Ref. prot. 35.916/74-SR/GB

FICHADO
S. A. DCDP

*De ordem
ao arquivo
em 01/10/74*

*Ruth Negales
Chefe de SA/DCDP*

Peça TODA DONZELA TEM UM PAI QUE
É UMA FERA
.....
Autor. - Glaucio Gill
.....
Guia da SBAT. de 24.9.74

Senhor Diretor,

Para fins de exame censório, encaminho a essa DCDP, em 3 (tres) vias, o texto da peça teatral acima referenciada e, na oportunidade, renovo a V.Sa. os protestos de estima e distinta consideração.

[Handwritten Signature]

Chefe do SCDP-SR/GB

MJ-DPF

SR/GB

RIO 25 de Setembro de 1974

25 SET 1433

35916

236

Ilmo. Sr. CHEFE DO SERVIÇO DE DIVERSÕES
PÚBLICAS DO D.P.F. Brasília, D.F.

Rues

SRA/FICHADO

Saudações.

Com a presente, temos a honre de encaminhar a
V.S. para fins de CENSURA, tres cópias da peça:
"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Glaucio
Gill. Proxima apresentação do Grupo de Teatro Itinerario.
No teatro do Grajáu Tennis Clube, com estréia marcada para
o dia 25 de outubro de 1974.

Sem outro assunto, subscrevemos-nos, com a maior
consideração.

*Encaminhar a
Brasília.
Em 26.09.74
Joaquim de
JCPD SR/GB.*

Bernardo Uscoricio
PELO GRUPO



237

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

DE: Glaucio Gill

próxima apresentação da Grupo de Teatro Itinerário

no Teatro do Grajaú T.C.

com estréia marcada para o dia 25 de Outubro de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente



TEATRO

238

TITULO Toda Donzela Tem Um Pai Que É Uma Fera

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 18

Praça Ris de Janeiro - Guanabara

Obs.: _____

DF. 02/10/74

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Sr. Senhor Diuto's 18 anos sem partes.

Em 14/10/74
[Signature]
Manoel Francisco Clarey Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer nº 10713/74.

É emitido os certificados 1 ANOS, sem corte, condicionados todavia, ao exame do ensaio Gen.

Em consideração do Senhor Chefe do S.C.

Em 14/10/74
[Signature]
Manoel Francisco Clarey Guido
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres/SC

5) Diretor da D. C. D. P.

Liberado
14.10.74
[Signature]
ROGERIO NUNES
Diretor de D.C.D.P.



PARECER Nº 20.483 / 194

TÍTULO: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Peça várias vezes censurada por este Serviço, havendo identidade de textos após o confronto por mim feito.

Poderá receber a mesma classificação etária: 18 anos.

Brasília, 10 de outubro de 1974

Tereza Cristina dos Reis Marre

Tereza Cristina dos Reis Marre

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728,0 244

24¹⁰
4

16/10/74

858/74-5016/SQ/DCDP

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA
(FERA"

Glécio Gil

Superintendente:

Rio de Janeiro-GB

MF CG/rs

#175

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/P245

: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

: GLÁUCIO GILL

: GRUPO DE TEATRO INTINERÁRIO - GB -
BERNARDO MAURÍCIO

10 OUTUBRO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZDITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO'
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCOB.....

14 OUTUBRO 74

[Handwritten signature]

Manoel Francisco C. Guido
MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.
DEZDITO ANOS

MHF

BR DEANBSB NS GPR TEA PTE. 0778 18 246

241
#7H

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GILL

154/74

GRUPO DE TEATRO INTINERARIO - CB -

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

10 OUTUBRO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZITO) ANOS. CONDICIONADO
GLAUCIO GILL
AO EXAME DO ENSAIO GERAL, O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCP.

14 OUTUBRO

79

14 OUTUBRO

74

Handwritten signature

**PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS**



ALMORÇ: 087737

Ruth



242
74

255

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SE/GB

Of. nº 752/74-SCDS-SR/GB

Em 31.10.74

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : encaminhamento pareceres

FICHADO
S. A. DCDP

*De ordem
ao arquivo
em 04/11/74*

Ruth Nogueira
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor:

Em anexo, encaminho a essa DCDP, para os devidos fins, pareceres sobre os ensaios gerais das peças "TODA DOZELA TEM UM PAI QUE UMA FERA"; "LÓTTI, O FANTASMINHA"; "DOIS MAIS DOIS IGUAL A SEIS"; dos shows "EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE MEI FOR DOS PRAZERES" "A EVOLUÇÃO DA DANÇA" e outros sem títulos, realizados na Boite Kissme restaurante Ltda e Restaurante Nossa Bahia.

2. Na oportunidade, remeto também, pareceres sobre/ programas de televisão, acompanhados das cópias dos certificados correspondentes, conforme discriminação abaixo:

<u>TÍTULO</u>		<u>CERTIFICADOS</u>
MAURO MONTALVÃO	Nº 5 (TV-Tupi)	462
FANTÁSTICO O SHOW DA VIDA Nº61 (TV- Globo)		464
CONCERTO PARA A JUVENTUDE Nº34 (TV-Globo)		466
GLOBO REPÓRTER PESQUISA (TV-Globo)		468
MOACIR FRANCO.....	Nº142 (TV-Globo)	469
A GRANDE FAMÍLIA.....	Nº103 (TV-Globo)	470
A GRANDE CHANCE	Nº 31 (TV-Tupi)	471
SÁBADO SOM	Nº 32 (TV-Globo)	472
FANTÁSTICO O SHOW DA VIDA Nº 62 (TV-Globo)		473
MAURO MONTALVÃO	Nº 6 (TV-Tupi)	475
CONCERTO PARA A JUVENTUDE Nº 35 (TV-Globo)		474

cont..... /

247

SERVICO PUBLICO FEDERAL

Continuação de R2. nº 750/74-SCDP-SR/GB

Nls. 2

TÍTULO

CERTIFICADOS

MAURO MONTEALVÃO	Nº 03 (TV-Tupi)	476
GILBERTO REPORTER - CIÊNCIA	(TV-Globo)	477
MOACIR FRANCO	Nº143 (TV-Globo)	478
A GRANDE FAMÍLIA	Nº104 (TV-Globo)	479
A.P. SHOW	Nº 41 (TV-Globo)	480
FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA	63 (TV-Globo)	481
SÁBADO COM	Nº 33 (TV-Globo)	482
CONCERTO PARA A JUVENTUDE	Nº 36 (TV-Globo)	483
A.P. SHOW	Nº 42 (TV-Tupi)	485
MAURO MONTEALVÃO	Nº 7 (TV-Tupi)	486

Renovo a V.Sa. os protestos de minha consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe de SCDP-SR/GB-

244
76

Ilmo.Snr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas. -SR/GB-

PARECER Nº 492/74

ASSUNTO - Ensaio Geral
PEÇA - "Toda donzela tem um pai que é uma fera"
LOCAL - Teatro do Grajaú Tênis Clube
DIA/HORA - 23 de outubro às 16,00 horas.
CLASSIFICAÇÃO - 18 anos.

Comédia em 3 atos que narra as peripécias e equívocos em que se envolvem dois jovens amigos de infância, solteiros, residentes na zona sul, um deles celibatário convicto e com uma filosofia extremamente cínica em relação ao amor, o outro com uma concepção diametralmente oposta.

O celibatário convicto é forçado a ajudar o amigo, que morava com a namorada, embora sem nenhum contacto sexual, por isso que, sendo ela virgem, sua consciência o inibia para o amor sem casamento, quando o pai da moça aparece para esclarecer a situação.

Com a participação de uma vizinha, tal ajuda é levada quasi ao extremo afim de evitar o "desprestigio" do amigo junto ao círculo comum de amizades, que imaginava uma situação completamente diferente da realidade.

Ao final se perdem duas virgindades com a certeza de dois casamentos: o do pai furioso com a vizinha e o da filha com o namorado. O celibatário conserva sua condição meio desesperado, depois de fracassarem suas investidas sobre a vizinha e a namorada do amigo.

Cenário único. Vestuário, iluminação e marcação sem restrições.

Nada impede a liberação do espetáculo com a proibição etária já determinada: 18 anos.

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1974

Joel Carlos Tavares de Almeida
Joel Carlos Tavares de Almeida
Téc.Cens. - Cart. 394

ENCAMINHE-SE A
D.C.D.P. - DPF - BSB/DF.

Em 25/10/74

Chefe do SCDP-SR-GB

0253

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0728.P. 250 245 MA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ilmo.Snr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas. -SR/CB-

RECEBER Nº 492/74

ASSUNTO - Ensaio Geral
 PEÇA - "Toda donzela tem um pai que é uma fera"
 LOCAL - Teatro do Grajaú Tênis Clube
 DIA/HORA - 23 de outubro às 16,00 horas.
 CLASSIFICAÇÃO - 18 anos.

Comédia em 3 atos que narra as peripécias e equívocos em que se envolvem dois jovens amigos de infância, solteiros, residentes na zona sul, um deles celibatário convicto e com uma filosofia extremamente cínica em relação ao amor o outro com uma concepção diametralmente oposta.

O celibatário convicto é forçado a ajudar o amigo, que morava com a namorada, embora sem nenhum contacto sexual, por isso que, sendo ela virgem, sua consciência o inibia para o amor sem casamento, quando o pai da moça aparece para esclarecer a situação.

Com a participação de uma vizinha, tal ajuda é levada quase ao extremo afim de evitar o "desprestigio" do amigo junto ao círculo comum de amizades, que imaginava uma situação completamente diferente da realidade.

Ao final se perdem as virgindades com a certeza de dois casamentos: o do pai furioso com a vizinha e o da filha com o namorado. O celibatário conserva sua condição meio desesperado, depois de fracassarem suas investidas sobre a vizinha e a namorada do amigo.

Cenário unico. Vestuário, iluminação e marcação sem restrições.

Nada impede a liberação do espetáculo com a proibição etária já determinada: 18 anos.

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1974

Joel Carlos Tavares de Almeida
 Joel Carlos Tavares de Almeida
 Téc.Cens. - Cart. 34

ENC. 10 4
 D.C.P. SR/CB
 10 4
[Signature]
 Chefe do SCDP-SR/CB

Natal

247

TEATRO JOVEM DO PARANÁ
FUNDADO EM 1963

MJ-DPF-SRA/BSB

Curitiba, 16 de Abril de 1.975. 24 ABR 08 59 75 022538

RECEBIDO POR: *[Signature]*

Ilmo.Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Publicas do D.P.F.
Brasilia-D.F.

REF: -Pedido de censura

Prezado Senhor:

Tem esta a finalidade de vir a presença de
V.S.,afim de solicitar a censura da peça " TODA DONZELA /
TEM UM PAI QUE É UMA FERA " de Glaucio, Gill.

Sem mais para o momento despedimo-nos mui,

[Signature]
ATENCIOSAMENTE

Luis F_ernando Zenj
Diretor Responsavel pelo
Teatro Jovem do Paraná



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil.

218
7A

Curitiba , 16 de Abril de 1975

Of. Nº 010/75- Pr.

Ilmo. Sr.
 Diretor do Departamento de Censura Federal
 (Departamento de Polícia Federal)
 Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
 para fins de CENSURA, tres copias da peça

"TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

Original de Gláucio Gill

Tradução de

Próxima apresentação de TEATRO JOVEM DO PARANÁ

Teatro _____ Cidade CURITIBA -

Estado do PARANÁ

A estréia está prevista para

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida con-
 sideração,

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
 Sucursal do Paraná

[Handwritten signature]

TEATRO

2434

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE
É UMA FERA

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEMClas. Anterior 18 anosPraça CURITIBA - PR

Obs.: _____

DF. 24 / 04 / 74W. W. W. W.
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do
leitor diário 18
por arte.

Em 140575

Manoel Francisco Clavey Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer nº 4285 - 75.

1 - A Sexp. para emitir certificado e propriedade de até 18 anos, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.

2 - A consideração do Sr. Chefe do S.C.

Em 14-05-75

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres/SC

5) Diretor da D. C. D. P.

Rogério Nuyes
16.11.75
Diretor da D. C. D. P.



250
20

PARECER Nº 43851/25-

TÍTULO: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA -

GLAUCIO GIL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Feita a comparação dos textos da peça Toda Donzela Tem Um Pai Que É Uma Fera, de autoria do sr. Glaucio Gil, constatei tratar-se de peça já censurada e liberada conforme certificado nº1607/69, portanto sugiro a liberação com a mesma classificação anterior ou seja proibido para menores de 18 anos.

Brasília, 14 de maio de 1.975

CARLOS ALBERTO STAZ DE SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.255

251
7/11

385/75 SCTG/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Paraná

TODA DONZELA TEM UM
PAI QUE É UMA FERA

GLÁUCIO GIL

Superintendente:

Curitiba - PR

MFCG/ecp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0728/256
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

252
#

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GILL

154/75

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GILL

REQUERENTE: ROGERIO NUNES

80

16 MAIO

75

Rogério Nunes

ROGERIO NUNES

PROIBIDO PARA
MEMBRES DE
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728.P.257
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

: GLÁUCIO GILL

: TEATRO JOVEM DO PARANÁ - PR -

14 MAIO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

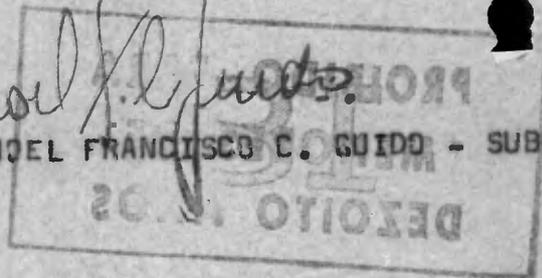
REQUERENTE: INÍS FERNANDO ZENJ

16

MAIO

75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST





MJ-DPF-SRA/BSB

- 3 JUN 11 41 75 030802

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

255
FICHA DO
S. A. DCDP

RECEBIDO POR *[Assinatura]*

OF. Nº 1203/75-SCDP/SR/PR

Em 28 de maio de 1975.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Assunto Relatório (remete)

*Quarta do processo
Sr 4.6.75*

[Assinatura]
ROGERIO NUNES
Superintendente DCDP

Senhor Diretor,

Anexo ao presente, estamos encaminhando a V. Sª. o relatório referente ao ensaio-geral da peça teatral denominada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", de autoria de Gláucio Gill, levado a efeito dia 22 de maio do corrente ano, procedido pelo Técnico de Censura, Francisco Surek, em exercício no SCDP/SR/PR.

Valemo-nos da oportunidade para reiterar a V. Sª. as manifestações de elevada estima e real apreço.

Divaldo P. de Oliveira

Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira.

Superintendente Regional do DPF/SR/PR



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

R E L A T Ó R I O

Em atenção aos termos do ofício nº 385/75-SCTC/SC/DCDP, de 16 de maio de 1975, procedemos, na Capital do Estado do Paraná, ao ensaio-geral da peça teatral intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA".

A peça é de autoria de Gláucio Gill.

Diretor: Fernando Zeni.

Elenco: Teatro Jovem do Paraná - Pr.

Local da encenação: Teatro Guaíra.

Duração: 1 h 45 min.

Nº de atos: Três.

Nº do Certificado: 154/75.

Classificação: Proibida para menores de dezoito anos.

Gláucio Gill aborda, na mencionada peça, os aborrecimentos que um libertino solteirão enfrenta ao ser acusado de ter seduzido a filha do austero general.

O cenário representa pequeno apartamento individual, com um quadro na parede e móveis desordenados. O diretor / não induz os integrantes do elenco a práticas indecorosas nem à infidelidade ao conteúdo do "script" aprovado pela DCDP. Os gestos e marcações resultam compatíveis com as exigências das normas censórias atuais.

Os artistas do dinâmico elenco, enfim, atuam magistralmente e apresentam um trabalho inofensivo às coletividades, ainda mais em se tratando de assistentes maiores de 18 anos.

Curitiba, 28 de maio de 1975.

Francisco Surek.

Técnico de Censura do SCDP/SR/PR.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

2570

São Paulo , 24 de Junho

de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

MJ--DPF

SR/SP

24 JUN 17 03

20717



[Handwritten signature]

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

Original de GLAUCIO GILL

Tradução de

Próxima apresentação de PROART -PROMOÇÕES ARTISTICAS E CULTURAIS S/C LTD

Teatro DIVERSOS Cidade S DO ABC E INTERIOR

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para 16 DE JULHO DE 1975.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida con- sideração,



À Setor de Teatro:

De acordo com a delegação
de competência atribuída pela
DCDP, designar Censor para
o confronto do texto e, após
proceder ao ensaio geral.

Em 12/08/75
Pleoclem
Chefe SCDP/SR/SP.

260/80

Parecer 214/75

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

18 (dezoito) anos

Procedi à verificação do ensaio geral da peça /
teatral supra citada de autoria de Glaucio Gill
na cidade de São Caetano do Sul - Estado de São
Paulo.

Pelo que nos foi dado observar, a peça teatral/
em pauta tem condições de ser liberada para mai
ores de 18 (dezoito) anos, sem cortes.

As marcações de cena, expressões corporais, e ves
tuário estão de acordo com a legislação censó -
ria vigente.

São Paulo, 09 de setembro de 1975.

Sônia A. Lourenço Malago
Sônia Aparecida Lourenço Malago
Técnica de Censura nº. 296

S.Paulo, 10/09/75

1. O presente exame censório - de texto e visual - foi realizado
de acordo com a delegação de competencia estabelecida pelo of. nº
471/75/DCDP, para peças teatrais de grupos amadores.

2. De acordo com o Parecer pela liberação; expeça-se certificado
provisório por 30 dias, encaminhando-se o presente à Brasilia, soli
citando o certificado definitivo.

Heide
Chefe SUDO/SR/SP.

261

TEATRO

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI
PAI QUE É UMA FERA
DE Gláucio Gill.

1) ~~S. ANTONIO~~ SCTC

Documentação _____
Clas. Anterior 18 anos
Praça São Paulo - S.P.
Obs.: _____

DF. 10/10/75

Chefe Seção ~~Antônio~~ [Signature]

4) SERVIÇO DE CENSURA

[Large diagonal line across the page]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___
DF. ___/___/___

Resp. pela Programação _____

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes,
para, de acordo com o Relatório
de Ensaio Geral - Parecer 214-75-
Objeto do Of. 4211-75-SEDP-
SP-SP, expedir certificado com
impropriedade para maiores
de 18 anos, seu corte e em
definitivo.
2 - Encaminhe-se à conside
ração da Chefia.
Em 13-10-75

Florivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer *Processo anterior.*
Em, 15/ out. / 1975

[Signature]
D/ Rogério Nunes

262

Ofício nº 1274/75-SCTC/SC/DCDP , de outubro de 1.975

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-D.P.F.

: Senhor Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

: Encaminhamento (faz)

Anexo: 2ª e 3ª vias do "script" e

1ª e 2ª vias do Certificado

Ref. Of. nº 4211/75-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

Com o presente encaminhamento a Vossa Senhoria as 2ª e 3ª vias do "Script", bem como as 1ª e 2ª vias do Certificado de Censura da peça teatral intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA PERA" de autoria de Glaucio Gill, de acordo com o ensaio geral solicitado à DCDP, pelo ofício acima mencionado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

CAF
ROGERIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DEANDBS MS CPR TEA RTE. 0728, 2066

263

0154/75

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLÁUCIO GILL

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

Rogério Nunes

12 OUTUBRO

ROGÉRIO NUNES

80

75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PFE 0728, P267

: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

: GLAUCIO GILL

PROART - PROMOCÖES ARTÍSTICAS E CULTURAIS S/C LTDA - SP -

13 OUTUBRO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENT
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDA
MENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

14

OUTUBRO

75

Coriolano de Loidla C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIDLA C. FAGUNDES

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS

FILIA DA DCDP
FESB A DCDP



NOV 19 1975 065527



265

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

SRA/FICRABO

Of. Em, 17 de novembro de 1975.
No. 5248/75-SCDP/SA/SP

Handwritten notes and signatures:
Oswaldo F. de Almeida Jr.
Benedito S. da Silva
J. Vicente
H. Gheon
Enoc B. Ribeiro
Glauco Gil
T. Rodrigues
Jorge Ovale

Senhor Diretor

Em atenção ao ofício nº 471/75/DCDP, de 29/04/75, encaminho a V.Sa., para os devidos fins, os textos e relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "PEQUE NO RESTO" original de Oswaldo F. de Almeida Jr., "O ULTIMO - SAMBA IN BRAZIL" original de Benedito S. da Silva, "ANIMOSO ALFERES" de vários autores, "O ASSALTO" original de J. Vicente, "O NATAL NA PRAÇA" original de H. Gheon, "O FILHO PRODIGO" original de Enoc B. Ribeiro, "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" original de Glauco Gil, "PAPAI NOLL NO REINO DE BRANCA DE NEVE" original de T. Rodrigues, "O MAGICO DE OZ" original de Jorge Ovale.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

Maria Sylvia Barreto Nogueira
MARIA SYLVIA BARRETO NOGUEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF.



MJ-DPF SR/SP

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

7

216

São Paulo , 27 de Outubro de 1975.

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

Original de GLAUCIO GIL

Tradução de _____

Próxima apresentação de G.T.A. KYRIE

Teatro MUNICIPAL PAULO M. DE CARVALHO Cidade SÃO CAETANO DO SUL

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para 21 de Novembro de 1975.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

SP FICHADO

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Pela SBAT,

27 OUT 1975

SUCURSAL SÃO PAULO
Vista *toraujela gianni*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P269

TEATRO

267

TÍTULO Toda Donzela Tem Um Pai Que
É Uma Fera de

Gláucio Gil
SCT

1) ~~_____~~
Documentação _____
Clas. Anterior 18 anos
Praça São Paulo - SP
Obs.: _____
DF. 20/11/1975
Chefe Seção ~~Assuma~~

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO
Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___
DF. ___/___/___
Resp. pela Programação _____

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes para, conforme of. 5248, SCDP-75-SP-SP, Relatório de Ensaio Geral - Parecer 330-75, expedir partilhado com impropriedade para menores de 18 anos, sem cortes e em definitivo.

5) Diretor da D. C. D. P.
LIBERE - SE - 18 anos
na forma do parecer, processo
Em, 26/Nov, 1975 anterior

Em 20-11-75
Floraldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura do
Teatro e Congêneres/SC

Rogério Nunes

Parecer n.º 335/75

268
/P

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

Proibida para menores de 18 anos

Cumprindo determinação assisti o ensaio geral da peça "TODA DONZELA TEM UM PAI - QUE É UMA FERA" de Glaucio Gil, na cidade de São Caetano do Sul, Estado de São Paulo.

O texto foi respeitado na integra, marcação e cenario em nada ofenderam as normas censórias vigentes.

Opino pela liberação com a proibição para menores de 18 anos sem cortes.

Peça encenada por grupo de amadores.

São Paulo, 05 de Novembro de 1975

Beatriz Anna Maria Winter

Beatriz Anna Maria Winter

Téc. de censura n.º 300

S. Paulo, 10/11/75

1. O presente exame censório - de texto e visual - foi realizado de acordo com a delegação de competencia estabelecida pelo of. n.º 471/75/DCDP, para peças teatrais de grupos amadores.

2. De acordo com o Parecer pela liberação; expeça-se certificado provisório por 30 dias, encaminhando-se o presente à Brasília, solicitando o certificado definitivo.

Wagneria

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 271

1542/75-SCTC/SC/DCDP

26, de novembro de 1975

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

Anexo: 1ª e 2ª vias do certificado e

2ª e 3ª vias do "script"

Ref.Of.nº 5248/75-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

Com o presente encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do certificado, bem como as 2ª e 3ª vias do "script" da peça teatral supracitada de autoria de Gláucio Gil, de acordo com o ensaio geral solicitado à DCDP, pelo ofício acima mencionado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

RS
ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR TEA PTE 0726/1 273

0154/75

• TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

• GLÁUCIO GIL

25 NOVEMBRO 75

25 NOVEMBRO 75

75

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

: TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

: GLÁUCIO GIL

G.T.A. KYRIE - SP -

20 NOVEMBRO

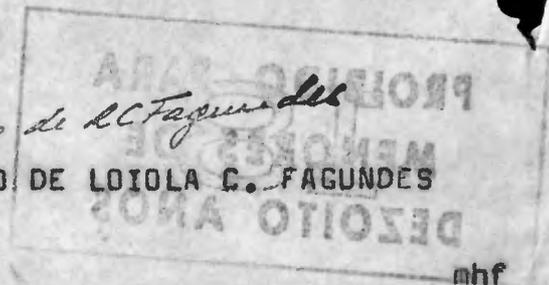
75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

25 NOVEMBRO

75

Corinthians de R.C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA G. FAGUNDES





MJ-DPF-SRA/BSB

1442 023166

[Handwritten signature]

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SRA/FICHADO

Ofício 828/78-SCDP/SR/RJ

Em 16.08.78

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

[Handwritten notes: V. S. P. visit. 11/22/78]

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

Em aditamento ao RD 69/78 - SCDP/SR/RJ, encaminhado a V.Sª. 1 (um) texto da peça teatral intitulada "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", de autoria de Glaucio Gil, o exame do texto foi requerido por Walter Moreira da Fonseca rep. O GRUPO DE AMADORES DA R.S. CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de estima e consideração.

[Handwritten signature]
AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

LSL/.

TEATRO

TÍTULO Toda Donzela Tem um Pai Que é Alma Fera

Gláucio Gil

1) ARQUIVO

4) SERVIÇO DE CENSURA

Clas. Anterior 18

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: _____

DF. 25 / 8 / 78

[Signature]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionando ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 31 de agosto de 1978

[Signature]
Maria Arlete R. Gama

Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

[Signature]
[Signature]
[Signature]
Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura DCDF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 277

PARECER Nº 3.145 / 78

TÍTULO: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

AUTOR: GLÁUCIO GIL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

O texto confrontado apresenta identidade de conteúdo, apesar de algumas supressões e modificações.

Em virtude do certificado em validade até 25.11.80, opino pela liberação condicionado ao ensaio geral.

Brasília, 30 de agosto de 1978

Maria Aurineide Pinheiro
MARIA AURINEIDE PINHEIRO

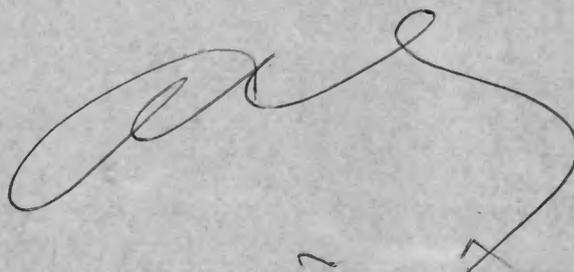
1341/78 -

BSB, 30/8/78.

no Rio de Janeiro

828/78-SCDP-SR/RJ.

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", de Gláucio
Gil.

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, stylized initial 'P' followed by a long, sweeping horizontal line that ends in a small vertical stroke.

BR-DFANBSB NS CPR TEA RTE 072410.270

0154/76

* TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA *

GLÁUCIO CIL

PROIBIDO PARA
18
MENORES DE
DEZOITO ANOS

25 NOVEMBRO 1976

31 AGOSTO 75

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

* TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA *

GLAUCIO GIL

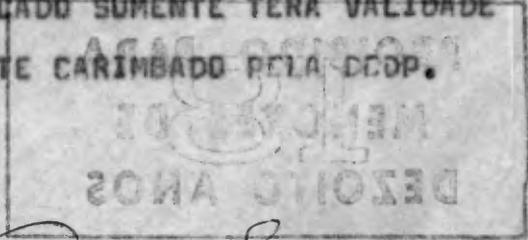
GRUPO DE AMADORES DA R.S. CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS/RJ
WALTER MOREIRA DA FONSECA/RJ

31

AGOSTO

78

PROIBIDO P/MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DE SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCOOP.



31

AGOSTO

78

Carlos A. Molinari de Carvalho
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ - DTF - DCDP - DCE

12 FEV 1980 001500

RECEBIDO POR *[Assinatura]*
FICHA DO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 1353 /80- SCDP/SR/SP

Em 07 de fevereiro de 1980

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

1. A VIAGEM DO BARQUINHO ✓ de Silvia Orthoff
2. SUPERMAN OU SPITTIG IMAGE ✓ de Colin Spencer
3. TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA ✓ de Glauco Gill
4. A PAIXÃO DE DRÁCULA ✓ de Ivan Lima
5. A TURMINHA QUE ALEGROU A CIDADE ✓ de Pasqual Lourenço e Pedro Tudech

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -
testos de estima e consideração.

[Assinatura]
JOSE AUGUSTO COSTA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. JOSÉ VIEIRA MADEIRA

DD. Diretor da DCDP

BRASILIA/DF

ILMO. SR.

CHEFE DO SERVIÇO DE CEN SURA DO
SETOR DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL DE
SÃO PAULO

A firma MOGLI PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA, sediada à Rua Professor Raldão de Barros, nº94 - Rio Bonito - Santo Amaro - Capital, vem por meio desta, encaminhar a este Departamento de Polícia Federal, o texto "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de autoria de GLÁUCIO GILL, para efeito de liberação do texto nesse órgão.

N. Termos
P. Deferimento

São Paulo, 17 de Dezembro de 1979.



MOGLI PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA

A T O I

Abre-se o pano mostrando um apartamento típico de rapaz solteiro, em Copacabana, desses de quarto, kitchenette e banheiro, com a desordem condizente. Deitado num sumier, dormindo, está Porfírio, de pijama de calça curta. Um despertador visível marca dez para as seis. O ambiente está em semi-penumbra, vendo-se numa parede um desses quadros com os dizeres: "Neste apartamento mora um solteiro feliz". Toca a campainha insistetemente. Duas, três, quatro, vezes. Porfírio acorda, meio estremunhado, acende a luz e abre a porta. Entra Joãozinho, rápido e afobado. O cenário é único e a peça tem cinco personagens.

JOÃOZINHO - (entrando rápido e ofegante). O porteiro me avisou.

PORFÍRIO - Avisou o quê?

JOÃOZINHO - O homem está lá embaixo e quer subir a todo pulso,

PORFÍRIO - Que homem? Calma, senta, você está afobado.

JOÃOZINHO - O General. O pai da Daisy.

PORFÍRIO - Eu disse a você. Eu disse que essa garota era um espeto.

JOÃOZINHO - Ele descobriu que Daisy está morando comigo e... Porfírio, vai dar um bode dos diabos. O porteiro me disse que o homem está uma fera.

PORFÍRIO - Por que é que ele ainda não subiu?

JOÃOZINHO - Por causa do portão. Do portão, você está compreendendo?

PORFÍRIO - Não.

JOÃOZINHO - O portão só abre as seis horas. Antes disso não pode entrar ninguém estranho.

PORFÍRIO - Vai ver então ele foi embora e resolveu voltar depois.

JOÃOZINHO - (agitadoíssimo, vai até a janela). Qual nda. Ele está lá em baixo. E insistiu. E disse que tinha que entrar imediatamente porque precisava tirar satisfações, com um patife aqui do prédio.

PORFÍRIO - Mas como é que você sabe que o patife é você?

JOÃOZINHO - Ele disse textualmente. O porteiro veio me contar. O patife do 803 que trouxe minha filha para cá.

PORFÍRIO - É. Então é você mesmo.

JOÃOZINHO - Ele esbravejou, berrou, gritou, mas o porteiro não deixou ele entrar. Foi duro na queda.

PORFÍRIO - Tá aí. Até que essa múmia desse porteiro foi decente.

JOÃOZINHO - (Decentíssimo): Não deixou o General entrar e veio me avisar. Aí eu comecei a raciocinar.

PORFÍRIO - Claro.

JOÃOZINHO - Vi que tinha que agir rápido.

PORFÍRIO - Lógico.



JOÃOZINHO - Precisava de uma saída imediata.

PORFÍRIO - Imediata.

JOÃOZINHO - De alguma coisa ou de alguém que me ajudasse.

PORFÍRIO - Perfeito.

(Ligeira pausa).

JOÃOZINHO - Ai eu vi que esse alguém... era você.

PORFÍRIO - (apressivo). EU? Mas por que logo eu?

JOÃOZINHO - Porque você é meu amigo.

PORFÍRIO - Mas você tem uma quantidade de amigos. Podia escolher outro.

JOÃOZINHO - Não Porfírio. Eu insisto em que você me salve porque você é o meu melhor amigo.

PORFÍRIO - Não, Joãozinho. Eu acho que você pode perfeitamente procurar outra solução, sem me meter no barulho. Mesmo porque eu não tenho nada com o caso, mal conheço a Daisy e não tenho a menor vontade de conhecer opai da Daisy.

JOÃOZINHO - Você não vai conhecer o pai da Daisy. Você não vai ver a cara dele.

PORFÍRIO - (empurrando Joãozinho para a porta).

Ainda bem que você concorda. Agora você vai daí dar o fora, que eu...

JOÃOZINHO - (parando). Não, você não entendeu. Você não vai ver o General, mas ainda assim é você que vai me salvar .

PORFÍRIO - Joãozinho, você é que não entendeu. O que estou querendo dizer é que não pretendo em absoluto me meter nesse carnaval. Em absoluto, você está compreendendo? Não quero nada com o caso.

JOÃOZINHO - Quer dizer que você pretende abandonar o seu amigo numa hora crítica?

PORFÍRIO - Exatamente.

JOÃOZINHO - (ar de estupefação). Porfírio !!!

PORFÍRIO - (tranquilo). Que é ?

JOÃOZINHO - Nunca pensei que você pudesse ser tão desumano.

PORFÍRIO - Joãozinho, eu gosto muito de você, mas esse bode é seu e eu estimo que ele continue inteiramente seu. Ponto. (Porfírio começa a se preparar para continuar a dormir).

JOÃOZINHO - Você esquece que esse General é uma fera.

PORFÍRIO - Cão que ladra não morde.

JOÃOZINHO - Esse morde., Porfírio. Eu sinto que ele morde.

PORFÍRIO - Essa é boa. Você se mete nas suas complicações e depois.

JOÃOZINHO - O que eu quero te pedir não vai te custar nada...

PORFÍRIO - Você quer deixar eu continuar a dormir ?

JOÃOZINHO - Você não pode fazer isso comigo. O homem está armado.

PORFÍRIO - Exatamente.

JOÃOZINHO - Exatamente o que ?

PORFÍRIO - Exatamente porque o homem está armado é que eu não quero



- nada com o caso. Tchauzinho. (deita novamente, pausa).

JOÃOZINHO - Ingrato !

PORFÍRIO - O que ?

JOÃOZINHO - Ingrato sim. É isso que você é. Um ingrato de uma ingrati-
dão mosntruosa.

PORFÍRIO - Mas ingrato porque?

JOÃOZINHO - Se lembra daquela prova de física no quarto ano do colégio?

PORFÍRIO - Mas isso foi no quarto ano do colégio.

JOÃOZINHO - Você era prêmio Nobel de analfabetismo.

PORFÍRIO - Não éramos crianças. Agora a situação é diferente.

JOÃOZINHO - Te dei cola da prova inteirinha. Ou vai dizer que não se
lembra que te dei cola da prova inteirinha ?

PORFÍRIO - Não precisa também me atirar isso na cara.

JOÃOZINHO - (levemente melodramático). Mas a vida é assim mesmo. Na-
quela prova eu me arrisquei pr'a te salvar. Agora você nem
ia se arriscar... Enfim, vá a gente contar com os amigos..
De qualquer um, eu seria capaz de esperar isso. Mas de vo-
cê, Porfírio, eu confesso que não. Você, que quando nós tí-
nhamos sete anos, os garotos da rua não queriam deixar jo-
gar bola de gude... Você se lembra que os garotos da rua ,
não queriam deixar você jogar bola de gude, não se lembra?

PORFÍRIO - Lembro, Joãozinho, lembro.

JOÃOZINHO- E quem foi que convenceu os garotos da rua a deixar você jo-
gar bola de gude?

PORFÍRIO - Foi você, Joãozinho.

JOÃOZINHO- Pois é...

(Pausa).

PORFÍRIO - Se fosse um outro caso qualquer, eu toparia te ajudar. Mas
esse negócio depai é sério.

JOÃOZINHO - Justamente porque é sério é que eu preciso da sua ajuda.

PORFÍRIO - Olha, já são quase seis horas. É melhor você ir andando. E
vai ver a coisa não será assim tão preta quanto você está ,
pensando. Vai ver, no fundo, esse General é até uma boa pra-
ça. Um cara liga, do peito...

(Ouve-se de fora uma voz aos berros- " Eu quero ,
entrar pr'a quebrar a cara dele". Joãozinnho e Por-
fírio correm para a janela).

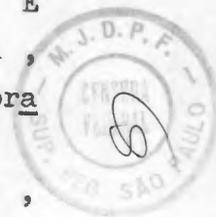
JOÃOZINHO- (saindo da janela). Depois disso você concorda que se o
General subir, arrombar a porta do meu apartamento e encon-
trar Daisy lá dentro, vai dar bôlo, não vai ?

PORFÍRIO - bôlo? De aniversário!!

JOÃOZINHO - Agora, você também concorda que se o General chegar e NÃO en-
contrar a filha no meu apartamento, aí não haverá nada, não
é?

PORFÍRIO - Claro.

JOÃOZINHO - Pois o que eu queria de você... Mas qual! Não adianta! Você



não é amigo bastante pr'a isso.

PORFÍRIO - Fala logo! Que é que você queria?

JOÃOZINHO - Só quero que você concorde que eu traga Daisy para cá e que ela fique aqui, enquanto o General dá a busca no meu apartamento. Só isso. Tipo de coisa garantida.

PORFÍRIO - Garantida, uma brisa. Isso é a mesma coisa que guardar , pólvora em casa na hora do incêndio.

JOÃOZINHO - Eu não disse ? Você não é amigo bastante pr'a ajudar a ninguém. Eu só espero que sua mãe nunca precise de um favor seu. Porque se precisar, vai ser um desilusão pr'a pobre da velhinha.

PORFÍRIO - Amigo eu sou, mas isso já é industrializar a amizade.

JOÃOZINHO - Industrializar? Você nunca achou que estava industrializando do minha amizade todas as vezes que me fez pregar as mentiras mais absurdas e deprimentes p'ras suas oitocentas namoradas. Você não achou que estava industrializando nada quando foi para São Paulo e largou a Isaurinha e o marido aqui nas minhas mãos, achou?

PORFÍRIO - Mas ali você podia dizer que não sabia de nada e que não, tinha nada a ver com o peixe.

JOÃOZINHO - E nesse caso agora, você nem precisa falar com ninguém . Daisy fica aqui somente enquanto o General estiver passando em revista o meu apartamento. Logo que ele for embora, lea volta lá pra casa.

PORFÍRIO - E se o General descobrir que ela está aqui?

JOÃOZINHO - Mas descobrir como ?

PORFÍRIO - Nesses momentos todo pai se revela um sherloch.

JOÃOZINHO - Escuta, Porfírio. Se você me negar isso, a cara aqui desse seu amigo vai ser simplesmente triturada. Você já pensou no remorso que vai sentir quando me vir com os olhos inchados, o nariz sangrando e com quatro dentes assim , p'ra fora da boca? Você já pensou, Porfírio?

PORFÍRIO - Isso é muito raltivo. Eu conheço num cara que teve numa , briga feia p'ra xuxu e três dias depois estava bom p'ra , outra. Você se recuperar numa semana no máximo.

JOÃOZINHO - A quastão é que o General também pode querer me obrigar, a casar com Daisy.

(Pausa).

PORFÍRIO - (profundamente chocado). Você acha que ele faria uma coisa dessas?

JOÃOZINHO - Ele é capaz de todas as baixesas...

PORFÍRIO - Bem, agora o caso muda de figura...

JOÃOZINHO - E não é que eu não admitava a idéia do casamento, mas...

PORFÍRIO - (cotando). Não diga bobagens.

JOÃOZINHO - Mas é que eu ainda não tenho uma situação financeira para isso.



PORFÍRIO - (enfático). E mesmo que tivesse. O casamento é uma solução inteiramente primária, sem a menor originalidade.

JOÃOZINHO - (pomposo). Falta um minuto para as seis, Porfírio. Eu não quero te forçar a uma decisão. Só peço que daqui a dois anos, quando me encontrares com DEZ filhos nas costas, tu te lembres que tu foste o responsável.

(Porfírio está com uma cara inteiramente horrorizada. Passam-se alguns segundos).

PORFÍRIO - (emocionado). Não, Joãozinho, eu seria incapaz dessa maldade. Traz a menina p'ra cá.

JOÃOZINHO - Obrigado, Porfírio. Eu sabia que você era uma rapaz de bons sentimentos.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio dobra o cobertor, guarda algumas roupas e passa um pente no cabelo. Entra Daisy, de negligê, praticamente empurrada por Joãozinho).

JOÃOZINHO - (da porta). Aguenta a mão aí que eu vou enfrentar a fera.

(Porfírio e Daisy ficam sós; olham um para o outro. Daisy sorri e ajeita os cabelos. Porfírio, está com cara de poucos amigos. Calado, Porfírio senta numa poltrona. Daisy senta em outra, mais, ou menos em frente; permanece o silêncio. Por fim Daisy fala).

Daisy - Que maçada, heim?

Porfírio - Maçada? Ah. Eu chamo a isso uma aventura altamente sinistra.

DAISY - Mas a culpa não foi minha.

PORFÍRIO - E tem mais. Quero lhe dizer que foi inteiramente a contragosto que eu concordei com essa sua vinda para cá. Foi mesmo só para evitar consequências mais funestas.

DAISY - Eu podia esperar tudo, menos que papai estourasse a essa hora

PORFÍRIO - Pois sim ! Aposto que foi você mesma que deu o endereço dele a ele.

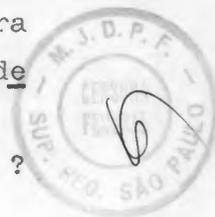
DAISY - Eu não ! Juro ! Você acha que eu ia fazer uma coisa dessas ?

PORFÍRIO - GARANTO !

DAISY - Mas p'ra que? Com que interesse?

PORFÍRIO - (baixando a voz). P'ra imprensar o Joãozinho. Fique você sabendo que eu sou um profundo conhecedor da psicologia feminina.

DAISY - Pois nesse caso está redondamente enganado. Quem deu o endereço a papai só pode ter sido a família na casa de quem eu estava morando aqui no Rio. Eles também são de Minas, de modo que papai recomendou que eu fosse morar lá. Mas eles eram muitos quadrados. Por isso um dia resolvi tomar coragem e vim morar aqui no apartamento do Joãozinho.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07281P 288

PORFÍRIO - Tá aí. Isso até que foi uma atitude muito nobre.

DAISY - Pois, é. Mas aí eles fizeram uma onda daquelas.

PORFÍRIO - E o que foi que você fez?

DAISY - Ué, não dei a mínima e continuei aqui, não é? Mas eles ficaram tão danados que só podem ter sido eles que deram o endereço p'ra papai. Eles me acham uma perdida.

PORFÍRIO - (irônico). E você, o que é que se acha?

DAISY - Eu apenas acredito em amor. P'ra mim é a única coisa que conta neste mundo. O resto é bla-bla-bla.

PORFÍRIO - Mas então me diga uma coisa.

DAISY - (cortando). Agora, amor mesmo. Com falta de ar e tudo. Quando eu vejo essas garotas por aí dizendo que estão apaixonadas sem ter falta de ar, eu acho até graça.

PORFÍRIO - Mas se você pensa assim e teve coragem de mudar p'ra cá, por que é que você agora não foi homem bastante p'ra enfrentar seu pai? Enfrentar no duro mesmo. Dizer: "papai, eu vim p'ra cá morar com o Joãozinho, etc... etc... boas festas e passe bem". Por que é que você não fez isso?

DAISY - Porque não era bem o caso.

PORFÍRIO - Como não vem o caso? Você tinha obrigação de inocentar o Joãozinho. Na minha filosofia, esse é o papel de uma moça de brio.

DAISY - Não era o momento para uma atitude dessas.

PORFÍRIO - Ah, mas era o momento de entregar o Joãozinho à fúria assassina do seu pai, não é? Não minha filha. Nessas ocasiões é que uma mulher se revela verdadeiramente mulher. Você tinha que deixar que o Joãozinho se colocasse num plano discreto segundo plano, permitindo mesmo a ele uma certa covardia, que nesses casos é perfeitamente compreensível, enquanto você tomava as rédeas da situação e assumia diante do seu pai integral responsabilidade pelo ocorrido.

DAISY - Você não pode dizer isso, porque você nem sabe qual é o ocorrido.

PORFÍRIO - (irônico). Não sei, mas posso imaginar.

DAISY - E pode imaginar errado também.

PORFÍRIO - Meu anjo, não é preciso uma grande dose de inteligência, p'ra concluir o que se passa entre você e Joãozinho, sózinhos naquele apartamento. E olha, na minha opinião não são coisas que se pudesse apresentar num filme p'ra crianças, não.

DAISY - Mas são coisas se podia perfeitamente apresentar num filme, impróprio até quatorze anos. Só até quatorze anos, você está me compreendendo?

(Pausa).

PORFÍRIO - Você naturalmente acha que uma criança de quinze anos já



deve conhecer todas as verdades da vida, não é? É um ponto de vista. Aliás é um ponto de vista perfeitamente respeitável.

DAISY - Não. O que eu quis dizer foi que a situação entre eu e Joãozinho não é exatamente essa que você armou com a sua imaginação degenerada. Aliás, bem que o Joãozinho tinha me dito que você era um libertino que só pensava em sexo.

PORFÍRIO - Mas vem cá. Você não está querendo insinuar que você... ai da...

DAISY - (após leve pausa, semi- constrangida). Pais é...

PORFÍRIO - Na sua idade ?!!!

DAISY - Que é que tem a minha idade?

PORFÍRIO - Na sua idade isso não se admite mais.

DAISY - Bem, mas essa situação também não vai se eternizar.

PORFÍRIO - Mas por que você não se decide logo? Olhe, há um ditado, que diz- " Não deixe para amanhã aquilo que pode fazer, hoje".

DAISY - Eu já me decidi.

PORFÍRIO - Como?

DAISY - Quando eu vim morar no apartamento do Joãozinho, tinha justamente acabado de decidir.

PORFÍRIO - Mas depois se arrependeu...

DAISY - Não. Continuei decidida e até hoje estou decididíssima.

PORFÍRIO - Então o que é que falta?

DAISY - (após leve pausa). A colaboração de Joãozinho.

PORFÍRIO - Ué... Mas... por que ?

DAISY - Ih, isso é uma história muito complicada.

PORFÍRIO - Eu gosto de histórias complicadas.

DAISY - É, mas eu não vou contar. E veja lá, hein! Isso é segredo.

PORFÍRIO - Bom, mas então me responda o seguinte. Essa sua decisão muito digna aliás, se aplica só ao Joãozinho, ou tem assim... uma envergadura mais ampla?

DAISY - E por que essa limitação tola e inteiramente sem propósito?

DAISY - Porque acontece que o Joãozinho me dá falta de ar e eu pretendo me casar com ele.

PORFÍRIO - Casar?

DAISY - Casar. Por que não ?

PORFÍRIO - Quer dizer que você admite, clinicamente, serem essas as suas intenções?

DAISY - Não vejo nada de cínico nem de mau nisso.

PORFÍRIO - É revoltante.

DAISY - É o normal.

PORFÍRIO - É revoltante o maquiavelismo do seu plano. Agora eu vejo exatamente que tipo de criatura você é. Fria, calculada e despida de qualquer sentimento. Responda depressa, que é que você mais deseja na vida?



DAISY - Bem... é casar **BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072818290**

PORFÍRIO - Está vendo ?

DAISY - Por causa da lua de mel.

PORFÍRIO - Você disse que era casar. Não disse que era casar com o Joãozinho.

DAISY - Eu não disse, mas é lógico que pensei no Joãozinho.

PORFÍRIO - Ou no Pedrinho, ou no Henriquinho, se houvesse um Pedrinho, ou um Henriquinho na sua lista de vítimas mais prováveis. Você não tem a menor poesia. Você corrompe a beleza de uma ligação de amor, porque no fundo o que você pretende é o casamento.

DAISY - Mas é perfeitamente natural que uma moça queira se casar.

PORFÍRIO - É admissível, mas o que não é admissível é preparar uma ratoeira, onde o queijinho frito é você mesmo.

DAISY - Que queijinho frito?

PORFÍRIO - Ora, não se faça de mal entendida. Agora, uma coisa eu reconheço. É um plano inteligente, suave e bem urdido. Uma moça e um rapaz se conhecem... Vem aquele papinho preliminar. Depois trocam o primeiro beijo. Vão ao cinema... Conversam... Passeiam... e o ingênuo está crente que está fazendo uma conquista, quando na verdade eleé que está sendo seduzido. Um dia ele se deixa seduzir um pouco mais... e nesse dia cavou sua própria sepultura.

DAISY - Pois sim, Aí ele dá o fora nela.

PORFÍRIO - Se ela não souber agir com inteligência. O negócio é ir provocando uma neurose no rapaz. Continuar a dizer que nem pensa em casamento, mas que, afinal de contas, ele tem certas responsabilidades p'ra com ela. O pobrezinho se debate. Mas ela continua implacável, sem exigir nada dele. Aí é que está. Sem exigir nada dele. Vai se criando um drama de consciência no infeliz. Ele sabe que ela fez alguma coisa por ele e que ele não pode fazer nada por ela. A não ser... casar !

DAISY - Está um calor aqui... Posso tirar esse robe?

PORFÍRIO - Pode tirar tudo o que quiser. (Daisy começa tirar o robe. Porfírio prossegue). Por isso é que eu tenho um horror profundo da moça de família. Por causa dessa... (Porfírio começa a ver que Daisy está com uma camisola bastante interessante por baixo do négligé e vai ralentando o ritmo da frase)... técnica... comunista... de infiltração progressiva.. (Porfírio se cala embevecido por Daisy de camisola).

DAISY - (tendo tirado o négligé e colocando - o sobre uma poltrona) .
Você estava falando...?

PORFÍRIO - (acordando). De que mesmo ?

DAISY - Da nossa técnica comunista de infiltração progressiva.



- PORFÍRIO - Que aliás eu reconheço que funciona com a precisão de um relógio suíço. É o caminho mais rápido e seguro para o casamento.
- DAISY - Eu vou morrer de rir é no dia em que você casar.
- PORFÍRIO - Nunca. O casamento é a vala comum onde acabam os conquistadores fracassados. E tem mais. O casamento liquida com qualquer paixão. Sabe por que? Por causa do convívio diário. É impossível, duas pessoas afinarem por completo. E as briguinhas de todo dia acabam com o amor.
- DAISY - Mas cada um sempre cede um pouco.
- PORFÍRIO - E nessa história de ir cedendo o sujeito está sendo infeliz do mesmo jeito... Só que é uma infelicidade a prestações.
- DAISY - Bem, mas pelo menos a lua de mel você concorda que é o máximo.
- PORFÍRIO - É apenas a bonança que precede a tempestade.
- DAISY - (inflamada). Ah, isso é que não. Eu admito tudo, mas não, me venha negar a lua de mel.
- PORFÍRIO - Que é que tem de especial na lua de mel?
- DAISY - É o máximo de romance concentrado. São duas pessoas que se amam não tendo outra coisa a fazer senão seamar.
- PORFÍRIO - E quem é que te garante que isso não se torna cansativo?
- DAISY - Ainda por cima num lugar lindo, sem a menor preocupação. Cada um sabendo que su único passatempo é amar o outro. Puxa, é bárbaro !
- PORFÍRIO - Você é de um romantismo delinquente.
- DAISY - (com entusiasmo um tanto excessivo). São 15 ou 20 dias em que duas pessoas se entredeveram de amor. Não, meu filho, lua de mel é fogo, sabe? É p'ra valer. Eu sou tarada por lua de mel.
- PORFÍRIO - (levemente assustado). Com essa disposição, você vai acabar com o Joãozinho.
- DAISY - Se eu não tivesse tão apaixonada pelo Joãozinho, sabe o que eu fazia? Casava com ele p'ra ter uma lua de mel. No dia em que o casamento não desse mai pé, separava. E ficava sózinha, Até me apaixonar por outro rapaz. Ah casava de novo... AH, meu filho, só p'ra ter outra lua de mel. E assim por diante.
- PORFÍRIO - E você acha isso direito?
- DAISY - Seria sempre por amor. Sempre casando e sem a menor levianidade. O problema é que aqui não tem divórcio.
- PORFÍRIO - Por isso não. Foi exatamente p'ra solucionar essa falta, de divórcio que Deus criou o México.
- DAISY - Ai já é um negócio meio torto...
- PORFÍRIO - Mas mesmo que não precisasse envolver potências estrangeiras na jogada, você vai me desculpar mas esse seu pla



no no falha, porque evita o tédio conjugal.

DAISY - O que você acha então que duas pessoas apaixonadas devem fazer?

PORFÍRIO - Se tiverem um pingo de bom senso, viverem como amantes.

DAISY - Mas aí elas podem se cansar do mesmo jeito, uma da outra.

PORFÍRIO - Viverem como amantes, mas cada um na sua casa. Essa é a única maneira de só se ter os momentos agradáveis do amor.

DAISY - Você é mesmo um libertino ! Um libertino de vida inteiramente dissipada.

PORFÍRIO - Não. Sou apenas um solteiro convicto e feliz.

(Toca o Telefone. Porfírio atende).

PORFÍRIO - (ao telefone). Alô. (Horrozizado). O que? Mas como é que foi acontecer?

DAISY- O que foi?

PORFÍRIO (ainda ao telefone). E agora o que é que eu faço? Joãozinho, você é uma centopéia. (desliga).

DAISY - O que foi?

PORFÍRIO - (apavorado). Seu pai está vindo para cá.

DAISY - Ih, e agora ?

(Porfírio corre para a cozinha, corre para a porta, vai a janela, está inteiramente transtornado. Não sabe o que fazer).

PORFÍRIO - Eu bem que achei que esse negócio ia dar bode. (para Daisy) Vamos, não fique aí parada. Tenha uma idéia.

DAISY - Não sei!..

PORFÍRIO - Vamos! Uma idéia !

DAISY - Só se a gente...

PORFÍRIO - Só se a gente o que?

DAISY - Fôr para a rua.

PORFÍRIO - De pijama e camisola?

DAISY- Pois é ... Então...

PORFÍRIO - Já sei. Partamos para a solução francesa.

(Porfírio pega Daisy pelo braço, abre do armário e começa a enfiar a moça lá dentro).

PORFÍRIO - Entra aí.

DAISY - Mas aí em vou morrer asfixiada.

PORFÍRIO - (fechando a porta do armário). Problemas posteriores se se rão resolvidos posteriormente.

(Toca a campainha. Porfírio está apavorado sem , saber para onde ir).

GENERAL - (do lado de fora). Vamos, abra!

PORFÍRIO - (timidamente). Já vai.

(Porfírio abre a porta. O General entra como um tufão. Joãozinho está com ele. Porfírio fulmina , Joãozinho com o lhar).

GENERAL - (entrando). Onde está ela? Onde está minha filha?

PORFÍRIO - Que filha ? O sr. deve ter batido na porta errada.



- GENERAL - Não se faça de besta ! (General vai procurar na cozinha e no banheiro).
- PORFÍRIO - (indo atrás do General). Não será em outro prédio?
- GENERAL - (da cozinha). Deixe disso que eu já si muito bem que tipo de indivíduo você é.
- PORFÍRIO - (baixo, para Joãozinho). Traidor!
- JOÃOZINHO - A culpa não foi minha.
- GENERAL - Vamos, diga ! Onde está ela?
- PORFÍRIO - Como é mais ou menos a sua filha ?
- JOÃOZINHO - (timidamente). General, eu tenho a impressão...
- GENERAL - Não tem impressão coisa nenhuma.
- PORFÍRIO - Se o sr. me descre sua filha...
- JOÃOZINHO - General, eu acho...
- GENERAL- (cortando). Onde está ela?
- PORFÍRIO - Eu talvez possa ajudar a procurar.
- JOÃOZINHO - General, eu acho...
- GENERAL- (cortando). Eu é que acho que vim cair entre dois patifes.
- JOÃOZINHO - Perdão, General. O sr. não pode dizer isso de mim. O sr. já vistoriou o meu apartamento e viu que eu não tenho a ver com sua filha.
- PORFÍRIO - (para Joãozinho). Ah, você você não tem nada a ver com, a filha dele? E eu por acaso é que tenho ?
- GENERAL - Claro que tem. Fique sabendo que o porteiro me deu a sua ficha.
- PORFÍRIO - Minha ficha? Que foi que aquela múmia disse ao senhor?
- JOÃOZINHO - Eu acho que você não deve se referir ao nosso porteiro, nesses termos.
- PORFÍRIO - Desde quando você virou defensor(ciacando as palavras)desa múmia desse porteiro aqui do prédio ?
- GENERAL - Quando eu não encontrei minha filha no apartamento desse,, rapaz, eu voltei a falar com o porteiro. Aí ele me disse , que, minha mesmo estranhado muito que eu quisesse tirar satisfações com Seu Joãozinho, porque este era um papaz , direito e de boa família. Agora...
- JOÃOZINHO - Por aí o sr. vê quem eu sou.
- GENERAL - Agora... Que o que devia estar havendo, era um engano no número do apartamento, e que minha filha devia estar no apartamento do sr. Porfírio... Seu nome não é Porfírio?
- PORFÍRIO - Poerfírio da Cruz.
- GENERAL - Pois é- Porque o Sr. Porfírio, acrescentou o porteiro, é que era um libertino da pior espécie, um sujeito mulherengo que vivia trazendo moças p'ra dentro de casa.
- PORFÍRIO - Ele disse isso ?
- GENERAL - Disse.



PORFÍRIO - (exageradamente incrédulo). Ele disse isso?

GENERAL - Já disse que disse.

PORFÍRIO - (para Joãozinho). Joãozinho, você ouviu o que o General disse que o porteiro disse?

JOÃOZINHO - Ouvi.

PORFÍRIO - (ainda para Joãozinho). E você não tem nada a dizer?

JOÃOZINHO - Bem, esse porteiro sempre me pareceu um sujeito de con - fiança...

PORFÍRIO - (fulmina Joãozinho com o olhar). (para o General). Ge - neral, eu só espero que o sr. tenha tido o bom senso de não acreditar naquele sujeito.

GENERAL - Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFÍRIO - Não diga isso, General. Esse porteiro é um delinquente, um esquisofrênico, um paranóico que já esteve enternado umas dez vezes.

GENERAL - Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFÍRIO - Qual nada, General. Nem pense nisso. Ele é um caluniador, da pior espécie. Só o sr. vendo. É um sujeito que tem um senso de humor extremamente primitivo e que se diverte in - ventando piadas desse gênero. Eu, um libertino ! (riso , forçadíssimo). Ah...Ah...Ah... Que absurdo.

GENERAL - (solene). Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFÍRIO - Mas como é que o sr. pode ter essa certeza?

GENERAL - Porque ninguém mente diante de um revólver. (saca o revol - ver). E ele falou com esse cano encostado na testa. (com o revólver na cara de Porfírio). Vamos, diga. Onde está mi - nha filha?

PORFÍRIO - General, o sr. está vendo com seus próprios olhos que sua filha não está aqui. Esteja certo que eu compreendo que isso é uma coisa muito séria, um pai procurando uma filha. ...

JOÃOZINHO - Foi justamente o que também expliquei ao General.

PORFÍRIO - (melífluo). Conforme o senhor mesmo disse, ninguém mente diante de um revólver. E não sei se o sr. reparou nesse detalhe, mas eu estou diante de um revólver. E lhe di - go mais. Essa sua estima paterna, esse seu cuidado com a sua filha, é uma coisa que até me comove. Numa circunstân - cia dessas, eu jamais faltaria à verdade.

GENERAL - (solene). Você jura que minha filha não está neste apar - tamento?

PORFÍRIO - (igualmente solene). Juro.

GENERAL - Por quem ?

PORFÍRIO - Pela mãe do Joãozinho morta.

JOÃOZINHO - Ei ! Isso não !

GENERAL - Porque é que ele disse " Ei ! Isso não ! " ?



- PORFÍRIO - (suave e explicativo). Porque ele é um imbecil, General.
- JOÃOZINHO - Não, o que eu quis dizer foi que...
- PORFÍRIO - (cortando). Foi que num momento como esse qualquer juramento é ainda pequeno, e que eu devia ter jurado não só pela mãe, como também pelo pai, avós, tios, e sobrinhos, todos mortos.
- GENERAL - (baixando o revólver, levemente dramático). O que me dá raiva é que não mereço este castigo porque jamis prevari-quei.
- PORFÍRIO - (mais refeito pelo outro ter baixado a arma). General, nós compreendemos perfeitamente sua preocupação, porque, afinal de contas todo mundo sabe como Copacabana está, cheia de rapazes pouco respeitadores das virtudes femininas, mas, já que sua filha não está aqui, o sr. não acha que chegou o momento de ir procurá-la em outros lugares?
- JOÃOZINHO - Nesse ponto eu acho que ele tem razão, General.
- PORFÍRIO - E ir rápido, inclusive porque ela pode estar correndo perigo de vida.
- JOÃOZINHO - E numa eventualidade assim, cada minuto conta. (ligeira-pausa).
- PORFÍRIO - Eu nem sei como é que o sr. pode ficar aí parado, sabendo que sua filha pode estar em algum lugar sendo estrangulada (intencional, olha para o armário), ou asfixiada.
- GENERAL - Realmente, eu acho que voce tem razão, mas...
- PORFÍRIO - Então vá, General. Faça isso por sua filha... e até por mim. (vai empurrando o General para a porta).
- GENERAL - (parando). Mais ir para onde?
- PORFÍRIO - Ora, General, me admira o senhor. Dê uma busca completa. (cutuca Joãozinho).
- JOÃOZINHO - Claro... claro. Uma busca completa.
- GENERAL - (sentando numa cadeira). Pois é, mas eu não sei por onde, começar. (Pausa. Os três estão parados. Nessa altura Daisy tosse de dentro do armário. O General levanta os olhos, como que procurando quem tossiu. Imediatamente Porfírio, tosse meio assustado e fica olhando o General. Novo silêncio. Por fim dissipam-se as suspeitas do General).
- GENERAL - (levantando-se). Bem, eu acho então que vou começar procurando na praia.
- JOÃOZINHO - (animando-o). Isso mesmo, General. Na praia.
- PORFÍRIO - (entusiasmadíssimo). Grande idéia, General!
- (O General vai saindo quando dá com os olhos, no négligé de Daisy, que ficara em cima de uma, poltrona).
- GENERAL - (parando de estalo). Que é isso?
- PORFÍRIO - (rápido). Isso? Ora, um robe de chambre.



GENERAL - Mas de quem?

PORFÍRIO - Meu. De quem é que havia de ser?

GENERAL - (definitivo). Isso não robe de chambre de homem.

PORFÍRIO - (falsamente efeminado). Ora, General, cada um usa o robe de chambre que quer.

(Pausa).

GENERAL - (peremptório). Esse robe não dá em voce.

PORFÍRIO - Claro que dá! (Porfírio se enfia da melhor maneira que , pode dentro do négligê e termina a fala de novo falsamente efeminado). Agora, eu acho uma indiscrição muito grande o sr. perguntar mais qualquer coisa a respeito desse robe... (Novo silencio. Daisy tosse novamente. Porfírio, também tosse de novo, mas o General parte como uma flecha para o armário, abre-o e Daisy cai praticamente desfalecido em seus braços. Porfírio senta desalentado e - Joãozinho vai ajudar o General a socorrer a filha).

GENERAL - (com a filha nos braços e aos berros). Minha filha! Patife! (acariciando a filha). Não, patife não é voce não, meu bem. É esse libertino aí! e de camisolinha (Porfírio olha para ele)... Não, de camisolinha não é voce não, seu libertino. É minha filha. Fala, meu anjo. Voce está bem?

DAISY - (começando a se recuperar). Papai, esse rapaz...

GENERAL - (cortando, carinhoso). Não precisa dizer nada. Já sei, de tudo. Voce não teve culpa.

DAISY - Não, papai, o que eu quero dizer...

GENERAL - Não se case. eu compreendo. Voce foi iludida.

DAISY - Porfírio não tem nada...

GENERAL - (cortando). Eu sei, meu bem. Ele não tem nada que preste. Mas descansa. Descansa.

PORFÍRIO - Deixa ela falar, General.

GENERAL - (para Porfírio). Cala a boca.

PORFÍRIO - General, embora possa parecer estranho, eu não tenho nada a ver com sua filha.

GENERAL - Sedutor! (o General está ainda acomodando Daisy no sofá)

PORFÍRIO - Joãozinho explica o caso a ele.

GENERAL - Libertino!

JOÃOZINHO - (para Porfírio). É melhor voce aguentar a mão um pouco mais.

PORFÍRIO - Melhor por que?

GENERAL - Devasso!

JOÃOZINHO - No fim dá tudo certo.

PORFÍRIO - Depende do que é que voce chama de dar certo.

GENERAL - (para Joãozinho). Nem dê resposta a ele. Esse sujeito , não merece a menor consideração.

PORFÍRIO - General: sua filha não mora aqui comigo.



GENERAL - Você nem sabia que ela estava de camisolinha no seu armário, não é?

PORFÍRIO - Isso eu sabia, mas...

GENERAL - E por que é que ela estava de camisolinha aí no seu armário?

PORFÍRIO - P'ra se esconder do senhor, mas...

GENERAL - E de quem foi a idéia de escondê-la no armário?

PORFÍRIO - Foi minha, mas...

GENERAL - Então como é que você ainda quer negar que a seduziu?

PORFÍRIO - (exasperado). Mas eu não seduzi. (aproximando-se do sofá onde Daisy está deitada). Daisy, diga a seu pai com toda a honestidade: eu te seduzi?

DAISY - (ainda não totalmente restabelecida). Não, papai. Ele não me seduziu.

PORFÍRIO - Está vendo?

GENERAL - Minha filha, não procure defender esse canalha. Você nem sabe o monstro que ele é.

PORFÍRIO - Daisy, conte a seu pai tudo o que se passou aqui.

GENERAL - Isso é que nunca. Não vou admitir que a ingenuidade de minha filha seja corrompida contando toda a pouca vergonha, que, se passou entre vocês.

PORFÍRIO - Mas não houve pouca vergonha nenhuma!

GENERAL - P'ra você é nada é pouca vergonha. Você acha tudo perfeitamente natural. O porteiro me avisou !

PORFÍRIO - Assim não é possível. O sr. não deixa eu explicar.

GENERAL - E não deixo mesmo. Porque p'ra seu crime não há explicação possível. Mas isso não vai ficar assim não.

PORFÍRIO - Pois fique o sr. sabendo que Daisy mora é no apartamento do Joãozinho.

JOÃOZINHO - Porfírio!!

PORFÍRIO - (imitando Joãozinho). Joãozinho !

GENERAL - Cínico ! Como é que você tem coragem de incriminar um rapaz como o Joãozinho, que é um perfeito cavalheiro?

PORFÍRIO - Mas é com ele que ela mora. Juro.

GENERAL - Você jurou antes que Daisy não estava aqui.

PORFÍRIO - Pergunte a ela.

GENERAL - Ah, mas isso não vai ficar assim, não.

PORFÍRIO - Daisy, não é com o Joãozinho que você mora?

JOÃOZINHO - (rápido). Você não vê que a menina não está em condições de responder nada ? Que ainda está praticamente, sem sentidos?

GENERAL - (para Porfírio). Não vai ficar assim, não, porque você vai casar com ele.

DAISY - (voltando imediatamente a si). Casar?

GENERAL - Casar, sim. Nem que esse patife tenha que ir enjaulado p'ra igreja.



DAISY - Bem, se o negócio é casar...

PORFÍRIO - Daisy, Daisinha meu amor, você não pode fazer isso comigo

DAISY - (ar ingênuo e magoado). Você não quer casar comigo?

PORFÍRIO - Eu não tenho nada contra você pessoalmente. O que eu tenho é contra o casamento.

GENERAL - Quem aqui fez, aqui paga.

PORFÍRIO - Mas eu não fiz nada.

GENERAL - Você seduziu minha filha e agora vai casar com ela.

PORFÍRIO - (para Joãozinho). Joãozinho, o que é que você me diz a isso?

JOÃOZINHO - Bem, eu acho melhor não contrariar o General, p'ra ele , não ficar mais nervoso ainda.

PORFÍRIO - (vencido). Eu sou um mártir cercado de viboras por todos os lados.

GENERAL - Daisy, vista o seu robe. Você vai agora mesmo comigo para, o hotel. (Porfírio começa a despir o robe, para Daisy depois vesti-lo).

JOÃOZINHO - (solícito). General, há qualquer coisa que o sr. queira, que eu faça?

PORFÍRIO - Joãozinho, comparado a voce, Judas Iscariotes foi o sujeito mais honrado que já pos os pés no mundo.

JOÃOZINHO - Eu estou apenas procurando ser gentil.

GENERAL - Porque é um cavalheiro, e não um libertino cínico como você.

PORFÍRIO - Mas não se esqueça de que Judas acabou com uma corda no pescoço.

GENERAL - (para Joãozinho). O que eu quero é que voce fique vigiando esse malandro. (para Porfírio). Quanto a voce, nem pense , em fugir porque eu irei arrancá-lo até da sepultura, p'ra levá-lo p'ra igreja. (para Daisy). Vamos, Daisy. (para os dois). Nós voltamos mais tarde. (da porta). Vamos rápido , porque quero começar a tratar hoje mesmo dos papéis do casamento.

(O General e Daisy saem, Porfírio deixa-se cair, desalentado numa cadeira e fecha o pano sobre o primeiro ato).

A T O I I

(Mesmo cenário. Porfírio de calcão faz ginástica com dois pequenos pesos. Está fumegando de ódio. Joãozinho anda de um lado para o outro).

JOÃOZINHO - Foi até bom isso acontecer, porque agora eu pude ver como voce é meu amigo. (Pausa; Joãozinho continua a andar. Pára de novo). E não há nada que eu aprecie mais que a amizade. Foi uma coisa que papai sempre me ensinou. (Continua a andar. Pára de novo). Puxa, Porfírio, voce não sabe



a admiração que eu estou sentindo por voce, Mas eu também seria capaz de qualquer sacrifício pela nossa amizade. Olha, por que, eu seria capaz de dar a minha mão esquerda. (Porfírio continua fazendo ginástica em silêncio fuzilando). Daria até minha mão direita. (o outro continua sem se impressionar). Bom, Porfírio, está bem. Eu - daria as duas mãos. (toca o telefone. Joãozinho vai atender).

JOÃOZINHO - (ao telefone, ultra solícito). Alô? Ah, sim seu General. Pois não, seu General. O que o sr.quiser, seu General. Estou aqui para servi-lo, seu General. Não. Claro. Lógico. Da Cruz, seu General. (desligando). Às suas ordens, seu General. (desliga e vira-se para Porfírio, com um sorriso amável e explicativo). Era o General. (Porfírio tem uma contração de ódio). Queria o teu nome completo para os papéis de casamento,

PORFÍRIO - (falando baixo, suave, com um carinho quase maternal , com Joãozinho, você tem que reconhecer o que você está fazendo comigo é uma sujeira, não é?

JOÃOZINHO - (meditativo e amável). Não, eu não diria que é exatamente uma sujeira.

PORFÍRIO - (suavíssimo). E por que é que você não diria que é exatamente uma sujeira, Joãozinho?

JOÃOZINHO - Bem, porque isso é uma troca de favores entre dois amigos.

PORFÍRIO - (ainda exageradamente calmo). Numa troca de favores, Joãozinho, geralmente há dois favores. Um favor p'ra lá e outro favor p'ra cá. Mas nesse caso, meu caro Joãozinho, só há um favor. (aos berros). Que é o favor p'ra lá!

JOÃOZINHO - Calma, Porfírio, calma. Você está nervoso.

PORFÍRIO - Nervoso não. O que eu não gosto é de ser feito de palhaço. Você sabe muito bem que tinha obrigação de ter dito ao General que Daisy morava era no SEU apartamento.

JOÃOZINHO - Indelicado como ?

JOÃOZINHO - Depois do homem ter dado aquela bronca toda com você, fazer tudo comigo seria descortesia. Ia deixar o General numa posição ridícula.

PORFÍRIO - E daí?

JOÃOZINHO - Isso não se faz.

PORFÍRIO - E isso se faz, o que você está fazendo comigo?

JOÃOZINHO - Mas você é meu amigo.

PORFÍRIO - Joãozinho, você vai me fazer um favor. De hoje em diante você, vai me considerar seu inimigo. Seu inimigo de morte, tá bem?



JOÃOZINHO - P'ra mim você será sempre um irmão, Porfírio.

PORFÍRIO - Aliás, mais importante do que isso, eu quero saber o seguinte. Pelo que eu compreendi, a nossa amiga Daisy ainda é de uma inocência repulsiva em matéria de sexo, não é?

JOÃOZINHO - Como é que você sabe disso?

PORFÍRIO - Não interessa. É ou não é?

JOÃOZINHO - É.

PORFÍRIO - (invektivando). E como é que você explica isso, se ela, própria me disse que não teria nenhuma objeção a se associar mais intimamente com você?

(Pausa. Joãozinho baixa a cabeça).

JOÃOZINHO - (amargurado). Esse é que é o meu drama, Porfírio.

(Porfírio fica chocado e sem jeito diante da reação do outro. Não sabe o que dizer).

PORFÍRIO - (procurando consolar Joãozinho). Bem, mas ... espera lá. Vamos ... com calma. Não se afobe. Isso deve ser um período apenas. Você talvez ande cansado ... No outro dia eu li que descobriram uma vitamina genial...

JOÃOZINHO - (cortando rápido). Você me acha com cara de vitamina? O meu drama é outro.

PORFÍRIO - Qual é, então?

JOÃOZINHO - Porfírio, eu vou te fazer uma confissão. (envergonhado) Eu sou um rapaz direito.

PORFÍRIO - (seríssimo). Mas Joãozinho, você precisa superar essa fase.

JOÃOZINHO - (torturado à la James Dean). Eu sei que isso é uma coisa que não se admite mais hoje em dia ... mas eu não posso. Eu não posso, você compreende? Eu não tenho coragem de fazer mal a uma moça, sem pretender casar com ela.

PORFÍRIO - Mas quem é que disse que você está fazendo mal? É apenas uma questão de ótica.

JOÃOZINHO - Você não pode compreender isso, porque você é um libertino.

PORFÍRIO - Não, eu compreendo, mas considero um fricote filosófico, inteiramente anacrônico.

JOÃOZINHO - Foi por isso que eu até hoje não tive nada com a Daisy. E não é que eu não admitia a idéia de poder casar com ela, mas...

PORFÍRIO - (repugnado). Não diga isso.

JOÃOZINHO - Mas você sabe que a minha situação financeira tão cedo não permitiria.

PORFÍRIO - Mas então eu não entendo uma coisa. Por que é que você não conta esse drama todo ao General? De acordo com a filosofia antiquada dele, ele ia te achar formidável e aí chateava mais, porque via que a filha não tinha sido seduzida,



por ninguém.

JOÃOZINHO - Eu pensei nisso. Mas depois do escândalo todo que o General fez com o porteiro, ele naturalmente iria contar esse seu drama ao mesmo porteiro, ao síndico, aos vizinhos, a todo mundo, p'ra que ninguém pudesse pensar mal de sua filha. Aí...

PORFÍRIO - (cortando). Aí seia ótimo. Você podia tranquilamente se tornar amante dela sem que ninguém pensasse mal de você .

JOÃOZINHO - Nada disso.. Aí a notícia iria se espalhar até a turma , da praia.

PORFÍRIO - (sério e pensativo). Compreendo.

JOÃOZINHO - Quando Daisy veio morar no meu apartamento, ela me explicou que continuaria a receber roupas e dinheiro do pai , de modo que não me daria despesa alguma. Mas a turma da praia pensa que ela não é minha amante, como ainda que ela me mantém. E isso dá um cartaz daqueles. Se eles descobrissem agora que eu sou um rapaz direito, eu ficaria desmoralizado para o resto dos meus dias.

PORFÍRIO - Claro! Claro ! (pausa).

JOÃOZINHO - Não, contar ao General não é solução.

PORFÍRIO - Bom, mas também não é solução deixar o General fazer eu me casa com ela.

JOÃOZINHO - Precisamos encontrar uma saída.

PORFÍRIO - E rápido, porque enquanto isso o General está desendadeado. (pausa). (animado). Já sei! A Loló!

JOÃOZINHO - Que Loló?

PORFÍRIO - Loló, a nossa vizinha aí do lado.

JOÃOZINHO - Que é que tem ela?

PORFÍRIO - Ela é que vai nos salvar.

JOÃOZINHO - Eu acho muito arriscado qualquer coisa com a Loló.

PORFÍRIO - Por que ?

JOÃOZINHO - Porque ela é meio... lenta.

PORFÍRIO - Lenta não é bem o termo. Ela é um quadúpede disfarçado , em mulher.

JOÃOZINHO - Você já tem algum plano?

PORFÍRIO - Tenho. Dá um pulso aí ao lado e pede a ela p'ra vir cá.

JOÃOZINHO - (indo para a porta). Mas se ela é que você vai explicar o plano a ela?

PORFÍRIO - No regime da arara. Falar e mandar ela repetir. Vai lá .

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio acaba de se vestir a jato).

JOÃOZINHO -(de fora, metendo a cabeça na porta). Ninguém atende.

PORFÍRIO - Diz que é você. Ela deve estar pensando que é algum co - brador.

JOÃOZINHO - (ainda de fora). Então ela até que que raciocina um pou



co.

PORFÍRIO - Até aí vai a inteligencia dela.

(Joãozinho sai de vista novamente. Em seguida, ouvem-se vozes fora. Joãozinho e Loló aparecem na porta. Loló é uma garota boa e bonita, mas que em geral fala com boca mole).

PORFÍRIO - Entre. Pode entrar. Não faça cerimônia.

LOLÓ - (de boca mole). (ainda de fora). Entrar no seu apartamento?

JOÃOZINHO - Pois é. Nós queríamos bater um papinho com você.

LOLÓ - Mas eu nunca bati papinho com um rapaz sózinha num apartamento.

PORFÍRIO - (explicativo, como quem fala como uma criança). Bom, mas isso era com um rapaz. Aqui nós somos dois rapazes. Logo, não há problema.

(Pausa).

LOLÓ - (com o rosto iluminado, por ter compreendido). Ah... é mesmo!

(Loló e Joãozinho entram. Joãozinho fecha a porta).

PORFÍRIO - Sente-se, Loló.

PORFÍRIO - (lento e explicativo). Loló eu precisava de um grande favor teu. Você faz um favor p'ra mim?

LOLÓ - (de boca mole). Depende.

JOÃOZINHO - (aliciante e melífluo). É uma coisinha à-toa, que não vai custar nadinha.

PORFÍRIO - O que eu queria de você era o seguinte.

LOLÓ - (assustada). IH, é pior.

PORFÍRIO - O que?

LOLÓ - Ficar com dois rapaz em vez de um, sózinha, num apartamento.

JOÃOZINHO - (meio desalentado). Esse negócio vai demorar duas horas.

LOLÓ - Vou-me embora. É pior sim.

PORFÍRIO - Não faça isso, Loló. Seria pior num caso qualquer. Mas no nosso caso é diferente.

LOLÓ - (ainda de boca mole). Por que?

PORFÍRIO - (sério e explicativo). Porque nós, em essência abstrata da situação fenomenológica do homem, o substantivamos a priori um espírito dogmático. Nós condicionamos fatores imóveis e justapostos no espaço, pelo repertório de "kosmos" existente em nós. É o trânsito da historicidade nos diagnósticos assimilados. (pausa).

Compreendeu? (Joãozinho está olhando Porfírio com expressão inteiramente aparvalhada diante da explicação incompreensível. Loló está com cara de quem ficou vivamente impressionada. Pausa).

LOLÓ - (convicta). Compreendi.

PORFÍRIO - Então senta e ouve. Nós vamos sair e você vai ficar aqui sózinha. Daqui a pouco vai chegar um homem.



LOLÓ _ (Levantando assustada). Outro homem ?

JOÃOZINHO -- (fazendo loló sentar de nôvo). Mas com uma môça.

LOLÓ _ Ah, sim .

PORFIRIO _ Ai êles vão perguntar quem é você.

E você vai responder que é minha espôsa.

LOLÓ _ (desconfiada). Espôsa?

JOÃOZINHO _ (tom brincalhão, para eliminar suspeitas de loló). É Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

LOLÓ _ Ah! Uma brincadeira que nós vamos fazer...?

PORFIRIO _ Pois é ! Uma brincadeira que nós vamos fazer. Bom , então você entendeu bem essa primeira parte?

LOLÓ _ Entendi.

PORFIRIO _ Muito bem. Ai êles vão provàvelmente perguntar se nós já somos casados há muito tempo. E você vai responder que nós nos casamos há cinco anos, mas que logo depois nos separamos.

LOLÓ _ Ih. que brincadeira bôba.

PORFIRIO _ (~~Voltou tá compeendendo?~~) Bom, nos separamos, mas agora você voltou.

JOÃOZINHO _ Voltou, tá compeendendo ?

PORFIRIO _ Voltou pra vir morar comigo, pra continuar ser minha mulher. Entendeu ?

LOLÓ _ Entendi.

PORFIRIO _ Voltou pra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher

JOÃOZINHO _ Não. Loló ! Você tem que dizer:

" Voltei p'ra vir morar com êle, p'ra continuar a ser sua mulher."

LOLÓ _ Assim não é repetir.

PORFIRIO _ Por que é que assim não é repetir?

LOLÓ _ Porque repetir é dizer igualzinho a mesma coisa.

JOÃOZINHO _ Não . Você repete, mas tem que colocar a frase na primeira pessoa.

LOLÓ _ Que primeira pessoa?

JOÃOZINHO _ Na primeira pessoa. No pronome "EU". Quando o Porfirio fala com você, êle se refere a"você", mas quando você fala, você se refere a você como " eu " e ao Porfirio como "ele".

LOLÓ _ Mas se quando o Porfirio fala comigo, êle se refere a êle como "eu" e a mim no tratamento de "voce", e quando eu falo, eu me refiro a mim como "eu" e no Porfirio como "ele"...

PORFIRIO _ (aos berros). Chega!



JOÃOZINHO __ (querendo continuar). Não, mas ...

PORFIRIO __ Joãozinho, por santo amor de Deus!!!

LOLÓ __ Nisso eu tenho razão. Se p'ra mim eu eu falo no tratamento de "eu", então eu tenho que mudar a frase que o Porfirio disse, e ai eu não estou mais re-pe-tin-do, porque já não estou mais dizendo as mesmas palavras . (triunfante). Conheceu, papudo ?

PORFIRIO __ Tá bem, Loló. Ganhou. Você é um gênio.

LOLÓ __ (modesta) . Qual nada ! Você é que não pensou muito no que'tava dizendo .

PORFIRIO __ O importante é que depois de dizer isso tudo, você não responde deu mais nada que eles perguntarem. Mais nada, tá O.K.?

LOLÓ -- Por que?

JOÃOZINHO -- Porque... porque senão eles podem desconfiar da brincadeira.

PORFIRIO-- Voce só diz isso. Que é minha esposa, Ha cinco anos, que nós nos separamos e que agora você voltou p'ra nós continuar a viver juntos . Se

eles tiverem qualquer dúvida, você diz de novo isso p'ra eles. (Pausa).

JOÃOZINHO -- Mais alguma coisa, Porfirio ? (Joãozinho vai à janela e olha baixo).

PORFIRIO -- Mais nada.

LOLÓ -- Mas vem cá.

PORFIRIO -- Que é loló?

LOLÓ -- Eu conto essa história toda, mas o que é que eu ganho com isso?

PORFIRIO -- Por êsse favor, Loló, você pode pedir o que quiser?

LOLÓ -- O que quiser?

PORFIRIO -- O que é que você mais deseja na vida ?

LOLÓ -- Casar.

PORFIRIO -- (para Joãozinho). Joãozinho, cada vez eu me convenço mais que as mulheres não têm a menor imaginação. (para loló). Por que é que você não pede outra coisa ?

LOLÓ -- Porque disso é que estou muito precisada.

PORFIRIO -- E se eu te oferecesse um casaco de peles ?

LOLÓ -- (de boca mole). Marido é mais engraçado . (risinho semi-envergonhado). (Pausa).

PORFIRIO -- Joãozinho, o que é que você está fazendo ai na janela?

JOÃOZINHO -- Tou vigiando a chegada do General.

PORFIRIO -- Você que ir buscar um copo com água p'ra Loló ?

JOÃOZINHO -- (desconfiado). Um copo com água ?

PORFIRIO -- Perfeitamente. Um copo com água.

JOÃOZINHO -- Mas quem é que disse que ela está com sede? Você esta com Sede Loló ?



PORFIRIO — Claro que êla está com sêde. Então você não está vendo que ela está com sêde? Que está até com os lábios rachadinhos ? Vai logo.

(Joãozinho vai indo desconfiado para a cozinha).

LOLÓ — (intrigado). Eu estou com sêde, é?

PORFIRIO — Está sim. Escuta. Se você fizer isso que eu pedi, eu prometo que faço o Joãozinho casar com você.

LOLÓ — Batata?

PORFIRIO — Batata.

JOÃOZINHO — (entrando com a água). Pronto. (dá o copo a loló, que já o olha com o ar mais embevecido do mundo). Porfirio, eu não sei porque eu estou com um pressentimento que êsse plano não vai dar certo. (Joãozinho volta para a janela).

PORFIRIO — Claro que vai dar certo. Se o General se concencer que Loló é minha espôsa, êle não pode querer que eu seja bigamo, pode?

JOÃOZINHO — Ai vêm êles!!

PORFIRIO -- Loló, veja lá, hem ! Posso confiar em você? (Porfirio e Joãozinho preparam-se para sair).

LOLÓ -- Farei os possiveis.

JOÃOZINHO — DEUS é grande!

LOLÓ — Escute, êsse homem que vem ai é seu amigo?

PORFIRIO -- Do peito. Só que êle é muito brincalhão e às vêzes finge que não gosta de mim. (êles já estão na porta).

JOÃOZINHO — (da porta). Mas é fingimento . Só figimento. (saem e fecham a porta. Loló fica sòzinha ensaiando em silêncio as respostas que lhe foram ensinadas. Depois faz uma cara de quem não está entendendo muita coisa . Mas dá de ombros e aguarda. Toca a campainha).

LOLÓ -- (abrindo a porta). Pode entrar. (o General e Daisy entram meio desconfiados e procuram com os olhos Porfirio e Joãozinho).

General -- Onde estão Porfirio e Joãozinho?

LOLÓ -- (apos pequena hesitação). Sairam.

General -- Mas vão demorar?

LOLÓ -- (nova hesitação). Acho que não.

GENERAL -- (sentado). Muito bem . Nós esperamos então (Pausa).

LOLÓ -- Ih, começa logo!

Daisy -- Começa o que ?

GENERAL -- Desculpe perguntar, mas quem é você ?

LOLÓ -- (satisfeita por ter sido finalmente feita a pergunta que esperava, responde convicta). Eu sou a espôsa de Porfirio.

Daisy -- (desconfiada). Espôsa?



LOLÓ-- (explicativa). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

GENERAL -- Brincadeira? Que brincadeira?

LOLÓ -- Não era isso que o sr. devia perguntar agora.

GENERAL -- O que é que deveria pergutar agora ?

LOLÓ -- Há quantos tempos nós somos casados.

GENERAL -- Muito bem. Então me diga. Há quanto tempo vocês são casados ?

LOLÓ -- Há cinco anos.

DAISY -- Mas casados no duro ?

LOLÓ -- (hesitante, coçando a cabeça). Bem, isso ele não explicou, mas eu acho que é.

GENERAL -- E onde é que você andou todo esse tempo ?

LOLÓ -- Nós logo depois nos separamos.

DAISY -- Bem, mas onde é que voce esteve ?

LOLÓ -- Por aí

GENERAL -- E agora voce voltou ?

LOLÓ -- Voltei ... Espera aí. Como era mesmo ?

Voltei ... p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser sua mulher. Teve que ficar assim por causa da primeira pessoa.

(O General e Daisy se entreolham,
desconfiadíssimos).

GENERAL -- A senhora quer fazer o favor de repetir essa frase ?

LOLÓ -- Como foi que eu disse mesmo ?

GENERAL -- A senhora disse: "Voltei p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser sua mulher"

LOLÓ -- Olha, deixa eu dizer depressa que sai. (fecha os olhos e dispara as palavras).

Voltei p'ra vir morar com ele, p'ra continuar a ser sua mulher. (abre os olhos triunfantes)

Viu ?

GENERAL -- (nervoso) . Daisy, voce quer ver se descobre quem é essa louca e o que ela está fazendo aqui.

DAISY -- Voces tem filhos ?

LOLÓ -- Isso eu não posso responder.

DAISY -- Por que ?

LOLÓ -- Porque senão voces vão desconfiar da brincadeira.

GENERAL -- Mas afinal de contas, que brincadeira é essa ?

LOLÓ -- (coçando a cabeça). Pois é . Isso é que eu também não sei.

GENERAL -- Escuta menina. Responda com tôda sinceridade. Você tem certeza que não é maluca ?

LOLÓ -- (intimidada). Eu sou a espôsa de Porfírio.

GENERAL -- Mas nunca esteve internada ?

LOLÓ -- Há cinco anos.

DAISY -- Você hoje já esteve conversando com o Porfírio?

LOLÓ -- Mas logo depois que nos separamos.

DAISY -- Porfírio disse a você p'ra que é que eu vinha aqui ?

LOLÓ -- P'ra vir morar com ele, p'ra ser sua mulher.

GENERAL -- (aos berros). Tá tudo explicado. Mas fique sabendo que o canalhocrata do seu amiguinho não me escapa. E que vai acabar na igreja nem que seja a bala.

LOLÓ -- Puxa, se isso é fingimento, o sr. finge bem p'ra xuxu.



GENERAL-- Fingimento ? Você vai ver a lição que eu vou passar naquele libertino.

(Nesse momento abre-se a porta com violência e surgem Porfírio e Joãozinho. Porfírio pára dramaticamente na entrada).

PORFÍRIO -- (olhando LOLÓ). Querida! Tu voltaste ↓ (ligeira pausa).

LOLÓ -- (de boca mole). Olha, danou tudo ↓

(Porfírio parte para abraça-la).

PORFÍRIO -- Oh, meu amor! Há quanto tempo ↓

LOLÓ -- 'Tou dizendo que danou tudo ↓

PORFÍRIO -- Compreendo. A tua vida longe de mim é que se danou, não foi ? Mas não há de ser nada, meu bem. Vamos recomeçar tudo e reconstruir o nosso lar. (Porfírio está abraçado com ela; há um silêncio). Não dizes nada, querida ?

GENERAL -- (peremptório). Não vai reconstruir coisa nenhuma.

PORFÍRIO -- Ah, General, o senhor está aí?

GENERAL -- (sereno e definitivo). Eu vim aqui p'ra você assinar os papéis do casamento. (enfia um papel na mão de Porfírio).

PORFÍRIO -- (amável, embora recebendo o papel). Não vê o senhor, General, que eu não lhe disse antes, mas sucede que eu já sou casado.

GENERAL -- (aproximando-se de Porfírio e oferecendo-lhe sua caneta). Você tem caneta ? Porque se não tiver, eu não tenho objeção alguma em emprestar a minha.

PORFÍRIO -- (parando). General, parece que o senhor não compreendeu bem. Eu disse que JÁ ERA casado. (amável). E de acôrdo com a lei brasileira, não sei se o senhor sabe, a gente não pode se casar duas vezes.

GENERAL -- (sacando o revólver). Não se faça de besta e assina logo, porque eu quero dar a entrada nos papéis ainda hoje.

PORFÍRIO -- (violento). Mas isso é uma violência. O sr. não pode fazer isso. É um crime contra a liberdade individual de um cidadão. Afinal de contas, eu tenho meus direitos. (ralentando gradativamente o ritmo da frase). E não posso ser forçado assinar... uma coisa ... com a ... qual ... eu ... não ... estou ... de acôrdo. (baixo e humilde). Não posso ... Ou posso ?

GENERAL -- (ainda amável). Pode. (Porfírio está com o papel e a caneta na mão).

PORFÍRIO -- (com os olhos fixos no revólver). Joãozinho, você me acharia um traidor se eu agora contasse tudo ... Mas tudinho mesmo ?

JOÃOZINHO -- Ainda não chegou o momento de empregar medidas tão extremas.

PORFÍRIO -- (após rápida leitura). De minha livre e espontânea vontade, General

GENERAL -- (sempre amabilíssimo). Assina, meu anjo.

(Porfírio vai assinar, mas pára).

PORFÍRIO -- Joãozinho, só p'ra minha informação, eu queria saber o seguinte. Você acha que o momento de empregar medidas extremas p'ra salvar um guilhotinado é antes ou depois da cabeça pular fora ?

GENERAL -- (aos berros, com o revólver na cara de Porfírio). Assina ↓

PORFÍRIO -- Já que falou de bons modos ...

(Porfírio assina. O General guarda o revólver. Pega o papel, olha-o com carinho e então enxuga uma lágrima furtiva).

GENERAL -- (emocionado). Meus filhos, vocês me desculpem a emoção, mas é que eu sou um velho de natureza sentimental.



(Porfírio olha com cara de poucos amigos para ele)
É esse o momento romântico com que eu sempre sonhei na minha vida; ver minha filha pedida em casamento. Mas como eu não sei fazer discursos bonitos, só quero dizer uma coisa a vocês: sejam felizes. (beija os dois).

PORFÍRIO -- Isso já é tripudiar.

GENERAL -- (encaminhando-se para sair). Daisy, meu bem, fique ai direitinho com seu noivo que o papai já volta. (para Porfírio). Meu genro, comporte-se, sim ↓ (para Joãozinho e Loló). P'ra vocês que ficam, até logo. (Sai Pausa).

LOLÓ -- (de boca mole). Até que ele é um bocado simpático, não é ?

PORFÍRIO -- (de boca mole, imitando Loló). Você acha, acha ?

DAISY -- Ih, você já vai começar, é ?

PORFÍRIO -- Começar o que ?

DAISY -- Fique sabendo que nenhum de nós está aqui disposto a aturar seu sarcasmo nem seu mau humor.

PORFÍRIO -- Voce se esquece que voces é que estão na minha casa ? Os incomodados que se mudem.

DAISY -- E voce se esquece que está falando praticamente com sua esposa ?

PORFÍRIO -- Espôsa ?

LOLÓ -- (convencida de que está acertando em cheio). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

PORFÍRIO -- (rosnando). Loló, chega, ouviu ? Essa brincadeira já acabou.

LOLÓ -- (chorosa). Você não tem o direito de falar assim comigo. Eu respondi tudo direitinho.

JOÃOZINHO -- Calma, Loló.

LOLÓ -- (ainda chorosa). Não posso entender porque é que não deu certo.

JOÃOZINHO -- Não chora. No fundo, Porfírio não está zangado com você.

PORFÍRIO -- (irônico). Claro que não. (sardonico, para Loló). Eu só queria era outro favor teu.

LOLÓ -- (de boca mole). Pois não Porfírio.

PORFÍRIO -- (ultra -sardonico) . Era que você pegasse uma gilete e cortasse uma a uma as veias de teu pulso. Ou então tomasse café com formicida. (vai pegando um tom violento) Ou ateasse fogo às vestes. Ou metesse uma bala na cabeça.

(Loló, que conforme Porfírio falava ia ficando cada vez mais assustada, rebenta um pranto convulsivo).

JOÃOZINHO -- Calma, Loló. Não chore. É que Porfírio está nervoso. (vai levantando Loló para a porta). Vamos sair um pouco. Vamos dar uma voltinha. (saem).

DAISY -- (para Porfírio). Você não tem mesmo um pingão de coração.

PORFÍRIO -- Vocês por acaso é que têm? O que eu acho gosado é o tom com que voce fala comigo.

DAISY -- Que tom ?

PORFÍRIO -- Esse tom de vida de casado.

DAISY -- Não diga bobagens, porque nós ainda nem sequer somos casados.

PORFÍRIO -- A simples perspectiva do casamento, transforma qualquer Pier Angeli em Bori Karloff.

DAISY -- Bem, eu realmente fui um pouco indelicada co voce, mas você também foi muito indelicado com a Loló.

PORFÍRIO -- (levemente representando). Não, não tem importancia. E não me compreenda mal. Eu gosto de você. Você é o tipo de mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei.

DAISY -- (surpresa e um tanto irônica). Que é que há com você, hem ?

PORFÍRIO -- Não, no duro. Não é confete, não. Honestamente . Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

DAISY -- É isso que você diz a todas as suas namoradas ?

PORFÍRIO -- Bem, se você se acha repulsiva e não quer acreditar, isso é problema seu. Uma coisa te digo. Eu estou falando exatamente o que estou sentindo.

DAISY -- É que você mudou tão derrepente ...

PORFÍRIO -- (ainda levemente representando). Daisy, eu sou muito diferente do que vocês me julgam. No fundo eu sou um romântico. E todas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

DAISY -- Por que você ainda não se encontrou...?

PORFÍRIO -- Exatamente. E na verdade eu levo uma vida triste, solitária e tremendamente amargurada.

DAISY -- (sincera). Puxa, você deve sofrer um bocado.

PORFÍRIO -- (falsamente amargurado). Não há nada pior que ter cada dia uma pequena. Do que cada dia conhecer um corpo diferente. É um sofrimento pavoroso.

DAISY -- Eu nunca imaginei que os homens pudessem pensar assim.

PORFÍRIO -- Eu não sou um homem como os outros. Eu acho que sexo, apenas por sexo, sem uma ligação afetiva, não é um ato digno de criaturas evoluídas.

DAISY -- É exatamente o que eu também acho.

PORFÍRIO -- Pois é. Eu senti que você pensava assim. Por isso, logo à primeira vista, eu gostei de você.

DAISY -- Até que você não é tão ruim quanto eu pensava.

PORFÍRIO -- E agora nós vamos casar.

DAISY -- Aliás, aí há uma coisa que eu quero te explicar, Porfírio.

PORFÍRIO -- Eu também tenho uma coisa que eu quero te explicar. É o seguinte. Eu sou definitivamente contra a noite de núpcias.

DAISY -- Contra ?

PORFÍRIO -- É. Eu acho que o dia do casamento é um dia muito agitado, muito cheio de correria, de modo que, p'ra minha sensibilidade, a noite desse dia não é em absoluto o momento ideal para a primeira ligação de amor entre duas pessoas.

DAISY -- E daí ?

PORFÍRIO -- Daí, que na minha opinião, quando duas pessoas se casam, já devem se conhecer com toda intimidade, p'ra evitar constrangimentos. E, para se conhecerem, nada melhor do que um momento tranquilo e despreocupado em que os dois estejam juntos, numa comunhão espiritual. (pausa). Um momento como esse que nós estamos vivendo agora.

DAISY -- Continua.

PORFÍRIO -- Na noite de núpcias, quando o rapaz segura a mão da moça, há um certo mal estar, porque aquilo já estava pré-determinado. Mas num dia qualquer, quando ele segura a mão dela (segura a mão de Daisy), aquilo tem um significado muito mais profundo, porque foi alguma coisa que surgiu com emoção e espontaneidade. Por outro lado...

DAISY -- (desprende-se dele). Basta de tapiação. Você pensa que eu não sei onde você quer chegar ? O que eu fico bôba é de ver como você pode querer fazer isso com a namorada do seu melhor amigo.



PORFÍRIO -- (furioso). Bolas ↓ E como quem meu melhor amigo quer me ver casado.

DAISY -- Isso não tem nada a ver com o peixe.

PORFÍRIO -- Isso é o próprio peixe.

DAISY -- Você é mesmo um libertino sem moral.

PORFÍRIO -- Nós não vamos nos casar ?

DAISY -- Vamos.

PORFÍRIO -- Então porque é que a gente não pode começar a se amar logo, desde hoje ?

DAISY -- Porque você não me dá falta de ar.

PORFÍRIO -- Mas voce não vai permitir que esse detalhe técnico atrapalhe toda minha vida.

DAISY -- Fique sabendo que nós só vamos nos casar p'ra me libertar das garras de meu papai e p'ro Joãozinho não poder mais ter aqueles dramas de rapaz direito. Em seguida, eu venho morar aqui para não dar despesas ao Joãozinho e mesmo porque, perante a lei, você tem obrigações de me manter. Mas não vamos ter nada um com o outro , 'ta me entendendo ?

Todas as minhas noites de amor, eu passarei com o Joãozinho. E pode começar juntar dinheiro também, porque é você que vai pagar minha lua de mel com meu amor.

PORFÍRIO -- (estupefato). Mas isso não se faz a um cão danado.

DAISY -- E tem mais. Quero esse apartamento limpo e arrumado e, de hoje em diante, sem aquele quadro horroroso na parede. (Daisy parte para o quarto "neste apartamento mora um solteiro feliz").

PORFÍRIO -- (num apelo patético). Não|. Isso não|

DAISY -- (virando o quadro). Quero decência aqui dentro|

PORFÍRIO -- (num gemido repugnado). Decência ?

DAISY -- E acima de tudo moral. (começa a cair o pano. Daisy abre a porta para sair). Moral, tá me entendendo ? (sai batendo a porta).

(termina de fechar o pano sobre o segundo ato).



ATO 111

(Mesmo cenário, mas sem o quadro "nesse apartamento..."na parede.Porfírio e o General estão em cena jogando uma partida de xadrez).

PORFÍRIO -- General, eu não sei como lhe dizer isso, mas estou obrigado a lhe dizer uma notícia desagradável que vai alterar muitos dos seus planos.

GENERAL -- (apreensivo). O que é ?

PORFÍRIO -- Eu compreendo que o sr. fez uma série de projetos baseado num fato e que agora, com essa notícia, esses seus projetos irão todos por água abaixo, mas ...

GENERAL -- Fale logo.

PORFÍRIO -- ... Mas chegou o momento em que não posso mais lhe sonegar o que está se passando aqui. General, o sr. vai me desculpar imensamente eu lhe dizer isso, mas a realidade nua e crua ... é que sua filha ... é virgem. (pausa).

GENERAL -- Por que ?

PORFÍRIO -- Porque... Ora, porque. O sr. tem idade bastante p'ra saber porque.

GENERAL -- O sr. tem alguma deficiência ?

PORFÍRIO -- Não é bem esse o caso, General !

GENERAL -- (mais queimado). O sr. está então por acaso querendo insinuar que minha filha não é atraente o bastante para entusiasmar um homem ?

PORFÍRIO -- General, eu tinha prometido ao Joãozinho não lhe contar nada a respeito desse caso. Mas agora eu já fui empurrado até muito perto do altar, de modo que sou obrigado a quebrar minha promessa. Daisy morava, não comigo, mas com o Joãozinho.

GENERAL -- Mesmo que isso fosse verdade, continua interamente inexplicável essa pureza/ de minha filha.

PORFÍRIO -- Acontece que o Joãozinho tem o grave defeito de ser um rapaz direito.

GENERAL -- Bem, vamos ver isso por partes. Primeiro. Como é que você pode provar que Daisy não morava com você e sim com o Joãozinho ?

PORFÍRIO -- Vou lhe responder também por partes. Primeiro. O sr. já percebeu que nas novelas policiais o assassino não é nunca aquele que tá na cara que devia ser ?

GENERAL -- Já

PORFÍRIO -- E quem é normalmente o assassino ?

GENERAL -- O mordomo .

PORFÍRIO -- Que é o tipo do sujeito que é um verdadeiro doce de côco e que ninguém desconfiava, não é ?

GENERAL -- Exatamente.

PORFÍRIO -- Muito bem. Pois no nosso caso, o mordomo é o Joãozinho. (pausa). Segundo. Que é que todo mundo diz que eu sou ?

GENERAL -- Um libertino.

PORFÍRIO -- E o sr. acha que um libertino que se preza, um sujeito que tem horror mortal ao casamento, iria estar morando com uma moça numa vida em que tudo e por tudo semelhante a do casamento ?

GENERAL -- Realmente ... Parece que não .

PORFÍRIO -- Terceiro. Quando o sr. entrou no apartamento do Joãozinho, qual foi sua impressão ?

GENERAL -- Muito boa.

PORFÍRIO -- E quando o sr. entrou no meu apartamento, qual foi sua impressão ?



GENERAL -- Uma respeitavel bagunça.

PORFÍRIO -- Uma salutar e respeitavel bagunça masculina. Muito bem. Agora me diga uma coisa. O sr. considera sua filha uma relapsa ?

GENERAL -- Não .

PORFÍRIO -- Então onde é mais provavel que Daisy estivesse morando ? No meu apartamento / ou no do Joãozinho ?

GENERAL -- No do Joãozinho.

PORFÍRIO -- Quarto e último. Quando o sr. estava procurando Daisy neste apartamento, o sr. chegou a ir ao banheiro ?

GENERAL -- Cheguei.

PORFÍRIO -- E o que é que o sr. viu lá ?

GENERAL -- Apenas alguns jornais espalhados.

PORFÍRIO -- (inflamado). E o sr. acha que há alguma mulher no mundo que permita ao marido ou ao amante esse prazer humano e singelo de ler tranquilamente seus jornais ?

GENERAL -- De forma alguma.

PORFÍRIO -- Então o sr. concorda que esses benditos jornais são a prova definitiva da minha vida de solteiro ?

GENERAL -- Voce me convenceu. Daisy morava com o Joãozinho. Mas como é que eu agora posso ter certeza de que ele não abusou da minha filha ?

PORFÍRIO -- Observando os seguntes detalhes. Um . O ar apavorado do Joãozinho, que é tipico de rapaz direito. O vigarista tem um brilho fascinante no olhar que o sujeito honesto nunca tem. Dois. A preocupação de Joãozinho em querer ficar "bem" diante do sr. O libertino não se incomoda de ser considerado libertino. Três. A ansiedade desvairada de Daisy em querer casar e ter uma lua de mel. A moça que... já se encontrou na vida, também quer casar, mas com mais serenidade.

GENERAL -- Isso significa uma mudança completa nos meus planos.

PORFÍRIO -- Mas também significa que se acabaram as suas preocupações.

GENERAL -- Só que Daisy volta a ficar sem nenhum marido à vista.

PORFÍRIO -- Acima de tudo, General, o importante é que agora não se justifica mais o sr. sacar sacando seu revólver por aí.

GENERAL -- (cordial). Voce é um patife de última classe, mas ainda quero explicar que se assumiu uma atitude aparentemente violenta foi ...

PORFÍRIO -- Aparentemente ?

GENERAL -- ...Foi porque eu tenho uma estima e um amor imenso a minha filha. A mãe morreu quando ela tinha dois anos e você sabe que não é facil para um pai substituir o seio materno.

PORFÍRIO -- (intencional). Claro!

GENERAL -- Nem tornei a me casar para me dedicar inteiramente a ela. E esta vida sozinho foi me tornando cada dia mais austero.

PORFÍRIO -- Todo sujeito só é um moralista.

GENERAL -- Quando ela quis vir para o Rio, eu só concordei porque ela vinha morar na casa de uma familia conhecida. Mas agora vi que, mesmo assim, os perigos são muitos. Nunca se pode ter certeza de que ela vá encontrar sempre rapazes honrados e distintos como o Joãozinho. Há tambem os tipos como você. Por isso vou leva-la de volta p'ra minha companhia .

PROFIRIO -- (despedindo-se dele). Embora em materia de amor o sr. seja o tipo do reacionario, eu até que gosto do senhor.

(Nesse instante entra Joãozinho, ca
bisbaixo e amargurado).

GENERAL -- (alegre, para Joãozinho). Meu rapaz, já sei de tudo.

JOÃOZINHO -- (espantado). Tudo ?

PORFIRIO -- (definitivo). Graças a mim.

GENERAL -- (pomposo). E devo dizer que admirei imensamente sua conduta irreprochável.

JOÃOZINHO -- Irreprochável ?

GENERAL -- Não é todo dia que se encontra um gentleman como voce, meu rapaz. Um gentleman com a retidão moral e o caráter que voce demonstrou.

JOÃOZINHO -- O sr. tá exagerando, General ...

GENERAL -- Não seja modesto. Voce é um dos poucos que pode dizer orgulho; eu sou um cavalheiro.

JOÃOZINHO -- Mas General, eu não sou ...

GENERAL -- (cortando). Meu rapaz, no meu nome e no da minha filha ...

JOÃOZINHO -- (nervoso). General...

GENERAL -- Eu quero lhe agradecer o fato de não ter feito aquilo que qualquer liberto no teria feito.

JOÃOZINHO -- (exasperado). General, o que eu estou tentando dizer é que acabei exatamente aquilo que qualquer libertino teria feito.

GENERAL -- (perplexo). Mas como é que o sr. pôde fazer uma coisa dessas ?

JOÃOZINHO -- Como ? Da maneira tradicional !!!

PORFIRIO -- (divertido). Quando foi isso ?

JOÃOZINHO -- Agora ... agorinha.

GENERAL -- E eu que o julguei um cavalheiro.

PORFIRIO -- (imitando o General) . Meu rapaz, meus parabéns.

GENERAL -- Súcia de crápulas.

JOÃOZINHO -- (abatido). Sou um canalha.

GENERAL -- (partindo para a porta). Vou buscar minha filha. Vou imediatamente buscar minha filha.

(Sai. Pausa. Joãozinho deixa-se cair numa poltrona arrasado).

JOÃOZINHO -- (amargurado). Que é que eu faço agora, Porfírio ?

PORFIRIO -- (tranquilíssimo). Ora, o caso também não é assim tão sério ...

JOÃOZINHO -- Eu me sinto o último dos canalhas.

PORFIRIO -- Obrigado. (Porfirio começa a arrumar o apartamento).

JOÃOZINHO -- Obrigado por que ?

PORFIRIO -- Porque assim, no maximo, eu poderei ser o penúltimo.

JOÃOZINHO -- Brincadeira tem hora, Porfirio.

PORFIRIO -- Eu acho essa hora agora tão boa quanto qualquer outra.

JOÃOZINHO -- Voce não vê que eu me envolvi numa responsabilidade tremenda ?

PORFIRIO -- Não vejo responsabilidade nenhuma.

(porfirio pega o quadro "nesse apartamento"... para recoloca-lo na parede).

JOÃOZINHO -- Voce não pode compreender isso porque é um libertino.

PORFIRIO -- Comparando com o que voces planejam e agem aqui, eu 'tou chegando a conclusão que eu sou um anjinho fugido de presépio.



JOÃOZINHO -- Será que voce não poderia me ajudar em nada ?

PORFIRIO -- (definitivo). Não. Caso voce ainda não tenha percebido, eu agora vou pedir a voces todos que sumam do meu apartamento e começo vida nova, meu velho. Longe de preocupações e, se Deus quizer, uma vida inteiramente sem moral. (aciona um interruptor, que reduz a luz do ambiente. Em seguida liga a vitrola. Entra em bg uma marcha militar do gênero do hino dos fuzileiros navais americanos).

JOÃOZINHO -- Voce nem vai se interessar pelo que vai acontecer comigo ?

PORFIRIO -- Que tal minha nova técnica ?

JOÃOZINHO -- Antigamente a música era romântica.

PORFIRIO -- Aí é que está. Música romântica é justamente o que a vítima está esperando. É um condicionamento muito elementar.

JOÃOZINHO -- O que eu acho formidável é esse acabamento profissional que voce empresta a uma conquista.

PORFIRIO -- A marcha militar exerce uma influência sub-liminar. A figura vai começando a ficar com vontade de assumir uma atitude heróica, e a tendencia ao leito se torna / uma consequencia lógica irreversível.

JOÃOZINHO -- Isso já é colocar uma cantada em termos de sistema filosófico.

PORFIRIO -- Voce conhece a Mariusca ?

JOÃOZINHO -- Aquela boa, que não dá bola p'ra ninguem ?

PORFIRIO -- Exatamente. Pois eu boleei uma técnica infalível para atraí-la a esse apartamento.

JOÃOZINHO -- Ela não quer nada.

PORFIRIO -- Quer. Eu sei que quer porque apliquei um teste psicologico. Perguntei a ela, se ela tivesse que ir a Europa, e se pudesse visitar sómente uma cidade, qual cidade ela escolheria. Ora, uma moça preocupada em estudos, responderia Roma. Uma romântica, diria Veneza. Mas ela respondeu Paris. O que revela suas tendências óbvias.

JOÃOZINHO -- E o que é que você vai fazer ?

PORFIRIO -- Começar a sair com ela.

JOÃOZINHO == Isso é o que todos tem feito.

PORFIRIO -- Mas com a diferença que eu não vou querer absolutamente nada. Vou pega-la / em casa, de automóvel, muito digno, passear um pouco e depois leva-la de novo em casa de automóvel, sem pedir p'ra segurar na mão.

JOÃOZINHO -- Não 'tou vendo onde voce quer chegar.

PORFIRIO -- Isso quatro, cinco, seis vezes. Almoços, jantares, concertos de piano, com vites p'ra assistir peças de Bertld Brecht. Negócio cultural p'ra xuxu. E sem falar em sexo. Aí a coitadinha vai começar a ficar meia intrigada.

JOÃOZINHO -- Puxa esse plano é a longo prazo.

PORFIRIO -- Mas funciona. Ela vai começar a pensar lá com seus botões. Que é que há / com esse cara, que canta tudo que é pequena e comigo não quer nada ?

JOÃOZINHO -- (fascinado). E vai achar que o defeito talvez seja dela. Que ela é que não é boa o bastante p'ra voce.

PORFIRIO -- E vai passar a se oferecer. Vai falar com aquela boquinha linda assim bem juntinho da minha. E eu nem pelota.

JOÃOZINHO -- Voce vai traumatizar a garota.

PORFIRIO -- Até o dia em que eu marcar um encontro aqui no meu apartamento. Ela vai vir rastejando. Implorando o meu amor. (pausa). O resto, eu deixo a sua imaginação completar.

JOÃOZINHO -- (facinado). Isso é que é vida. (Porfirio desliga a vitrola). (amargurado)

Puxa, p'ra que é que eu fui inventar de ser um rapaz direito ?

PORFIRIO -- Joãozinho, você tem que se convencer de uma coisa. Na vida, tudo que é bom, é pecado.

JOÃOZINHO -- Uma coisa eu não posso perdoar meus pais.

PORFIRIO -- O que é ?

JOÃOZINHO -- Terem me dado uma formação moral tão sólida.

PORFIRIO -- Você ainda insiste nessas idéias "démodées" ?

JOÃOZINHO -- (solene). Depois do que eu fiz a única solução é o casamento.

PORFIRIO -- Joãozinho, eu vou te pedir uma coisa.

JOÃOZINHO -- Fala.

PORFIRIO -- è que você tenha um pouco mais depudor e não fale em casamento com tanta naturalidade. Eu sou um sujeito muito sensível, sabe ?

JOÃOZINHO -- P8ra mim o mal não é tanto o casamento. O diabo é que ela é uma burrinha...

PORFIRIO -- (intencional). Eu até que acho uma menina muito viva...

JOÃOZINHO -- Muito viva ? Ah! Então eu sou um cérebro eletrônico. (Pausa. Os dois param na posição em que estão. Em seguida vão virando lentamente o rosto um para o outro).

PORFIRIO -- Espera aí ! De quem é que você está falando ?

JOÃOZINHO -- Da Loló, ora essa.

PORFIRIO -- Então foi com ela ?

JOÃOZINHO -- (cabisbaixo). Pois é. Foi com ela..

PORFIRIO -- Eu pensei ...

JOÃOZINHO -- E agora eu vou ter que casar com aquela mentecapta.

PORFIRIO -- Mas você sabendo como você pensa, como é que foi fazer uma coisa dessas ?

JOÃOZINHO -- A carne é fraca, Porfirio.

PORFIRIO -- E agora vai casar ... ?

JOÃOZINHO -- (dramatico). Não posso suportar a idéia de não casar e saber que causei a perdição de uma moça, que lancei no mundo uma infeliz.

(Nesse instante abre-se a porta e entra Loló, com o ar mais feliz do mundo).

LOLÓ -- (sorridente para os dois). Oba ! (pausa).

PORFIRIO -- (para Joãozinho). Até que ela não parece assim tão infeliz ... Mas se você acha que deve casar...

JOÃOZINHO -- (cortando). É uma questão de fôro íntimo.

PORFIRIO -- Já sei, que eu não posso compreender porque ...

LOLÓ -- (cortando com ar de quem descobriu a pólvora). Por que você é um libertino.

PORFIRIO -- Loló, o que me impressiona é a originalidade das tuas conclusões.

(Nesse instante abre-se a porta e entra o general puxando Daisy pelo braço).

GENERAL -- (solene). Meus senhores, tenho uma revelação a fazer. Perdi a confiança em minha filha. Porque depois da confissão completa do Joãozinho, ela ainda insiste em querer defender sua pureza.

PORFIRIO -- Acontece que houve um engano, General.



DAISY -- Eu bem que disse a papai que tinha havido um engano. Não era possível. Eu não me lembrava de nada. E isso é o tipo de coisa que não pode acontecer sem a gente se lembrar.

GENERAL ---Qual foi o engano ?

PORFIRIO -- A pureza perdida no caso não foi a de sua filha, e sim a de nossa vizinha, aqui presente.

DAISY -- O que ? Quer dizer que eles dois ...

PORFIRIO -- É.

GENERAL -- Quer dizer que minha filha ainda ...

PORFIRIO -- Ainda .

DAISY -- E agora ? Que é que vai acontecer ?

PORFIRIO -- Agora Joãozinho e Loló vão se casar.

DAISY -- (indignada). É o fim ! O fim do final ?

PORFIRIO -- Eu disse a você.

DAISY -- Disse o quê ?

PORFIRIO -- Que êsse era um plano que funcionava com a precisão de um relógio suíço.

GENERAL -- Bom, então ... Está tudo resolvido.

DAISY -- Joãozinho, fique sabendo que você caiu no meu conceito.

GENERAL -- Mas minha filha, ele vai remediar o mal casando com Loló.

DAISY -- O problema não é esse. O fato é que o mínimo de consideração que ele podia ter comigo, era me dar prioridade.

LOLÓ -- (de boca mole). Quem vai ao vento perde o asseto.

PORFIRIO -- Depois dessa frase bíblica da Loló, eu acho que voce não tem outra solução/ senão se conformar minha cara Daisy.

DAISY -- Não. Antes eu quero ver o que o Joãozinho tem a me dizer.

GENERAL -- (consolando). Conforme-se, minha filha, conforme-se. Loló teve apenas mais sorte que você. Só isso.

DAISY -- (imperativa). Fala, Joãozinho.

JOÃOZINHO -- Bem, voce sabe Nós saímos juntos daqui. Loló estava magoada com que o Porfírio tinha dito a ela. Aí ela começou a chorar ... Aí eu comecei a consolá-la... Aí ela chorou mais... Você sabe como é. Eu sou um sujeito de coração mole. Não sei resistir a lágrimas de mulher.

GENERAL -- Bem amigos, o que passou, passou. E agora chegou o momento da separação. Daisy e eu voltamos hoje mesmo para Minas. (para Joãozinho e Loló). P'ra vocês, meus votos / de felicidades.

JOÃOZINHO -- Obrigado, General.

GENERAL -- E voce, Porfírio, veja se segue o exemplo de Joãozinho.

PORFIRIO -- Boas festas, General.

GENERAL -- (encaminhando-se para Daisy). Eu vou descer que eu ainda tenho que fazer umas compras. Enquanto isso você pega as suas roupas lá no apartamento do Joãozinho. Depois desce que eu estarei te esperando lá em baixo.

DAISY -- Está bem, papai ! (o General encaminha-se para a porta).

GENERAL -- (da porta). Bom amigos, até mais ver então. (sai).

PORFIRIO -- JOÃOZINHO -- LOLÓ -- (juntos). Tchauzinho. Até a vista, General. Até Logo, General.

DAISY -- (zangada). Joãozinho, você quer então devolver minhas roupas ?



JOÃOZINHO -- Pois não. (saem Joãozinho e Daisy. Pausa)

PORFIRIO -- (ar honesto). Loló, nós andamos discutindo um pouco (aciona o interruptor que reduz a luz do ambiente), mas eu não quero que você me compreenda mal. Na verdade eu gosto de você. Você é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração / que eu sempre admirei. (liga a vitrola, entra a marcha militar em Bg).

LOLÓ -- (admirada). Eu, é ?

PORFIRIO -- E isso não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal , um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

LOLÓ -- Por que é que é que você 'ta falando tão macio ?

PORFIRIO -- Por que eu sou muito diferente do que você me julga. No fundo eu sou um romântico. E todas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

LOLÓ -- Defesa de que ?

PORFIRIO -- Do meu proprio subconciente.

LOLÓ -- Próprio o que ? Não entendi, não. (ligeira pausa). Que musica é essa ?

PORFIRIO -- (com ar de raposa). Uma música, ué. Uma musica como outra qualquer. O que é que ela te dá vontade de fazer ?

LOLÓ -- Sair marchando.

PORFIRIO -- (rápido e aliciante, ajeitando o sumier). Marchando em direção a que ? (ligeira pausa) .

LOLÓ -- Não sei ... Sair marchando. Sair marchando.

PORFIRIO -- (ajeitando melhor o sumier). Então ... Saia marchando.

(Loló sai marchando em direção a porta, abre a porta e sai de cena, sempre marchando).

PORFIRIO -- (seco e imperativo). Alto. (Loló pára). Meia volta, volver ! (ouve-se o barulho dos pés de Loló fazendo meia volta, fora de cena. Porfirio aciona o interruptor. A luz volta ao normal). Loló, você quer fazer a gentileza de voltar aqui p'ra dentro ?

LOLÓ -- (entrando um pouco intimidada). Que foi que eu fiz de errado ?

PORFIRIO -- (contido). Nada, Loló. (desliga a vitrola). Vamos começar de novo. Loló que é que você acha da injustiça ?

LOLÓ -- É ruim, não é ?

PORFIRIO -- É barbaro. Agora me diga uma coisa. Você acharia justo, se você fosse andando pela rua e visse dois pobres, dar um conto de réis a um dos pobres e não dar nada ao outro ?

LOLÓ -- Não...Não 'tava certo.

PORFIRIO -- Pois o que voce está fazendo com o Joãozinho e comigo é exatamente isso.

LOLÓ -- P'ra que é que você 'ta me dizendo isso ?

PORFIRIO -- P'ra ver se você se volta contra esse abominável estado de coisas e se anima a tomar uma providência.

LOLÓ -- Providência p'ra que ?

PORFIRIO -- P'ra gente aproveitar melhor esse tempo que nós temos agora.

LOLÓ -- Aproveitar como ?

PORFIRIO -- Loló, eu vou te dar um outro exemplo, p'ra ver se você me compreende melhor. Você alguma dia já viu uma criança triste e palida espiando um doce na vitrine de uma confeitaria ?

LOLÓ -- Já.

PORFIRIO -- É uma cena de levar lágrimas até aos olhos de um coveiro, não é ?

LOLÓ -- É triste p'ra xuxu.

PORFIRIO -- Muito bem. E qual é o impulso ético e humano de uma criatura de bom coração



diante dessa cena ? (Pausa. Loló continua com ar aparvalhado). Que é que você faria?

LOLÓ -- Dava o doce à criança.

PORFIRIO -- Exatamente. Pois nessa novela que eu acabei de contar, a distribuição / de papéis é a seguinte. A criança pálida e triste sou eu. O doce é você.

LOLÓ -- Você não tem cara nem pálida nem triste.

PORFIRIO -- Isso é o que você pensa. Eu juro que vivo aqui numa melancolia profunda tão solitário, amargurado e triste que, puxa, quando eu penso no meu caso, morro de / pena de mim mesmo. (ligeira pausa).

LOLÓ -- (meio em duvida). Nada... Isso é conversa tua.

PORFIRIO -- Conversa ? Mas eu não sou de conversa. Eu não prometi que faria o Joãozinho casar com você ?

LOLÓ -- Prometeu.

PORFIRIO -- E agora ele não vai casar com você ?

LOLÓ -- Vai.

PORFIRIO -- Então como é que você pode dizer que eu sou conversa ?

LOLÓ -- Mas você não ajudou em nada p'ra esse casamento. Foi tudo esforço meu.

PORFIRIO -- Mas eu influenciei o Joãozinho. É a mim que você deve agradecer a possibilidade desse esforço. E agora você quer me fazer essa ingratidão...

LOLÓ -- Eu não sou ingrata.

PORFIRIO -- Pois prove isso. Depois de eu ter te arranjado um casamento, voce tem obrigação de também me fazer alguma gentileza. Na vida tudo é reciprocidade.

LOLÓ -- Mas qual é a gentileza que você quer que eu faça ?

PORFIRIO -- Eu já não te disse que sou um amargurado ?

LOLÓ -- Já:

PORFIRIO -- E você não acha que a gente deve dar momentos de alegria aos amargurados ?

LOLÓ -- Lá isso deve.

PORFIRIO -- E qual é o melhor momento de alegria que você pode me dar ? (ligeira Pausa).

LOLÓ -- Ah, não vem com pergunta assim de sopetão que eu me atrapalho toda.

PORFIRIO -- (desanimado). Assim não é possível.

LOLÓ -- (iluminada). Já sei. Dar um conto de réis a um pobre?

PORFIRIO -- (subindo em tom). Não Loló.

LOLÓ -- Te dar um doce de presente ?

PORFIRIO -- (exasperado). Desde que esse doce seja você, tá me entendendo ? Desde que esse doce seja você.

LOLÓ -- (em tom seguro). Ah, então era isso que você queria dizer com aquela história de aproveitar melhor o tempo ?

PORFIRIO -- (ainda exasperado). Exatamente, Loló.

LOLÓ -- (também nervosa). Então porque é que você não disse logo ?

PORFIRIO -- Está dito agora. (pausa).

LOLÓ -- (baixo novamente). É ... mas não pode ser.

PORFIRIO -- (controlado). Não pode porque ?

LOLÓ -- Por causa do Joãozinho.

PORFIRIO -- Joãozinho não tem nada a ver com esse meu momento de alegria.

LOLÓ -- Tem sim.

PORFIRIO -- Por que ?

LOLÓ -- Porque tem. Joãozinho não ia gostar.

PORFIRIO -- Mas a gente não vai sair espalhando a coisa por ai. Ele não vai saber.



E uma pessoa não pode gostar de uma coisa que não chegou a saber. Você, por exemplo, não pode ficar amolada por ter perdido um broche, se você não chegar a reparar que perdeu esse broche.

LOLÓ -- Eu perdi um broche ? Quando ?

PORFIRIO -- (de nôvo exasperado). Não Loló, isso foi uma comparação. Escuta . P'ra gente chegar a alguma conclusão, voce tem que acompanhar meus raciocínios.

LOLÓ -- (ofendida). Você 'ta querendo me chamar de burra, é ?

PORFIRIO -- Não, Loló . Como é que foi pensar uma barbaridade dessas ?

LOLÓ -- 'Ta sim. Você ta querendo me chamar de burra. Agora eu percebi muito bem. E eu admito tudo, menos isso. Vou-me embora.

PORFIRIO -- Loló, onde é que está o seu espirito de solidariedade humana ? Você não po de ir embora agora.

LOLÓ -- (chorosa). Vou sim. Voce me magoou e eu vou-me embora lá p'ra baixo.

(encaminhando-se para a porta.)

PORFIRIO -- Mas Loló...!

LOLÓ -- (da porta). E só volto quando o Joãozinho voltar(sai).

PORFIRIO -- (furioso,sózinho, andando de um lado para o outro). O que é que há ? O que h^ocomigo ?

(Nesse instante abre-se a porta e Joãozinho entra).

JOÃOZINHO -- (patético da porta). Porfírio, sou um desgraçado.

PORFIRIO --Desgraçado sou eu. Joãozinho, me diz com sinceridade. Você me acha repulsivo?

JOÃOZINHO -- Você é um encanto. Eu é que sou um desgraçado.

PORFIRIO -- O seu problema já esta todo resolvido.

JOÃOZINHO -- Não 'ta não.

PORFIRIO -- P'ro seu raciocínio simplório, casando com a Loló, você não tem mais dramas.

JOÃOZINHO -- Tenho sim.

PORFIRIO -- Você já 'ta exagerando nessa história de querer ser um rapaz direito.

JOÃOZINHO -- Ninguem me compreendê.

PORFIRIO -- (olhando Para a porta). O que eu compreendo é que há certas vítimas que não estão á altura da beleza de uma cantada psicologica.

JOÃOZINHO -- Meu caso não tem solução.

PORFIRIO -- Esta senhora é uma ameba. Uma ameba. E como é que a gente vai convencer uma ameba a dormir com a gente ?

JOÃOZINHO -- Sou um infeliz.

PORFIRIO -- Basta desse negocio de você ser um infeliz, Eu é que acabei de desonrar pela segunda vez a reputação desse apartamento.

JOÃOZINHO -- Mas eu estou com um tremendo problema de consciência.

PORFIRIO -- Pois eu estou exatamente atraz de um problema de consequência igual a tua.

JOÃOZINHO -- Eu sabia que você não ia compreender...

PORFIRIO -- Mas já não está tudo dito e explicado ?

JOÃOZINHO -- Acontece, Porfírio, que quando Daisy foi buscar as roupas lá no meu apartamento, ela começou a chorar.

PORFIRIO -- (atônito). Continua.

JOÃOZINHO -- E você sabe que eu não sei resistir a lágrimas de mulher.(Pausa). A fisionomia de Porfírio se contrai. Ele se aproxima até ficar bem junto de Joãozinho).



PORFIRIO -- (como que cuspi no rosto do outro). Libertino!

JOÃOZINHO -- Mas Porfirio, você não imagina como eu estou sofrendo.

PORFIRIO -- Libertino, sim senhor ! Enquanto eu fico aqui numa vida ascética de monge budista, você anda se esbaldando por aí. Devasso ! Corrupto e corruptor !

JOÃOZINHO -- Não Porfirio, eu sou um rapaz direito!

PORFIRIO -- Você não tinha lenço no seu apartamento ?

JOÃOZINHO -- Tinha, mas ...

PORFIRIO -- Então porque é que você não deu um lenço a Daisy quando ela começou a chorar? Mas não ! Você tinha que se demonstrar mais humano e solidário com o sofrimento dela, não é ? Eu só espero que minhas irmãs nunca encontrei um rapaz tão humano e solidário quanto você. Descarado !

JOÃOZINHO -- Mas Porfirio, você sempre achou isso uma coisa tão normal e salutar...!

PORFIRIO -- Quando era comigo . Você não espera que eu vá gostar a MINHA filosofia p'ra explicar o SEU sem-vergohismo.

JOÃOZINHO -- Mas eu quero remediar tudo.

PORFIRIO -- Como ? Remediar tudo como ? Eu só quero saber o que é que você pretende fazer agora diante dessa dupla responsabilidade, dessa dupla amargura, desse duplo drama de consciência .

JOÃOZINHO -- Pois é . Isso é que eu não sei.

PORFIRIO -- Case com as duas. Com uma no Uruguai e com a outra na Argentina. Depois / passe as segundas, quartas, e sextas com a Daisy e as terças quintas e sabados com a Loló. Mas os domingos deixe livre . Deixe livre p'ra assistir filmes românticos. E quando as moçinhas da platéia começarem a chorar, traga todas elas aqui p'ro seu apartamento .

JOÃOZINHO -- Você está sendo injusto, Porfirio.

PORFIRIO -- (ainda curioso). Ou então nem entre no cinema. Vá so p'ra fila. Vá so / p'ra fila e comece a cortar umas cebolas.*

JOÃOZINHO -- Você está sendo injusto e cruel. Eu estou num momento de intenso sofrimento moral e preciso justamente dá ajuda de um amigo como você.

PORFIRIO -- Joãozinho, meta uma coisa na cabeça. A única coisa que eu ainda pretendo fazer por você na vida, é segurar a alça do seu caixão no cemitério. Mais Nada.

JOÃOZINHO -- Mais como é que eu vou contar o caso ao General ?

PORFIRIO -- Usando tato e habilidade. De um tapinha nas costa dele e diga: General, sua filha, bau... bau...! E quando ele disparar o revólver abra bem a bôca, p'ra ver se você engoli depressa a bala, antes dela te estourar o crânio.

JOÃOZINHO -- Isso não é hora para brincadeira.

PORFIRIO -- Você não sabe como eu estou falando sério, meu caro Joãozinho. Como / eu estou falando sério...

JOÃOZINHO -- Você não compreende que se eu casar com a Loló, vou me sentir eternamente responsável pela perdição da Daisy, e se eu me casar com a Daisy, a Loló é que / não me dará paz à consciência.

PORFIRIO -- Não case com nenhuma, Então. E mande as duas chorar as magoas aqui no / meu apartamento.

JOÃOZINHO -- Eu so queria uma coisa de você, Porfirio.

PORFIRIO -- Pode dizer que eu terei o maximo prazer em não fazer.



JOÃOZINHO -- Eu vou trazer a Daisy p'ra cá. E depois, se o General vier também, eu só queria que você saísse um pouco com a Daisy, p'ra eu ter minha converca a sós / com o General. Só isso.

PORFIRIO -- Você tem certeza que o que você quer não é que eu saia com o General, / p'ra você ter outra conversa a sós com a Daisy?

JOÃOZINHO -- Porfirio, depois disso eu juro que não te encomodo nunca mais.

PORFIRIO -- (Após certa hesitação). Vá lá. Mas olha. Toma cuidado quando você der a noticia ao General. Ele pode também querer chorar...

JOÃOZINHO -- Até já, Porfirio. (Sai)

(Porfirio fica sózinho em cena. Vai até / a vitrola. Ouve-se a marchinha "a vida de cesado é boa... mas a vida de solteiro / é melhor". Porfirio dá um suspiro de satisfação e vai ao sumier, onde se deita / para repousar. Nesse instante abre-se a porta suavemente e entram o General e Loló sorrateiros e cabisbaixos. Entram, fecham a porta e ficam postados de pé / na entrada com o ar mais culpado do mundo).

PORFIRIO -- (do sumier, virando a cabeça). Ah, vocês estão aí? (O General e Loló nada respondem. Porfirio levanta-se, vai até a vitrola e desliga-a).

PORFIRIO -- (na vitrola). Vocês se encontraram lá em baixo? (O General e Loló / continuam em silêncio e de cabeça baixa).

PORFIRIO -- (guardando o disco). Eu estava aqui ouvindo está misiquinha p'ra repousar um pouco e... (Porfirio para de estalo a frase e o que está fazendo. Está / com uma expressão de quem de repente entendeu tudo. Vira-se lentamente e vai se encaminhando para o General e Loló).

PORFIRIO -- (a principio em tom baixo e em seguida subindo em volume a dramaticidade). Não. Não! Não!!!

(General e Loló continuam de cabeça / baixa e em silêncio).

PORFIRIO -- Vocês não vão me dizer que vocês dois ... (General faz que "sim" / com a cabeça).

PORFIRIO -- O que me imprecional é a rapidez com que vocês agem.

GENERAL -- Você sabe, Porfirio...

PORFIRIO -- (furioso). Não precisa me dizer nada. Já sei. Já sei de tudo. Loló chegou lá em baixo chorando, não foi?

GENERAL -- Pois é. E agora é que eu compreendi como o Joãozinho é um rapaz de bons sentimentos.

PORFIRIO -- Bons sentimentos? Então eu sou um São Francisco!

GENERAL -- A gente não pode resistir, Porfirio. É uma coisa de partir o coração, quando ela começa a chorar.

PORFIRIO -- Vocês precisavam ser menos emotivos, sabe?

GENERAL -- É uma coisa que você não pode compreender, Porfirio, porque você é um ...



PORFIRIO -- (cortando, furioso). Porque eu sou o que ? Diga, se tem coragem. Porque eu sou o que ?

GENERAL -- (intimidado). Porque você ... Bem, não tem uma sensibilidade assim tão no- / bre e apurada quanto a nossa.

PORFIRIO -- (Furioso). Eu sou um puro uma criança. Uma criança perdida numa noite de tempestade. Tudo o que me sobra em teoria, vocês estão aí firmes, pondo em pratica.

GENERAL -- A questão, Porfirio, é que eu estou agora com um problema.

PORFIRIO -- Pois estimo que o sr. continue com ele.

GENERAL -- Não sei como contar o caso ao Joãozinho. Você sabe ... Isso é um assunto de / licado. Afinal de contas, Loló é noiva dele.

PORFIRIO -- Mas o sr. pretende contar o caso ao Joãozinho ?

GENERAL -- Claro. Lembre-se que eu sou o homem honrado.

PORFIRIO -- (ironico). Ah, perdão. Eu tinha me esquecido.

GENERAL -- E aí é que eu precisava de um grande favor teu, Porfirio.

PORFIRIO -- (apreencivo). Qual ?

GENERAL -- É que quando eu fosse contar o caso ao Joãozinho, você saisse um pouco / com a Loló. Você compreende... P'ra eu e ele termos nossa conversa a sós.

PORFIRIO -- 'Tá O.K. Eu agora topo tudo.

(Nesse momento abre-se a porta e entram João / zinho e Daisy).

JOÃOZINHO -- (meio sem jeito). Ah, General, o sr. está aí ?

GENERAL -- (ultra-amável). Estava justamente te esperando, meu rapaz.

JOÃOZINHO -- (solícito). Ora, General, mas o sr. não devia se incomodar ...

GENERAL -- É sempre um prazer falar com você me rapaz.

DAISY -- Puxa, Papai, você 'ta um bocado gentil, hem ?

GENERAL -- Joãozinho merece, minha filha. Joãozinho merece.

PORFIRIO -- Bem, eu vou dar uma volta por aí. (Intencional). Daisy e Loló vocês não / querem vir comigo ? (Sai).

GENERAL -- Vai, Loló. Vai passear com o Porfírio.

JOÃOZINHO -- Acho melhor você também ir, Daisy. (saem Daisy e Loló).

(O General e Joãozinho ficam parados um / diante do outro. Sorriem constrangidos).

GENERAL E JOÃOZINHO -- (Juntos). Sente-se General. Sente-se Joãozinho. (sorriem no / vamente e sentam. Pausa).

JOÃOZINHO -- O sr. está bem acomodado, General ?

GENERAL -- Muito bem. Muito bem. Você é que parece que está numa posição um pouco in- / comoda. (pega uma almofada que estava em uma poltrona).

JOÃOZINHO -- Não senhor, está ótimo.

GENERAL -- Ponha essa almofada nas costa, meu rapaz. (levanta-se para colocar a al- / mofada nas costa de Joãozinho).

JOÃOZINHO -- Ora General, não se encomode.

GENERAL -- Não, mas eu insisto.

JOÃOZINHO -- Obrigado então, General. (General senta novamente. Pausa).

GENERAL E JOÃOZINHO -- (Juntos) . General... Joãozinho ...

(Quando vêm que falam juntos, param no- / vamente).

JOÃOZINHO -- Pode falar, General.

GENERAL -- Não, fale primeiro.

JOÃOZINHO -- Dessa vez sou eu que insisto, General. O sr. é mais velho.

(O General ajeita-se na cadeira).

GENERAL -- Joãozinho, você sabe que eu sou um homem vivido.

JOÃOZINHO -- Claro, General.

GENERAL -- É uma coisa eu aprendi na vida.

JOÃOZINHO -- (ultra solícito). Claro, General.

GENERAL -- Foi a compreender certos deslizes que as criaturas as vezes cometem.

JOÃOZINHO -- Puxa, General, o sr. não imagina como eu fico satisfeito do senhor dizer uma coisa dessas.

GENERAL -- Eu é que fico satisfeito de vê-la sua compreensão.

(Nesse instante abre-se a porta e entra Porfírio).

PORFÍRIO -- (Entrando). Joãozinho, você quer vir até cá ? (Leva Joãozinho para um canto e cochicha qualquer coisa no ouvido dele. Joãozinho franze a testa e cochicha / também . Porfírio cochicha novamente para Joãozinho e então êste, meio a contragosto, entrega ao outro um molho de chaves. Porfírio agradece e sai).

GENERAL -- Ele é um bom rapaz. É pena que seja tão devasso.

JOÃOZINHO -- Mas continue, General. O senhor ia dizendo que estava pronto a compreender um deslize que alguém tivesse tido com sua filha ...

GENERAL -- Bem, eu não estava me referindo exatamente a minha filha. Eu falava por exemplo, de um deslize que alguém tivesse tido com a noiva de alguém ...

JOÃOZINHO -- Ah, era a noiva ?

GENERAL -- Por que é que havia de ser com a filha ?

JOÃOZINHO -- General, eu tenho uma coisa a lhe dizer, mas não sei como explicar.

GENERAL -- Diga, que a gente depois encontra a explicação.

JOÃOZINHO -- General... O fato é que eu e sua filha ... tivemos um deslize. (Pausa)

GENERAL -- Bem, afinal de contas a gente tem que compreender que o deslize é o único metodo p'ra uma moçã de familia ter certeza do seu amor por um rapaz. Só quando ela está disposta a deslizar com ele sobre os limites da moral é que o amor é / verdadeiro.

JOÃOZINHO -- Essa explicação está ótima, General. Continue.

GENERAL -- Alias, os limites da moral provavélmente foram feitos p'ra isso mesmo. / P'ra servir de termometro da intensidade do amor das moças de familia.

JOÃOZINHO -- Eu não podia esperar que o sr. fosse mais compreensivo.

GENERAL -- Mas agora chegou sua vez.

JOÃOZINHO -- De ser compreensivo ?

GENERAL -- De me arranjar uma boa explicação .

JOÃOZINHO -- P'ra que ?

GENERAL -- P'ro fato da fidelidade de certas noivas não ser tão canina quanto seria desejavel .

JOÃOZINHO -- General, o sr. sabe, depois do casamento a traição é um choque brutal / e sem remedio. Mas, entre noivos é uma coisa que tem até um certo sabor de aviso / preventivo. Aviso de que aquele casamento não ía mesmo ser feliz. Por isso, General, do fundo do meu coração, eu lhe agradeço ter seduzido minha noiva.



GENERAL -- Ora, não há de que meu rapaz. Não há de que. Mas agora me diga uma coisa. (solene). Quais são as suas intenções em relação a minha filha ?

JOÃOZINHO -- As mesmas que as tuas em relação a minha noiva.

GENERAL -- (ainda solene). Paremos então um duplo casamento.

JOÃOZINHO -- (mesmo tom). Porque somos dois homens honrados.

GENERAL -- (mesmo tom). Parabéns meu rapaz.

JOÃOZINHO -- (mesmo tom). Parabéns, General

(Pausa)

GENERAL -- (Desfazendo a pose). Puxa, até que foi bem mais facil do que eu pensei. / Ainda bem que você também tinha um deslize p'ra contar.

JOÃOZINHO -- Nada como dois deslizes p'ra unir duas pessoas ...

GENERAL -- Onde estarão as meninas ?

JOÃOZINHO -- Devem estar no meu apartamento, por que Porfírio veio cá me pedir a / chave.

GENERAL -- O que ? Você entregou a chave do seu apartamento àquele libertino , sabendo que ele estava com nossas noivas ?

JOÃOZINHO -- Bem, mas ainda não deu tempo de ter acontecido nada.

GENERAL -- Nunca se sabe. Nunca se sabe. (nesse instante abre-se a porta e entram / Daisy e Loló).

GENERAL -- Ué, vocês estão ai ?

LOLÓ -- E ouvimos tudo.

DAISY -- E vamos querer a maior lua de mel. (elas se atiram aos braços dos seus res- / pectivos noivos).

JOÃOZINHO -- Mas o que foi feito do Porfírio ?

DAISY -- Ele parece que ficou meio matusquela.

LOLÓ -- (de boca mole). Logo que nós saímos ... Imagina so o que ele fez. Mandou / a gente párar aí no corredor e disse p'ra eu abrir bem a vista. (abre desmesurada- / mente os olhos e a seguir fala rapido). Aí ele soprou com toda a força dentro do / meu olho ! (Abre-se a porta e entra Porfírio).

GENERAL E JOÃOZINHO -- (Juntos para Porfírio). Canalha !

DAISY -- Eu não entendi p'ra que ele fez isso !

JOÃOZINHO -- P'ra fazer ela chorar.

GENERAL -- (intencional). P'ra fazer ela chorar, 'ta compreendendo ?

PORFÍRIO -- Basta !

LOLÓ -- (rapido). Mas eu não chorei !

PORFÍRIO -- Rua!

DAISY -- Eu também não !

PORFÍRIO -- Fora todo mundo !

GENERAL -- Vamos embora mesmo ! Não temos mais nada a fazer aqui na toca desse / libertino !

JOÃOZINHO -- Vamos !

(Saem todos quatro. Porfirio fica sozinho. Dá um suspiro de alivio e quando vai sentar, toca a campai- nha da porta. Indignado, Porfírio pega uma garrafa e parte para a / porta, com atitude agressiva.



R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0726/P.325 Ao abrir a porta, ouve-se uma voz de mulher, fora de cena).

VOZ -- (off).(Uma mão entrega um embrulho). Sô Porfírio, vim trazer a roupa!

PORFIRIO -- (abaixando a garrafa e recebendo o embrulho). Quanto é ?

VOZ -- (off). Quinhentos mil réis.

PORFIRIO -- (saindo para o banheiro, com o embrulho). A senhora tinha dito que era / trezentos.

VOZ --(off) . É, mas agora é quinhentos mesmo. (pequena pausa). (A luz ambiente se reduz). Porfírio entra de novo em cena e vai a vitrola, ouve-se a marcha militar).

PORFIRIO -- (em tom melífluo). Dona Florisbela, nós andamos discutindo um pouco mas eu não quero que a senhora me compreenda mal. A senhora é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei...

VOZ -- (off, espantadíssima). Que é isso, sô Porfírio ?

PORFIRIO -- (já quase delirante). Não, no duro. A senhora tem um encanto pessoal / um carinho envolvente que seduz qualquer pessoa.

VOZ -- (off). Cruz crêdo ! Até logo, sô Porfírio ! Até loguinho !

(Ouve-se o ruído de pessoas se afastando. Arrasado Porfírio se encaminha para apanhar alguma coisa debaixo do sumier, quando entra Joãozinho rápido e ofegante).

JOÃOZINHO -- Porfírio, preciso falar com você !

PORFIRIO -- (Atirando uma pequena valise debaixo do sumier, em tom entre dramático e erótico). Adeus Joãozinho !

JOÃOZINHO == Mas Porfírio, pra onde é que você vai ?

PORFIRIO -- (Saltando para a platéia e saindo pelo corredor entre as poltronas) . Vou-me embora p'ra casa de mamãe !!!



(E assim cai o pano sobre o terceiro ato, com a figura de Joãozinho perplexo, no centro do Palco).

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

36/80

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" - de Gláucio Gill

IMPRÓPRIO P/MENORES DE 16 ANOS

(CONFRONTO E ENSAIO GERAL - grupo profissional)

Autor: Gláucio Gill

Produtora: Mogli Produções Artísticas Ltda.

Diretor: Branco Sorelli

Primeiramente, realizamos o confronto e verificamos a identidade do texto ora apresentado com o já liberado.

Após, procedemos ao ensaio geral da peça, no dia 23.01.80, às 9:00 horas, no Teatro Ruth Escobar, sito à Rua dos Ingleses, 209- S.Paulo, tendo a relatar o que segue.

Trata-se de uma comédia em três atos.

A paz reinante no apartamento de "Porfírio" é abalada com a chegada do "Joãozinho" que, apavorado, suplica ajuda ao amigo. Explica que o "general" descobrira que sua filha "Daisy" estava morando em seu apartamento.

A confusão se forma quando "Joãozinho" ao esconder a amada no apartamento do amigo, o general a encontra ali, dentro de um guarda-roupa. Todas as aparências incriminam o inocente "Porfírio". Para este, um inveterado libertino é desesperadora a decisão do "general": quer o casamento.

"Porfírio" pede auxílio a "Loló". Dotada de pouca inteligência, nada mais faz do que piorar a situação.

Após, vários lances divertidos, tudo se resolve da melhor maneira possível: o "general" casa-se com a "Loló", "Joãozinho" com a "Daisy" e "Porfírio" resolve voltar para a casa da mãe.

(segue)

CP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"Toda donzela tem um pai que é uma fera" - de Gláucio Gill

16 anos

Fls.2

Verificamos que a encenação seguiu fielmente o contido no texto.

O cenário é composto de um guarda-roupa, duas poltronas, uma mesinha e uma cama, simbolizando o apartamento de um rapaz solteiro.

O vestuário é constituído de roupas comuns e simples. No início, pijamas e "baby-doll".

Considerando-se o tema, e por se tratar de uma comédia relativamente leve, divertida, dosada de malícia, com alguns palavrões, comuns, opinamos pela liberação da mesma, com impropriedade para menores de 16 anos.

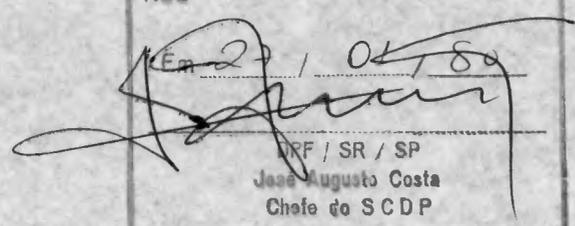
São Paulo, 24 de janeiro de 1980.


Idalina Yabu Nakayama
T.C.


Yoshimi S. Kanayama
T.C.

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE
ACORDO COM PARECER DOS CENSO
RES

Em 27 / 01 / 80


JFF / SR / SP
José Augusto Costa
Chefe do SCDP

TEATRO

TÍTULO Toda Donzela Sem um Pai Que é uma Fera

Gáncio Gil

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anosPraça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 15 / 02 / 80 /Calina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

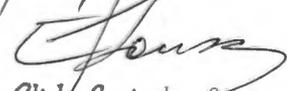
DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Sr. Diretor da DCDP, tendo em vista o parecer de ensaio geral, realizado em São Paulo, diminuindo a faixa etária de 18 para 16 anos.

E, 20/02/80


Bliel José de Sousa
Mstr. 2 095 665

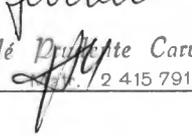
Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do S.C.

De acordo com o relatório do ensaio geral efetuado no SCDP/SR/SP, foi sugerida diminuição da imprópriedade anterior: de 18 para 16 anos, a sua consideração

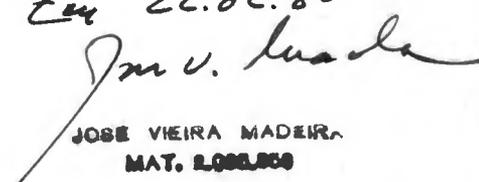
Brasília - DF 20 de fevereiro de 1.980


Helé Duarte Carvalho
Mstr. 2 415 791

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De acordo com os pareceres dos Tec. de Censura, e as informações dos Srs. Chefes de Serviço, libere-se com a imprópriedade de 16 (Dezesseis) anos.

E, 22.02.80


JOSE VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.665

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P.329

154

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

GLÁUCIO GIL

26

FEVEREIRO

85

26

FEVEREIRO

80

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

Jose V. Lu. L.
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
GLÁUCIO GIL

MOGI PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA - SP

22

FEVEREIRO

80

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUAN-
DO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26

FEVEREIRO

80

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

472/80-SE/DCDP

26.02.80

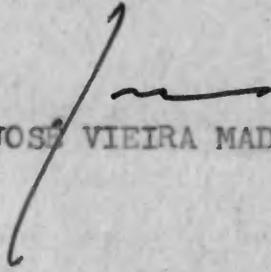
Superintendente Regional do DPF em São Paulo

Ref. Of. 1353/80-SCDP/SR/SP

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Glaucio Gill.

Superintendente,


JOSÉ VIEIRA MADEIRA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

AUTOR: "GLAUCIO GILL"

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - DF - DCDP - BSB

16 001 0944 5 013035

16 cm

RECEBIDO POR _____

Releto no

FICHA DO DCDP

LEONEL DA COSTA NUNES

Requerente

BRASILEIRA

Nacionalidade

ARTISTA

Profissão

Carteira de Identidade 237.009 - PEDRO MELO - BA - SSP

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Av. D. JOÃO VI - CHACARA 74 - AP. 57 - EDF. JARDIM PARI

BROTAS

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de: GLAUCIO GILL

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Leonel da Costa Nunes, 7 de agosto de 1981

Local e Data

Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GARRA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS CGC: 14-735-526-0001-24
Sede: AV. PRINCEZA ISABEL - 87 - EDF. RIVOLTA AP: 31
CEP: 40.000
Diretor ou Responsável: FERNANDO DE SOUZA NEVES

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: GLAUCIO GILL
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
CEP: _____

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 7 de agosto de 1981
Ass.: [Assinatura]



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENEDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

Relatório de ensaio geral

Peça: Toda donzela tem um pai que é uma fera.

Autor: Gláucio Gil

Senhora Chefe,

Assisti, dia 04/09/81, às 20,30 horas, no Teatro Gamboa, ao ensaio geral da peça acima descrita, tendo a relatar o seguinte:

O espetáculo se desenvolve através do desenrolar da estória de um rapaz solteiro e libertino que se vê obrigado a casar-se com uma moça cujo pai, general, é de uma valentia amedrontante.

Comédia livre e simples, não fosse o uso de algumas palavras de baixo calão, pelo que opino pela liberação para maiores de 16 anos.

Cenário, vestuário, iluminação, gestos e expressões corporais tudo de acordo com o tema e a legislação censória.

É o parecer.

DPF/SR/BA
Severino Ernesto *[Assinatura]* Bel.
Sub. Chefe de C. D. P.

TEATRO

TÍTULO "TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE UMA FERA"

AUTOR: "GLÁUCIO GIL"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 Anos

Praça SALVADOR / BA

Obs.:

DF. / 19 / 10 / 81

Paulis

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE

na forma do parágrafo
2º do art. 16 da Lei nº 11.700/1981
Em, 23/10/1981*Arésio Teixeira Deixoto*
Chefe de Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de aprovação em requerimento de censura e com a seguinte condição: apropriada para menores de 16 (dezesseis) anos, em cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: Ensaio Geral - SR/BA
Brasília - 20 de 10 de 1981

Cellé Mendes Carnalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília - DF de de 1.97

J. I. Le Magnage Boive

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 337

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GIL

154

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

GLAUCIO GIL

IMPÉRIA PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS, CONDIÇÃO DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO É TERÁ VALIDADE QUANDO ACOM
21 OUTUBRO 86

" LINGUAGEM LIVRE "

BRASÍLIA

21

OUTUBRO

81

16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

Jose V. Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0728/P.338

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

GLAUCIO GIL

124

LEONEL DA COSTA NUNES - SALVADOR/BA

20 OUTUBRO 81

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, CONDICIONA
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOM
PANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

BSB 21 OUTUBRO 81

IMPRESSÃO PARA
JOSE TEIXEIRA PEIXOTO
DIRETOR DA DCDP

2978/81-SE/DCDP

21 outubro

81

Bahia

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA",
de autoria de Glaucio Gil.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. protestos de
estima e consideração.


ARESIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe do SC/DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

"CLAUCIO GIL"

MJ-SCDP-BSS
30 NOV 09 15 015001
RECEBIDO POR 74

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL - SR/RJ

Ofício nº 1.787/81 - SCDP/SR/DPF/RJ Em, 16.11.1981

Do: Serviço de Censura de Diversões Públicas - SR/RJ

Endereço: Av. Rodrigues Alves, 01 - 3º andar

Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

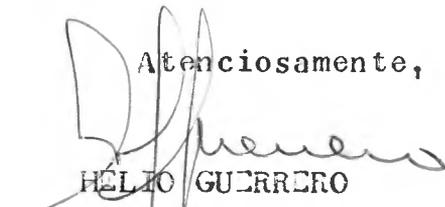
Assunto: Encaminhamento (faz)

Ref. Prot.: 015964/81-SCDP/SR/DPF/RJ

Senhor Diretor:

Para fins de expedição de certificado definitivo,
encaminho a V.Sa. texto, pareceres e cópia do certificado provisório
nº 227/81/RJ..... da peça teatral "TODA DONZELA TEM UM PAI.
QUE É UMA FERA"....., de ... GLAUCIO GIL.....
..... o exame foi requerido por
JOSE CARLOS DE FIGUEIREDO FILHO.....

Atenciosamente,


HELIO GUERRERO
Chefe do SCDP/SR/RJ

cas/.

10 NOV 1981 015954

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Eurydes Pinto de Jesus
Ag. Pol. Fed. - Matr. 1.867.796

JOSE CARLOS DE FIGUEIREDO FILHO

Requerente

brasileira,
Nacionalidade

Arquiteto

Profissao

Carteira de Identidade 2.422.994 IFP

Nº e Órgao Expedidor

residente e domiciliado à rua visconde de Caravelas, 116/402

Botafogo

, vem

mui respeitosamente, requerer de V.Sa que se digne mandar exami-
nar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s)

peça (teatral)

abaixo relacionada (s) de

Especie

autoria de: GLAUCIO GIL

TÍTULO (s) TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

N. Termos,

P. Deferimento.

Data: RIO DE JANEIRO, 10 de novembro de 1981

Requerente

JOSE CARLOS DE FIGUEIREDO FILHO

Anexos:

ref: 226-8974

S = 9050

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: JOSE CARLOS DE FIGUEIREDO FILHO CGC: 181587907-63

Sede: rua Visconde de Caravelas, 116/402, Botafogo

CEP: _____

Diretor ou Responsável: Jose carlos de Figueiredo Filho

2 - DADOS AO AUTOR

Nome: GLAUCIO GIL (falecido)

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

4 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (executando os pedidos de renovação de certificação ou de confronto de texto), assumindo inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1981

Ass.: _____

JOSE CARLOS DE FIGUEIREDO FILHO



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio , 10 de Novembro

de 19 81

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

RECORIS
10 NOV 1981 075964

RECEBIM
Eurydes Pinto de Jesus
Ag. Pol. Fed. - Matr. 1867.796

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Original de **GLAUCIO GILL**

Tradução de

Próxima apresentação de **GRUPO CORPO E VOZ**

Teatro **PETROPOLITANO F.C.** Cidade **PETROPOLIS**

Estado **RJ.**

A estréia está prevista para **2ª quinzena de Novembro de 1981**

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P 345

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 227/81/RJ

PROVISÓRIO

PEÇA "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

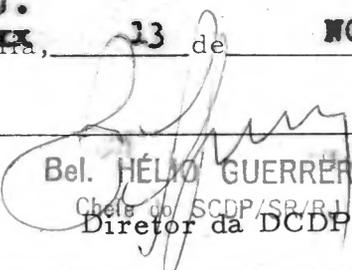
ORIGINAL DE CLAUDIO GIL

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

**PROIBIDO
PARA
MENORES
DE 14 ANOS**

VÁLIDO ATÉ 13 de JANEIRO de 19 82

R.J.
BRASILIA, 13 de NOVEMBRO de 19 81


Bel. HÉLIO GUERRERO
Chefe do SCDP/SR/RJ
Diretor da DCDF

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Original de GLAUCIO GIL
Tradução de -
Adaptação de -
Produção de -

Requerida por Requerida por JOSÉ CARLOS DE FIGUEIREDO FILHO

Tendo sido censurada em 12 de NOVEMBRO de 19 81 e recebido a seguinte classificação: 14 ANOS/. CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL/.ESTE CERTIFI-

CADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMEN-
TE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RJ.

Brasília, 13 de novembro de 19 81

[Handwritten Signature]
Beí. Apce/a l. ana de l. zcvedo y l. osado
Subst./Chefe da S. C./SCDP/SR/RJ
Chefe do Serviço de Censura
Mat. 2.416.889

Ilmo. Sr.

Chefe do SCDP/SR/RJ

PARECER Nº 1674

Assunto: Exame do Ensaio Geral

Título: Toda Donzela Tem Um Pai Que É Uma Fera

Autor: Gláucio Gil

Classificação: 14 anos

Justificativa: costumes sociais, a virgindade, como honra das jovens

Conforme determinações comparecemos ao auditório do DPF, para assistirmos ao exame do ensaio geral.

O cenário é uma sala, composta de sofá, cadeiras, um barzinho e eletrola, onde apresentam músicas já gravadas, portanto, registradas na DCDP.

As vestimentas é um baby-dool, depois mini saia da principal personagem e os demais de roupa comum, calça e blusa.

Marcação e iluminação adequadas.

Embora, anteriormente este texto tenha sido liberado com impropriedades para 18 e após 16 anos, sua mensagem através do tempo diluiu-se, razão porque opinarmos atualmente pela sua liberação com censura para 14 anos.

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1981

Augusto da Costa
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 1.113.220

Teresa Guimarães Paternostro
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822

Gabriela Wagner Gomes
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.416.891

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas

Parecer nº 1663.....

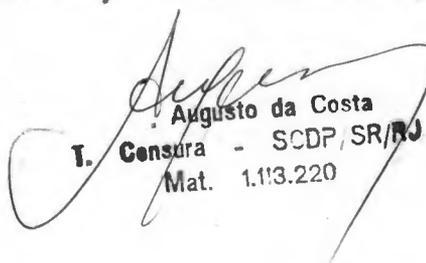
Assunto.....: Leitura de texto (Comparativa)
Título.....: "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"
Autor.....: Gláucio Gil
Classificação....: 14 ANOS

Comédia de costumes mostrando alguns problemas da nossa sociedade como a honra das jovens, a virgindade, / que é colocada em questão se deve ou não ser mantida até o casamento.

Tudo isto é discutido entre quatro / jovens, dois rapazes e duas moças, mais o pai de uma delas, num clima humorístico contagiante, pois a linguagem é informal, sem qualquer expressão chula ou palavrão, razão pela qual opinamos pela liberação pa ra maiores de 14 anos, faixa etária que na época atual já se interes sa pelo assunto e o compreende, e da maneira que é apresentado no texto não despertará qualquer curiosidade malsã nessa idade de transição.

O texto examinado confere com o ante rior.

Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1981


Augusto da Costa
I. Censura - SCDP, SR/RJ
Mat. 1.113.220

TEATRO

TÍTULO "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

AUTOR: GLAUCIO GIL"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça RIO DE JANEIRO / RJ

Obs.:

DF. / 03 / 12 / 81

Opheule

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sua. Diretora da D.C.P.
Inicialmente esta
peça foi liberada
para maiores de
14 (quatorze) anos, re-
cedendo, depois, libera-
ção para maiores de
16 e 18 anos. Agora,
propõe-se, novamente
a liberação para ma-
ior de 14 anos, com lo-
ca no nome do su-
bstituído, tendo-se, in-
clusive, emitido cir-
cular provido no.

A sua consideração

E 15-12-81

Arésio Teixeira Pereira

Em de 15-12-81 de 1981
Chefe do Serviço de Censura - D.C.P.
SUBSTITUTO

3) CHEFE DA S.C.T.C.

S. Chefe do S.C.

Com a justificativa
de que a mensagem foi diluída
pelo tempo (?), a presente peça, exa-
minada no RJ, teve mais uma
vez sua classificação reduzida:
de 16 p/ 14 anos.

A sua consideração

Brasília-DF 07 de 12 de 1981

Belle
Carvalho
MAT. 2.415.791

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-S

na forma do parecer

Em, 04 / 01 / 19 82

Selange M. T. Hernandez

Selange M. T. Hernandez
MAT. 2.415.818

TODA DONZELA TEM UM PAE QUE É UMA FERDA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0728/P.350

ATO I

Abre-se o pano mostrando um apartamento típico de rapaz solteiro, em Copacabana, dêsses de quarto, kitchenette e banheiro, com a desordem condizente. Deitado num sumier, dormindo, está Porfírio, de pijama de calça curta. Um despertador visível marca dez para as seis. O ambiente está em semi-penumbra, vendo-se numa parede um dêsses quadros com os dizeres: "Neste apartamento mora um solteiro feliz". Toca a campainha insistentemente. Duas, três, quatro vêzes. Porfírio acorda, meio estremunhado, acende a luz e abre a porta. Entra Joãozinho, rápido e afobado. O cenário é uni-

co e a peça tem cinco personagens.

JOÃOZINHO — *(entrando rápido e ofegante)*. O porteiro me avisou.

PORFÍRIO — Avisou o quê?

JOÃOZINHO — O homem está lá em baixo e quer subir a todo pulso.

PORFÍRIO — Que homem? Calma, senta, você está afobado.

JOÃOZINHO — O General. O pai da Daisy.

PORFÍRIO — Eu disse a você. Eu disse que essa gaiôta era um espêto.

JOÃOZINHO — Ele descobriu que Daisy está morando comigo e... Porfírio, vai dar um bode dos diabos. O porteiro me disse que o homem está uma fera.

PORFÍRIO — Por que é que ele ainda não subiu?

JOÃOZINHO — Por causa do portão. Do portão, você está compreendendo?

PORFÍRIO — Não.

JOÃOZINHO — O portão só abre as seis horas. Antes disso não pode entrar ninguém estranho.

PORFÍRIO — Vai ver então ele foi embora e resolveu voltar depois.

JOÃOZINHO — *(agitadíssimo, vai até a janela)*. Qual nada. Ele está lá em baixo. E insistiu. E disse que tinha que entrar imediatamente porque precisava tirar satisfações com um patife aqui do prédio.

PORFÍRIO — Mas como é que você sabe que o patife é você?

JOÃOZINHO — Ele disse textualmente. O porteiro

2

veio me contar. O patife do 803 que trouxe minha filha para cá.

PORFÍRIO — É. Então é você mesmo.

JOÃOZINHO — Ele esbravejou, berrou, gritou, mas o porteiro não deixou êle entrar. Foi duro na queda.

PORFÍRIO — Tá aí. Até que essa múmia dêsse porteiro foi decente.

JOÃOZINHO — *(Decentíssimo)*! Não deixou o General entrar e veio me avisar. Aí eu comecei a raciocinar.

PORFÍRIO — Claro.

JOÃOZINHO — Vi que tinha que agir rápido.

PORFÍRIO — Lógico.

JOÃOZINHO — Precisava de uma saída imediata.

PORFÍRIO — Imediata.

JOÃOZINHO — De alguma coisa ou de alguém que me ajudasse.

PORFÍRIO — Perfeito.

(Ligeira pausa).

JOÃOZINHO — Aí eu vi que êsse alguém... era você.

PORFÍRIO — *(aprensivo)*. EU? Mas por que logo eu?

JOÃOZINHO — Porque você é meu amigo.

PORFÍRIO — Mas você tem uma quantidade de amigos. Podia escolher outro.

JOÃOZINHO — Não, Porfírio. Eu insisto em que você me salve porque você é o meu melhor amigo.

PORFÍRIO — Não, Joãozinho. Eu acho que você pode perfeitamente procurar outra solução, sem me meter no barulho. Mesmo porque eu não tenho nada

3

com o caso, mas conheço a Daisy e não tenho a menor vontade de conhecer o pai da Daisy.

JOÃOZINHO — Você não vai conhecer o pai da Daisy. Você nem vai ver a cara d'êle.

PORFÍRIO — (*empurrando Joãozinho para a porta*). Ainda bem que você concorda. Agora você vai dar o fora, que eu...

JOÃOZINHO — (*parando*). Não, você não entendeu. Você não vai ver o General, mas ainda assim é você que vai me salvar.

PORFÍRIO — Joãozinho, você é que não entendeu. O que eu estou querendo dizer é que não pretendo em absoluto me meter nesse carnaval. Em absoluto, você está compreendendo? Não quero nada com o caso.

JOÃOZINHO — Quer dizer que você pretende abandonar o seu amigo numa hora crítica?

PORFÍRIO — Exatamente.

JOÃOZINHO — (*ar de estupefação*). Porfírio!!!

PORFÍRIO — (*tranquilo*). Que é?

JOÃOZINHO — Nunca pensei que você pudesse ser tão desumano.

PORFÍRIO — Joãozinho, eu gosto muito de você, mas êsse bode é seu e eu estimo que êle continue inteiramente seu. Ponto. (*Porfírio começa a se preparar para continuar a dormir*).

JOÃOZINHO — Você esquece que êsse General é uma fera.

PORFÍRIO — Cão que ladra não morde.

JOÃOZINHO — Êsse morde, Porfírio. Eu sinto que êle morde.

PORFÍRIO — Essa é boa. Você se mete nas suas complicações e depois...

JOÃOZINHO — O que eu quero te pedir não vai te custar nada...

PORFÍRIO — Você quer deixar eu continuar a dormir?

JOÃOZINHO — Você não pode fazer isso comigo. O homem está armado.

PORFÍRIO — Exatamente.

JOÃOZINHO — Exatamente o que?

PORFÍRIO — Exatamente porque o homem está armado é que eu não quero nada com o caso. Tchauzinho. (*deita novamente, pausa*).

JOÃOZINHO — Ingrato!

PORFÍRIO — O que?

JOÃOZINHO — Ingrato sim. É isso que você é. Um ingrato de uma ingratidão monstruosa.

PORFÍRIO — Mas ingrato por que?

JOÃOZINHO — Se lembra daquela prova de física no quarto ano do colégio?

PORFÍRIO — Mas isso foi no quarto ano do colégio.

JOÃOZINHO — Você era prêmio Nobel de analfabetismo.

PORFÍRIO — Nós éramos crianças. Agora a situação é diferente.

JOÃOZINHO — Te dei cola da prova inteirinha. Ou vai dizer que não se lembra que eu te dei cola da prova inteirinha?

PORFÍRIO — Não precisa também me atirar isso na cara.

JOÃOZINHO — (*levemente melodramático*). Mas a vida é assim mesmo. Naquela prova eu me arrisquei p'ra te salvar. Agora você nem ia se arriscar...

Enfim, vá a gente contar com os amigos... De qualquer um, eu seria capaz de esperar isso. Mas de você, Porfírio, eu confesso que não. Você, que quando nós tínhamos sete anos, os garotos da rua não queriam deixar jogar bola de gude... Você se lembra que os

garotos da rua não queriam deixar você jogar bola de gude, não se lembra?

PORFÍRIO — Lembro, Joãozinho, lembro.

JOÃOZINHO — E quem foi que convenceu os garotos da rua a deixar você jogar bola de gude?

PORFÍRIO — Foi você, Joãozinho.

JOÃOZINHO — Pois é...

(Pausa).

PORFÍRIO -- Se fôsse um outro caso qualquer, eu toparia te ajudar. Mas êsse negócio de pai é sério.

JOÃOZINHO — Justamente porque é sério é que eu preciso da tua ajuda.

PORFÍRIO — Olha, já são quase seis horas. É melhor você ir andando. E vai ver a coisa não será assim tão preta quanto você está pensando. Vai ver, no fundo, êsse General é até uma boa praça. Um cara liga, do peito...

(Ouve-se de fora uma voz aos berros: "Eu quero entrar p'ra quebrar a cara dele". Joãozinho e Porfírio correm para a janela).

JOÃOZINHO — *(saindo da janela)*. Depois disso você concorda que se o General subir, arrombar a porta do meu apartamento e encontrar Daisy lá dentro, vai dar bôlo, não vai?

PORFÍRIO — Bôlo? De aniversário!!

JOÃOZINHO — Agora, você também concorda que se o General chegar lá e NÃO encontrar a filha no meu apartamento, aí não haverá nada, não é?

PORFÍRIO — Claro.

JOÃOZINHO — Pois o que eu queria de você... Mas qual! Não adianta! Você não é amigo bastante p'ra isso.

PORFÍRIO — Fala logo! Que é que você queria?

JOÃOZINHO — Só quero que você concorde que eu traga Daisy para cá e que ela fique aqui, enquanto o General dá a busca no meu apartamento. Só isso. Tipo da coisa garantida.

PORFÍRIO — Garantida, uma brisa. Isso é a mesma coisa que guardar pólvora em casa na hora do incêndio.

JOÃOZINHO — Eu não disse? Você não é amigo bastante p'ra ajudar ninguém. Eu só espero que sua mãe nunca precise de um favor seu. Porque se precisar, vai ser uma decepção p'ra pobre da velhinha.

PORFÍRIO — Amigo eu sou, mas isso já é industrializar a amizade.

JOÃOZINHO — Industrializar? Você nunca achou que estava industrializando minha amizade tôdas as vezes que me fez pregar as mentiras mais absurdas e deprimentes p'ras suas oitocentas namoradas. Você não achou que estava industrializando nada quando foi para São Paulo e largou a Isaurinha e o marido aqui nas minhas mãos, achou?

PORFÍRIO — Mas ali você podia dizer que não sabia de nada e que não tinha nada a ver com o peixe.

JOÃOZINHO — E nesse caso agora, você nem precisa falar com ninguém. Daisy fica aqui somente enquanto o General estiver passando em revista o meu apartamento. Logo que êle fôr embora, ela volta lá p'ra casa.

PORFÍRIO — E se o General descobrir que ela está aqui?

JOÃOZINHO — Mas descobrir como?

PORFÍRIO — Nesses momentos todo pai se revela um sherlock.

JOÃOZINHO — Escuta, Porfírio. Se você me negar isso, a cara aqui dêse seu amigo vai ser simplesmente triturada. Você já pensou no remorso que vai sentir quando me vir com os olhos inchados, o nariz sangrando e com quatro dentes assim p'ra fora da bôca? Você já pensou, Porfírio?

PORFÍRIO — Isso é muito relativo. Eu conheço um cara que teve uma briga feia p'ra xuxu e três dias depois estava bom p'ra outra. Você vai se recuperar numa semana no máximo.

JOÃOZINHO — A questão é que o General também pode querer me obrigar a casar com Daisy.

(Pausa).

PORFÍRIO — (profundamente chocado). Você acha que êle faria uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — Êle é capaz de tôdas as baixeças...

PORFÍRIO — Bem, agora o caso muda de figura...

JOÃOZINHO — E não é que eu não admita a idéia do casamento, mas...

PORFÍRIO — (cortando). Não diga bobagens.

JOÃOZINHO — Mas é que eu ainda não tenho uma situação financeira para isso.

PORFÍRIO — (enfático). É mesmo que tivesse. O casamento é uma solução inteiramente primária, sem a menor originalidade.

JOÃOZINHO — (pomposo). Falta um minuto para as seis, Porfírio. Eu não quero te forçar a uma decisão. Só peço que daqui a dois anos, quando me encontrares com DEZ filhos nas costas, tu te lembres que tu foste o responsável.

(Porfírio está com uma cara inteiramente horrorizada. Passam-se alguns segundos).

PORFÍRIO — (emocionado). Não, Joãozinho, eu seria incapaz dessa maldade. Traz a menina p'ra cá.
JOÃOZINHO — Obrigado, Porfírio. Eu sabia que você era um rapaz de bons sentimentos.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio dobra o cobertor, guarda algumas roupas e passa um pente no cabelo. Entra Daisy, de négligé, praticamente empurrada por Joãozinho).

JOÃOZINHO — (da porta). Agüenta a mão aí que eu vou enfrentar a fera.

(Porfírio e Daisy ficam sós; olham um para o outro. Daisy sorri e ajcíta os cabelos. Porfírio está com cara de poucos amigos. Calado, Porfírio senta numa poltrona. Daisy senta em outra, mais ou menos em frente; permanece o silêncio. Por fim, Daisy fala).

DAISY — Que maçada, heim?

PORFÍRIO — Maçada? Ah! Eu chamo a isso uma aventura altamente sinistra.

DAISY — Mas a culpa não foi minha.

PORFÍRIO — E tem mais. Quero lhe dizer que foi inteiramente a contragosto que eu concordei com essa sua vinda para cá. Foi mesmo só para evitar consequências mais funestas.

DAISY — Eu podia esperar tudo, menos que papai estourasse aqui a essa hora.

PORFÍRIO — Pois sim! Aposto que foi você mesma que deu o enderêço a êle.

DAISY — Eu não! Juro! Você acha que eu ia fazer uma coisa dessas?

PORFÍRIO — GARANTO!

DAISY — Mas p'ra que? Com que interêsse?

PORFÍRIO — (*baixando a voz*). P'ra imprensar o Joãozinho. Fique você sabendo que eu sou um profundo conhecedor da psicologia feminina.

DAISY — Pois nesse caso está redondamente enganado. Quem deu o enderêço a papai só pode ter sido a família na casa de quem eu estava morando aqui no Rio. Eles também são de Minas, de modo que papai recomendou que eu fôsse morar lá. Mas êles eram muito quadrados. Por isso um dia resolvi tomar coragem e vim morar aqui no apartamento do Joãozinho.

PORFÍRIO — Tá aí. Isso até que foi uma atitude muito nobre.

DAISY — Pois é. Mas aí êles fizeram uma onda daquelas.

PORFÍRIO — E o que foi que você fez?

DAISY — Ué, não dei a mínima e continuei aqui, não é? Mas êles ficaram tão danados que só podem ter sido êles que deram o enderêço p'ra papai. Êles me acham uma perdida.

PORFÍRIO — (*irônico*). E você, o que é que se acha?

DAISY — Eu apenas acredito em amor. P'ra mim é a única coisa que conta neste mundo. O resto é bla-bla-bla.

PORFÍRIO — Mas então me diga uma coisa.

DAISY — (*cortando*). Agora, amor mesmo. Com falta de ar e tudo. Quando eu vejo essas garotas por aí dizendo que estão apaixonadas sem ter falta de ar, eu acho até graça.

PORFÍRIO — Mas se você pensa assim e teve coragem de mudar p'ra cá, por que é que você agora não foi homem bastante p'ra enfrentar seu pai? Enfrentar no duro mesmo. Dizer: "papai, eu vim p'ra cá morar com o Joãozinho, etc... etc... boas festas e passe bem". Por que é que você não fez isso?

DAISY — Porque não era bem o caso.

PORFÍRIO — Como não era bem o caso? Você tinha obrigação de inocentar o Joãozinho. Na minha filosofia, êsse é o papel de uma môça de brio.

DAISY — Não era o momento para uma atitude dessas.

PORFÍRIO — Ah, mas era o momento de entregar o Joãozinho à fúria assassina do seu pai, não é? Não, minha filha. Nessa ocasião é que uma mulher se revela verdadeiramente mulher. Você tinha que deixar que o Joãozinho se colocasse num discreto segundo plano, permitindo mesmo a êle uma certa covardia, que nesses casos é perfeitamente compreensível, enquanto você tomava as rédeas da situação e assumia diante do seu pai integral responsabilidade pelo ocorrido.

DAISY — Você não pode dizer isso, porque você nem sabe qual é o ocorrido.

PORFÍRIO — (*irônico*). Não sei, mas posso imaginar.

DAISY — E pode imaginar errado também.

PORFÍRIO — Meu anjo, não é preciso uma grande dose de inteligência p'ra concluir o que se passa entre você e Joãozinho, sòzinhos naquele apartamento. E olha, na minha opinião não são coisas que se pudesse apresentar num filme p'ra crianças, não.

DAISY — Mas são coisas que se podia perfeitamente apresentar num filme impróprio até catorze anos. Só até catorze anos, você está me compreendendo?

(Pausa).

PORFÍRIO — Você naturalmente acha que uma criança de quinze anos já deve conhecer tôdas as verdades da vida, não é? É um ponto de vista. Aliás é um ponto de vista perfeitamente respeitável.

DAISY — Não. O que eu quis dizer foi que a situação entre eu e Joãozinho não é exatamente essa que você armou com a sua imaginação degenerada. Aliás, bem que o Joãozinho tinha me dito que você era um libertino que só pensava em sexo.

PORFÍRIO — Mas vêm cá. Você não está querendo insinuar que você... ainda...

DAISY — (após leve pausa, semi-constrangida). Pois é...

PORFÍRIO — Na sua idade?!?!

DAISY — Que é que tem a minha idade?

PORFÍRIO — Na sua idade isso não se admite mais.

DAISY — Bem, mas essa situação também não vai se eternizar.

PORFÍRIO — Mas por que você não se decide logo? Olhe, há um ditado que diz: "Não deixe para amanhã aquilo que pode fazer hoje".

DAISY — Eu já me decidi.

PORFÍRIO — Como?

DAISY — Quando eu vim morar no apartamento do Joãozinho, tinha justamente acabado de me decidir.

PORFÍRIO — Mas depois se acovardou...

DAISY — Não. Continuei decidida e até hoje estou decididíssima.

PORFÍRIO — Então o que é que falta?

DAISY — (após leve pausa). A colaboração de Joãozinho.

PORFÍRIO — Ué... Mas... por que?...

DAISY — Ih, isso é uma história muito complicada.

PORFÍRIO — Eu gosto de histórias complicadas.

DAISY — É, mas eu não vou contar. E veja lá, hein! Isso é segredo.

PORFÍRIO — Bom, mas então me responda o seguinte. Essa sua decisão, muito digna aliás, se aplica só ao Joãozinho, ou tem assim... uma envergadura mais ampla?

DAISY — Só ao Joãozinho.

PORFÍRIO — E por que essa limitação tôla e inteiramente sem propósito?

DAISY — Porque acontece que o Joãozinho me dá falta de ar e eu pretendo me casar com êle.

PORFÍRIO — Casar?

DAISY — Casar. Por que não?

PORFÍRIO — Quer dizer que você admite, cínicamente, serem essas as suas intenções?

DAISY — Não vejo nada de cínico nem de mau nisso.

PORFÍRIO — É revoltante.

DAISY — É o normal.

PORFÍRIO — É revoltante o maquiavelismo do seu plano. Agora eu vejo exatamente que tipo de criatura você é. Fria, calculada e despida de qualquer

sentimento. Responda depressa. Que é que você mais deseja na vida?

DAISY — Bem... é casar.

PORFÍRIO — Está vendo?

DAISY — Por causa da lua de mel.

PORFÍRIO — Você disse que era casar. Não disse que era casar com o Joãozinho.

DAISY — Eu não disse, mas é lógico que pensei no Joãozinho.

PORFÍRIO — Ou no Pedrinho, ou no Henriquinho, se houvesse um Pedrinho ou um Henriquinho na sua lista de vítimas mais prováveis. Você não tem a menor poesia. Você corrompe a beleza de uma ligação de amor, porque no fundo o que você pretende é o casamento.

DAISY — Mas é perfeitamente natural que uma moça queira se casar.

PORFÍRIO — É admissível, mas o que não é admissível é preparar uma ratoeira, onde o queijinho frito é você mesmo.

DAISY — Que queijinho frito?

PORFÍRIO — Ora, não se faça de mal entendida. Agora, uma coisa eu reconheço. É um plano inteligente, suave e bem urdido. Uma moça e um rapaz se conhecem... Vem aquele papinho preliminar. Depois trocam o primeiro beijo. Vão ao cinema... Conversam... Passeiam... e o ingênuo está crente que está fazendo uma conquista, quando na verdade ele é que está sendo seduzido. Um dia ele se deixa seduzir um pouco mais... e nesse dia cavou sua própria sepultura.

DAISY — Pois sim. Aí ele dá o fora nela.

PORFÍRIO — Se ela não souber agir com inteligência. O negócio é ir provocando uma neurose no

rapaz. Continuar a dizer que nem pensa em casamento, mas que, afinal de contas, ele tem certas responsabilidades p'ra com ela. O pobrezinho se debate. Mas ela continua implacável, sem exigir nada d'ele. Aí é que está. Sem exigir nada d'ele. Vai se criando um drama de consciência no infeliz. Ele sabe que ela fez alguma coisa por ele e que ele não pode fazer nada por ela. A não ser... casar!

DAISY — Está um calor aqui... Posso tirar esse robe?

PORFÍRIO — Pode tirar tudo o que quiser. (*Daisy começa a tirar o robe. Porfírio prossegue*). Por isso é que eu tenho um horror profundo da moça de família. Por causa dessa... (*Porfírio começa a vir que Daisy está com uma camisola bastante interessante por baixo do negligé e vai ralentando o ritmo da frase*)... técnica... comunista... de infiltração progressiva. (*Porfírio se cala embevecido por Daisy de camisola*).

DAISY — (*tendo tirado o negligé e colocando-o sobre uma poltrona*). Você estava falando...?

PORFÍRIO — (*acordando*). De que mesmo?

DAISY — Da nossa técnica comunista de infiltração progressiva.

PORFÍRIO — Que aliás eu reconheço que funciona com a precisão de um relógio suíço. É o caminho mais rápido e seguro para o casamento.

DAISY — Eu vou morrer de rir é no dia em que você casar.

PORFÍRIO — Nunca. O casamento é a vala comum onde acabam os conquistadores fracassados. E tem mais. O casamento liquida com qualquer paixão. Sabe por que? Por causa do convívio diário. É impossível

duas pessoas afinarem por completo. E as briguinhas de todo dia acabam com o amor.

DAISY — Mas cada um sempre cede um pouco.

PORFÍRIO — E nessa história de ir cedendo o sujeito está sendo infeliz do mesmo jeito... Só que é uma infelicidade a prestações.

DAISY — Bem, mas pelo menos a lua de mel você concorda que é o máximo.

PORFÍRIO — É apenas a bonança que precede a tempestade.

DAISY — (*inflamada*). Ah, isso é que não. Eu admito tudo, mas não me venha negar a lua de mel.

PORFÍRIO — Que é que tem de especial na lua de mel?

DAISY — É o máximo de romance concentrado. São duas pessoas que se amam não tendo outra coisa a fazer senão se amar.

PORFÍRIO — E quem é que te garante que isso não se torna cansativo?

DAISY — Ainda por cima num lugar lindo, sem a menor preocupação. Cada um sabendo que seu único passatempo é amar o outro. Puxa, é bárbaro!

PORFÍRIO — Você é de um romantismo delinquente.

DAISY — (*com entusiasmo um tanto excessivo*). São 15 ou 20 dias em que duas pessoas se entredevoram de amor. Não, meu filho, lua de mel é fogo, sabe? É p'ra valer. Eu sou tarada por lua de mel.

PORFÍRIO — (*levemente assustado*). Com essa disposição, você vai acabar com o Joãozinho.

DAISY — Se eu não estivesse tão apaixonada pelo Joãozinho, sabe o que eu fazia? Casava com ele p'ra ter uma lua de mel. No dia em que o casamento não desse mais pé, separava. E ficava sózinha. Até me apaixonar por outro rapaz. Aí casava de novo...

Ah, meu filho, só p'ra ter outra lua de mel. E assim por diante.

PORFÍRIO — E você acha isso direito?

DAISY — Seria sempre por amor. Sempre casando e sem a menor leviandade. O problema é que aqui não tem divórcio.

PORFÍRIO — Por isso não. Foi exatamente p'ra solucionar essa nossa falta de divórcio que Deus criou o México.

DAISY — Aí já é um negócio meio torto...

PORFÍRIO — Mas mesmo que não precisasse envolver potências estrangeiras na jogada, você vai me desculpar mas esse seu plano falha, porque não evita o tédio conjugal.

DAISY — O que você acha então que duas pessoas apaixonadas devem fazer?

PORFÍRIO — Se tiverem um pingo de bom senso, viverem como amantes.

DAISY — Mas aí elas podem se cansar do mesmo jeito, uma da outra.

PORFÍRIO — Viverem como amantes, mas cada um na sua casa. Essa é a única maneira de só se ter os momentos agradáveis do amor.

DAISY — Você é mesmo um libertino! Um libertino de vida inteiramente dissipada.

PORFÍRIO — Não. Sou apenas um solteiro convicto e feliz.

(*Toca o telefone. Porfírio atende*).

PORFÍRIO — (*ao telefone*). Alô. (*horrorizado*). O que? Mas como é que isso foi acontecer?

DAISY — O que foi?

PORFÍRIO — (*ainda ao telefone*). E agora o que é

que eu faço? Joãozinho, você é uma centopéia. (*desliga*).

DAISY — O que foi?

PORFÍRIO — (*apavorado*). Seu pai está vindo para cá.

DAISY — Ih, e agora?

(*Porfírio corre para a cozinha, corre para a porta, vai a janela, está inteiramente transtornado. Não sabe o que fazer*).

PORFÍRIO — Eu bem que achei que esse negócio ia dar bode. (*para Daisy*). Vamos, não fique aí parada. Tenha uma idéia.

DAISY — Não sei...

PORFÍRIO — Vamos! Uma idéia!

DAISY — Só se a gente...

PORFÍRIO — Só se a gente o que?

DAISY — Fôr para a rua.

PORFÍRIO — De pijama e camisola?

DAISY — Pois é... Então...

PORFÍRIO — Já sei. Partamos para a solução francesa.

(*Porfírio pega Daisy pelo braço, abre a porta do armário e começa a enfiar a môça lá dentro*).

PORFÍRIO — Entra aí.

DAISY — Mas aí eu vou morrer asfiziada.

PORFÍRIO — (*fechando a porta do armário*). Problemas posteriores serão resolvidos posteriormente.

(*Toca a campainha. Porfírio está apavorado sem saber para onde ir*).

GENERAL — (*do lado de fora*). Vamos, abra!

PORFÍRIO — (*timidamente*). Já vai.

(*Porfírio abre a porta. O General entra como um tufo. Joãozinho está com êle. Porfírio fulmina Joãozinho com o olhar*).

GENERAL — (*entrando*). Onde está ela? Onde está minha filha?

PORFÍRIO — Que filha? O sr. deve ter batido na porta errada.

GENERAL — Não se faça de bêsta! (*General vai procurar na cozinha e no banheiro*).

PORFÍRIO — (*indo atrás do General*). Não será em outro prédio?

GENERAL — (*da cozinha*). Deixe disso que eu já sei muito bem que tipo de indivíduo você é.

PORFÍRIO — (*baixo, para Joãozinho*). Traidor!

JOÃOZINHO — A culpa não foi minha.

GENERAL — Vamos, diga! Onde está ela?

PORFÍRIO — Como é mais ou menos a sua filha?

JOÃOZINHO — (*timidamente*). General, eu tenho a impressão...

GENERAL — Não tem impressão coisa nenhuma.

PORFÍRIO — Se o sr. me descrever sua filha...

JOÃOZINHO — General, eu acho...

GENERAL — (*cortando*). Onde está ela?

PORFÍRIO — Eu talvez possa ajudar a procurar.

JOÃOZINHO — General, eu acho...

GENERAL — (*cortando*). Eu é que acho que vim cair entre dois patifes.

JOÃOZINHO — Perdão, General. O sr. não pode dizer isso de mim. O sr. já vistoriou o meu apartamento e viu que eu não tenho nada a ver com sua filha.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Ah, você não tem nada a ver com a filha dele? E eu por acaso é que tenho?

GENERAL — Claro que tem. Fique sabendo que o porteiro me deu a sua ficha.

PORFÍRIO — Minha ficha? Que foi que aquela múmia disse ao senhor?

JOÃOZINHO — Eu acho que você não deve se referir ao nosso porteiro nesses termos.

PORFÍRIO — Desde quando você virou defensor (*calcando as palavras*) dessa múmia desse porteiro aqui do prédio?

GENERAL — Quando eu não encontrei minha filha no apartamento desse... rapaz, eu voltei a falar com o porteiro. Aí ele me disse que tinha mesmo estranhado muito que eu quisesse tirar satisfações com Seu Joãozinho, porque êste era um rapaz direito e de boa família. Agora...

JOÃOZINHO — Por aí o sr. vê quem eu sou.

GENERAL — Agora... Que o que devia estar havendo, era um engano no número do apartamento, e que minha filha devia estar no apartamento do Sr. Porfírio... Seu nome não é Porfírio?

PORFÍRIO — Porfírio da Cruz.

GENERAL — Pois é. Porque o Sr. Porfírio, acrescentou o porteiro, é que era um libertino da pior

espécie, um sujeito mulhengo que vivia trazendo meças p'ra dentro de casa.

PORFÍRIO — Ele disse isso?

GENERAL — Disse.

PORFÍRIO — (*exageradamente incrédulo*). Ele disse isso?

GENERAL — Já disse que disse.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Joãozinho, você ouviu o que o General disse que o porteiro disse?

JOÃOZINHO — Ouvi.

PORFÍRIO — (*ainda para Joãozinho*). E você não tem nada a dizer?

JOÃOZINHO — Bem, êsse porteiro sempre me pareceu um sujeito de confiança...

PORFÍRIO — (*fulmina Joãozinho com o olhar*). (*para o General*). General, eu só espero que o sr. tenha tido o bom senso de não acreditar naquele sujeito.

GENERAL — Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Não diga isso, General. Êsse porteiro é um delinqüente, um esquisofrênico, um paranóico que já estêve internado umas dez vêzes.

GENERAL — Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Qual nada, General. Nem pense nisso. Ele é um caluniador da pior espécie. Só o sr. vendo.

É um sujeito que tem um senso de humor extremamente primitivo e que se diverte inventando piadas

desse gênero. Eu, um libertino! (*riso forçadíssimo*). Ah... Ah... Ah... Que absurdo.

GENERAL — (*solene*). Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Mas como é que o sr. pode ter essa certeza?

GENERAL — Porque ninguém mente diante de um revólver. *(saca o revólver)*. E ele falou com esse cano encostado na testa. *(com o revólver na cara de Porfírio)*. Vamos, diga. Onde está minha filha?

PORFÍRIO — General, o sr. está vendo com seus próprios olhos que sua filha não está aqui. Esteja certo que eu compreendo que isso é uma coisa muito séria, um pai procurando uma filha...

JOÃOZINHO — Foi justamente o que também expliquei ao General.

PORFÍRIO — *(melífluo)*. Conforme o senhor mesmo disse, ninguém mente diante de um revólver. E não sei se o sr. reparou nesse detalhe, mas eu estou diante de um revólver. E lhe digo mais. Essa sua estima paterna, êsse seu cuidado com sua filha, é uma coisa que até me comove. Numa circunstância dessas, eu jamais faltaria à verdade.

GENERAL — *(solene)*. Você jura que minha filha não está neste apartamento?

PORFÍRIO — *(igualmente solene)*. Juro.

GENERAL — Por quem?

PORFÍRIO — Pela mãe do Joãozinho morta.

JOÃOZINHO — Ei! Isso não!

GENERAL — Porque é que ele disse "Ei! Isso não!"?

PORFÍRIO — *(suave e explicativo)*. Porque ele é um imbecil, General.

JOÃOZINHO — Não, o que eu quis dizer foi que...

PORFÍRIO — *(cortando)*. Foi que num momento como êsse qualquer juramento é ainda pequeno, e que eu devia ter jurado não só pela mãe, como também pelo pai, avós, tios, e sobrinhos, todos mortos.

GENERAL — *(baixando o revólver, levemente dramático)*. O que me dá raiva é que não mereço êste castigo porque jamais prevariquei.

PORFÍRIO — *(mais rápido pela porta ter batido a campainha)*. General, nós compreendemos perfeitamente sua preocupação, porque afinal de contas todo mundo sabe como Copacabana está cheia de rapazes pouco respeitadores das virtudes femininas, mas, já que sua filha não está aqui, o sr. não acha que chegou o momento de ir procurá-la em outros lugares?

JOÃOZINHO — Nesse ponto eu acho que ele tem razão, General.

PORFÍRIO — E ir rápido, inclusive porque ela pode estar correndo perigo de vida.

JOÃOZINHO — E numa eventualidade assim, cada minuto conta. *(ligeira pausa)*.

PORFÍRIO — Eu nem sei como é que o sr. pode ficar aí parado, sabendo que sua filha pode estar em algum lugar sendo estrangulada *(intencional, olha para o armário)*, ou asfixiada.

GENERAL — Realmente, eu acho que você tem razão, mas...

PORFÍRIO — Então vá, General. Faça isso por sua filha... e até por mim. *(vai empurrando o General para a porta)*.

GENERAL — *(parando)*. Mais ir para onde?

PORFÍRIO — Ora, General, me admira o senhor. Dê uma busca completa. *(cutuca Joãozinho)*.

JOÃOZINHO — Claro... claro. Uma busca completa.

GENERAL — *(sentando numa cadeira)*. Pois é, mas eu não sei por onde começar. *(Pausa. Os três estão parados. Nessa altura Daisy tosse de dentro do armário. O General levanta os olhos, como que procurando quem tossiu. Imediatamente Porfírio tosse meio assustado e fica olhando para o General. Nôvo*

silêncio. Por fim dissipam-se as suspeitas do General).

GENERAL — *(levantando-se)*. Bem, eu acho então que vou começar procurando na praia.

JOÃOZINHO — *(animando-o)*. Isso mesmo, General. Na praia.

PORFÍRIO — *(entusiasmadíssimo)*. Grande idéia, General!

(O General vai saindo quando dá com os olhos no negligé de Daisy, que ficara em cima de uma poltrona).

GENERAL — *(parando de estalo)*. Que é isso?

PORFÍRIO — *(rápido)*. Isso? Ora, um robe de chambre.

GENERAL — Mas de quem?

PORFÍRIO — Meu. De quem é que havia de ser?

GENERAL — *(definitivo)*. Isso não é robe de chambre de homem.

PORFÍRIO — *(falsamente efeminado)*. Ora, General, cada um usa o robe de chambre que quer.

(Pausa).

GENERAL — *(peremptório)*. Esse robe não dá em você.

PORFÍRIO — Claro que dá! *(Porfírio se enfia da melhor maneira que pode dentro do negligé e termina a fala de novo falsamente efeminado)*. Agora, eu acho uma indiscrição muito grande o sr. perguntar mais qualquer coisa a respeito desse robe... *(Novo silêncio. Daisy tosse novamente. Porfírio tam-*

bin tosse de novo, mas o General parte como uma flecha para o armário, abre-o e Daisy cai praticamente desfalecida em seus braços. Porfírio senta desalentado e Joãozinho vai ajudar o General a socorrer a filha).

GENERAL — *(com a filha nos braços e aos berros)*. Minha filha! Patife! *(acariciando a filha)*. Não, patife não é você não, meu bem. É esse libertino aí!

E de camisolinha *(Porfírio olha para ele)*. Não, de camisolinha não é você não, seu libertino. É minha filha. Fala, meu anjo. Você está bem?

DAISY — *(começando a se recuperar)*. Papai, êsse rapaz...

GENERAL — *(cortando, carinhoso)*. Não precisa dizer nada. Já sei de tudo. Você não teve culpa.

DAISY — Não, papai, o que eu quero dizer...

GENERAL — Não se canse. Eu compreendo. Você foi iludida.

DAISY — Porfírio não tem nada...

GENERAL — *(cortando)*. Eu sei, meu bem. Ele não tem nada que preste. Mas descansa. Descansa.

PORFÍRIO — Deixa ela falar, General.

GENERAL — *(para Porfírio)*. Cala a boca.

PORFÍRIO — General, embora possa parecer estranho, eu não tenho nada a ver com sua filha.

GENERAL — Sedutor! *(o General está ainda acomodando Daisy no sofá)*.

PORFÍRIO — Joãozinho, explica o caso a êle.

GENERAL — Libertino!

JOÃOZINHO — *(para Porfírio)*. É melhor você agüentar a mão um pouco mais.

PORFÍRIO — Melhor por que?

GENERAL — Devasso!

JOÃOZINHO — No fim dá tudo certo.

PORFÍRIO — Depende do que é que você chama de dar certo.

GENERAL — (*para Joãozinho*). Nem dê resposta a êle. Esse sujeito não merece a menor consideração.

PORFÍRIO — General: sua filha não mora aqui comigo.

GENERAL — Você nem sabia que ela estava de camisolinha aí no seu armário, não é?

PORFÍRIO — Isso eu sabia, mas...

GENERAL — E por que é que ela estava de camisolinha aí no seu armário?

PORFÍRIO — P'ra se esconder do senhor, mas...

GENERAL — E de quem foi a idéia de escondê-la no armário?

PORFÍRIO — Foi minha, mas...

GENERAL — Então como é que você ainda quer negar que a seduziu?

PORFÍRIO — (*exasperado*). Mas eu não seduzi. (*aproximando-se do sofá onde Daisy está deitada*). Daisy, diga a seu pai com toda a honestidade: eu te seduzi?

DAISY — (*ainda não totalmente restabelecida*). Não, papai. Êle não me seduziu.

PORFÍRIO — Está vendo?

GENERAL — Minha filha, não procure defender êsse canalha. Você nem sabe o monstro que êle é.

PORFÍRIO — Daisy, conte a seu pai tudo o que se passou aqui.

GENERAL — Isso é que nunca. Não vou admitir que a ingenuidade de minha filha seja corrompida contando toda a pouca vergonha que se passou entre vocês.

PORFÍRIO — Mas não houve pouca vergonha nenhuma!

GENERAL — P'ra você não é pouca vergonha. Você acha tudo perfeitamente natural. O porteiro me avisou!

PORFÍRIO — Assim não é possível. O sr. não deixa eu explicar.

GENERAL — E não deixa mesmo. Porque p'ra seu crime não há explicação possível. Mas isso não vai ficar assim não.

PORFÍRIO — Pois fique o sr. sabendo que Daisy mora é no apartamento do Joãozinho.

JOÃOZINHO — Porfírio!!

PORFÍRIO — (*imitando Joãozinho*). JOÃOZINHO!

GENERAL — Cínico! Como é que você tem coragem de incriminar um rapaz como o Joãozinho, que é um perfeito cavalheiro?

PORFÍRIO — Mas é com êle que ela mora. Juro.

GENERAL — Você jurou antes que Daisy não estava aqui.

PORFÍRIO — Pergunte a ela.

GENERAL — Ah, mas isso não vai ficar assim, não.

PORFÍRIO — Daisy, não é com o Joãozinho que você mora?

JOÃOZINHO — (*rápido*). Você não vê que a menina ainda não está em condições de responder nada? Que ainda está praticamente sem sentidos?

GENERAL — (*para Porfírio*). Não vai ficar assim, não, porque você vai casar com ela.

DAISY — (*voltando imediatamente a si*). Casar?

GENERAL — Casar, sim. Nem que êsse patife tenha que ir enjaulado p'ra igreja.

DAISY — Bem, se o negócio é casar...

PORFÍRIO — Daisy, Daisinha meu amor, você não pode fazer isso comigo!

DAISY — *(ar ingênuo e magoado)*. Você não quer casar comigo?

PORFÍRIO — Eu não tenho nada contra você pessoalmente. O que eu tenho é contra o casamento.

GENERAL — Quem aqui fez, aqui paga.

PORFÍRIO — Mas eu não fiz nada.

GENERAL — Você seduziu minha filha e agora vai casar com ela.

PORFÍRIO — *(para Joãozinho)*. Joãozinho, o que é que você me diz a isso?

JOÃOZINHO — Bem, eu acho melhor não contrariar o General, p'ra êle não ficar mais nervoso ainda.

PORFÍRIO — *(vencido)*. Eu sou um mártir cercado de víboras por todos os lados.

GENERAL — Daisy, vista o seu robe. Você vai agora mesmo comigo para o hotel. *(Porfírio começa a despir o robe, para Daisy depois vesti-lo)*.

JOÃOZINHO — *(solicito)*. General, há qualquer coisa que o sr. queira que eu faça?

PORFÍRIO — Joãozinho, comparado a você, Judas Iscariotes foi o sujeito mais honrado que já pôs os pés no mundo.

JOÃOZINHO — Eu estou apenas procurando ser gentil.

GENERAL — Porque é um cavalheiro, e não um libertino cínico como você.

PORFÍRIO — Mas não se esqueça de que Judas acabou com uma corda no pescoço.

GENERAL — *(para Joãozinho)*. O que eu quero é que você fique aqui vigiando êsse malandro. *(para Porfírio)*. Quanto a você, nem pense em fugir porque eu irei arrancá-lo até da sepultura, p'ra levá-lo p'ra igreja. *(para Daisy)*. Vamos, Daisy. *(para os dois)*. Nós voltamos mais tarde. *(da porta)*. Vamos

rápido, porque quero começar a tratar hoje mesmo dos papéis do casamento.

(O General e Daisy saem, Porfírio deixa-se cair desalentado numa cadeira e fecha o pano sobre o primeiro ato).

ATO II

(Mesmo cenário. Porfírio de calção faz ginástica com dois pequenos pesos. Está fumegando de ódio. Joãozinho anda de um lado para o outro).

JOÃOZINHO — Foi até bom isso acontecer, porque agora eu pude ver como você é meu amigo. *(Pausa; Joãozinho continua a andar. Para de novo)*. E não há nada que eu aprecie mais que a amizade. Foi uma coisa que papai sempre me ensinou. *(Continua a andar. Para de novo)*. Puxa, Porfírio, você não sabe a admiração que eu estou sentindo por você. Mas eu também seria capaz de qualquer sacrifício pela nossa amizade. Olha, por você, eu seria capaz de dar a minha mão esquerda. *(Porfírio continua fazendo ginástica em silêncio, fuzilando)*. Daria até minha mão direita. *(o outro continua sem se impressionar)*. Bom, Porfírio, está bem. Eu daria as duas mãos. *(toca o telefone. Joãozinho vai atender)*.

JOÃOZINHO — *(ao telefone, ultra solícito)*. Alô? Ah, sim, seu General. Pois não, seu General. O que o sr. quiser, seu General. Estou aqui para servi-lo, seu General. Não. Claro. Lógico. Da Cruz, seu General. *(desligando)*. Às suas ordens, seu General.

(*desliga e vira-se para Porfírio, com um sorriso amável e explicativo*). Era o General. (*Porfírio tem uma contração de ódio*). Queria o teu nome completo para os papéis de casamento.

PORFÍRIO — (*falando baixo, suave, com um carinho quase maternal com Joãozinho*). Joãozinho, você tem que reconhecer que o que você está fazendo comigo é uma sujeira, não é?

JOÃOZINHO — (*meditativo e amável*). Não, eu não diria que é exatamente uma sujeira.

PORFÍRIO — (*suavíssimo*). E por que é que você não diria que é exatamente uma sujeira, Joãozinho?

JOÃOZINHO — Bem, porque isso é uma troca de favores entre dois amigos.

PORFÍRIO — (*ainda exageradamente calmo*). Num troca de favores, Joãozinho, geralmente há dois favores. Um favor p'ra lá e outro favor p'ra cá. Mas nesse caso, meu caro Joãozinho, só há um favor. (*aos berros*). Que é o favor p'ra lá!

JOÃOZINHO — Calma, Porfírio, calma. Você está nervoso.

PORFÍRIO — Nervoso não. O que eu não gosto é de ser feito de palhaço. Você sabe muito bem que tinha obrigação de ter dito ao General que Daisy morava era no SEU apartamento.

JOÃOZINHO — Mas eu achei que seria indelicado.

PORFÍRIO — Indelicado como?

JOÃOZINHO — Depois do homem ter dado aquela bronca tôda com você, fazer êle repetir tudo comigo seria uma descortesia. Ia deixar o General numa posição ridícula.

PORFÍRIO — E daí?

JOÃOZINHO — Isso não se faz.

PORFÍRIO — E isso se faz, o que você está fazendo comigo?

JOÃOZINHO — Mas você é meu amigo.

PORFÍRIO — Joãozinho, você vai me fazer um favor. De hoje em diante, você vai me considerar seu inimigo. Seu inimigo de morte, tá bem?

JOÃOZINHO — P'ra mim você será sempre um irmão, Porfírio.

PORFÍRIO — Aliás, mais importante do que isso, eu quero saber o seguinte. Pelo que eu compreendi, a nossa amiga Daisy ainda é de uma inocência repulsiva em matéria de sexo, não é?

JOÃOZINHO — Como é que você sabe disso?

PORFÍRIO — Não interessa. É ou não é?

JOÃOZINHO — É.

PORFÍRIO — (*invektivando*). E como é que você explica isso, se ela própria me disse que não teria nenhuma objeção a se associar mais intimamente com você?

(*Pausa. Joãozinho baixa a cabeça*).

JOÃOZINHO — (*amargurado*). Esse é que é o meu drama, Porfírio.

(*Porfírio fica chocado e sem jeito diante da reação do outro. Não sabe o que dizer*).

PORFÍRIO — (*procurando consolar Joãozinho*). Bem, mas... espera lá. Vamos... com calma. Não se afobe. Isso deve ser um período apenas. Você talvez ande cansado... No outro dia eu li que descobriram uma vitamina genial...

JOÃOZINHO — (*cortando rápido*). Você me acha com cara de precisar de vitamina? O meu drama é outro.

PORFÍRIO — Qual é, então?

JOÃOZINHO — Porfírio, eu vou te fazer uma confissão. (*envergonhado*). Eu sou um rapaz direito.

PORFÍRIO — (*seríssimo*). Mas Joãozinho, você precisa superar essa fase.

JOÃOZINHO — (*torturado à la James Dean*). Eu sei que isso é uma coisa que não se admite mais hoje em dia... mas eu não posso. Eu não posso, você compreende? Eu não tenho coragem de fazer mal a uma môça, sem pretender casar com ela.

PORFÍRIO — Mas quem é que disse que você está fazendo mal? É apenas uma questão de ótica.

JOÃOZINHO — Você não pode compreender isso, porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Não, eu compreendo, mas considero um fricote filosófico inteiramente anacrônico.

JOÃOZINHO — Foi por isso que eu até hoje não tive nada com a Daisy. E não é que eu não admita a idéia de poder casar com ela, mas...

PORFÍRIO — (*repugnado*). Não diga isso.

JOÃOZINHO — Mas você sabe que a minha situação financeira tão cedo não permitiria.

PORFÍRIO — Mas então eu não entendo uma coisa. Por que é que você não conta esse drama todo ao General? De acôrdo com a filosofia antiquada dêle, êle ia te achar formidável e aí não chateava mais, porque via que a filha não tinha sido seduzida por ninguém.

JOÃOZINHO — Eu pensei nisso. Mas depois do escândalo todo que o General fêz com o porteiro, êle

naturalmente iria contar esse meu drama ao mesmo porteiro, ao síndico, aos vizinhos, a todo mundo, p'ra que ninguém pudesse pensar mal de sua filha. Aí...

PORFÍRIO — (*cortando*). Aí seria ótimo. Você podia tranqüilamente se tornar amante dela sem que ninguém pensasse mal de você.

JOÃOZINHO — Nada disso. Aí a notícia iria se espalhar até a turma da prala.

PORFÍRIO — (*sério e pensativo*). Compreendo.

JOÃOZINHO — Quando Daisy veio morar no meu apartamento, ela me explicou que continuaria a receber roupas e dinheiro do pai, de modo que não me daria despesa alguma. Mas a turma da praia pensa que ela não só é minha amante, como ainda que ela me mantém. E isso me dá um cartaz daquêles. Se êles descobrissem agora que eu sou um rapaz direito, eu ficaria desmoralizado para o resto dos meus dias.

PORFÍRIO — Claro! Claro! (*pausa*).

JOÃOZINHO — Não, contar ao General não é solução.

PORFÍRIO — Bom, mas também não é solução deixar o General fazer eu me casar com ela.

JOÃOZINHO — Precisamos encontrar uma saída.

PORFÍRIO — E rápido, porque enquanto isso o General está desencadeado. (*pausa*). (*animado*). Já sei! A Loló!

JOÃOZINHO — Que Loló?

PORFÍRIO — Loló, a nossa vizinha aí do lado.

JOÃOZINHO — Que é que tem ela?

PORFÍRIO — Ela é que vai nos salvar.

JOÃOZINHO — Eu acho muito arriscado qualquer coisa com a Loló.

PORFÍRIO — Por que?

JOÃOZINHO — Porque ela é meio... lenta.

PORFÍRIO — Lenta não é bem o termo. Ela é um quadrúpede disfarçado em mulher.

JOÃOZINHO — Você já tem algum plano?

PORFÍRIO — Tenho. Dá um pulo aí ao lado e pede a ela p'ra vir cá.

JOÃOZINHO — *(indo para a porta)*. Mas se ela é um quadrúpede, como é que você vai explicar o plano a ela?

PORFÍRIO — No regime da arara. Falar e mandar ela repetir. Vai lá.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio acaba de se vestir a jato).

JOÃOZINHO — *(de fora, metendo a cabeça na porta)*. Ninguém atende.

PORFÍRIO — Diz que é você. Ela deve estar pensando que é algum cobrador.

JOÃOZINHO — *(ainda de fora)*. Então ela até que que raciocina um pouco.

PORFÍRIO — Até aí vai a inteligência dela.

(Joãozinho sai de vista novamente. Em seguida, ouvem-se vozes fora. Joãozinho e Loló aparecem na porta. Loló é uma garôta boa e bonita, mas que em geral fala com bôca mole).

PORFÍRIO — Entre. Pode entrar. Não faça cerimônia.

LOLÓ — *(de bôca mole)*. *(ainda de fora)*. Entrar no seu apartamento?

36

JOÃOZINHO — Pois é. Nós queríamos bater um papinho com você.

LOLÓ — Mas eu nunca bati papinho com um rapaz sozinho num apartamento.

PORFÍRIO — *(explicativo, como quem fala com uma criança)*. Bom, mas isso era com um rapaz. Aqui nós somos dois rapazes. Logo, não há problema.

(Pausa).

LOLÓ — *(com o rosto iluminado, por ter compreendido)*. Ah... é mesmo!

(Loló e Joãozinho entram. Joãozinho fecha a porta).

PORFÍRIO — Sente-se, Loló.

PORFÍRIO — *(lento e explicativo)*. Loló eu precisava de um grande favor teu. Você faz um favor p'ra mim?

LOLÓ — *(de bôca mole)*. Depende.

JOÃOZINHO — *(aliciante e melífluo)*. É uma coisinha à-toa, que não vai custar nada.

PORFÍRIO — O que eu queria de você era o seguinte.

LOLÓ — *(assustada)*. Ih, é pior.

PORFÍRIO — O que?

LOLÓ — Ficar com dois rapazes em vez de um, sozinho, num apartamento.

JOÃOZINHO — *(meio desalentado)*. Esse negócio vai demorar duas horas.

LOLÓ — Vou-me embora. É pior sim.

PORFÍRIO — Não faça isso, Loló. Seria pior num caso qualquer. Mas no nosso caso é diferente.

LOLÓ — *(ainda de bôca mole)*. Por que?

37

PORFÍRIO -- (sério e explicativo). Porque nós, em essência abstrata da situação fenomenológica do homem, substantivamos a priori um espírito dogmático. Nós condicionamos fatores imóveis e justapostos no espaço, pelo repertório de "kosmos" existente em nós. É o trânsito da historicidade nos diagnósticos assimilados. (pausa). Compreendeu? (Joãozinho está olhando Porfírio com expressão inteiramente apavorada diante da explicação incompreensível. Loló está com cara de quem ficou vivamente impressionada. Pausa).

LOLÓ — (convicta). Compreendi

PORFÍRIO — Então senta e cuve. Nós vamos sair e você vai ficar aqui sôzinha. Daqui a pouco vai chegar um homem.

LOLÓ — (levantando, assustada). Outro homem?

JOÃOZINHO — (fazendo Loló sentar de novo). Mas com uma môça.

LOLÓ — Ah, sim.

PORFÍRIO — Aí eles vão perguntar quem é você. E você vai responder que é minha espôsa.

LOLÓ — (desconfiada). Espôsa?

JOÃOZINHO — (tom brincalhão, para eliminar suspeitas de Loló). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

LOLÓ — Ah! Uma brincadeira que nós vamos fazer...?

PORFÍRIO — Pois é! Uma brincadeira que nós vamos fazer. Bom, então você entendeu bem essa primeira parte?

LOLÓ — Entendi.

PORFÍRIO — Muito bem. Aí eles vão provavelmente perguntar se nós já somos casados há muito

38

tempo. E você vai responder que nós nos casamos há cinco anos, mas que logo depois nos separamos.

LOLÓ — Ih, que brincadeira bôba.

PORFÍRIO — Bom, nos separamos, mas agora você voltou.

JOÃOZINHO — Voltou, tá compreendendo?

PORFÍRIO — Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher. Entendeu?

LOLÓ — Entendi.

PORFÍRIO — Então repete.

LOLÓ — Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher.

JOÃOZINHO — Não. Loló! Você tem que dizer: "Voltei p'ra vir morar com êle, p'ra continuar a ser sua mulher."

LOLÓ — Assim não é repetir.

PORFÍRIO — Por que é que assim não é repetir?

LOLÓ — Porque repetir é dizer igualzinho a mesma coisa.

JOÃOZINHO — Não. Você repete, mas tem que colocar a frase na primeira pessoa.

LOLÓ — Que primeira pessoa?

JOÃOZINHO — Na primeira pessoa. No pronome "EU". Quando o Porfírio fala com você, êie se refere a você no tratamento de "você", mas quando você fala, você se refere a você como "eu" e ao Porfírio como "êle".

LOLÓ — Mas se quando o Porfírio fala comigo, êle se refere a êle como "eu" e a mim no tratamento de "você", e quando eu falo, eu me refiro a mim como "eu" e no Porfírio como "êle"...

PORFÍRIO — (aos berros). Chega!

JOÃOZINHO — (querendo continuar). Não, mas...

PORFÍRIO — Joãozinho, por santo amor de Deus!!!

39

LOLÓ — Nisso eu tenho razão. Se p'ra mim eu fale no tratamento de "eu", então eu tenho que mudar a frase que o Porfírio disse, e aí eu não estou mais re-pe-tin-do, porque já não estou mais dizendo as mesmas palavras. (*triumfante*). Conheceu, papudo?

PORFÍRIO — Tá bem, Loló. Ganhou. Você é um gênio.

LOLÓ — (*modesta*). Qual nada! Você é que não pensou muito no que 'tava dizendo.

PORFÍRIO — O importante é que depois de dizer isso tudo, você não responde mais nada que eles perguntarem. Mais nada, tá O.K.?

LOLÓ — Por que?

JOÃOZINHO — Porque... porque senão eles podem desconfiar da brincadeira.

PORFÍRIO — Você só diz isso. Que é minha espôsa, há cinco anos, que nós nos separamos e que agora você voltou p'ra nós continuarmos a viver juntos. Se eles tiverem qualquer dúvida, você diz de nôvo isso p'ra eles. (*Pausa*).

JOÃOZINHO — Mais alguma coisa, Porfírio? (*Joãozinho vai à janela e olha para baixo*).

PORFÍRIO — Mais nada.

LOLÓ — Mas vem cá.

PORFÍRIO — Que é, Loló?

LOLÓ — Eu conto essa história tôda, mas o que é que eu ganho com isso?

PORFÍRIO — Por êsse favor, Loló, você pode pedir o que quiser.

LOLÓ — O que eu quiser?

PORFÍRIO — O que é que você mais deseja na vida?

LOLÓ — Casar.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Joãozinho, cada vez eu me convenço mais que as mulheres não têm a

menor imaginação. (*para Loló*). Por que é que você não pede outra coisa?

LOLÓ — Porque disso é que estou muito precisada.

PORFÍRIO — E se eu te oferecesse um casaco de peles?

LOLÓ — (*de boca mole*). Marido é mais engraçado. (*risinho semi-envergonhado*). (*Pausa*).

PORFÍRIO — Joãozinho, o que é que você está fazendo aí na janela?

JOÃOZINHO — Tou vigiando a chegada do General.

PORFÍRIO — Você que ir buscar um copo com água p'ra Loló?

JOÃOZINHO — (*desconfiado*). Um copo com água?

PORFÍRIO — Perfeitamente. Um copo com água.

JOÃOZINHO — Mas quem é que disse que ela está com sede? Você está com sede, Loló?

PORFÍRIO — Claro que ela está com sede. Então você não está vendo que ela está com sede? Que está até com os lábios rachadinhos? Vai logo.

(*Joãozinho vai indo desconfiado para a cozinha*).

LOLÓ — (*intrigada*). Eu estou com sede, é?

PORFÍRIO — Está sim. Escuta. Se você fizer isso que eu pedi, eu prometo que faço o Joãozinho casar com você.

LOLÓ — Batata?

PORFÍRIO — Batata.

LOLÓ — Então eu topo.

JOÃOZINHO — (*entrando com a água*). Pronto. (*dá o copo a Loló, que já o olha com o ar mais embevecido do mundo*). Porfírio, eu não sei porque eu

estou com um pressentimento que esse plano não vai dar certo. *(Joãozinho volta para a janela).*
PORFÍRIO — Claro que vai dar certo. Se o General se convencer que Loló é minha esposa, ele não pode querer que eu seja bigamo, pode?
JOÃOZINHO — Mas você se esquece... *(olha para baixo, agitado).* Aí vêm eles!!
PORFÍRIO — Loló, veja lá, hem! Posso confiar em você? *(Porfírio e Joãozinho preparam-se para sair).*
LOLÓ — Farei os possíveis.
JOÃOZINHO — Deus é grande!
LOLÓ — Escuta, esse homem que vem aí é seu amigo?
PORFÍRIO — Do peito. Só que ele é muito brincalhão e às vezes finge que não gosta de mim. *(eles já estão na porta).*
JOÃOZINHO — *(da porta).* Mas é fingimento. Só fingimento. *(saem e fecham a porta. Loló fica sozinho ensaiando em silêncio as respostas que lhe foram ensinadas. Depois faz uma cara de quem não está entendendo muita coisa. Mas dá de ombros e aguarda. Toca a campainha).*
LOLÓ — *(abrindo a porta).* Pode entrar. *(o General e Daisy entram meio desconfiados e procuram com os olhos Porfírio e Joãozinho).*
GENERAL — Onde estão Porfírio e Joãozinho?
LOLÓ — *(após pequena hesitação).* Saíram.
GENERAL — Mas vão demorar?
LOLÓ — *(nova hesitação).* Acho que não.
GENERAL — *(sentado).* Muito bem. Nós esperamos então. *(Pausa).*
LOLÓ — Ih, começa logo!
DAISY — Começa o que?

GENERAL — Desculpe perguntar, mas quem é você?
LOLÓ — *(satisfeita por ter sido finalmente feita a pergunta que esperava, responde convicta).* Eu sou a esposa de Porfírio.
DAISY — *(desconfiada).* Espôsa?
LOLÓ — *(explicativa).* É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.
GENERAL — Brincadeira? Que brincadeira?
LOLÓ — Não era isso que o sr. devia perguntar agora.
GENERAL — O que é que eu devia perguntar agora?
LOLÓ — Há quantos tempos nós somos casados.
GENERAL — Muito bem. Então me diga. Há quanto tempo vocês são casados?
LOLÓ — Há cinco anos.
DAISY — Mas casados no duro?
LOLÓ — *(hesitante, coçando a cabeça).* Bem, isso ele não explicou, mas eu acho que é.
GENERAL — E onde é que você andou todo esse tempo?
LOLÓ — Nós logo depois nos separamos.
DAISY — Bem, mas onde é que você esteve?
LOLÓ — Por aí.
GENERAL — E agora você voltou?
LOLÓ — Voltei... Espera aí. Como era mesmo? Voltei... p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser sua mulher. Teve que ficar assim por causa da primeira pessoa.

(O General e Daisy se entrecolham, desconfiadíssimos).

GENERAL — A senhora quer fazer o favor de repetir essa frase?

LOLO — Como foi que eu disse mesmo?
 GENERAL — A senhora disse: "Voltei pra vir
 morar contigo, pra continuar a ser sua mulher".
 LOLO — Olha, deixa eu dizer depressa que sai. *(fecha
 os olhos e dispersa as palavras)*. Voltei pra vir mo-
 rar com ele, pra continuar a ser sua mulher. *(abre os
 olhos triunfantes)*. Vin?
 GENERAL — *(nervoso)*. Daisy, você quer ver se
 descobre quem é essa louca e o que é que ela está
 fazendo aqui?
 DAISY — Vocês tem filhos?
 LOLO — Isso eu não posso responder.
 DAISY — Por que?
 LOLO — Porque senão vocês vão desconfiar da brin-
 cadeira.
 GENERAL — Mas afinal de contas, que brincadeira
 é essa?
 LOLO — *(cogando a cabeça)*. Pois é. Isso é que eu
 também não sei.
 GENERAL — Escuta menina. Responda com toda
 sinceridade. Você tem certeza que não é maluca?
 LOLO — *(intimidada)*. Eu sou a esposa de Porfirio.
 GENERAL — Mas nunca esteve internada?
 LOLO — Há cinco anos.
 DAISY — Você hoje já esteve conversando com o
 Porfirio?
 LOLO — Mas logo depois nos separamos.
 DAISY — Porfirio disse a você pra que é que eu
 vinha aqui?
 LOLO — Pra vir morar com ele, pra ser sua mulher.
 GENERAL — *(aos herros)*. Tá tudo explicado. Mas
 fique sabendo que o camilhoerata do seu amiguinho
 não me escapa. E que vai acabar na igreja nem que
 seja a bala.

LOLO — Puxa, se isso é fingimento, o sr. finze bem
 pra xuxu.
 GENERAL — Fingimento? Você vai ver a ligação que
 eu vou passar naquele libertino.
*(Nesse momento abre-se a
 porta com violência e sur-
 tem Porfirio e fogozinho.
 Porfirio para dramatica-
 mente na entrada)*.
 PORFIRIO — *(olhando Lolo)*. Querida! Tu vol-
 taste! *(ligeira pausa)*.
 LOLO — *(de boca mole)*. Olha, danou tudo!
*(Porfirio parte para abra-
 çá-la)*.
 PORFIRIO — Oh, meu amor! Há quanto tempo!
 LOLO — "Tou dizendo que danou tudo!
 PORFIRIO — Compreendo. A tua vida longe de
 mim é que se danou, não foi? Mas não há de ser
 nada, meu bem. Vamos recomegar tudo e reconstruir
 o nosso lar. *(Porfirio está abraçado com ela; há um
 silêncio)*. Não dizes nada, querida?
 GENERAL — *(peremptório)*. Não vai reconstruir
 coisíssima nenhuma.
 PORFIRIO — Ah, General, o senhor está aí?
 GENERAL — *(sereno e definitivo)*. Eu vim aqui
 pra você assinar os papéis do casamento. *(enfia um
 papel na mão de Porfirio)*.
 PORFIRIO — *(amarel, embora recebendo o papel)*.
 Não vê o senhor, General, que eu não lhe disse antes,
 mas sucede que eu já sou casado.

GENERAL — (*aproximando-se de Porfírio e oferecendo-lhe sua caneta*). Você tem caneta? Porque se não tiver, eu não tenho objeção alguma em emprestar a minha.

PORFÍRIO — (*parando*). General, parece que o senhor não compreendeu bem. Eu disse que JÁ ERA casado. (*amável*). E de acôrdo com a lei brasileira, não sei se o senhor sabe, a gente não pode casar duas vèzes.

GENERAL — (*sacando o revólver*). Não se faça de bêsta e assina logo, porque eu quero dar entrada nos papéis ainda hoje.

PORFÍRIO — (*violento*). Mas isso é uma violência. O sr. não pode fazer isso. É um crime contra a liberdade individual de um cidadão. Afinal de contas, eu tenho meus direitos. (*valentando gradativamente o ritmo da frase*). E não posso ser forçado assinar... uma coisa... com a... qual... eu... não... estou... de acôrdo. (*baixo e humilde*). Não posso... Ou posso?

GENERAL — (*ainda amável*). Pode. (*Porfírio está com o papel e a caneta na mão*).

PORFÍRIO — (*com os olhos fixos no revólver*). Joãozinho, você me acharia um traidor se eu agora contasse tudo... Mas tudinho mesmo?

JOÃOZINHO — Ainda não chegou o momento de empregar medidas tão extremas.

PORFÍRIO — (*após rápida leitura*). De minha livre e espontânea vontade, General?

GENERAL — (*sempre amabilíssimo*). Assina, meu anjo.

(*Porfírio vai assinar, mas pára*).

PORFÍRIO — Joãozinho, só pra minha informação, eu queria saber o seguinte. Você acha que o momento de empregar medidas extremas pra salvar um guilhotinado é antes ou depois da cabeça pular fora?

GENERAL — (*aos berros, com o revólver na cara de Porfírio*). Assina!

PORFÍRIO — Já que falou com bons modos...

(*Porfírio assina. O General guarda o revólver. Pega o papel, olha-o com carinho e então enxuga uma lágrima furtiva*).

GENERAL — (*emocionado*). Meus filhos, vocês me desculpem a emoção, mas é que eu sou um velho de natureza sentimental. (*Porfírio olha com cara de poucos amigos para êle*). É êsse o momento romântico com que eu sempre sonhei na minha vida; ver minha filha pedida em casamento. Mas como eu não sei fazer discursos bonitos, só quero dizer uma coisa a vocês: sejam felizes. (*beija os dois*).

PORFÍRIO — Isso já é tripudiar.

GENERAL — (*encaminhando-se para sair*). Daisy, meu bem, fique aí direitinho com seu noivo, que o papai já volta. (*para Porfírio*). Meu genro, comporte-se, sim! (*para Joãozinho e Loló*). P'ra vocês que ficam, até logo. (*Sai. Pausa*).

LOLÓ — (*de bôca mole*). Até que êle é um bocado simpático, não é?

PORFÍRIO — (*de bôca mole, imitando Loló*). Você acha, acha?

DAISY — Ih, você já vai começar, é?

PORFÍRIO — Começar o que?

DAISY — Fique sabendo que nenhum de nós está aqui disposto a aturar seu sarcasmo nem seu mau humor.

PORFÍRIO — Você se esquece que vocês é que estão na minha casa? Os incomodados que se mudem.

DAISY — E você se esquece que está falando praticamente com a sua espôsa?

PORFÍRIO — Espôsa?

LOLÓ — *(convencida que está acertando em cheio)*. É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

PORFÍRIO — *(rosnando)*. Loló, chega, ouviu? Essa brincadeira já acabou.

LOLÓ — *(chorosa)*. Você não tem direito de falar assim comigo. Eu respondi tudo direitinho.

JOÃOZINHO — Calma, Loló.

LOLÓ — *(ainda chorosa)*. Não posso entender porque é que não deu certo.

JOÃOZINHO — Não chora. No fundo, Porfírio não está zangado com você.

PORFÍRIO — *(irônico)*. Claro que não. *(sardônico, para Loló)*. Eu só queria era um outro favor teu.

LOLÓ — *(de boca mole)*. Pois não, Porfírio.

PORFÍRIO — *(ultra-sardônico)*. Era que você pegasse uma gilete e cortasse uma a uma as veias de teu pulso. Ou então tomasse café com formicida. *(vai pegando um tom violento)*. Ou ateasse fogo às vestes. Ou metesse uma bala na cabeça.

(Loló, que conforme Porfírio falava ia ficando cada vez mais assustada, rebenta num pranto convulsivo).

JOÃOZINHO — Calma, Loló. Não chore. É que Porfírio está nervoso. *(vai levando Loló para a por-*

(para Daisy). Vamos sair um pouco. Vamos dar uma voltinha.

DAISY — *(para Porfírio)*. Você não tem mesmo um pingo de coração.

PORFÍRIO — Vocês por acaso é que têm? O que eu acho gozado é o tom com que você já fala comigo.

DAISY — Que tom?

PORFÍRIO — Esse tom de vida de casado.

DAISY — Não diga bobagens, porque nós ainda nem sequer somos casados.

PORFÍRIO — A simples perspectiva do casamento, transforma qualquer Pier Angeli em um Boris Karloff.

DAISY — Bem, eu realmente fui um pouco indelicada com você, mas você também foi muito indelicado com a Loló.

PORFÍRIO — *(levemente representando)*. Não, não tem importância. E não me compreenda mal. Eu gosto de você. Você é o tipo de mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei.

DAISY — *(surpresa e um tanto irônica)*. Que é que há com você, hem?

PORFÍRIO — Não, no duro. Não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

DAISY — É isso que você diz a todas as suas namoradas?

PORFÍRIO — Bem, se você se acha repulsiva e não quer acreditar, isso é problema seu. Uma coisa te digo. Eu estou falando exatamente o que eu estou sentindo.

DAISY — É que você mudou tão de repente...

PORFÍRIO — *(ainda levemente representando)*. Dai-

sy, eu sou muito diferente do que vocês me julgam. No fundo eu sou um romântico. E tôdas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

DAISY — Por que você ainda não se encontrou...?

PORFÍRIO — Exatamente. E na verdade eu levo uma vida triste, solitária e tremendamente amargurada.

DAISY — (*sincera*). Puxa, você deve sofrer um bocado.

PORFÍRIO — (*falsamente amargurado*). Não há nada pior que ter cada dia uma pequena. Do que cada dia conhecer um corpo diferente. É um sofrimento pavoroso.

DAISY — Eu nunca imaginei que os homens pudessem pensar assim.

PORFÍRIO — Eu não sou um homem como os outros. Eu acho que sexo, apenas por sexo, sem uma ligação afetiva, não é um ato digno de criaturas evoluídas.

DAISY — É exatamente o que eu também acho.

PORFÍRIO — Pois é. Eu senti que você pensava assim. Por isso, logo à primeira vista, eu gostei de você.

DAISY — Até que você não é tão ruim quanto eu pensava.

PORFÍRIO — E agora nós vamos nos casar.

DAISY — Aliás, aí há uma coisa que eu quero te explicar, Porfírio.

PORFÍRIO — Eu também tenho uma coisa que eu quero te explicar. É o seguinte. Eu sou definitivamente contra a noite de núpcias.

DAISY — Contra?

PORFÍRIO — É. Eu acho que o dia do casamento é um dia muito agitado, muito cheio de corre-corre,

de modo que, p'ra minha sensibilidade, a noite dêsse dia não é em absoluto o momento ideal para a primeira ligação de amor entre duas pessoas.

DAISY — E daí?

PORFÍRIO — Daí, que na minha opinião, quando duas pessoas se casam, já devem se conhecer com tôda intimidade, p'ra evitar constrangimentos. E, para se conhecerem, nada melhor do que um momento tranqüilo e despreocupado em que os dois estejam juntos, numa profunda e perfeita comunhão espiritual. (*pausa*). Um momento como êsse que nós estamos vivendo agora.

DAISY — Continua.

PORFÍRIO — Na noite de núpcias, quando o rapaz segura a mão da moça, há um certo mal estar, porque aquilo já estava pré-determinado. Mas num dia qualquer, quando êle segura a mão dela (*segura a mão de Daisy*), aquilo tem um significado muito mais profundo, porque foi alguma coisa que surgiu com emoção e espontaneidade. Por outro lado...

DAISY — (*desprende-se d'êle*). Basta de tapiação. Você pensa que eu não sei onde você quer chegar? O que eu fico boba é de ver como você pode querer fazer isso com a namorada de seu melhor amigo.

PORFÍRIO — (*furiado*). Boba! E com quem meu melhor amigo quer me ver casado.

DAISY — Isso não tem nada a ver com o peixe.

PORFÍRIO — Isso é o próprio peixe.

DAISY — Você é mesmo um libertino sem moral.

PORFÍRIO — Nós não vamos nos casar?

DAISY — Vamos.

PORFÍRIO — Então porque é que a gente não pode começar a se amar logo, desde hoje?

DAISY — Porque você não me dá falta de ar.

PORFÍRIO — Mas você não vai permitir que esse detalhe técnico atrapalhe toda minha vida.

DAISY — Fique sabendo que nós só vamos nos casar p'ra eu me libertar das garras de papai e p'ro Joãozinho não poder mais ter aqueles dramas de rapaz direito. Em seguida, eu venho morar aqui para não dar despesas ao Joãozinho e mesmo porque, perante a lei, você tem obrigação de me manter. Mas não vamos ter nada um com o outro, tá me entendendo? Todas as minhas noites de amor, eu as passarei com o Joãozinho. E pode começar juntar dinheiro também, porque é você que vai pagar minha lua de mel com meu amor.

PORFÍRIO — *(estupefato)*. Mas isso não se faz a um cão danado.

DAISY — E tem mais. Quero esse apartamento limpo, arrumado e, de hoje em diante, sem aquele quadro libidinoso na parede. *(Daisy parte para o quadro "neste apartamento mora um solteiro feliz")*.

PORFÍRIO — *(num apêlo patético)*. Não! Isso não!

DAISY — *(virando o quadro)*. Quero decência aqui dentro!

PORFÍRIO — *(num gemido repugnado)*. Decência?

DAISY — E acima de tudo moral. *(começa a cair o pano. Daisy abre a porta para sair)*. Moral, tá me entendendo? *(sai batendo a porta)*.

(Termina de fechar o pano sobre o segundo ato).

ATO III

(Mesmo cenário, mas sem o quadro "neste apartamento..." na parede. Porfírio e o General estão em cena jogando uma partida de xadrez).

PORFÍRIO — General, eu não sei como lhe dizer isso, mas sou forçado a lhe dar uma notícia desagradável que vai alterar muitos dos seus planos.

GENERAL — *(aprensivo)*. O que é?

PORFÍRIO — Eu compreendo que o sr. fez uma série de projetos baseado num fato e que agora, com essa notícia, êsses projetos irão todos por água abaixo, mas...

GENERAL — Fale logo.

PORFÍRIO — ... Mas chegou o momento em que não posso mais lhe sonegar o que está se passando aqui. General, o sr. vai me desculpar imensamente eu lhe dizer isso, mas a realidade nua e crua... é que sua filha... é virgem. *(pausa)*.

GENERAL — Por que?

PORFÍRIO — Porque... Ora, porque. O sr. tem idade bastante p'ra saber porque.

GENERAL — O sr. tem alguma deficiência?

PORFÍRIO — Não é bem êsse o caso, General!

GENERAL — (*mais queimado*). O sr. está então por acaso querendo insinuar que minha filha não é atraente o bastante para entusiasmar um homem?

PORFÍRIO — General, eu tinha prometido ao Joãozinho não contar nada a respeito desse caso. Mas agora eu já fui empurrado até muito perto do altar, de modo que sou forçado a quebrar minha promessa. Daisy morava, não comigo, mas com o Joãozinho.

GENERAL — Mesmo que isso fôsse verdade, continua inteiramente inexplicável essa pureza de minha filha.

PORFÍRIO — Acontece que o Joãozinho tem o grave defeito de ser um rapaz direito.

GENERAL — Bem, vamos ver isso por partes. Primeiro. Como é que você pode provar que Daisy não morava com você e sim com o Joãozinho?

PORFÍRIO — Vou lhe responder também por partes. Primeiro. O sr. já percebeu que nas novelas policiais o assassino não é nunca aquê que tá na cara que devia ser?

GENERAL — Já.

PORFÍRIO — E quem é normalmente o assassino?

GENERAL — O mordomo.

PORFÍRIO — Que é o tipo do sujeito que é um verdadeiro doce de côco e que ninguém desconfiava, não é?

GENERAL — Exatamente.

PORFÍRIO — Muito bem. Pois no nosso caso, o mordomo é o Joãozinho. (*pausa*). Segundo. Que é que todo mundo diz que eu sou?

GENERAL — Um libertino.

PORFÍRIO — E o sr. acha que um libertino que se preza, um sujeito que tem um horror mortal ao casa-

mento, iria estar morando com uma moça numa vida em tudo e por tudo semelhante a do casamento?

GENERAL — Realmente... Parece que não.

PORFÍRIO — Terceiro. Quando o sr. entrou no apartamento do Joãozinho, qual foi sua impressão?

GENERAL — Muito boa.

PORFÍRIO — E quando o sr. entrou no meu apartamento, qual foi sua impressão?

GENERAL — Uma respeitável bagunça.

PORFÍRIO — Uma salutar e respeitável bagunça masculina. Muito bem. Agora me diga uma coisa. O sr. considera sua filha uma relapsa?

GENERAL — Não.

PORFÍRIO — Então onde é que é mais provável que Daisy estivesse morando? No meu apartamento ou no do Joãozinho?

GENERAL — No do Joãozinho.

PORFÍRIO — Quarto e último. Quando o sr. estava procurando Daisy neste apartamento, o sr. chegou a ir até o banheiro?

GENERAL — Cheguei.

PORFÍRIO — E o que é que o sr. viu lá?

GENERAL — Apenas alguns jornais espalhados.

PORFÍRIO — (*inflamado*). E o sr. acha que há alguma mulher no mundo que permita ao marido ou ao amante êsse prazer humano e singelo de ler tranquilamente seus jornais?

GENERAL — De forma alguma.

PORFÍRIO — Então o sr. concorda que êsses benditos jornais são a prova definitiva da minha vida de solteiro?

GENERAL — Você me convenceu. Daisy morava com o Joãozinho. Mas como é que eu agora posso ter certeza de que êle não abusou de minha filha?

PORFÍRIO — Observando os seguintes detalhes. Um. O ar aparvalhado do Joãozinho, que é típico de rapaz direito. O vigarista tem um brilho fascinante no olhar que o sujeito honesto nunca tem. Dois. A preocupação de Joãozinho em querer ficar “bem” diante do sr. O libertino não se incomoda de ser considerado libertino. Três. A ansiedade desvairada de Daisy em querer casar e ter uma lua de mel. A môça que... já se encontrou na vida, também quer casar, mas com mais serenidade.

GENERAL — Isso significa uma mudança completa nos meus planos.

PORFÍRIO — Mas também significa que se acabaram as suas preocupações.

GENERAL — Só que Daisy volta a ficar sem nenhum marido à vista.

PORFÍRIO — Acima de tudo, General, o importante é que agora não se justifica mais o sr. andar sacando seu revólver por aí.

GENERAL — (*cordial*). Você é um patife de última classe, mas ainda assim eu quero explicar que se assumi uma atitude aparentemente violenta foi...

PORFÍRIO — Aparentemente?

GENERAL — ... Foi porque eu tenho uma estima e um amor imenso a minha filha. A mãe morreu quando ela tinha dois anos e você sabe que não é fácil para um pai substituir o seio materno.

PORFÍRIO — (*intencional*). Claro!

GENERAL — Nem tornei a me casar para me dedicar inteiramente a ela. E esta vida sozinho foi me tornando cada dia mais austero.

PORFÍRIO — Todo sujeito só é um moralista.

GENERAL — Quando ela quis vir para o Rio, eu só concordei porque ela vinha morar na casa de uma

família conhecida. Mas agora vi que, mesmo assim, os perigos são muitos. Nunca se pode ter certeza de que ela vá encontrar sempre rapazes honrados e distintos como o Joãozinho. Há também os tipos como você. Por isso vou levá-la de volta p'ra minha companhia.

PORFÍRIO — (*despedindo-se dele*). Embora em matéria de amor o sr. seja o tipo do reacionário, eu até que gosto do senhor.

(*Nesse instante entra Joãozinho, cabisbaixo e amargurado*).

GENERAL — (*alegre, para Joãozinho*). Meu rapaz, já sei de tudo!

JOÃOZINHO — (*espantado*). Tudo?

PORFÍRIO — (*definitivo*). Graças a mim.

GENERAL — (*pomposo*). E devo dizer que admirei imensamente sua conduta irreprochável.

JOÃOZINHO — Irreprochável?

GENERAL — Não é todo dia que se encontra um gentleman como você, meu rapaz. Um gentleman com a retidão moral e o caráter que você demonstrou.

JOÃOZINHO — O sr. tá exagerando, General...

GENERAL — Não seja modesto. Você é um dos poucos que pode dizer com orgulho: eu sou um cavalheiro.

JOÃOZINHO — Mas general, eu não sou...

GENERAL — (*cortando*). Meu rapaz, no meu nome e no de minha filha...

JOÃOZINHO — (*nerroso*). General...

GENERAL — Eu quero lhe agradecer o fato de não ter feito aquilo que qualquer libertino teria feito.

JOÃOZINHO — (*exasperado*). General, o que estou tentando dizer é que acabei de fazer exatamente aquilo que qualquer libertino teria feito.

GENERAL — (*peplexo*). Mas como é que o sr. pôde fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — Como? Da maneira tradicional!!!

PORFÍRIO — (*divertido*). Quando foi isso?

JOÃOZINHO — Agora... agorinha.

GENERAL — E eu que o julguei um cavalheiro.

PORFÍRIO — (*imitando o General*). Meu rapaz, meus parabéns.

GENERAL — Súcia de crápulas.

JOÃOZINHO — (*abatido*). Sou um canalha.

GENERAL — (*partindo para a porta*). Vou buscar minha filha. Vou imediatamente buscar minha filha.

(*Sai. Pausa. Joãozinho deixou-se cair numa poltrona arrasado*).

JOÃOZINHO — (*amargurado*). Que é que eu faço agora, Porfírio?

PORFÍRIO — (*tranquillíssimo*). Ora, o caso também não é assim tão sério...

JOÃOZINHO — Eu me sinto o último dos canalhas.

PORFÍRIO — Obrigado. (*Porfírio começa a arrumar o apartamento*).

JOÃOZINHO — Obrigado por que?

PORFÍRIO — Porque assim, no máximo, eu poderei ser o penúltimo.

JOÃOZINHO — Brincadeira tem hora, Porfírio.

PORFÍRIO — E eu acho essa hora agora tão boa quanto qualquer outra.

JOÃOZINHO — Você não vê que eu me envolvi com a responsabilidade tremenda?

PORFÍRIO — Não vejo responsabilidade nenhuma. (*Porfírio pega o quadro "neste apartamento"... para recolocá-lo na parede*).

JOÃOZINHO — Você não pode compreender isso porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Comparado com o que vocês planejam e agem aqui, eu 'tou chegando à conclusão que eu sou um anjinho fugido de presépio.

JOÃOZINHO — Será que você não podia me ajudar em nada?

PORFÍRIO — (*definitivo*). Não. Caso você ainda não tenha percebido, eu agora vou pedir a vocês todos que sumam do meu apartamento e começo vida nova, meu velho. Longe de preocupações e, se Deus quiser, uma vida inteiramente sem moral. (*aciona um interruptor, que reduz a luz do ambiente. Em seguida liga a vitrola. Entra em bg uma marcha militar do gênero do hino dos fuzileiros navais americanos*).

JOÃOZINHO — Você não vai nem se interessar pelo que vai acontecer comigo?

PORFÍRIO — Que tal minha nova técnica?

JOÃOZINHO — Antigamente a música era romântica.

PORFÍRIO — Aí é que está. Música romântica é justamente o que a vítima está esperando. É um condicionamento muito elementar.

JOÃOZINHO — O que eu acho formidável é esse acabamento profissional que você empresta a uma conquista.

PORFÍRIO — A marcha militar exerce uma influ-

ência sub-liminar. A figura vai começando a ficar com vontade de assumir uma atitude heróica. E a tendência ao leito se torna uma consequência lógica irreversível.

JOÃOZINHO — Isso já é colocar uma cantada em termos de sistema filosófico.

PORFÍRIO — Você conhece a Mariusca?

JOÃOZINHO — Aquela boa, que não dá bola p'ra ninguém?

PORFÍRIO — Exatamente. Pois eu bolei uma técnica infalível para atraí-la a êste apartamento.

JOÃOZINHO — Ela não quer nada.

PORFÍRIO — Quer. Eu sei que quer porque apliquei um teste psicológico. Perguntei a ela, se ela tivesse que ir à Europa, e se pudesse visitar somente uma cidade, qual cidade que ela escolheria. Ora, uma moça preocupada em estudos, responderia Roma. Uma romântica, diria Veneza. Mas ela respondeu Paris. O que revela suas tendências óbvias.

JOÃOZINHO — E o que é que você vai fazer?

PORFÍRIO — Começar a sair com ela.

JOÃOZINHO — Isso é o que todos têm feito.

PORFÍRIO — Mas com a diferença que eu não vou querer absolutamente nada. Vou pegá-la em casa, de automóvel, muito digno, passear um pouco e depois levá-la de novo em casa de automóvel, sem nem pedir p'ra segurar na mão.

JOÃOZINHO — Não 'tou vendo onde você quer chegar.

PORFÍRIO — Isso quatro, cinco, seis vezes. Almoços, jantares, concertos de piano, convites p'ra assistir peças de Bertolt Brecht. Negócio cultural p'ra xuxu. E sem falar em sexo. Aí a coitadinha vai começar a ficar meio intrigada.

JOÃOZINHO — Puxa, esse plano é a longo prazo.

PORFÍRIO — Mas funciona. Ela vai começar a pensar lá com seus botões. Que é que há com êsse cara, que canta tudo que é pequena e comigo não quer nada?

JOÃOZINHO — (*fascinado*). E vai achar que o defeito talvez seja dela. Que ela é que não é boa o bastante p'ra você.

PORFÍRIO — E vai passar a se oferecer. Vai falar com aquela boquinha linda assim bem juntinho da minha. E eu nem pelota.

JOÃOZINHO — Você vai traumatizar a garota.

PORFÍRIO — Até o dia em que eu marcar um encontro aqui no meu apartamento. Ela vai vir rastejando. Implorando o meu amor. (*pausa*). O resto, eu deixo a sua imaginação completar.

JOÃOZINHO — (*fascinado*). Isso é que é vida. (*Porfírio desliga a vitrola*). (*amargurado*). Puxa, p'ra que é que eu fui inventar de ser um rapaz direito?

PORFÍRIO — Joãozinho, você tem que se convencer de uma coisa. Na vida, tudo que é bom, é pecado.

JOÃOZINHO — Uma coisa eu não posso perdoar meus pais.

PORFÍRIO — O que é?

JOÃOZINHO — Terem me dado uma formação moral tão sólida.

PORFÍRIO — Você ainda insiste nessas idéias "demodées"?

JOÃOZINHO — (*solene*). Depois do que eu fiz a única solução é o casamento.

PORFÍRIO — Joãozinho, eu vou te pedir uma coisa.

JOÃOZINHO — Fala.

PORFÍRIO — É que você tenha um pouco mais de

pudor e não fale em casamento com tanta naturalidade. Eu sou um sujeito muito sensível, sabe?

JOÃOZINHO — P'ra mim o mal não é tanto o casamento. O diabo é que ela é tão burrinha...

PORFÍRIO — (*intencional*). Eu até que a acho uma menina muito viva...

JOÃOZINHO — Muito viva? Ah! Então eu sou um cérebro eletrônico. (*Pausa. Os dois param na posição em que estão. Em seguida vão virando lentamente o rosto um para o outro.*)

PORFÍRIO — Espera aí! De quem é que você está falando?

JOÃOZINHO — Da Loló, ora essa.

PORFÍRIO — Então foi com ela?

JOÃOZINHO — (*cabisbaixo*). Pois é. Foi com ela.

PORFÍRIO — Eu pensei...

JOÃOZINHO — E agora eu vou ter que casar com aquela mentecapta.

PORFÍRIO — Mas você sabendo como você pensa, como é que foi fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — A carne é fraca, Porfírio.

PORFÍRIO — E agora vai casar...?

JOÃOZINHO — (*dramático*). Não posso suportar a idéia de não casar e saber que causei a perdição de uma moça, que lancei no mundo uma infeliz.

(*Nesse instante abre-se a porta e entra Loló, com o ar mais feliz do mundo.*)

LOLÓ — (*sorridente para os dois*). Oba! (*pausa*).

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Até que ela não parece assim tão infeliz... Mas se você acha que deve casar...

JOÃOZINHO — (*cortando*). É uma questão de foro íntimo.

PORFÍRIO — Já sei, que eu não posso compreender porque...

LOLÓ — (*cortando com ar de quem descobriu a pólvora*). Porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Loló, o que me impressiona é a originalidade das tuas conclusões.

(*Nesse instante abre-se a porta e entra o General puxando Daisy pelo braço.*)

GENERAL — (*solene*). Meus senhores, tenho uma revelação a fazer. Perdi a confiança em minha filha. Porque depois da confissão completa do Joãozinho, ela ainda insiste em querer defender sua pureza.

PORFÍRIO — Acontece que houve um engano, General.

DAISY — Eu bem que disse a papai que tinha havido um engano. Não era possível. Eu não me lembrava de nada. E isso é o tipo da coisa que não pode acontecer sem a gente se lembrar.

GENERAL — Qual foi o engano?

PORFÍRIO — A pureza perdida no caso não foi a de sua filha, e sim a de nossa vizinha aqui presente.

DAISY — O quê? Quer dizer que eles dois...

PORFÍRIO — É.

GENERAL — Quer dizer que minha filha ainda...

PORFÍRIO — Ainda.

DAISY — E agora?. Que é que vai acontecer?

PORFÍRIO — Agora Joãozinho e Loló vão se casar.

DAISY — (*indignada*). É o fim! O fim do final!

PORFÍRIO — Eu disse a você.

GENERAL — E você, Portirio, veja se segue o exemplo de Joãozinho.
 PORTIRIO — Boas festas, General.
 GENERAL — (encaminhando-se para Daisy). Eu ven descendo que eu ainda tenho que fazer umas compras. Enquanto isso você pega as suas roupas lá no apartamento do Joãozinho. Depois desce que eu esperarei te esperando lá em baixo.
 DAISY — Está bem, papai! (o General encaminha-se para a porta).
 GENERAL — (da porta). Bom amigos, até mais ver então. (sai).
 PORTIRIO — JOÃOZINHO — LOLO — (juntos). Tehuazinho. Até a vista, General. Até logo, General. DAISY — (zangada). Joãozinho, você quer então devolver minhas roupas?
 JOÃOZINHO — Pois não. (sem Joãozinho e Daisy. Pausa).
 PORTIRIO — (ar honesto). Lolo, nos andamos discutindo um pouco (fazem o interruptor que produz luz do ambiente), mas eu não quero que você me compreenda mal. Na verdade eu gosto de você. Você é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei. (liga a estrofa, entra a marcha militar em bg).
 LOLO — (admiração). Ru, é?
 PORTIRIO — E isso não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.
 LOLO — Por que é que você tá falando tão macio? PORTIRIO — Porque eu sou muito diferente do que você me julga. No fundo eu sou um romântico. E todas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

DAISY — Disse o quê?
 PORTIRIO — (que esse era um plano que funcionava com a precisão de um relógio suíço).
 GENERAL — Bom, então... Está tudo resolvido. DAISY — Joãozinho, fique sabendo que você caiu no meu conceito.
 GENERAL — Mas minha filha, ele vai remediar o mal casando com Lolo.
 DAISY — O problema não é esse. O fato é que o mínimo de consideração que ele podia ter comigo, era me dar prioridade.
 LOLO — (de boca mole). Quem vai ao vento perde o assento.
 PORTIRIO — Depois dessa frase bíblica da Lolo, eu acho que você não tem outra solução senão se conformar, minha cara Daisy.
 DAISY — Não. Antes eu quero ver o que Joãozinho tem a me dizer.
 GENERAL — (consolando). Conforme-se, minha filha, conforme-se. Lolo teve apenas mais sorte que você. Só isso.
 DAISY — (impertinente). Fala, Joãozinho.
 JOÃOZINHO — Bem, você sabe... Nós saímos juntos daqui. Lolo estava magoada com que o Portirio tinha dito a ela. Ai ela começou a chorar... Ai eu comecei a consolá-la... Ai ela chorou mais... Você sabe como é. Eu sou um sujeito de coração mole. Não sei resistir a lágrimas de mulher.
 GENERAL — Bem amigos, o que passou, passou. E agora chegou o momento da separação. Daisy e eu voltamos hoje mesmo para Minas. (para Joãozinho e Lolo). Pra vocês, meus votos de felicidades. JOÃOZINHO — Obrigado, General.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07061P362

LOLÓ — Defesa de que?

PORFÍRIO — Do meu próprio subconsciente.

LOLÓ — Próprio o que? Não entendi, não. (*ligeira pausa*). Que música é essa?

PORFÍRIO — (*com ar de rapôsa*). Uma música, ué. Uma música como outra qualquer. O que é que ela te dá vontade de fazer?

LOLÓ — Sair marchando.

PORFÍRIO — (*rápido e aliciante, ajeitando o sumier*). Marchando em direção a que? (*ligeira pausa*).

LOLÓ — Não sei... Sair marchando. Sair marchando.

PORFÍRIO — (*ajeitando melhor o sumier*). Então... Saia marchando.

(*Loló sai marchando em direção à porta, abre a porta e sai de cena, sempre marchando*).

PORFÍRIO — (*sêco e imperativo*). Alto. (*Loló pára*). Meia volta, volver! (*ouve-se o barulho dos pés de Loló fazendo meia volta, fora de cena. Porfírio aciona o interruptor. A luz volta ao normal*). Loló, você quer fazer a gentileza de voltar aqui p'ra dentro?

LOLÓ — (*entrando, um pouco intimidada*). Que foi que eu fiz de errado?

PORFÍRIO — (*contido*). Nada, Loló. (*desliga a vitrola*). Vamos começar de novo. Loló, que é que você acha da injustiça?

LOLÓ — É ruim, não é?

PORFÍRIO — É bárbaro. Agora me diga uma coisa. Você acharia justo, se você fosse andando pela rua e visse dois pobres, dar um conto de réis a um dos pobres e não dar nada ao outro?

LOLÓ — Não... Não 'tava certo.

PORFÍRIO — Pois o que você está fazendo com o Joãozinho e comigo é exatamente isso.

LOLÓ — P'ra que é que você 'tá me dizendo isso?

PORFÍRIO — P'ra ver se você se revolta contra esse abominável estado de coisas e se anima a tomar uma providência.

LOLÓ — Providência p'ra que?

PORFÍRIO — P'ra gente aproveitar melhor êsse tempo que nós temos agora.

LOLÓ — Aproveitar como?

PORFÍRIO — Loló, eu vou te dar um outro exemplo, p'ra ver se você me compreende melhor. Você algum dia já viu uma criança pálida e triste espiando um doce na vitrine de uma confeitaria?

LOLÓ — Já.

PORFÍRIO — É uma cena de levar lágrimas até aos olhos de um cozeiro, não é?

LOLÓ — É triste p'ra xuxu.

PORFÍRIO — Muito bem. E qual é o impulso ético e humano de uma criatura de bom coração diante dessa cena? (*Pausa. Loló continua com ar apavorado*). Que é que você faria?

LOLÓ — Dava o doce à criança.

PORFÍRIO — Exatamente. Pois nessa novela que eu acabei de contar, a distribuição de papéis é a seguinte. A criança pálida e triste sou eu. O doce é você.

LOLÓ — Você não tem cara nem pálida nem triste.

PORFÍRIO — Isso é o que você pensa. Eu juro que vivo aqui numa melancolia profunda, tão solitário, amargurado e triste que, puxa, quando eu penso no meu caso, morro de pena de mim mesmo. (*ligeira pausa*).

LOLÓ — (*meio em dúvida*). Nada... Isso é conversa tua.

PORFÍRIO — Conversa? Mas eu não sou de conversa. Eu não prometi que fazia o Joãozinho casar com você?

LOLÓ — Prometeu.

PORFÍRIO — E agora êle não vai casar?

LOLÓ — Vai.

PORFÍRIO — Então como é que você pode dizer que eu sou conversa?

LOLÓ — Mas você não ajudou nada p'ra êsse casamento. Foi tudo um esforço meu.

PORFÍRIO — Mas eu influenciei o Joãozinho. É a mim que você deve agradecer a possibilidade dêsse esforço. E agora você quer me fazer essa ingratidão...

LOLÓ — Eu não sou ingrata.

PORFÍRIO — Pois prove isso. Depois de eu ter te arranjado um casamento, você tem obrigação de também me fazer alguma gentileza. Na vida tudo é reciprocidade.

LOLÓ — Mas qual é a gentileza que você quer que eu faça?

PORFÍRIO — Eu já não te disse que eu sou um amargurado?

LOLÓ — Já.

PORFÍRIO — E você não acha que a gente deve dar momentos de alegria aos amargurados?

LOLÓ — Lá isso deve.

PORFÍRIO — E qual é o melhor momento de alegria que você pode me dar? (*ligeira pausa*).

LOLÓ — Ah, não vem com pergunta assim de sapatão que eu me atrapalho tôda.

PORFÍRIO — (*desanimado*). Assim não é possível.

LOLÓ — (*iluminada*). Já sei. Dar um cento de réis a um pobre?

PORFÍRIO — (*subindo em tom*). Não, Loló.

LOLÓ — Te dar um doce de presente?

PORFÍRIO — (*exasperado*). Desde que êsse doce seja você, tá me entendendo? Desde que êsse doce seja você.

LOLÓ — (*em tom seguro*). Ah, então era isso que você queria dizer com aquela história de aproveitar melhor o tempo?

PORFÍRIO — (*ainda exasperado*). Exatamente, Loló.

LOLÓ — (*também nervosa*). Então porque é que você não disse logo?

PORFÍRIO — Está dito agora. (*pausa*).

LOLÓ — (*baixo novamente*). É... mas não pode ser.

PORFÍRIO — (*controlado*). Não pode por que?

LOLÓ — Por causa do Joãozinho.

PORFÍRIO — Joãozinho não tem nada a ver com êsse meu momento de alegria.

LOLÓ — Tem sim.

PORFÍRIO — Por que?

LOLÓ — Porque tem. Joãozinho não ia gostar.

PORFÍRIO — Mas a gente não vai sair espalhando a coisa por aí. Êle não vai saber. E uma pessoa não pode não gostar de uma coisa que não chegou a saber. Você, por exemplo, não pode ficar amolada por ter perdido um broche, se você não chegar a reparar que perdeu êsse broche.

LOLÓ — Eu perdi um broche? Quando?

PORFÍRIO — (*de novo exasperado*). Não Loló, isso foi uma comparação. Escuta. P'ra gente chegar a alguma conclusão, você tem que acompanhar meus raciocínios.

LOLÓ — (*ofendida*). Você 'tá querendo me chamar de burra, é?

PORFÍRIO — Não, Loló. Como é que você foi pensar uma barbaridade dessas?

LOLÓ — 'Tá sim. Você 'tá querendo me chamar de burra. Agora eu percebi muito bem. E eu admito tudo, menos isso. Vou-me embora.

PORFÍRIO — Loló, onde é que está o seu espírito de solidariedade humana? Você não pode ir embora agora.

LOLÓ — (*chorosa*). Vou sim. Você me magoou e eu vou-me embora lá p'ra baixo.

(*Encaminhando-se para a porta*).

PORFÍRIO — Mas Loló...!

LOLÓ — (*da porta*). E só volto quando o Joãozinho voltar (*sai*).

PORFÍRIO — (*furioso, sozinho, andando de um lado para outro*). O que é que há? O que é que há comigo?

(*Nesse instante abre-se a porta e entra Joãozinho*).

JOÃOZINHO — (*patético da porta*). Porfírio, sou um desgraçado.

PORFÍRIO — Desgraçado sou eu. Joãozinho, me diz com toda sinceridade. Você me acha repulsivo?

JOÃOZINHO — Você é um encanto. Eu é que sou um desgraçado.

PORFÍRIO — O seu problema já está todo resolvido.

JOÃOZINHO — Não 'tá não.

PORFÍRIO — P'ra sen não, Joãozinho, passando com a Loló, você não tem mais dramas.

JOÃOZINHO — Tenho sim.

PORFÍRIO — Você já 'tá ingerindo nessa história de querer ser um rapaz direito.

JOÃOZINHO — Ninguém me compreende.

PORFÍRIO — (*olhando para a porta*). O que eu compreendo é que há certas vítimas que não estão à altura da beleza de uma cantada psicológica.

JOÃOZINHO — Meu caso não tem solução.

PORFÍRIO — Esta senhora é uma ameba. Uma ameba. E como é que a gente vai convencer uma ameba a dormir com a gente?

JOÃOZINHO — Sou um infeliz.

PORFÍRIO — Basta desse negócio de você ser um infeliz. Eu é que acabei de desonrar pela segunda vez a reputação desse apartamento.

JOÃOZINHO — Mas eu estou com um tremendo problema de consciência.

PORFÍRIO — Pois eu estou exatamente atrás de um problema de consciência igual ao teu.

JOÃOZINHO — Eu sabia que você não ia compreender...

PORFÍRIO — Mas já não está tudo dito e explicado?

JOÃOZINHO — Acontece, Porfírio, que quando Daisy foi buscar as roupas lá no meu apartamento, ela começou a chorar...

PORFÍRIO — (*atônito*). Continua.

JOÃOZINHO — E você sabe que eu não sei resistir a lágrimas de mulher. (*pausa. A fisionomia de Porfírio se contrai. Ele se aproxima até ficar bem junto de Joãozinho*).

PORFÍRIO — (*como que cuspiendo no rosto do outro*). Libertino!

JOAOZINHO — Mas Porfirio, voce não imagina

como eu estou sofrendo.

PORFIRIO — Libertino, sim senhor! Enquanto eu fico aqui numa vida ascética de monge budista, voce anda se esbaldando por ai. Devasso! Corrupto e corruptor!

JOAOZINHO — Não Porfirio, eu sou um rapaz direito!

PORFIRIO — Você não tinha lenco no seu apartamento?

JOAOZINHO — Tinha, mas...

PORFIRIO — Então porque é que voce não deu um lenco a Daisy quando ela começou a chorar? Mas não! Você tinha que se demonstrar mais humano e solidário com o sofrimento dela, não é? Eu só espero que minhas irmãs nunca encontrem um rapaz tão humano e solidário quanto voce. Pescarado!

JOAOZINHO — Mas Porfirio, voce sempre achou isso uma coisa tão normal e salutar...

PORFIRIO — Quando era cemigo. Você não espera que eu vá gastar a MINHA filosofia pra explicar o SEU sem-vergonhismo.

JOAOZINHO — Mas eu quero remediar tudo.

PORFIRIO — Como? Remediar tudo como? Eu só quero saber o que é que voce pretende fazer agora diante dessa dupla responsabilidade, dessa dupla amargura, desse duplo drama de consciência.

JOAOZINHO — Pois é. Isso é que eu não sei.

PORFIRIO — Case com as duas. Com uma no Uruguai e com a outra na Argentina. Depois passe as segundas, quartas e sextas com a Daisy e as terças, quintas e sábados com a Lolo. Mas os domingos deixe livre. Deixe livre pra assistir filmes românticos. E

quando as mechas da minha cabeça começam a chorar,

JOAOZINHO — Você está sendo injusto, Porfirio. PORFIRIO — (inda furioso). Da onde mora entre no cinema. Vá só pra ficar. Vá pra filha e comece a cortar uma cebola.

JOAOZINHO — Você está sendo injusto e cruel. Eu estou num momento de intenso sofrimento moral e preciso justamente da ajuda de um amigo como voce.

PORFIRIO — Joaozinho, meta uma coisa na cabeça. A unica coisa que eu ainda pretendo fazer por voce na vida, é segurar a alga do teu cabelo no cabelo.

JOAOZINHO — Mas como é que eu vou contar o caso ao General?

PORFIRIO — Usando tato e habilidade. De um tapinha nas costas dele e diga: General, sua filha, meu... meu...! E quando ele disparar o revolver, abra bem a boca, pra ver se voce engole depressa. E

JOAOZINHO — Isso não é hora para brincadeira. PORFIRIO — Você não sabe como eu estou falando serio, meu caro Joaozinho. (Como eu estou falando serio...)

JOAOZINHO — Você não compreende que se eu casar com a Lolo, vou me sentir eternamente responsável pela perdicao da Daisy, e se eu me casar com a Daisy, a Lolo é que não me dará paz e consciência. PORFIRIO — Não case com nenhuma, então. E mande as duas chorar as mágoas aqui no meu apartamento.

JOAOZINHO — Eu só queria uma coisa de voce, Porfirio.

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07260 386

PORFÍRIO — Pode dizer que eu terei o máximo prazer em NÃO fazer.

JOÃOZINHO — Eu vou trazer a Daisy p'ra cá. E depois, se o General vier também, eu só queria que você saísse um pouco com a Daisy, p'ra eu ter minha conversa a sós com o General. Só isso.

PORFÍRIO — Você tem certeza que o que você quer não é que eu saia com o General, p'ra você ter outra conversa a sós com a Daisy?

JOÃOZINHO — Porfírio, depois disso eu juro que não te incomodo nunca mais.

PORFÍRIO — *(após certa hesitação)*. Vá lá. Mas olha. Toma cuidado quando você der a notícia ao General. Ele pode também querer chorar...

JOÃOZINHO — Até já, Porfírio. *(sai)*

(Porfírio fica sozinho em cena. Vai até a vitrola. Ouve-se a marchinha "a vida de casado é boa... mas a vida de solteiro é melhor". Porfírio dá um suspiro de satisfação e vai ao sumier, onde se deita para repousar. Nesse instante abre-se a porta suavemente e entram o General e Loló sorrateiros e cabisbaixos. Entram, fecham a porta e ficam postados de pé na entrada com o ar mais culpado do mundo).

PORFÍRIO — *(do sumier, virando a cabeça)*. Ah, vocês estão aí? *(o General e Loló nada respondem. Porfírio levanta-se, vai até a vitrola e desliga-a)*.

74

PORFÍRIO — *(na vitrola)*. Vocês se encontraram lá embaixo? *(o General e Loló continuam em silêncio e de cabeça baixa)*.

PORFÍRIO — *(guardando o disco)*. Eu estava aqui ouvindo essa musiquinha p'ra repousar um pouco e... *(Porfírio pára de estalo a frase e o que está fazendo. Está com uma expressão de quem de repente entendeu tudo. Vira-se lentamente e vai se encaminhando para o General e Loló)*.

PORFÍRIO — *(a princípio em tom baixo e em seguida subindo em volume a dramaticidade)*. Não. Não!!!

(General e Loló continuam de cabeça baixa e em silêncio).

PORFÍRIO — Vocês não vão me dizer que vocês dois... *(General faz que "sim" com a cabeça)*.

PORFÍRIO — O que me impressiona é a rapidez com que vocês agem.

GENERAL — Você sabe, Porfírio...

PORFÍRIO — *(furioso)*. Não precisam dizer nada. Já sei. Já sei de tudo. Loló chegou lá embaixo chorando, não foi?

GENERAL — Pois é. E agora é que eu compreendi como o Joãozinho é um rapaz de bons sentimentos.

PORFÍRIO — Bons sentimentos? Então eu sou um São Francisco!

GENERAL — A gente não pode resistir, Porfírio. É uma coisa de partir o coração, quando ela começa a chorar.

PORFÍRIO — Vocês precisavam ser menos emotivos, sabe?

75

GENERAL — É uma coisa que você não pode compreender, Porfírio, porque você é um...

PORFÍRIO — (*cortando, furioso*). Porque eu sou o que? Diga, se tem coragem. Porque eu sou o que?

GENERAL — (*intimidado*). Porque você... bem, não tem uma sensibilidade assim tão nobre e apurada quanto a nossa.

PORFÍRIO — (*furioso*). Eu sou um puro. Uma criança. Uma criança perdida numa noite de tempestade. Tudo o que me sobra em teoria, vocês estão aí firmes, pondo em prática.

GENERAL — A questão, Porfírio, é que eu estou agora com um problema.

PORFÍRIO — Pois estimo que o senhor continue com êle.

GENERAL — Não sei como contar o caso ao Joãozinho. Você sabe... Isso é um assunto delicado. Afinal de contas, Loló é noiva dele.

PORFÍRIO — Mas o senhor pretende contar o caso ao Joãozinho?

GENERAL — Claro. Lembre-se que eu sou um homem honrado.

PORFÍRIO — (*irônico*). Ah, perdão. Eu tinha me esquecido.

GENERAL — E aí é que eu precisava de um grande favor teu, Porfírio.

PORFÍRIO — (*apreensivo*). Qual?

GENERAL — É que quando eu fôsse contar o caso ao Joãozinho, você saísse um pouco com a Loló. Você compreende... P'ra eu e êle termos nossa conversa a sós.

PORFÍRIO — 'Tá O.K. Eu agora topo tudo.

(*Neste momento abre-se a porta e entram Joãozinho e Loló*).

JOÃOZINHO — (*meio sem jeito*). Ah, General, o sr. está aí?

GENERAL — (*ultra-amável*). Estava justamente te esperando, meu rapaz.

JOÃOZINHO — (*solícito*). Ora, General, mas o sr. não devia se incomodar...

GENERAL — É sempre um prazer falar com você, meu rapaz.

DAISY — Puxa, papai, você 'tá um bocado gentil, hem?

GENERAL — Joãozinho merece, minha filha. Joãozinho merece.

PORFÍRIO — Bem, eu vou dar uma volta por aí. (*intencional*). Daisy e Loló, vocês não querem vir comigo? (*sai*)

GENERAL — Vai, Loló. Vai passear com o Porfírio.

JOÃOZINHO — Acho melhor você também ir, Daisy. (*saem Daisy e Loló*).

(*o General e Joãozinho ficam parados um diante do outro. Sorriem constrangidos*).

GENERAL E JOÃOZINHO — (*juntos*). Sente-se General. Sente-se Joãozinho. (*sorriem novamente e sentam. Pausa*).

JOÃOZINHO — O senhor está bem acomodado, General?

GENERAL — Muito bem. Muito bem. Você é que

parece que está numa posição um pouco incômoda.
(Pega uma almofada que estava em uma poltrona).

JOÃOZINHO — Não senhor, está ótimo.
GENERAL — Ponha essa almofada nas costas, meu rapaz. *(levantando-se para colocar a almofada nas costas de Joãozinho).*

JOÃOZINHO — Ora General, não se incomode...

GENERAL — Não, mas eu insisto.

JOÃOZINHO — Obrigado então, General. *(General senta novamente. Pausa).*

GENERAL E JOÃOZINHO — *(juntos).* General... Joãozinho...

(Quando vêm que falam juntos, param novamente).

JOÃOZINHO — Pode falar, General.

GENERAL — Não, fale primeiro.

JOÃOZINHO — Dessa vez sou eu que insisto, General. O sr. é mais velho.

(O General ajeita-se na cadeira).

GENERAL — Joãozinho, você sabe que eu sou um homem vivo.

JOÃOZINHO — Claro, General.

GENERAL — É uma coisa eu aprendi na vida.

JOÃOZINHO — *(ultra solícito).* Claro, General.

GENERAL — Foi a compreender certos deslizes que as criaturas às vezes cometem.

JOÃOZINHO — Puxa, General, o sr. não imagina como eu fico satisfeito do senhor dizer uma coisa dessas.

GENERAL — Eu é que fico satisfeito de ver a sua compreensão.

(Nesse instante abre-se a porta e entra Porfírio).

PORFÍRIO — *(entrando).* Joãozinho, você quer vir até cá? *(leva Joãozinho para um canto e cochicha qualquer coisa no ouvido dele. Joãozinho franze a testa e cochicha também. Porfírio cochicha novamente para Joãozinho e então este, meio a contragosto, entrega ao outro um molho de chaves. Porfírio agradece e sai).*

GENERAL — Ele é um bom rapaz. É pena que seja tão devasso.

JOÃOZINHO — Mas continue, General. O senhor ia dizendo que estava pronto a compreender um deslize que alguém tivesse tido com sua filha...

GENERAL — Bem, eu não estava me referindo exatamente a minha filha. Eu falava, por exemplo, de um deslize que alguém tivesse tido com a noiva de alguém...

JOÃOZINHO — Ah, era com a noiva?

GENERAL — Por que é que havia de ser com a filha?

JOÃOZINHO — General, eu tenho uma coisa a lhe dizer, mas não sei como explicar.

GENERAL — Diga, que a gente depois encontra a explicação.

JOÃOZINHO — General... O fato é que eu e sua filha... tivemos um deslize. *(pausa)*

GENERAL — Bem, afinal de contas a gente tem que compreender que o deslize é o único método p'ra uma moça de família ter certeza do seu amor por um

rapaz. Só quando ela está disposta a deslizar com ele sobre os limites da moral é que o amor é verdadeiro.

JOÃOZINHO — Essa explicação está ótima, General. Continue.

GENERAL — Aliás, os limites da moral provavelmente foram feitos p'ra isso mesmo. P'ra servir de termômetro da intensidade do amor das moças de família.

JOÃOZINHO — Eu não podia esperar que o sr. fôsse mais compreensivo.

GENERAL -- Mas agora chegou a sua vez.

JOÃOZINHO — De ser compreensivo?

GENERAL — De me arranjar uma boa explicação.

JOÃOZINHO — P'ra que?

GENERAL — P'ro fato da fidelidade de certas noivas não ser tão canina quanto seria desejável.

JOÃOZINHO — General, o sr. sabe, depois do casamento, a traição é um choque brutal e sem remédio. Mas, entre noivos, é uma coisa que tem até um certo sabor de aviso preventivo. Aviso de que aquele casamento não ia mesmo ser feliz. Por isso, General, do fundo do meu coração, eu lhe agradeço ter seduzido minha noiva.

GENERAL — Ora, não há de que, meu rapaz. Não há de que. Mas agora me diga uma coisa. *(solene)*. Quais são as suas intenções em relação a minha filha?

JOÃOZINHO — As mesmas que a sua em relação a minha noiva.

GENERAL — *(ainda solene)*. Faremos então um duplo casamento.

JOÃOZINHO — *(mesmo tom)*. Porque somos dois homens hourados.

GENERAL — *(mesmo tom)*. Parabéns, meu rapaz.

JOÃOZINHO — *(mesmo tom)*. Parabéns, General

(Pausa).

GENERAL — *(desfazendo a pose)*. Puxa, até que foi bem mais fácil do que eu pensei. Ainda bem que você também tinha um deslize p'ra contar...

JOÃOZINHO — Nada como dois deslizes p'ra unir duas pessoas...

GENERAL — Onde estarão as meninas?

JOÃOZINHO — Devem estar no meu apartamento, porque Porfírio veio cá me pedir a chave.

GENERAL — O que? Você entregou a chave do seu apartamento àquele libertino, sabendo que ele estava com nossas noivas?

JOÃOZINHO — Bem, mas ainda não deu tempo de ter acontecido nada.

GENERAL — Nunca se sabe. Nunca se sabe. *(nesso instante abre-se a porta e entram Daisy e Lolô)*.

GENERAL — Ué, vocês estão aí?

LOLO — E ouvimos tudo.

DAISY — E vamos querer a maior lua de mel. *(clac se atiram aos braços de seus respectivos noivos)*.

JOÃOZINHO — Mas o que foi feito do Porfírio?

DAISY — Ele parece que ficou meio malusquela.

LOLO — *(de boca mole)*. Logo que nós saímos... Imagina só o que ele fez. Mandou a gente parar no corredor e disse p'ra eu abrir bem a vista. *(abre desmesuradamente os olhos e a seguir fala rápido)*. Aí ele soprou com tôda a força dentro do meu olho! *(abre-se a porta e entra Porfírio)*.

GENERAL E JOÃOZINHO — *(juntos para Porfírio)*. Canalha!

DAISY — Eu não entendi p'ra que é que ele fez isso!

JOÃOZINHO — P'ra fazer ela chorar.
GENERAL — *(intencional)*. P'ra fazer ela chorar, 'tá compreendendo?
PORFÍRIO — Basta!
LOLO — *(rápido)*. Mas eu não chorei!
PORFÍRIO — Rua!
DAISY — Eu também não!
PORFÍRIO — Fora todo mundo!
GENERAL — Vamos embora mesmo! Não temos mais nada a fazer aqui na toca dêsse libertino!
JOÃOZINHO — Vamos!

(Saem todos quatro. Porfírio fica sôzinho. Dá um suspiro de alívio e, quando vai sentar, toca a campainha da porta. Indignado, Porfírio pega uma garrafa e parte para a porta, com atitude agressiva. Ao abrir a porta, ouve-se uma voz de mulher, fora de cena).

VOZ — *(off)*. *(uma mão entrega um embrulho)*. Só Porfírio, vim trazer a roupa!
PORFÍRIO — *(abaixando a garrafa e recebendo o embrulho)*. Quanto é?
VOZ — *(off)*. Quinhentos mil réis.
PORFÍRIO — *(saindo para o banheiro, com o embrulho)*. A senhora tinha dito que era trezentos.
VOZ — *(off)*. É, mas agora é quinhentos mesmo. *(pequena pausa)*. *(a luz ambiente se reduz)* Porfírio entra de novo em cena e vai a vitrola, ouve-se a marcha militar).

PORFÍRIO — *(em tom melancólico)*. Dona Florisbela, nós andamos discutindo um pouco, mas eu não quero que a senhora me compreenda mal. A senhora é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei...
VOZ — *(off, espantadíssima)*. Que é isso, só Porfírio?
PORFÍRIO — *(já quase delirante)*. Não, no duro. A senhora tem um encanto pessoal, um carinho envolvente que seduz qualquer pessoa.
VOZ — *(off)*. Cruz credo! Até logo, só Porfírio! Até loguinho!

(Ouve-se o ruído de passos se afastando. Arrasado, Porfírio se encaminha para apanhar alguma coisa do baú do sumier, quando entra Joãozinho, rápido e ofegante).

JOÃOZINHO — Porfírio, preciso falar com você!
PORFÍRIO — *(tirando uma pequena valise do baú do sumier, em tom entre dramático e heróico)*. Adeus, Joãozinho!
JOÃOZINHO — Mas Porfírio, p'ra onde é que você vai?
PORFÍRIO — *(saltando para a platéia e saindo pelo corredor entre as poltronas)*. Vou-me embora p'ra casa da mamãe!!!

(E assim cai o pano sobre o terceiro ato, com a figura de Joãozinho perplexo, no centro do palco).

3890/81-SE/DCDP

29-12-81

Chefe do Serviço de Censura da SR/RJ

TODA DONZELA TEM UM PAI
QUE É UMA FERA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. Glaucio Gil

Chefe

Rio de Janeiro

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P 303

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

GLAUCIO GIL

124

JOSE CARLOS DE FIGUEIREDO FILHO - RIO DE JANEIRO/RJ -

12 NOVEMBRO 81

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

81

DEZEMBRO

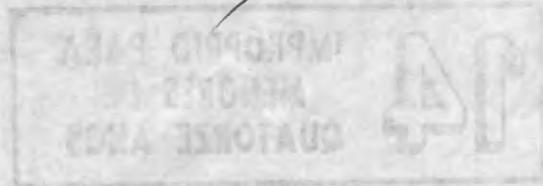
BRASILIA, 29

BSB 29

DEZEMBRO

81

ANGÉ MARIA TEIXEIRA HERNANDES
ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTF , 0728, P.394

GLAUCIO GIL

154

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

GLAUCIO GIL

29

DEZEMBRO

86

BRASÍLIA, 29

DEZEMBRO

81

Solange M. F. Fernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

14

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

INSP. G. DIRETORIA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSAS FUNÇÕES
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - DPF - DCDP - BSB

29 DEZ 09 52 012669

RECEBIDO POR _____

Ewald Santos Middeldorf

Requerente

BRASILEIRA

Nacionalidade

Auxiliar de Escrevoria

Profissão

Carteira de Identidade

M. 1. 237. 637 - SECRETARIA DE SEGURANCA PUBLICA - MG

Orgão Expedidor

residente e domiciliado a

RUA JOVIANO PAOLHO - N. 157 - BOA VISTA -

Belo Horizonte - MG -

vem,

qui respectivamente, requerer de V. SA que se digno mandar examinar, de conformida
de com as normas consórias vigentes, o(s) TEJO TEATRAL abaixo

Especie

relacionada (s), de autoria de:

GLAUCIO RIL

Toda Donzela Tem um Pai Que é Uma Fera

Título (s)

Nestes termos

Feito deferimento

Belo Horizonte - 09 de Setembro de 1982

Local e data

Ewald Santos Middeldorf

Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Vivenda C/DEPARTAMENTO DA FRATERNIDADE (irmã Glauco) G.C.:
 Sede: AV. do CONTORNO - 2825 - STA. ELIZABETH
Belo HORIZONTE - MG CEP: 30000
 Diretor ou Responsável: ALFREDO CAVALARI DE FREITAS (PRES. DA FRATERNIDADE)

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do nasc.: _____ Identificação: _____
 Profissão: _____ Estado Civil: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Identificação: _____
 Data do nasc.: _____ Naturalidade: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do nasc.: _____ Identificação: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada foi submetida à apreciação dessa DCEP (excluindo os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 09 de Setembro de 1987

Ass: Evaristo Santos Medeiros

529

tôda donzela tem um pai que é uma fera

gláucio gill
peça em 3 atos

prefácio
sábato magaldi

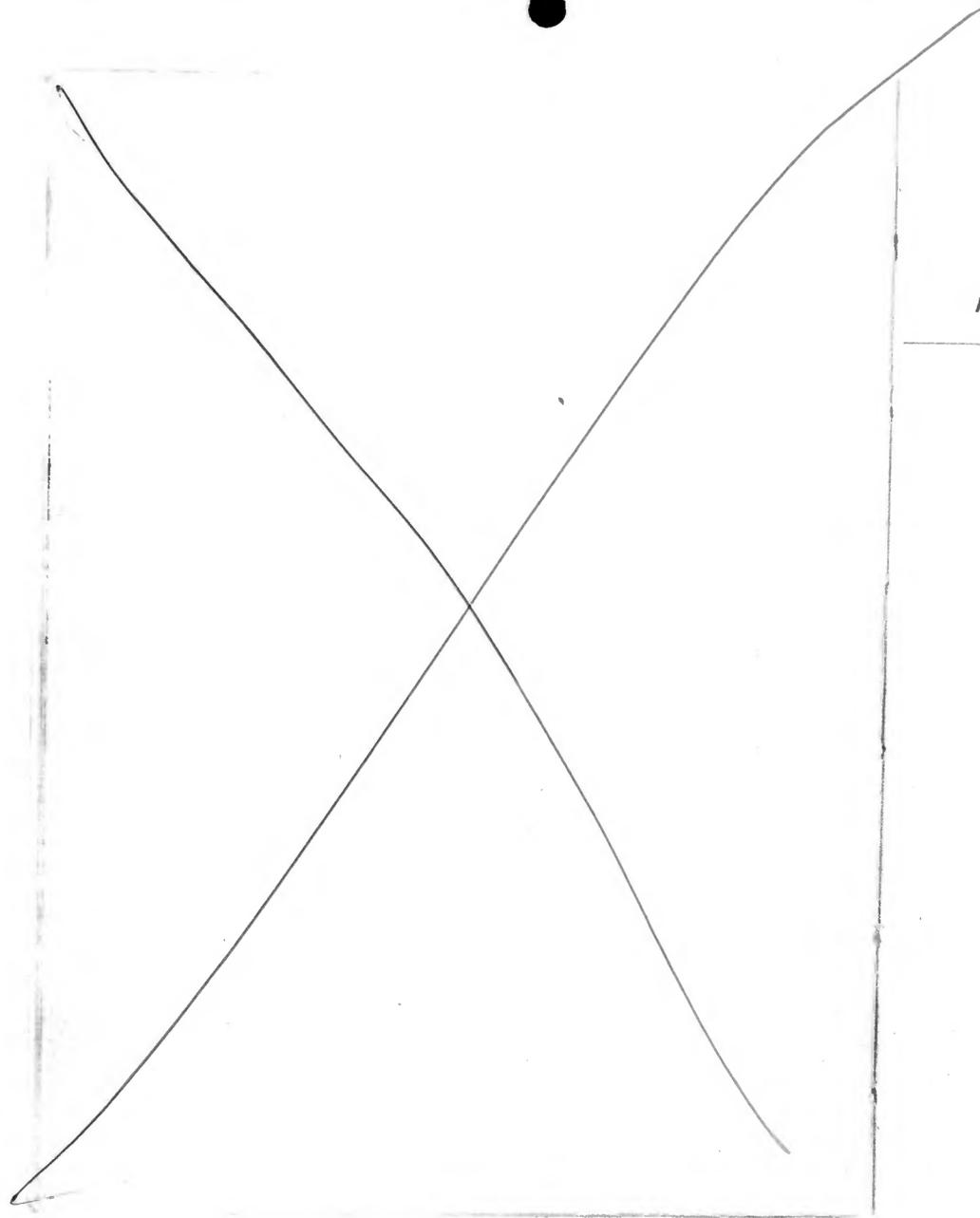


Brasiliense de Bólso

série teatro universal
direção e organização
sábato magaldi
volume 7

EDITORA BRASILIENSE

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, p. 307



ATO I

Abre-se o pano mostrando um apartamento típico de rapaz solteiro, em Copacabana, desses de quarto, kitchenette e banheiro, com a desordem condizente. Deitado num sumier, dormindo, está Porfirio, de pijama de calça curta. Um despertador visível marca dez para as seis. O ambiente está em semi-penumbra, vendo-se numa parede um desses quadros com os dizeres: "Neste apartamento mora um solteiro feliz". Toca a campainha insistentemente. Duas, três, quatro vezes. Porfirio acorda, meio estremunhado, acende a luz e abre a porta. Entra Joãozinho, rápido e afobado. O cenário é uni-

co e a peça tem cinco personagens.

JOÃOZINHO — (*entrando rápido e ofegante*). O porteiro me avisou.

PORFÍRIO — Avisou o quê?

JOÃOZINHO — O homem está lá em baixo e quer subir a todo pulso.

PORFÍRIO — Que homem? Calma, senta, você está afobado.

JOÃOZINHO — O General. O pai da Daisy.

PORFÍRIO — Eu disse a você. Eu disse que essa garôta era um espêto.

JOÃOZINHO — Ele descobriu que Daisy está morando comigo e... Porfírio, vai dar um bode dos diabos. O porteiro me disse que o homem está uma fera.

PORFÍRIO — Por que é que êle ainda não subiu?

JOÃOZINHO — Por causa do portão. Do portão, você está compreendendo?

PORFÍRIO — Não.

JOÃOZINHO — O portão só abre as seis horas. Antes disso não pode entrar ninguém estranho.

PORFÍRIO — Vai ver então êle foi embora e resolveu voltar depois.

JOÃOZINHO — (*agitadíssimo, vai até a janela*). Qual nada. Êle está lá em baixo. E insistiu. E disse que tinha que entrar imediatamente porque precisava tirar satisfações com um patife aqui do prédio.

PORFÍRIO — Mas como é que você sabe que o patife é você?

JOÃOZINHO — Êle disse textualmente. O porteiro

2

veio me contar. O patife do 803 que trouxe minha filha para cá.

PORFÍRIO — Ê. Então é você mesmo.

JOÃOZINHO — Êle esbravejou, berrou, gritou, mas o porteiro não deixou êle entrar. Foi duro na queda.

PORFÍRIO — Tá aí. Até que essa múmia desse porteiro foi decente.

JOÃOZINHO — (*Decentíssimo*)! Não deixou o General entrar e veio me avisar. Aí eu comecei a raciocinar.

PORFÍRIO — Claro.

JOÃOZINHO — Vi que tinha que agir rápido.

PORFÍRIO — Lógico.

JOÃOZINHO — Precisava de uma saída imediata.

PORFÍRIO — Imediata.

JOÃOZINHO — De alguma coisa ou de alguém que me ajudasse.

PORFÍRIO — Perfeito.

(*Ligeira pausa*).

JOÃOZINHO — Aí eu vi que êsse alguém... era você.

PORFÍRIO — (*apreensivo*). EU? Mas por que logo eu?

JOÃOZINHO — Porque você é meu amigo.

PORFÍRIO — Mas você tem uma quantidade de amigos. Podia escolher outro.

JOÃOZINHO — Não, Porfírio. Eu insisto em que você me salve porque você é o meu melhor amigo.

PORFÍRIO — Não, Joãozinho. Eu acho que você pode perfeitamente procurar outra solução, sem me meter no barulho. Mesmo porque eu não tenho nada

3



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0722, P 399

com o caso, mal conheço a Daisy e não tenho a menor vontade de conhecer o pai da Daisy.

JOÃOZINHO — Você não vai conhecer o pai da Daisy. Você nem vai ver a cara dele.

PORFÍRIO — (*empurrando Joãozinho para a porta*). Ainda bem que você concorda. Agora você vai dar o fora, que eu...

JOÃOZINHO — (*parando*). Não, você não entendeu. Você não vai ver o General, mas ainda assim é você que vai me salvar.

PORFÍRIO — Joãozinho, você é que não entendeu. O que eu estou querendo dizer é que não pretendo em absoluto me meter nesse carnaval. Em absoluto, você está compreendendo? Não quero nada com o caso.

JOÃOZINHO — Quer dizer que você pretende abandonar o seu amigo numa hora crítica?

PORFÍRIO — Exatamente.

JOÃOZINHO — (*ar de estupefação*). Porfírio!!!

PORFÍRIO — (*tranquilo*). Que é?

JOÃOZINHO — Nunca pensei que você pudesse ser tão desumano.

PORFÍRIO — Joãozinho, eu gosto muito de você, mas esse bode é seu e eu estimo que ele continue inteiramente seu. Ponto. (*Porfírio começa a se preparar para continuar a dormir*).

JOÃOZINHO — Você esquece que esse General é uma fera.

PORFÍRIO — Cão que ladra não morde.

JOÃOZINHO — Esse morde, Porfírio. Eu sinto que ele morde.

PORFÍRIO — Essa é boa. Você se mete nas suas complicações e depois...

JOÃOZINHO — O que eu quero te pedir não vai te custar nada...

4

PORFÍRIO — Você quer deixar eu continuar dormir?

JOÃOZINHO — Você não pode fazer isso comigo. O homem está armado.

PORFÍRIO — Exatamente.

JOÃOZINHO — Exatamente o que?

PORFÍRIO — Exatamente porque o homem está armado é que eu não quero nada com o caso. Tchauzinho. (*deita novamente, pausa*).

JOÃOZINHO — Ingrato!

PORFÍRIO — O que?

JOÃOZINHO — Ingrato sim. É isso que você é. Um ingrato de uma ingratidão monstruosa.

PORFÍRIO — Mas ingrato por que?

JOÃOZINHO — Se lembra daquela prova de física no quarto ano do colégio?

PORFÍRIO — Mas isso foi no quarto ano do colégio.

JOÃOZINHO — Você era prêmio Nobel de analfabetismo.

PORFÍRIO — Nós éramos crianças. Agora a situação é diferente.

JOÃOZINHO — Te dei cola da prova inteirinha. Ou vai dizer que não se lembra que eu te dei cola da prova inteirinha?

PORFÍRIO — Não precisa também me atirar isso na cara.

JOÃOZINHO — (*levemente melodramático*). Mas a vida é assim mesmo. Naquela prova eu me arrisquei p'ra te salvar. Agora você nem ia se arriscar... Enfim, vá a gente contar com os amigos... De qualquer um, eu seria capaz de esperar isso. Mas de você, Porfírio, eu confesso que não. Você, que quando nós tínhamos sete anos, os garotos da rua não queriam deixar jogar bola de gude... Você se lembra que os

5



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728.0.100

garotos da rua não queriam deixar você jogar bola de gude, não se lembra?

PORFÍRIO — Lembro, Joãozinho, lembro.

JOÃOZINHO — E quem foi que convenceu os garotos da rua a deixar você jogar bola de gude?

PORFÍRIO — Foi você, Joãozinho.

JOÃOZINHO — Pois é...

(Pausa).

PORFÍRIO — Se fôsse um outro caso qualquer, eu toparia te ajudar. Mas êsse negócio de pai é sério.

JOÃOZINHO — Justamente porque é sério é que eu preciso da tua ajuda.

PORFÍRIO — Olha, já são quase seis horas. É melhor você ir andando. E vai ver a coisa não será assim tão preta quanto você está pensando. Vai ver, no fundo, êsse General é até uma boa praça. Um cara liga, do peito...

(Ouve-se de fora uma voz aos berros: "Eu quero entrar p'ra quebrar a cara dele". Joãozinho e Porfírio correm para a janela).

JOÃOZINHO — (saindo da janela). Depois disso você concorda que se o General subir, arrombar a porta do meu apartamento e encontrar Daisy lá dentro, vai dar bôlo, não vai?

PORFÍRIO — Bôlo? De aniversário!!

JOÃOZINHO — Agora, você também concorda que se o General chegar lá e NÃO encontrar a filha no meu apartamento, aí não haverá nada, não é?

PORFÍRIO — Claro.

6

JOÃOZINHO — Pois o que eu queria de você... Mas qual! Não adianta! Você não é amigo bastante p'ra isso.

PORFÍRIO — Fala logo! Que é que você queria?

JOÃOZINHO — Só quero que você concorde que eu traga Daisy para cá e que ela fique aqui, enquanto o General dá a busca no meu apartamento. Só isso. Tipo da coisa garantida.

PORFÍRIO — Garantida, uma brisa. Isso é a mesma coisa que guardar pólvora em casa na hora do incêndio.

JOÃOZINHO — Eu não disse? Você não é amigo bastante p'ra ajudar ninguém. Eu só espero que sua mãe nunca precise de um favor seu. Porque se precisar, vai ser uma decepção p'ra pobre da velhinha.

PORFÍRIO — Amigo eu sou, mas isso já é industrializar a amizade.

JOÃOZINHO — Industrializar? Você nunca achou que estava industrializando minha amizade tôdas as vezes que me fez pregar as mentiras mais absurdas e deprimentes p'ras suas oitocentas namoradas. Você não achou que estava industrializando nada quando foi para São Paulo e largou a Isaurinha e o marido aqui nas minhas mãos, achou?

PORFÍRIO — Mas ali você podia dizer que não sabia de nada e que não tinha nada a ver com o peixe.

JOÃOZINHO — E nesse caso agora, você nem precisa falar com ninguém. Daisy fica aqui somente enquanto o General estiver passando em revista o meu apartamento. Logo que êle fôr embora, ela volta lá p'ra casa.

PORFÍRIO — E se o General descobrir que ela está aqui?

7



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0722, 12/01

JOÃOZINHO — Mas descobrir como?

PORFÍRIO — Nesses momentos todo pai se revela um sherlock.

JOÃOZINHO — Escuta, Porfírio. Se você me negar isso, a cara aqui dêsse seu amigo vai ser simplesmente triturada. Você já pensou no remorso que vai sentir quando me vir com os olhos inchados, o nariz sangrando e com quatro dentes assim p'ra fora da bôca? Você já pensou, Porfírio?

PORFÍRIO — Isso é muito relativo. Eu conheço um cara que teve uma briga feia p'ra xuxu e três dias depois estava bom p'ra outra. Você vai se recuperar numa semana no máximo.

JOÃOZINHO — A questão é que o General também pode querer me obrigar a casar com Daisy.

(Pausa).

PORFÍRIO — (*profundamente chocado*). Você acha que êle faria uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — Êle é capaz de tôdas as baixeças...

PORFÍRIO — Bem, agora o caso muda de figura...

JOÃOZINHO — E não é que eu não admita a idéia do casamento, mas...

PORFÍRIO — (*cortando*). Não diga bobagens.

JOÃOZINHO — Mas é que eu ainda não tenho uma situação financeira para isso.

PORFÍRIO — (*enfático*). E mesmo que tivesse. O casamento é uma solução inteiramente primária, sem a menor originalidade.

JOÃOZINHO — (*pomposo*). Falta um minuto para as seis, Porfírio. Eu não quero te forçar a uma decisão. Só peço que daqui a dois anos, quando me encontrares com DEZ filhos nas costas, tu te lembres que tu fôste o responsável.

8

(Porfírio está com uma cara inteiramente horrificada. Passam-se alguns segundos).

PORFÍRIO — (*emocionado*). Não, Joãozinho, eu seria incapaz dessa maldade. Traz a menina p'ra cá.
JOÃOZINHO — Obrigado, Porfírio. Eu sabia que você era um rapaz de bons sentimentos.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio dobra o cobertor, guarda algumas roupas e passa um pente no cabelo. Entra Daisy, de negligé, praticamente empurrada por Joãozinho).

JOÃOZINHO — (*da porta*). Agüenta a mão aí que eu vou enfrentar a fera.

(Porfírio e Daisy ficam sós; olham um para o outro. Daisy sorri e ajeita os cabelos. Porfírio está com cara de poucos amigos. Calado, Porfírio senta numa poltrona. Daisy senta em outra, mais ou menos em frente; permanece o silêncio. Por fim, Daisy fala).

DAISY — Que maçada, heim?

PORFÍRIO — Maçada? Ah! Eu chamo a isso uma aventura altamente sinistra.

9



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P 2102

DAISY — Mas a culpa não foi minha.

PORFÍRIO — E tem mais. Quero lhe dizer que foi inteiramente a contragosto que eu concordei com essa sua vinda para cá. Foi mesmo só para evitar consequências mais funestas.

DAISY — Eu podia esperar tudo, menos que papai estourasse aqui a essa hora.

PORFÍRIO — Pois sim! Aposto que foi você mesma que deu o enderêço a êle.

DAISY — Eu não! Juro! Você acha que eu ia fazer uma coisa dessas?

PORFÍRIO — GARANTO!

DAISY — Mas p'ra que? Com que interêsse?

PORFÍRIO — (*baixando a voz*). P'ra imprensar o Joãozinho. Fique você sabendo que eu sou um profundo conhecedor da psicologia feminina.

DAISY — Pois nesse caso está redondamente enganado. Quem deu o enderêço a papai só pode ter sido a família na casa de quem eu estava morando aqui no Rio. Eles também são de Minas, de modo que papai recomendou que eu fôsse morar lá. Mas eles eram muito quadrados. Por isso um dia resolvi tomar coragem e vim morar aqui no apartamento do Joãozinho.

PORFÍRIO — Tá aí. Isso até que foi uma atitude muito nobre.

DAISY — Pois é. Mas aí eles fizeram uma onda daquelas.

PORFÍRIO — E o que foi que você fez?

DAISY — Ué, não dei a mínima e continuei aqui, não é? Mas eles ficaram tão danados que só podem ter sido eles que deram o enderêço p'ra papai. Eles me acham uma perdida.

PORFÍRIO — (*irônico*). E você, o que é que se acha?

DAISY — Eu apenas acredito em amor. P'ra mim é a única coisa que conta neste mundo. O resto é bla-bla-bla.

PORFÍRIO — Mas então me diga uma coisa.

DAISY — (*cortando*). Agora, amor mesmo. Com falta de ar e tudo. Quando eu vejo essas garotas por aí dizendo que estão apaixonadas sem ter falta de ar, eu acho até graça.

PORFÍRIO — Mas se você pensa assim e teve coragem de mudar p'ra cá, por que é que você agora não foi homem bastante p'ra enfrentar seu pai? Enfrentar no duro mesmo. Dizer: "papai, eu vim p'ra cá morar com o Joãozinho, etc... etc... boas festas e passe bem". Por que é que você não fez isso?

DAISY — Porque não era bem o caso.

PORFÍRIO — Como não era bem o caso? Você tinha obrigação de inocentar o Joãozinho. Na minha filosofia, êsse é o papel de uma môça de brio.

DAISY — Não era o momento para uma atitude dessas.

PORFÍRIO — Ah, mas era o momento de entregar o Joãozinho à fúria assassina do seu pai, não é? Não, minha filha. Nessas ocasiões é que uma mulher se revela verdadeiramente mulher. Você tinha que deixar que o Joãozinho se colocasse num discreto segundo plano, permitindo mesmo a êle uma certa covardia, que nesses casos é perfeitamente compreensível, enquanto você tomava as rédeas da situação e assumia diante do seu pai integral responsabilidade pelo ocorrido.

DAISY — Você não pode dizer isso, porque você nem sabe qual é o ocorrido.

PORFÍRIO — (*irônico*). Não sei, mas posso imaginar.



RR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, 1103

DAISY — E pode imaginar errado também.
PORFÍRIO — Meu anjo, não é preciso uma grande dose de inteligência p'ra concluir o que se passa entre você e Joãozinho, sôzinhos naquele apartamento. E olha, na minha opinião não são coisas que se pudesse apresentar num filme p'ra crianças, não.
DAISY — Mas são coisas que se podia perfeitamente apresentar num filme impróprio até catorze anos. Só até catorze anos, você está me compreendendo?

(Pausa).

PORFÍRIO — Você naturalmente acha que uma criança de quinze anos já deve conhecer tôdas as verdades da vida, não é? É um ponto de vista. Aliás é um ponto de vista perfeitamente respeitável.
DAISY — Não. O que eu quis dizer foi que a situação entre eu e Joãozinho não é exatamente essa que você armou com a sua imaginação degenerada. Aliás, bem que o Joãozinho tinha me dito que você era um libertino que só pensava em sexo.
PORFÍRIO — Mas vem cá. Você não está querendo insinuar que você... ainda...
DAISY — (após leve pausa, semi-constrangida). Pois é...
PORFÍRIO — Na sua idade?!?!
DAISY — Que é que tem a minha idade?
PORFÍRIO — Na sua idade isso não se admite mais.
DAISY — Bem, mas essa situação também não vai se eternizar.
PORFÍRIO — Mas por que você não se decide logo? Olhe, há um ditado que diz: "Não deixe para amanhã aquilo que pode fazer hoje".
DAISY — Eu já me decidi.

12

PORFÍRIO — Como?
DAISY — Quando eu vim morar no apartamento do Joãozinho, tinha justamente acabado de me decidir.
PORFÍRIO — Mas depois se acovardou...
DAISY — Não. Continuei decidida e até hoje estou decididíssima.
PORFÍRIO — Então o que é que falta?
DAISY — (após leve pausa). A colaboração de Joãozinho.
PORFÍRIO — Ué... Mas... por que?...
DAISY — Ih, isso é uma história muito complicada.
PORFÍRIO — Eu gosto de histórias complicadas.
DAISY — É, mas eu não vou contar. E veja lá, hein! Isso é segredo.
PORFÍRIO — Bom, mas então me responda o seguinte. Essa sua decisão, muito digna aliás, se aplica só ao Joãozinho, ou tem assim... uma envergadura mais ampla?
DAISY — Só ao Joãozinho.
PORFÍRIO — E por que essa limitação tôla e inteiramente sem propósito?
DAISY — Porque acontece que o Joãozinho me dá falta de ar e eu pretendo me casar com êle.
PORFÍRIO — Casar?
DAISY — Casar. Por que não?
PORFÍRIO — Quer dizer que você admite, cìnicamente, serem essas as suas intenções?
DAISY — Não vejo nada de cìnico nem de mau nisso.
PORFÍRIO — É revoltante.
DAISY — É o normal.
PORFÍRIO — É revoltante o maquiavelismo do seu plano. Agora eu vejo exatamente que tipo de criatura você é. Fria, calculada e despida de qualquer

13



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0728/1404

sentimento. Responda depressa. Que é que você mais deseja na vida?

DAISY — Bem... é casar.

PORFÍRIO — Está vendo?

DAISY — Por causa da lua de mel.

PORFÍRIO — Você disse que era casar. Não disse que era casar com o Joãozinho.

DAISY — Eu não disse, mas é lógico que pensei no Joãozinho.

PORFÍRIO — Ou no Pedrinho, ou no Henriquinho, se houvesse um Pedrinho ou um Henriquinho na sua lista de vítimas mais prováveis. Você não tem a menor poesia. Você corrompe a beleza de uma ligação de amor, porque no fundo o que você pretende é o casamento.

DAISY — Mas é perfeitamente natural que uma moça queira se casar.

PORFÍRIO — É admissível, mas o que não é admissível é preparar uma ratoeira, onde o queijinho frito é você mesmo.

DAISY — Que queijinho frito?

PORFÍRIO — Ora, não se faça de mal entendida. Agora, uma coisa eu reconheço. É um plano inteligente, suave e bem urdido. Uma moça e um rapaz se conhecem... Vem aquele papinho preliminar. Depois trocam o primeiro beijo. Vão ao cinema... Conversam... Passeiam... e o ingênuo está crente que está fazendo uma conquista, quando na verdade ele é que está sendo seduzido. Um dia ele se deixa seduzir um pouco mais... e nesse dia cavou sua própria sepultura.

DAISY — Pois sim. Aí ele dá o fora nela.

PORFÍRIO — Se ela não souber agir com inteligência. O negócio é ir provocando uma neurose no

rapaz. Continuar a dizer que nem pensa em casamento, mas que, afinal de contas, ele tem certas responsabilidades p'ra com ela. O pobrezinho se debate. Mas ela continua implacável, sem exigir nada dêle. Aí é que está. Sem exigir nada dêle. Vai se criando um drama de consciência no infeliz. Ele sabe que ela fez alguma coisa por ele e que ele não pode fazer nada por ela. A não ser... casar!

DAISY — Está um calor aqui... Posso tirar êsse robe?

PORFÍRIO — Pode tirar tudo o que quiser. (*Daisy começa a tirar o robe. Porfírio prossegue*). Por isso é que eu tenho um horror profundo da môça de família. Por causa dessa... (*Porfírio começa a ver que Daisy está com uma camisola bastante interessante por baixo do négligé e vai ralentando o ritmo da frase*)... técnica... comunista... de infiltração progressiva. (*Porfírio se cala embevecido por Daisy de camisola*).

DAISY — (*tendo tirado o négligé e colocando-o sobre uma poltrona*). Você estava falando...?

PORFÍRIO — (*acordando*). De que mesmo?

DAISY — Da nossa técnica comunista de infiltração progressiva.

PORFÍRIO — Que aliás eu reconheço que funciona com a precisão de um relógio suíço. É o caminho mais rápido e seguro para o casamento.

DAISY — Eu vou morrer de rir é no dia em que você casar.

PORFÍRIO — Nunca. O casamento é a vala comum onde acabam os conquistadores fracassados. E tem mais. O casamento liquida com qualquer paixão. Sabe por que? Por causa do convívio diário. É impossível



duas pessoas afinarem por completo. E as briguinhas de todo dia acabam com o amor.

DAISY — Mas cada um sempre cede um pouco.

PORFÍRIO — E nessa história de ir cedendo o sujeito está sendo infeliz do mesmo jeito... Só que é uma infelicidade a prestações.

DAISY — Bem, mas pelo menos a lua de mel você concorda que é o máximo.

PORFÍRIO — É apenas a bonança que precede a tempestade.

DAISY — (*inflamada*). Ah, isso é que não. Eu admito tudo, mas não me venha negar a lua de mel.

PORFÍRIO — Que é que tem de especial na lua de mel?

DAISY — É o máximo de romance concentrado. São duas pessoas que se amam não tendo outra coisa a fazer senão se amar.

PORFÍRIO — E quem é que te garante que isso não se torna cansativo?

DAISY — Ainda por cima num lugar lindo, sem a menor preocupação. Cada um sabendo que seu único passatempo é amar o outro. Puxa, é bárbaro!

PORFÍRIO — Você é de um romantismo delinqüente.

DAISY — (*com entusiasmo um tanto excessivo*). São 15 ou 20 dias em que duas pessoas se entredevoram de amor. Não, meu filho, lua de mel é fogo, sabe? É p'ra valer. Eu sou tarada por lua de mel.

PORFÍRIO — (*levemente assustado*). Com essa disposição, você vai acabar com o Joãozinho.

DAISY — Se eu não estivesse tão apaixonada pelo Joãozinho, sabe o que eu fazia? Casava com êle p'ra ter uma lua de mel. No dia em que o casamento não desse mais pé, separava. E ficava sôzinha. Até me apaixonar por outro rapaz. Aí casava de novo...

Ah, meu filho, só p'ra ter outra lua de mel. E assim por diante.

PORFÍRIO — E você acha isso direito?

DAISY — Seria sempre por amor. Sempre casando e sem a menor leviandade. O problema é que aqui não tem divórcio.

PORFÍRIO — Por isso não. Foi exatamente p'ra solucionar essa nossa falta de divórcio que Deus criou o México.

DAISY — Aí já é um negócio meio torto...

PORFÍRIO — Mas mesmo que não precisasse envolver potências estrangeiras na jogada, você vai me desculpar mas êsse seu plano falha, porque não evita o tédio conjugal.

DAISY — O que você acha então que duas pessoas apaixonadas devem fazer?

PORFÍRIO — Se tiverem um pingo de bom senso, viverem como amantes.

DAISY — Mas aí elas podem se cansar do mesmo jeito, uma da outra.

PORFÍRIO — Viverem como amantes, mas cada um na sua casa. Essa é a única maneira de só se ter os momentos agradáveis do amor.

DAISY — Você é mesmo um libertino! Um libertino de vida inteiramente dissipada.

PORFÍRIO — Não. Sou apenas um solteiro convicto e feliz.

(*Toca o telefone. Porfírio atende*).

PORFÍRIO — (*ao telefone*). Alô. (*horrorizado*). O que? Mas como é que isso foi acontecer?

DAISY — O que foi?

PORFÍRIO — (*ainda ao telefone*). E agora o que é



que eu faço? Joãozinho, você é uma centopéia. (*desliga*).

DAISY — O que foi?

PORFÍRIO — (*apavorado*). Seu pai está vindo para cá.

DAISY — Ih, e agora?

(*Porfírio corre para a cozinha, corre para a porta, vai à janela, está inteiramente transtornado. Não sabe o que fazer*).

PORFÍRIO — Eu bem que achei que esse negócio ia dar bode. (*para Daisy*). Vamos, não fique aí parada. Tenha uma idéia.

DAISY — Não sei...

PORFÍRIO — Vamos! Uma idéia!

DAISY — Só se a gente...

PORFÍRIO — Só se a gente o que?

DAISY — Fôr para a rua.

PORFÍRIO — De pijama e camisola?

DAISY — Pois é... Então...

PORFÍRIO — Já sei. Partamos para a solução francesa.

(*Porfírio pega Daisy pelo braço, abre a porta do armário e começa a enfiar a mão lá dentro*).

PORFÍRIO — Entra aí.

DAISY — Mas aí eu vou morrer asfixiada.

PORFÍRIO — (*fechando a porta do armário*). Problemas posteriores serão resolvidos posteriormente.

18

(*Toca a campainha. Porfírio está apavorado sem saber para onde ir*).

GENERAL — (*do lado de fora*). Vamos, abra!

PORFÍRIO — (*timidamente*). Já vai.

(*Porfírio abre a porta. O General entra como um tufo. Joãozinho está com ele. Porfírio fulmina Joãozinho com o olhar*).

GENERAL — (*entrando*). Onde está ela? Onde está minha filha?

PORFÍRIO — Que filha? O sr. deve ter batido na porta errada.

GENERAL — Não se faça de bêsta! (*General vai procurar na cozinha e no banheiro*).

PORFÍRIO — (*indo atrás do General*). Não será em outro prédio?

GENERAL — (*da cozinha*). Deixe disso que eu já sei muito bem que tipo de indivíduo você é.

PORFÍRIO — (*baixo, para Joãozinho*). Traidor!

JOÃOZINHO — A culpa não foi minha.

GENERAL — Vamos, diga! Onde está ela?

PORFÍRIO — Como é mais ou menos a sua filha?

JOÃOZINHO — (*timidamente*). General, eu tenho a impressão...

GENERAL — Não tem impressão coisa nenhuma.

PORFÍRIO — Se o sr. me descrever sua filha...

JOÃOZINHO — General, eu acho...

GENERAL — (*cortando*). Onde está ela?

PORFÍRIO — Eu talvez possa ajudar a procurar.

19



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P407

JOAOZINHO — General, eu acho...

GENERAL — (*cortando*). Eu é que acho que vim cair entre dois patifes.

JOAOZINHO — Perdão, General. O sr. não pode dizer isso de mim. O sr. já vistoriou o meu apartamento e viu que eu não tenho nada a ver com sua filha.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Ah, você não tem nada a ver com a filha dele? E eu por acaso é que tenho?

GENERAL — Claro que tem. Fique sabendo que o porteiro me deu a sua ficha.

PORFÍRIO — Minha ficha? Que foi que aquela múmia disse ao senhor?

JOAOZINHO — Eu acho que você não deve se referir ao nosso porteiro nesses termos.

PORFÍRIO — Desde quando você virou defensor (*calcando as palavras*) dessa múmia desse porteiro aqui do prédio?

GENERAL — Quando eu não encontrei minha filha no apartamento desse... rapaz, eu voltei a falar com o porteiro. Aí êle me disse que tinha mesmo estranhado muito que eu quisesse tirar satisfações com Seu Joãozinho, porque êste era um rapaz direito e de boa família. Agora...

JOAOZINHO — Por aí o sr. vê quem eu sou.

GENERAL — Agora... Que o que devia estar havendo, era um engano no número do apartamento, e que minha filha devia estar no apartamento do Sr. Porfírio... Seu nome não é Porfírio?

PORFÍRIO — Porfírio da Cruz.

GENERAL — Pois é. Porque o Sr. Porfírio, acrescentou o porteiro, é que era um libertino da pior

espécie, um sujeito mulhengo que vivia trazendo
môças p'ra dentro de casa.

PORFÍRIO — Êle disse isso?

GENERAL — Disse.

PORFÍRIO — (*exageradamente incrédulo*). Êle disse isso?

GENERAL — Já disse que disse.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Joãozinho, você ouviu o que o General disse que o porteiro disse?

JOAOZINHO — Ouvi.

PORFÍRIO — (*ainda para Joãozinho*). E você não tem nada a dizer?

JOAOZINHO — Bem, êsse porteiro sempre me pareceu um sujeito de confiança...

PORFÍRIO — (*fulmina Joãozinho com o olhar*). (*para o General*). General, eu só espero que o sr. tenha tido o bom senso de não acreditar naquele sujeito.

GENERAL — Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Não diga isso, General. Êsse porteiro é um delinqüente, um esquisofrênico, um paranóico que já estêve internado umas dez vêzes.

GENERAL — Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Qual nada, General. Nem pense nisso. Êle é um caluniador da pior espécie. Só o sr. vendo. Ê um sujeito que tem um senso de humor extremamente primitivo e que se diverte inventando piadas desse gênero. Eu, um libertino! (*riso forçadíssimo*). Ah... Ah... Ah... Que absurdo.

GENERAL — (*solene*). Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Mas como é que o sr. pode ter essa certeza?



GENERAL — Porque ninguém mente diante de um revólver. (*saca o revólver*). E êle falou com êsse cano encostado na testa. (*com o revólver na cara de Porfírio*). Vamos, diga. Onde está minha filha?

PORFÍRIO — General, o sr. está vendo com seus próprios olhos que sua filha não está aqui. Esteja certo que eu compreendo que isso é uma coisa muito séria, um pai procurando uma filha...

JOÃOZINHO — Foi justamente o que também expliquei ao General.

PORFÍRIO — (*melífluo*). Conforme o senhor mesmo disse, ninguém mente diante de um revólver. E não sei se o sr. reparou nesse detalhe, mas eu estou diante de um revólver. E lhe digo mais. Essa sua estima paterna, êsse seu cuidado com sua filha, é uma coisa que até me comove. Numa circunstância dessas, eu jamais faltaria à verdade.

GENERAL — (*solene*). Você jura que minha filha não está neste apartamento?

PORFÍRIO — (*igualmente solene*). Juro.

GENERAL — Por quem?

PORFÍRIO — Pela mãe do Joãozinho morta.

JOÃOZINHO — Ei! Isso não!

GENERAL — Porque é que êle disse "Ei! Isso não!"?

PORFÍRIO — (*suave e explicativo*). Porque êle é um imbecil, General.

JOÃOZINHO — Não, o que eu quis dizer foi que...

PORFÍRIO — (*cortando*). Foi que num momento como êsse qualquer juramento é ainda pequeno, e que eu devia ter jurado não só pela mãe, como também pelo pai, avós, tios, e sobrinhos, todos mortos.

GENERAL — (*baixando o revólver, levemente dramático*). O que me dá raiva é que não mereço êste castigo porque jamais prevariquei.

PORFÍRIO — (*mais refeito pelo outro ter baixado a arma*). General, nós compreendemos perfeitamente sua preocupação, porque afinal de contas todo mundo sabe como Copacabana está cheia de rapazes pouco respeitadores das virtudes femininas, mas, já que sua filha não está aqui, o sr. não acha que chegou o momento de ir procurá-la em outros lugares?

JOÃOZINHO — Nesse ponto eu acho que êle tem razão, General.

PORFÍRIO — E ir rápido, inclusive porque ela pode estar correndo perigo de vida.

JOÃOZINHO — E numa eventualidade assim, cada minuto conta. (*ligeira pausa*).

PORFÍRIO — Eu nem sei como é que o sr. pode ficar aí parado, sabendo que sua filha pode estar em algum lugar sendo estrangulada (*intencional, olha para o armário*), ou asfixiada.

GENERAL — Realmente, eu acho que você tem razão, mas...

PORFÍRIO — Então vá, General. Faça isso por sua filha... e até por mim. (*vai empurrando o General para a porta*).

GENERAL — (*parando*). Mais ir para onde?

PORFÍRIO — Ora, General, me admira o senhor. Dê uma busca completa. (*cutuca Joãozinho*).

JOÃOZINHO — Claro... claro. Uma busca completa.

GENERAL — (*sentando numa cadeira*). Pois é, mas eu não sei por onde começar. (*Pausa. Os três estão parados. Nessa altura Daisy tosse de dentro do armário. O General levanta os olhos, como que procurando quem tossiu. Imediatamente Porfírio tosse meio assustado e fica olhando para o General. Nôvo*



silêncio. Por fim dissipam-se as suspeitas do General).

GENERAL — (levantando-se). Bem, eu acho então que vou começar procurando na praia.

JOÃOZINHO — (animando-o). Isso mesmo, General. Na praia.

PORFÍRIO — (entusiasmadíssimo). Grande idéia, General!

(O General vai saindo quando dá com os olhos no negligé de Daisy, que ficara em cima de uma poltrona).

GENERAL — (parando de estalo). Que é isso?

PORFÍRIO — (rápido). Isso? Ora, um robe de chambre.

GENERAL — Mas de quem?

PORFÍRIO — Meu. De quem é que havia de ser?

GENERAL — (definitivo). Isso não é robe de chambre de homem.

PORFÍRIO — (falsamente efeminado). Ora, General, cada um usa o robe de chambre que quer.

(Pausa).

GENERAL — (peremptório). Esse robe não dá em você.

PORFÍRIO — Claro que dá! (Porfírio se enfia da melhor maneira que pode dentro do negligé e termina a fala de novo falsamente efeminado). Agora, eu acho uma indiscrição muito grande o sr. perguntar mais qualquer coisa a respeito desse robe... (Novo silêncio. Daisy tosse novamente. Porfírio tam-

bém tosse de novo, mas o General parte como uma flecha para o armário, abre-o e Daisy cai praticamente desfalecida em seus braços. Porfírio senta desalentado e Joãozinho vai ajudar o General a socorrer a filha).

GENERAL — (com a filha nos braços e aos berros). Minha filha! Patife! (acariciando a filha). Não, patife não é você não, meu bem. É esse libertino aí! É de camisolinha (Porfírio olha para ele). Não, de camisolinha não é você não, seu libertino. É minha filha. Fala, meu anjo. Você está bem?

DAISY — (começando a se recuperar). Papai, esse rapaz...

GENERAL — (cortando, carinhoso). Não precisa dizer nada. Já sei de tudo. Você não teve culpa.

DAISY — Não, papai, o que eu quero dizer...

GENERAL — Não se canse. Eu compreendo. Você foi iludida.

DAISY — Porfírio não tem nada...

GENERAL — (cortando). Eu sei, meu bem. Ele não tem nada que preste. Mas descansa. Descansa.

PORFÍRIO — Deixa ela falar, General.

GENERAL — (para Porfírio). Cala a boca.

PORFÍRIO — General, embora possa parecer estranho, eu não tenho nada a ver com sua filha.

GENERAL — Sedutor! (o General está ainda acomodando Daisy no sofá).

PORFÍRIO — Joãozinho, explica o caso a ele.

GENERAL — Libertino!

JOÃOZINHO — (para Porfírio). É melhor você agüentar a mão um pouco mais.

PORFÍRIO — Melhor por que?

GENERAL — Devasso!

JOÃOZINHO — No fim dá tudo certo.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, P. 2110

PORFÍRIO — Depende do que é que você chama de dar certo.

GENERAL — (*para Joãozinho*). Nem dê resposta a êle. Esse sujeito não merece a menor consideração.

PORFÍRIO — General: sua filha não mora aqui comigo.

GENERAL — Você nem sabia que ela estava de camisolinha aí no seu armário, não é?

PORFÍRIO — Isso eu sabia, mas...

GENERAL — E por que é que ela estava de camisolinha aí no seu armário?

PORFÍRIO — P'ra se esconder do senhor, mas...

GENERAL — E de quem foi a idéia de escondê-la no armário?

PORFÍRIO — Foi minha, mas...

GENERAL — Então como é que você ainda quer negar que a seduziu?

PORFÍRIO — (*exasperado*). Mas eu não seduzi. (*aproximando-se do sofá onde Daisy está deitada*). Daisy, diga a seu pai com tôda a honestidade: eu te seduzi?

DAISY — (*ainda não totalmente restabelecida*). Não, papai. Ele não me seduziu.

PORFÍRIO — Está vendo?

GENERAL — Minha filha, não procure defender êsse canalha. Você nem sabe o monstro que êle é.

PORFÍRIO — Daisy, conte a seu pai tudo o que se passou aqui.

GENERAL — Isso é que nunca. Não vou admitir que a ingenuidade de minha filha seja corrompida contando tôda a pouca vergonha que se passou entre vocês.

PORFÍRIO — Mas não houve pouca vergonha nenhuma!

GENERAL — P'ra você nada é pouca vergonha. Você acha tudo perfeitamente natural. O porteiro me avisou!

PORFÍRIO — Assim não é possível. O sr. não deixa eu explicar.

GENERAL — E não deixo mesmo. Porque p'ra seu crime não há explicação possível. Mas isso não vai ficar assim não.

PORFÍRIO — Pois fique o sr. sabendo que Daisy mora é no apartamento do Joãozinho.

JOÃOZINHO — Porfírio!!

PORFÍRIO — (*imitando Joãozinho*). JOÃOZINHO!

GENERAL — Cínico! Como é que você tem coragem de incriminar um rapaz como o Joãozinho, que é um perfeito cavalheiro?

PORFÍRIO — Mas é com êle que ela mora. Juro.

GENERAL — Você jurou antes que Daisy não estava aqui.

PORFÍRIO — Pergunte a ela.

GENERAL — Ah, mas isso não vai ficar assim, não.

PORFÍRIO — Daisy, não é com o Joãozinho que você mora?

JOÃOZINHO — (*rápido*). Você não vê que a menina ainda não está em condições de responder nada? Que ainda está praticamente sem sentidos?

GENERAL — (*para Porfírio*). Não vai ficar assim, não, porque você vai casar com ela.

DAISY — (*voltando imediatamente a si*). Casar?

GENERAL — Casar, sim. Nem que êsse patife tenha que ir enjaulado p'ra igreja.

DAISY — Bem, se o negócio é casar...

PORFÍRIO — Daisy, Daisinha meu amor, você não pode fazer isso comigo!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0708, P. 244

DAISY — *(ar ingênuo e magoado)*. Você não quer casar comigo?

PORFÍRIO — Eu não tenho nada contra você pessoalmente. O que eu tenho é contra o casamento.

GENERAL — Quem aqui fez, aqui paga.

PORFÍRIO — Mas eu não fiz nada.

GENERAL — Você seduziu minha filha e agora vai casar com ela.

PORFÍRIO — *(para Joãozinho)*. Joãozinho, o que é que você me diz a isso?

JOÃOZINHO — Bem, eu acho melhor não contrariar o General, p'ra êle não ficar mais nervoso ainda.

PORFÍRIO — *(vencido)*. Eu sou um mártir cercado de víboras por todos os lados.

GENERAL — Daisy, vista o seu robe. Você vai agora mesmo comigo para o hotel. *(Porfírio começa a despir o robe, para Daisy depois vesti-lo)*.

JOÃOZINHO — *(solicito)*. General, há qualquer coisa que o sr. queira que eu faça?

PORFÍRIO — Joãozinho, comparado a você, Judas Iscariotes foi o sujeito mais honrado que já pôs os pés no mundo.

JOÃOZINHO — Eu estou apenas procurando ser gentil.

GENERAL — Porque é um cavalheiro, e não um libertino cínico como você.

PORFÍRIO — Mas não se esqueça de que Judas acabou com uma corda no pescoço.

GENERAL — *(para Joãozinho)*. O que eu quero é que você fique aqui vigiando êsse malandro. *(para Porfírio)*. Quanto a você, nem pense em fugir porque eu irei arrancá-lo até da sepultura, p'ra levá-lo p'ra igreja. *(para Daisy)*. Vamos, Daisy. *(para os dois)*. Nós voltamos mais tarde. *(da porta)*. Vamos

28

rápido, porque quero começar a tratar hoje mesmo dos papéis do casamento.

(O General e Daisy saem, Porfírio deixa-se cair desalentado numa cadeira e fecha o pano sobre o primeiro ato).



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 112

29



ATO II

(Mesmo cenário. Porfírio de calção faz ginástica com dois pequenos pesos. Está fumegando de ódio. Joãozinho anda de um lado para o outro).

JOÃOZINHO — Foi até bom isso acontecer, porque agora eu pude ver como você é meu amigo. *(Pausa; Joãozinho continua a andar. Para de novo).* E não há nada que eu aprecie mais que a amizade. Foi uma coisa que papai sempre me ensinou. *(Continua a andar. Para de novo).* Puxa, Porfírio, você não sabe a admiração que eu estou sentindo por você. Mas eu também seria capaz de qualquer sacrifício pela nossa amizade. Olha, por você, eu seria capaz de dar a minha mão esquerda. *(Porfírio continua fazendo ginástica em silêncio, fuzilando).* Daria até minha mão direita. *(o outro continua sem se impressionar).* Bom, Porfírio, está bem. Eu daria as duas mãos. *(toca o telefone. Joãozinho vai atender).*

JOÃOZINHO — *(ao telefone, ultra solícito).* Alô? Ah, sim, seu General. Pois não, seu General. O que o sr. quiser, seu General. Estou aqui para servi-lo, seu General. Não. Claro. Lógico. Da Cruz, seu General. *(desligando).* Às suas ordens, seu General.

(*desliga e vira-se para Porfírio, com um sorriso amável e explicativo*). Era o General. (*Porfírio tem uma contração de ódio*). Queria o teu nome completo para os papéis de casamento.

PORFÍRIO — (*falando baixo, suave, com um carinho quase maternal com Joãozinho*). Joãozinho, você tem que reconhecer que o que você está fazendo comigo é uma sujeira, não é?

JOÃOZINHO — (*meditativo e amável*). Não, eu não diria que é exatamente uma sujeira.

PORFÍRIO — (*suavíssimo*). E por que é que você não diria que é exatamente uma sujeira, Joãozinho?

JOÃOZINHO — Bem, porque isso é uma troca de favores entre dois amigos.

PORFÍRIO — (*ainda exageradamente calmo*). Num troca de favores, Joãozinho, geralmente há dois favores. Um favor p'ra lá e outro favor p'ra cá. Mas nesse caso, meu caro Joãozinho, só há um favor. (*aos berros*). Que é o favor p'ra lá!

JOÃOZINHO — Calma, Porfírio, calma. Você está nervoso.

PORFÍRIO — Nervoso não. O que eu não gosto é de ser feito de palhaço. Você sabe muito bem que tinha obrigação de ter dito ao General que Daisy morava era no SEU apartamento.

JOÃOZINHO — Mas eu achei que seria indelicado.

PORFÍRIO — Indelicado como?

JOÃOZINHO — Depois do homem ter dado aquela bronca tôda com você, fazer êle repetir tudo comigo seria uma descortesia. Ia deixar o General numa posição ridícula.

PORFÍRIO — E daí?

JOÃOZINHO — Isso não se faz.

PORFÍRIO — E isso se faz, o que você está fazendo comigo?

JOÃOZINHO — Mas você é meu amigo.

PORFÍRIO — Joãozinho, você vai me fazer um favor. De hoje em diante, você vai rme considerar seu inimigo. Seu inimigo de morte, tá bem?

JOÃOZINHO — P'ra mim você será sempre um irmão, Porfírio.

PORFÍRIO — Aliás, mais importante do que isso, eu quero saber o seguinte. Pelo que eu compreendi, a nossa amiga Daisy ainda é de uma inocência repulsiva em matéria de sexo, não é?

JOÃOZINHO — Como é que você sabe disso?

PORFÍRIO — Não interessa. É ou não é?

JOÃOZINHO — É.

PORFÍRIO — (*invectivando*). E como é que você explica isso, se ela própria me disse que não teria nenhuma objeção a se associar mais intimamente com você?

(*Pausa. Joãozinho baixa a cabeça*).

JOÃOZINHO — (*amargurado*). Esse é que é o meu drama, Porfírio.

(*Porfírio fica chocado e sem jeito diante da reação do outro. Não sabe o que dizer*).

PORFÍRIO — (*procurando consolar Joãozinho*). Bem, mas... espera lá. Vamos... com calma. Não se afobe. Isso deve ser um período apenas. Você talvez ande cansado... No outro dia eu li que descobriram uma vitamina genial...



JOÃOZINHO — (*cortando rápido*). Você me acha com cara de precisar de vitamina? O meu drama é outro.

PORFÍRIO — Qual é, então?

JOÃOZINHO — Porfírio, eu vou te fazer uma confissão. (*envergonhado*). Eu sou um rapaz direito.

PORFÍRIO — (*seríssimo*). Mas Joãozinho, você precisa superar essa fase.

JOÃOZINHO — (*torturado à la James Dean*). Eu sei que isso é uma coisa que não se admite mais hoje em dia... mas eu não posso. Eu não posso, você compreende? Eu não tenho coragem de fazer mal a uma môça, sem pretender casar com ela.

PORFÍRIO — Mas quem é que disse que você está fazendo mal? É apenas uma questão de ótica.

JOÃOZINHO — Você não pode compreender isso, porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Não, eu compreendo, mas considero um fricote filosófico inteiramente anacrônico.

JOÃOZINHO — Foi por isso que eu até hoje não tive nada com a Daisy. E não é que eu não admita a idéia de poder casar com ela, mas...

PORFÍRIO — (*repugnado*). Não diga isso.

JOÃOZINHO — Mas você sabe que a minha situação financeira tão cedo não permitiria.

PORFÍRIO — Mas então eu não entendo uma coisa. Por que é que você não conta êsse drama todo ao General? De acôrdo com a filosofia antiquada dêle, êle ia te achar formidável e aí não chateava mais, porque via que a filha não tinha sido seduzida por ninguém.

JOÃOZINHO — Eu pensei nisso. Mas depois do escândalo todo que o General fêz com o porteiro, êle

naturalmente iria contar êsse meu drama ao mesmo porteiro, ao síndico, aos vizinhos, a todo mundo, p'ra que ninguém pudesse pensar mal de sua filha. Aí...
PORFÍRIO — (*cortando*). Aí seria ótimo. Você podia tranqüilamente se tornar amahte dela sem que ninguém pensasse mal de você.

JOÃOZINHO — Nada disso. Aí a notícia iria se espalhar até a turma da praia.

PORFÍRIO — (*sério e pensativo*). Compreendo.

JOÃOZINHO — Quando Daisy veio morar no meu apartamento, ela me explicou que continuaria a receber roupas e dinheiro do pai, de modo que não me daria despesa alguma. Mas a turma da praia pensa que ela não só é minha amante, como ainda que ela me mantém. E isso me dá um cartaz daquêles. Se êles descobrissem agora que eu sou um rapaz direito, eu ficaria desmoralizado para o resto dos meus dias.

PORFÍRIO — Claro! Claro! (*pausa*).

JOÃOZINHO — Não, contar ao General não é solução.

PORFÍRIO — Bom, mas também não é solução deixar o General fazer eu me casar com ela.

JOÃOZINHO — Precisamos encontrar uma saída.

PORFÍRIO — E rápido, porque enquanto isso o General está desencadeado. (*pausa*). (*animado*). Já sei! A Loló!

JOÃOZINHO — Que Loló?

PORFÍRIO — Loló, a nossa vizinha aí do lado.

JOÃOZINHO — Que é que tem ela?

PORFÍRIO — Ela é que vai nos salvar.

JOÃOZINHO — Eu acho muito arriscado qualquer coisa com a Loló.

PORFÍRIO — Por que?

JOÃOZINHO — Porque ela é meio... lenta.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072610415

PORFÍRIO — Lenta não é bem o termo. Ela é um quadrúpede disfarçado em mulher.

JOÃOZINHO — Você já tem algum plano?

PORFÍRIO — Tenho. Dá um pulo aí ao lado e pede a ela p'ra vir cá.

JOÃOZINHO — *(indo para a porta)*. Mas se ela é um quadrúpede, como é que você vai explicar o plano a ela?

PORFÍRIO — No regime da arara. Falar e mandar ela repetir. Vai lá.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio acaba de se vestir a jato).

JOÃOZINHO — *(de fora, metendo a cabeça na porta)*. Ninguém atende.

PORFÍRIO — Diz que é você. Ela deve estar pensando que é algum cobrador.

JOÃOZINHO — *(ainda de fora)*. Então ela até que que raciocina um pouco.

PORFÍRIO — Até aí vai a inteligência dela.

(Joãozinho sai de vista novamente. Em seguida, ouvem-se vozes fora. Joãozinho e Loló aparecem na porta. Loló é uma garôta boa e bonita, mas que em geral fala com boca mole).

PORFÍRIO — Entre. Pode entrar. Não faça cerimônia.

LOLÓ — *(de boca mole)*. *(ainda de fora)*. Entrar no seu apartamento?

36

JOÃOZINHO — Pois é. Nós queríamos bater um papinho com você.

LOLÓ — Mas eu nunca bati papinho com um rapaz sozinho num apartamento.

PORFÍRIO — *(explicativo, como quem fala com uma criança)*. Bom, mas isso era com um rapaz. Aqui nós somos dois rapazes. Logo, não há problema.

(Pausa).

LOLÓ — *(com o rosto iluminado, por ter compreendido)*. Ah... é mesmo!

(Loló e Joãozinho entram. Joãozinho fecha a porta).

PORFÍRIO — Sente-se, Loló.

PORFÍRIO — *(lento e explicativo)*. Loló eu precisava de um grande favor teu. Você faz um favor p'ra mim?

LOLÓ — *(de boca mole)*. Depende.

JOÃOZINHO — *(aliciante e melífluo)*. É uma coisinha à-toa, que não vai custar nadinha.

PORFÍRIO — O que eu queria de você era o seguinte.

LOLÓ — *(assustada)*. Ih, é pior.

PORFÍRIO — O que?

LOLÓ — Ficar com dois rapazes em vez de um, sozinho, num apartamento.

JOÃOZINHO — *(meio desalentado)*. Esse negócio vai demorar duas horas.

LOLÓ — Vou-me embora. É pior sim.

PORFÍRIO — Não faça isso, Loló. Seria pior num caso qualquer. Mas no nosso caso é diferente.

LOLÓ — *(ainda de boca mole)*. Por que?

37



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 416

PORFÍRIO — (*sério e explicativo*). Porque nós, em essência abstrata da situação fenomenológica do homem, substantivamos a priori um espírito dogmático. Nós condicionamos fatores imóveis e justapostos no espaço, pelo repertório de “kosmos” existente em nós. É o trânsito da historicidade nos diagnósticos assimilados. (*pausa*). Compreendeu? (*Joãozinho está olhando Porfírio com expressão inteiramente apavorada diante da explicação incompreensível. Loló está com cara de quem ficou vivamente impressionada. Pausa*).

LOLÓ — (*convicta*). Compreendi

PORFÍRIO — Então senta e ouve. Nós vamos sair e você vai ficar aqui sôzinha. Daqui a pouco vai chegar um homem.

LOLÓ — (*levantando, assustada*). Outro homem?

JOÃOZINHO — (*fazendo Loló sentar de nôvo*). Mas com uma môça.

LOLÓ — Ah, sim.

PORFÍRIO — Aí eles vão perguntar quem é você. E você vai responder que é minha espôsa.

LOLÓ — (*desconfiada*). Espôsa?

JOÃOZINHO — (*tom brincalhão, para eliminar suspeitas de Loló*). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

LOLÓ — Ah! Uma brincadeira que nós vamos fazer...?

PORFÍRIO — Pois é! Uma brincadeira que nós vamos fazer. Bom, então você entendeu bem essa primeira parte?

LOLÓ — Entendi.

PORFÍRIO — Muito bem. Aí eles vão provavelmente perguntar se nós já somos casados há muito

tempo. E você vai responder que nós nos casamos há cinco anos, mas que logo depois nos separamos.

LOLÓ — Ih, que brincadeira bôba.

PORFÍRIO — Bom, nos separamos, mas agora você voltou.

JOÃOZINHO — Voltou, tá compreendendo?

PORFÍRIO — Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher. Entendeu?

LOLÓ — Entendi.

PORFÍRIO — Então repete.

LOLÓ — Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher.

JOÃOZINHO — Não. Loló! Você tem que dizer: “Voltei p'ra vir morar com êle, p'ra continuar a ser sua mulher.”

LOLÓ — Assim não é repetir.

PORFÍRIO — Por que é que assim não é repetir?

LOLÓ — Porque repetir é dizer igualzinho a mesma coisa.

JOÃOZINHO — Não. Você repete, mas tem que colocar a frase na primeira pessoa.

LOLÓ — Que primeira pessoa?

JOÃOZINHO — Na primeira pessoa. No pronome “EU”. Quando o Porfírio fala com você, êle se refere a você no tratamento de “você”, mas quando você fala, você se refere a você como “eu” e ao Porfírio como “êle”.

LOLÓ — Mas se quando o Porfírio fala comigo, êle se refere a êle como “eu” e a mim no tratamento de “você”, e quando eu falo, eu me refiro a mim como “eu” e ao Porfírio como “êle”...

PORFÍRIO — (*aos berros*). Chega!

JOÃOZINHO — (*querendo continuar*). Não, mas...

PORFÍRIO — Joãozinho, por santo amor de Deus!!!



LOLÓ — Nisso eu tenho razão. Se p'ra mim eu falo no tratamento de "eu", então eu tenho que mudar a frase que o Porfírio disse, e aí eu não estou mais re-pe-tin-do, porque já não estou mais dizendo as mesmas palavras. (*triumfante*). Conheceu, papudo?

PORFÍRIO — Tá bem, Loló. Ganhou. Você é um gênio.

LOLÓ — (*modesta*). Qual nada! Você é que não pensou muito no que 'tava dizendo.

PORFÍRIO — O importante é que depois de dizer isso tudo, você não responde mais nada que eles perguntarem. Mais nada, tá O.K.?

LOLÓ — Por que?

JOÃOZINHO — Porque... porque senão eles podem desconfiar da brincadeira.

PORFÍRIO — Você só diz isso. Que é minha espôsa, há cinco anos, que nós nos separamos e que agora você voltou p'ra nós continuarmos a viver juntos. Se eles tiverem qualquer dúvida, você diz de novo isso p'ra eles. (*Pausa*).

JOÃOZINHO — Mais alguma coisa, Porfírio? (*Joãozinho vai à janela e olha para baixo*).

PORFÍRIO — Mais nada.

LOLÓ — Mas vem cá.

PORFÍRIO — Que é, Loló?

LOLÓ — Eu conto essa história tôda, mas o que é que eu ganho com isso?

PORFÍRIO — Por êsse favor, Loló, você pode pedir o que quiser.

LOLÓ — O que eu quiser?

PORFÍRIO — O que é que você mais deseja na vida?

LOLÓ — Casar.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Joãozinho, cada vez eu me convenço mais que as mulheres não têm a

menor imaginação. (*para Loló*). Por que é que você não pede outra coisa?

LOLÓ — Porque disso é que estou muito precisada.

PORFÍRIO — E se eu te oferecesse um casaco de peles?

LOLÓ — (*de boca mole*). Marido é mais engraçado. (*risinho semi-convergonhado*). (*Pausa*).

PORFÍRIO — Joãozinho, o que é que você está fazendo aí na janela?

JOÃOZINHO — Tou vigiando a chegada do General.

PORFÍRIO — Você que ir buscar um copo com água p'ra Loló?

JOÃOZINHO — (*desconfiado*). Um copo com água?

PORFÍRIO — Perfeitamente. Um copo com água.

JOÃOZINHO — Mas quem é que disse que ela está com sede? Você está com sede, Loló?

PORFÍRIO — Claro que ela está com sede. Então você não está vendo que ela está com sede? Que está até com os lábios rachadinhos? Vai logo.

(*Joãozinho vai indo desconfiado para a cozinha*).

LOLÓ — (*intrigada*). Eu estou com sede, é?

PORFÍRIO — Está sim. Escuta. Se você fizer isso que eu pedi, eu prometo que faço o Joãozinho casar com você.

LOLÓ — Batata?

PORFÍRIO — Batata.

LOLÓ — Então eu topo.

JOÃOZINHO — (*entrando com a água*). Pronto. (*dá o copo a Loló, que já o olha com o ar mais embevecido do mundo*). Porfírio, eu não sei porque eu



estou com um pressentimento que êsse plano não vai dar certo. (*Joãozinho volta para a janela*).

PORFÍRIO — Claro que vai dar certo. Se o General se convencer que Loló é minha espôsa, êle não pode querer que eu seja bígamo, pode?

JOÃOZINHO — Mas você se esquece... (*olha para baixo, agitado*). Aí vêm êles!!

PORFÍRIO — Loló, veja lá, hem! Posso confiar em você? (*Porfírio e Joãozinho preparam-se para sair*).

LOLÓ — Farei os possíveis.

JOÃOZINHO — Deus é grande!

LOLÓ — Escuta, êsse homem que vem aí é seu amigo?

PORFÍRIO — Do peito. Só que êle é muito brincalhão e às vêzes finge que não gosta de mim. (*êles já estão na porta*).

JOÃOZINHO — (*da porta*). Mas é fingimento. Só fingimento. (*saem e fecham a porta. Loló fica sôzinha ensaiando em silêncio as respostas que lhe foram ensinadas. Depois faz uma cara de quem não está entendendo muita coisa. Mas dá de ombros e aguarda. Toca a campainha*).

LOLÓ — (*abrindo a porta*). Pode entrar. (*o General e Daisy entram meio desconfiados e procuram com os olhos Porfírio e Joãozinho*).

GENERAL — Onde estão Porfírio e Joãozinho?

LOLÓ — (*após pequena hesitação*). Saíram.

GENERAL — Mas vão demorar?

LOLÓ — (*nova hesitação*). Acho que não.

GENERAL — (*sentado*). Muito bem. Nós esperamos então. (*Pausa*).

LOLÓ — Ih, começa logo!

DAISY — Começa o que?

GENERAL — Desculpe perguntar, mas quem é você?

LOLÓ — (*satisfeita por ter sido finalmente feita a pergunta que esperava, responde convicta*). Eu sou a espôsa de Porfírio.

DAISY — (*desconfiada*). Espôsa?

LOLÓ — (*explicativa*). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

GENERAL — Brincadeira? Que brincadeira?

LOLÓ — Não era isso que o sr. devia perguntar agora.

GENERAL — O que é que eu devia perguntar agora?

LOLÓ — Há quantos tempos nós somos casados.

GENERAL — Muito bem. Então me diga. Há quanto tempo vocês são casados?

LOLÓ — Há cinco anos.

DAISY — Mas casados no duro?

LOLÓ — (*hesitante, coçando a cabeça*). Bem, isso êle não explicou, mas eu acho que é.

GENERAL — E onde é que você andou todo êsse tempo?

LOLÓ — Nós logo depois nos separamos.

DAISY — Bem, mas onde é que você estêve?

LOLÓ — Por aí.

GENERAL — E agora você voltou?

LOLÓ — Voltei... Espera aí. Como era mesmo? Voltei... p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser sua mulher. Teve que ficar assim por causa da primeira pessoa.

(*O General e Daisy se entreolham, desconfiadíssimos*).

GENERAL — A senhora quer fazer o favor de repetir essa frase?



LOLÓ — Como foi que eu disse mesmo?

GENERAL — A senhora disse: “Voltei p’ra vir morar comigo, p’ra continuar a ser sua mulher”.

LOLÓ — Olha, deixa eu dizer depressa que sai. (*fecha os olhos e dispara as palavras*). Voltei p’ra vir morar com êle, p’ra continuar a ser sua mulher. (*abre os olhos triunfantes*). Viu?

GENERAL — (*nervoso*). Daisy, você quer ver se descobre quem é essa louca e o que é que ela está fazendo aqui?

DAISY — Vocês tem filhos?

LOLÓ — Isso eu não posso responder.

DAISY — Por que?

LOLÓ — Porque senão vocês vão desconfiar da brincadeira.

GENERAL — Mas afinal de contas, que brincadeira é essa?

LOLÓ — (*coçando a cabeça*). Pois é. Isso é que eu também não sei.

GENERAL — Escuta menina. Responda com toda sinceridade. Você tem certeza que não é maluca?

LOLÓ — (*intimidada*). Eu sou a espôsa de Porfírio.

GENERAL — Mas nunca estêve internada?

LOLÓ — Há cinco anos.

DAISY — Você hoje já estêve conversando com o Porfírio?

LOLÓ — Mas logo depois nos separamos.

DAISY — Porfírio disse a você p’ra que é que eu vinha aqui?

LOLÓ — P’ra vir morar com êle, p’ra ser sua mulher.

GENERAL — (*aos berros*). Tá tudo explicado. Mas fique sabendo que o canalhocrata do seu amiguinho não me escapa. E que vai acabar na igreja nem que seja a bala.

LOLÓ — Puxa, se isso é fingimento, o sr. finge bem p’ra xuxu.

GENERAL — Fingimento? Você vai ver a lição que eu vou passar naquele libertino.

(*Nesse momento abre-se a porta com violência e surge Porfírio e Joãozinho. Porfírio pára dramaticamente na entrada*).

PORFÍRIO — (*olhando Loló*). Querida! Tu volte! (*ligeira pausa*).

LOLÓ — (*de boca mole*). Olha, danou tudo!

(*Porfírio parte para abraçá-la*).

PORFÍRIO — Oh, meu amor! Há quanto tempo!

LOLÓ — 'Tou dizendo que danou tudo!

PORFÍRIO — Compreendo. A tua vida longe de mim é que se danou, não foi? Mas não há de ser nada, meu bem. Vamos recomeçar tudo e reconstruir o nosso lar. (*Porfírio está abraçado com ela; há um silêncio*). Não dizes nada, querida?

GENERAL — (*peremptório*). Não vai reconstruir coisíssima nenhuma.

PORFÍRIO — Ah, General, o senhor está aí?

GENERAL — (*sereno e definitivo*). Eu vim aqui p’ra você assinar os papéis do casamento. (*enfia um papel na mão de Porfírio*).

PORFÍRIO — (*amável, embora recebendo o papel*). Não vê o senhor, General, que eu não lhe disse antes, mas sucede que eu já sou casado.



GENERAL — (*aproximando-se de Porfírio e oferecendo-lhe sua caneta*). Você tem caneta? Porque se não tiver, eu não tenho objeção alguma em emprestar a minha.

PORFÍRIO — (*parando*). General, parece que o senhor não compreendeu bem. Eu disse que JÁ ERA casado. (*amável*). E de acôrdo com a lei brasileira, não sei se o senhor sabe, a gente não pode casar duas vêzes.

GENERAL — (*sacando o revólver*). Não se faça de bêsta e assina logo, porque eu quero dar entrada nos papéis ainda hoje.

PORFÍRIO — (*violento*). Mas isso é uma violência. O sr. não pode fazer isso. É um crime contra a liberdade individual de um cidadão. Afinal de contas, eu tenho meus direitos. (*valentando gradativamente o ritmo da frase*). E não posso ser forçado assinar... uma coisa... com a... qual... eu... não... estou... de acôrdo. (*baixo e humilde*). Não posso... Ou posso?

GENERAL — (*ainda amável*). Pode. (*Porfírio está com o papel e a caneta na mão*).

PORFÍRIO — (*com os olhos fixos no revólver*). Joãozinho, você me acharia um traidor se eu agora contasse tudo... Mas tudinho mesmo?

JOÃOZINHO — Ainda não chegou o momento de empregar medidas tão extremas.

PORFÍRIO — (*após rápida leitura*). De minha livre e espontânea vontade, General?

GENERAL — (*sempre amabilíssimo*). Assina, meu anjo.

(*Porfírio vai assinar, mas pára*).



PORFÍRIO — Joãozinho, só p'ra minha informação eu queria saber o seguinte. Você acha que o momento de empregar medidas extremas p'ra salvar um guilhotinado é antes ou depois da cabeça pular fora?

GENERAL — (*aos berros, com o revólver na cara de Porfírio*). Assina!

PORFÍRIO — Já que falou com bons modos...

(*Porfírio assina. O General guarda o revólver. Pega o papel, olha-o com carinho e então enxuga uma lágrima furtiva*).

GENERAL — (*emocionado*). Meus filhos, vocês me desculpem a emoção, mas é que eu sou um velho de natureza sentimental. (*Porfírio olha com cara de poucos amigos para êle*). É êsse o momento romântico com que eu sempre sonhei na minha vida; ver minha filha pedida em casamento. Mas como eu não sei fazer discursos bonitos, só quero dizer uma coisa a vocês: sejam felizes. (*beija os dois*).

PORFÍRIO — Isso já é tripudiar.

GENERAL — (*encaminhando-se para sair*). Daisy, meu bem, fique aí direitinho com seu noivo, que o papai já volta. (*para Porfírio*). Meu genro, comporte-se, sim! (*para Joãozinho e Loló*). P'ra vocês que ficam, até logo. (*Sai. Pausa*).

LOLÓ — (*de boca mole*). Até que êle é um bocado simpático, não é?

PORFÍRIO — (*de boca mole, imitando Loló*). Você acha, acha?

DAISY — Ih, você já vai começar, é?

PORFÍRIO — Começar o que?



DAISY — Fique sabendo que nenhum de nós está aqui disposto a aturar seu sarcasmo nem seu mau humor.

PORFÍRIO — Você se esquece que vocês é que estão na minha casa? Os incomodados que se mudem.

DAISY — E você se esquece que está falando praticamente com a sua esposa?

PORFÍRIO — Espôsa?

LOLÓ — *(convencida que está acertando em cheio)*.

É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

PORFÍRIO — *(rosnando)*. Loló, chega, ouviu? Essa brincadeira já acabou.

LOLÓ — *(chorosa)*. Você não tem direito de falar assim comigo. Eu respondi tudo direitinho.

JOÃOZINHO — Calma, Loló.

LOLÓ — *(ainda chorosa)*. Não posso entender porque é que não deu certo.

JOÃOZINHO — Não chora. No fundo, Porfírio não está zangado com você.

PORFÍRIO — *(irônico)*. Claro que não. *(sardônico, para Loló)*. Eu só queria era um outro favor teu.

LOLÓ — *(de boca mole)*. Pois não, Porfírio.

PORFÍRIO — *(ultra-sardônico)*. Era que você pegasse uma gilete e cortasse uma a uma as veias de teu pulso. Ou então tomasse café com formicida. *(vai pegando um tom violento)*. Ou ateasse fogo às vestes.

Ou metesse uma bala na cabeça.

(Loló, que conforme Porfírio falava ia ficando cada vez mais assustada, rebentando num pranto convulsivo).

JOÃOZINHO — Calma, Loló. Não chore. É que Porfírio está nervoso. *(vai levando Loló para a por-*

ta). Vamos sair um pouco. Vamos dar uma voltinha *(saem)*.

DAISY — *(para Porfírio)*. Você não tem mesmo um pingão de coração.

PORFÍRIO — Vocês por acaso é que têm? O que eu acho gozado é o tom com que você já fala comigo.

DAISY — Que tom?

PORFÍRIO — Esse tom de vida de casado.

DAISY — Não diga bobagens, porque nós ainda nem sequer somos casados.

PORFÍRIO — A simples perspectiva do casamento, transforma qualquer Pier Angeli em um Boris Karloff.

DAISY — Bem, eu realmente fui um pouco indelicada com você, mas você também foi muito indelicado com a Loló.

PORFÍRIO — *(levemente representando)*. Não, não tem importância. E não me compreenda mal. Eu gosto de você. Você é o tipo de mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei.

DAISY — *(surpresa e um tanto irônica)*. Que é que há com você, hem?

PORFÍRIO — Não, no duro. Não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

DAISY — É isso que você diz a todas as suas namoradas?

PORFÍRIO — Bem, se você se acha repulsiva e não quer acreditar, isso é problema seu. Uma coisa te digo. Eu estou falando exatamente o que eu estou sentindo.

DAISY — É que você mudou tão de repente...

PORFÍRIO — *(ainda levemente representando)*. Dai-



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0728/R.422

sy, eu sou muito diferente do que vocês me julgam. No fundo eu sou um romântico. E tôdas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

DAISY — Por que você ainda não se encontrou...?

PORFÍRIO — Exatamente. E na verdade eu levo uma vida triste, solitária e tremendamente amargurada.

DAISY — (*sincera*). Puxa, você deve sofrer um bocado.

PORFÍRIO — (*falsamente amargurado*). Não há nada pior que ter cada dia uma pequena. Do que cada dia conhecer um corpo diferente. É um sofrimento pavoroso.

DAISY — Eu nunca imaginei que os homens pudessem pensar assim.

PORFÍRIO — Eu não sou um homem como os outros. Eu acho que sexo, apenas por sexo, sem uma ligação afetiva, não é um ato digno de criaturas evoluídas.

DAISY — É exatamente o que eu também acho.

PORFÍRIO — Pois é. Eu senti que você pensava assim. Por isso, logo à primeira vista, eu gostei de você.

DAISY — Até que você não é tão ruim quanto eu pensava.

PORFÍRIO — E agora nós vamos nos casar.

DAISY — Aliás, aí há uma coisa que eu quero te explicar, Porfírio.

PORFÍRIO — Eu também tenho uma coisa que eu quero te explicar. É o seguinte. Eu sou definitivamente contra a noite de núpcias.

DAISY — Contra?

PORFÍRIO — É. Eu acho que o dia do casamento é um dia muito agitado, muito cheio de corre-corre,

de modo que, p'ra minha sensibilidade, a noite desse dia não é em absoluto o momento ideal para a primeira ligação de amor entre duas pessoas.

DAISY — E daí?

PORFÍRIO — Daí, que na minha opinião, quando duas pessoas se casam, já devem se conhecer com tôda intimidade, p'ra evitar constrangimentos. E, para se conhecerem, nada melhor do que um momento tranqüilo e despreocupado em que os dois estejam juntos, numa profunda e perfeita comunhão espiritual. (*pausa*). Um momento como êsse que nós estamos vivendo agora.

DAISY — Continua.

PORFÍRIO — Na noite de núpcias, quando o rapaz segura a mão da môça, há um certo mal estar, porque aquilo já estava pré-determinado. Mas num dia qualquer, quando êle segura a mão dela (*segura a mão de Daisy*), aquilo tem um significado muito mais profundo, porque foi alguma coisa que surgiu com emoção e espontaneidade. Por outro lado...

DAISY — (*desprende-se dêle*). Basta de tapiação. Você pensa que eu não sei onde você quer chegar? O que eu fico bôba é de ver como você pode querer fazer isso com a namorada de seu melhor amigo.

PORFÍRIO — (*furioso*). Bolas! E com quem meu melhor amigo quer me ver casado.

DAISY — Isso não tem nada a ver com o peixe.

PORFÍRIO — Isso é o próprio peixe.

DAISY — Você é mesmo um libertino sem moral.

PORFÍRIO — Nós não vamos nos casar?

DAISY — Vamos.

PORFÍRIO — Então porque é que a gente não pode começar a se amar logo, desde hoje?

DAISY — Porque você não me dá falta de ar.



PORFÍRIO — Mas você não vai permitir que êsse detalhe técnico atrapalhe tôda minha vida.

DAISY — Fique sabendo que nós só vamos nos casar p'ra eu me libertar das garras de papai e p'ro Joãozinho não poder mais ter aquêles dramas de rapaz direito. Em seguida, eu venho morar aqui para não dar despesas ao Joãozinho e mesmo porque, perante a lei, você tem obrigação de me manter. Mas não vamos ter nada um com o outro, 'tá me entendendo? Tôdas as minhas noites de amor, eu as passarei com o Joãozinho. E pode começar juntar dinheiro também, porque é você que vai pagar minha lua de mel com meu amor.

PORFÍRIO — (*estupefato*). Mas isso não se faz a um cão danado.

DAISY — E tem mais. Quero êsse apartamento limpo, arrumado e, de hoje em diante, sem aquêlo quadro libidinoso na parede. (*Daisy parte para o quadro "neste apartamento mora um solteiro feliz"*).

PORFÍRIO — (*num apêlo patético*). Não! Isso não!

DAISY — (*virando o quadro*). Quero decência aqui dentro!

PORFÍRIO — (*num gemido repugnado*). Decência?

DAISY — E acima de tudo moral. (*começa a cair o pano. Daisy abre a porta para sair*). Moral, tá me entendendo? (*sai batendo a porta*).

(*Termina de fechar o pano sobre o segundo ato*).



ATO III

(*Mesmo cenário, mas sem o quadro "neste apartamento..." na parede. Porfírio e o General estão em cena jogando uma partida de xadrez*).

PORFÍRIO — General, eu não sei como lhe dizer isso, mas sou forçado a lhe dar uma notícia desagradável que vai alterar muitos dos seus planos.

GENERAL — (*apreensivo*). O que é?

PORFÍRIO — Eu compreendo que o sr. fez uma série de projetos baseado num fato e que agora, com essa notícia, êsses projetos irão todos por água abaixo, mas...

GENERAL — Fale logo.

PORFÍRIO — ... Mas chegou o momento em que não posso mais lhe sonegar o que está se passando aqui. General, o sr. vai me desculpar imensamente eu lhe dizer isso, mas a realidade nua e crua... é que sua filha... é virgem. (*pausa*).

GENERAL — Por que?

PORFÍRIO — Porque... Ora, porque. O sr. tem idade bastante p'ra saber porque.

GENERAL — O sr. tem alguma deficiência?

PORFÍRIO — Não é bem êsse o caso, General!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, 424

GENERAL — (*mais queimado*). O sr. está então por acaso querendo insinuar que minha filha não é atraente o bastante para entusiasmar um homem?

PORFÍRIO — General, eu tinha prometido ao Joãozinho não contar nada a respeito dêsse caso. Mas agora eu já fui empurrado até muito perto do altar, de modo que sou forçado a quebrar minha promessa. Daisy morava, não comigo, mas com o Joãozinho.

GENERAL — Mesmo que isso fôsse verdade, continua inteiramente inexplicável essa pureza de minha filha.

PORFÍRIO — Acontece que o Joãozinho tem o grave defeito de ser um rapaz direito.

GENERAL — Bem, vamos ver isso por partes. Primeiro. Como é que você pode provar que Daisy não morava com você e sim com o Joãozinho?

PORFÍRIO — Vou lhe responder também por partes. Primeiro. O sr. já percebeu que nas novelas policiais o assassino não é nunca aquêle que tá na cara que devia ser?

GENERAL — Já.

PORFÍRIO — E quem é normalmente o assassino?

GENERAL — O mordomo.

PORFÍRIO — Que é o tipo do sujeito que é um verdadeiro doce de côco e que ninguém desconfiava, não é?

GENERAL — Exatamente.

PORFÍRIO — Muito bem. Pois no nosso caso, o mordomo é o Joãozinho. (*pausa*). Segundo. Que é que todo mundo diz que eu sou?

GENERAL — Um libertino.

PORFÍRIO — E o sr. acha que um libertino que se preza, um sujeito que tem um horror mortal ao casa-

mento, iria estar morando com uma môça numa vida em tudo e por tudo semelhante a do casamento?

GENERAL — Realmente... Parece que não.

PORFÍRIO — Terceiro. Quando o sr. entrou no apartamento do Joãozinho, qual foi sua impressão?

GENERAL — Muito boa.

PORFÍRIO — E quando o sr. entrou no meu apartamento, qual foi sua impressão?

GENERAL — Uma respeitável bagunça.

PORFÍRIO — Uma salutar e respeitável bagunça masculina. Muito bem. Agora me diga uma coisa. O sr. considera sua filha uma relapsa?

GENERAL — Não.

PORFÍRIO — Então onde é que é mais provável que Daisy estivesse morando? No meu apartamento ou no do Joãozinho?

GENERAL — No do Joãozinho.

PORFÍRIO — Quarto e último. Quando o sr. estava procurando Daisy neste apartamento, o sr. chegou a ir até o banheiro?

GENERAL — Cheguei.

PORFÍRIO — E o que é que o sr. viu lá?

GENERAL — Apenas alguns jornais espalhados.

PORFÍRIO — (*inflamado*). E o sr. acha que há alguma mulher no mundo que permita ao marido ou ao amante êsse prazer humano e singelo de ler tranquilamente seus jornais?

GENERAL — De forma alguma.

PORFÍRIO — Então o sr. concorda que êsses benditos jornais são a prova definitiva da minha vida de solteiro?

GENERAL — Você me convenceu. Daisy morava com o Joãozinho. Mas como é que eu agora posso ter certeza de que êle não abusou de minha filha?



PORFÍRIO — Observando os seguintes detalhes. Um. O ar aparvalhado do Joãozinho, que é típico de rapaz direito. O vigarista tem um brilho fascinante no olhar que o sujeito honesto nunca tem. Dois. A preocupação de Joãozinho em querer ficar “bem” diante do sr. O libertino não se incomoda de ser considerado libertino. Três. A ansiedade desvairada de Daisy em querer casar e ter uma lua de mel. A môça que... já se encontrou na vida, também quer casar, mas com mais serenidade.

GENERAL — Isso significa uma mudança completa nos meus planos.

PORFÍRIO — Mas também significa que se acabaram as suas preocupações.

GENERAL — Só que Daisy volta a ficar sem nenhum marido à vista.

PORFÍRIO — Acima de tudo, General, o importante é que agora não se justifica mais o sr. andar sacando seu revólver por aí.

GENERAL — (*cordial*). Você é um patife de última classe, mas ainda assim eu quero explicar que se assumi uma atitude aparentemente violenta foi...

PORFÍRIO — Aparentemente?

GENERAL — ... Foi porque eu tenho uma estima e um amor imenso a minha filha. A mãe morreu quando ela tinha dois anos e você sabe que não é fácil para um pai substituir o seio materno.

PORFÍRIO — (*intencional*). Claro!

GENERAL — Nem tornei a me casar para me dedicar inteiramente a ela. E esta vida sôzinho foi me tornando cada dia mais austero.

PORFÍRIO — Todo sujeito só é um moralista.

GENERAL — Quando ela quis vir para o Rio, eu só concordei porque ela vinha morar na casa de uma

família conhecida. Mas agora vi que, mesmo assim, os perigos são muitos. Nunca se pode ter certeza de que ela vá encontrar sempre rapazes honrados e distintos como o Joãozinho. Há também os tipos como você. Por isso vou levá-la de volta p'ra minha companhia.

PORFÍRIO — (*despedindo-se dele*). Embora em matéria de amor o sr. seja o tipo do reacionário, eu até que gosto do senhor.

(*Nesse instante entra Joãozinho, cabisbaixo e amargurado*).

GENERAL — (*alegre, para Joãozinho*). Meu rapaz, já sei de tudo!

JOÃOZINHO — (*espantado*). Tudo?

PORFÍRIO — (*definitivo*). Graças a mim.

GENERAL — (*pomposo*). E devo dizer que admirei imensamente sua conduta irreprochável.

JOÃOZINHO — Irreprochável?

GENERAL — Não é todo dia que se encontra um gentleman como você, meu rapaz. Um gentleman com a retidão moral e o caráter que você demonstrou.

JOÃOZINHO — O sr. tá exagerando, General...

GENERAL — Não seja modesto. Você é um dos poucos que pode dizer com orgulho: eu sou um cavalheiro.

JOÃOZINHO — Mas general, eu não sou...

GENERAL — (*cortando*). Meu rapaz, no meu nome e no de minha filha...

JOÃOZINHO — (*nervoso*). General...

GENERAL — Eu quero lhe agradecer o fato de não ter feito aquilo que qualquer libertino teria feito.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 426

JOÃOZINHO — (*exasperado*). General, o que eu estou tentando dizer é que acabei de fazer exatamente aquilo que qualquer libertino teria feito.

GENERAL — (*perplexo*). Mas como é que o sr. pôde fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — Como? Da maneira tradicional!!!

PORFÍRIO — (*divertido*). Quando foi isso?

JOÃOZINHO — Agora... agorinha.

GENERAL — E eu que o julguei um cavalheiro.

PORFÍRIO — (*imitando o General*). Meu rapaz, meus parabéns.

GENERAL — Súcia de crápulas.

JOÃOZINHO — (*abatido*). Sou um canalha.

GENERAL — (*partindo para a porta*). Vou buscar minha filha. Vou imediatamente buscar minha filha.

(*Sai. Pausa. Joãozinho deixa-se cair numa poltrona arrasado*).

JOÃOZINHO — (*amargurado*). Que é que eu faço agora, Porfírio?

PORFÍRIO — (*tranqüilíssimo*). Ora, o caso também não é assim tão sério...

JOÃOZINHO — Eu me sinto o último dos canalhas.

PORFÍRIO — Obrigado. (*Porfírio começa a arrumar o apartamento*).

JOÃOZINHO — Obrigado por que?

PORFÍRIO — Porque assim, no máximo, eu poderei ser o penúltimo.

JOÃOZINHO — Brincadeira tem hora, Porfírio.

PORFÍRIO — E eu acho essa hora agora tão boa quanto qualquer outra.

JOÃOZINHO — Você não vê que eu me envolvi numa responsabilidade tremenda?

PORFÍRIO — Não vejo responsabilidade nenhuma. (*Porfírio pega o quadro "neste apartamento"... para recolocá-lo na parede*).

JOÃOZINHO — Você não pode compreender isso porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Comparado com o que vocês planejam e agem aqui, eu 'tou chegando à conclusão que eu sou um anjinho fugido de presépio.

JOÃOZINHO — Será que você não podia me ajudar em nada?

PORFÍRIO — (*definitivo*). Não. Caso você ainda não tenha percebido, eu agora vou pedir a vocês todos que sumam do meu apartamento e começo vida nova, meu velho. Longe de preocupações e, se Deus quiser, uma vida inteiramente sem moral. (*aciona um interruptor, que reduz a luz do ambiente. Em seguida liga a vitrola. Entra em bg uma marcha militar do gênero do hino dos fuzileiros navais americanos*).

JOÃOZINHO — Você não vai nem se interessar pelo que vai acontecer comigo?

PORFÍRIO — Que tal minha nova técnica?

JOÃOZINHO — Antigamente a música era romântica.

PORFÍRIO — Aí é que está. Música romântica é justamente o que a vítima está esperando. É um condicionamento muito elementar.

JOÃOZINHO — O que eu acho formidável é êsse acabamento profissional que você empresta a uma conquista.

PORFÍRIO — A marcha militar exerce uma influ-



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/12427

ência sub-liminar. A figura vai começando a ficar com vontade de assumir uma atitude heróica. E a tendência ao leito se torna uma consequência lógica irreversível.

JOÃOZINHO — Isso já é colocar uma cantada em termos de sistema filosófico.

PORFÍRIO — Você conhece a Mariusca?

JOÃOZINHO — Aquela boa, que não dá bola p'ra ninguém?

PORFÍRIO — Exatamente. Pois eu bolei uma técnica infalível para atraí-la a este apartamento.

JOÃOZINHO — Ela não quer nada.

PORFÍRIO — Quer. Eu sei que quer porque apliquei um teste psicológico. Perguntei a ela, se ela tivesse que ir à Europa, e se pudesse visitar somente uma cidade, qual cidade que ela escolheria. Ora, uma môça preocupada em estudos, responderia Roma. Uma romântica, diria Veneza. Mas ela respondeu Paris. O que revela suas tendências óbvias.

JOÃOZINHO — E o que é que você vai fazer?

PORFÍRIO — Começar a sair com ela.

JOÃOZINHO — Isso é o que todos têm feito.

PORFÍRIO — Mas com a diferença que eu não vou querer absolutamente nada. Vou pegá-la em casa, de automóvel, muito digno, passear um pouco e depois levá-la de nôvo em casa de automóvel, sem nem pedir p'ra segurar na mão.

JOÃOZINHO — Não 'tou vendo onde você quer chegar.

PORFÍRIO — Isso quatro, cinco, seis vêzes. Almoços, jantares, concertos de piano, convites p'ra assistir peças de Bertolt Brecht. Negócio cultural p'ra xuxu. E sem falar em sexo. Aí a coitadinha vai começar a ficar meio intrigada.

JOÃOZINHO — Puxa, êsse plano é a longo prazo.
PORFÍRIO — Mas funciona. Ela vai começar a pensar lá com seus botões. Que é que há com êssa cara, que canta tudo que é pequena e comigo não quer nada?

JOÃOZINHO — (*fascinado*). E vai achar que o defeito talvez seja dela. Que ela é que não é boa o bastante p'ra você.

PORFÍRIO — E vai passar a se oferecer. Vai falar com aquela boquinha linda assim bem juntinho da minha. E eu nem pelota.

JOÃOZINHO — Você vai traumatizar a garôta.

PORFÍRIO — Até o dia em que eu marcar um encontro aqui no meu apartamento. Ela vai vir rastejando. Implorando o meu amor. (*pausa*). O resto, eu deixo a sua imaginação completar.

JOÃOZINHO — (*fascinado*). Isso é que é vida. (*Porfírio desliga a vitrola*). (*amargurado*). Puxa, p'ra que é que eu fui inventar de ser um rapaz direito?

PORFÍRIO — Joãozinho, você tem que se convencer de uma coisa. Na vida, tudo que é bom, é pecado.

JOÃOZINHO — Uma coisa eu não posso perdoar meus pais.

PORFÍRIO — O que é?

JOÃOZINHO — Terem me dado uma formação moral tão sólida.

PORFÍRIO — Você ainda insiste nessas idéias "démodées"?

JOÃOZINHO — (*solene*). Depois do que eu fiz a única solução é o casamento.

PORFÍRIO — Joãozinho, eu vou te pedir uma coisa.

JOÃOZINHO — Fala.

PORFÍRIO — É que você tenha um pouco mais de



BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 2426

pudor e não fale em casamento com tanta naturalidade. Eu sou um sujeito muito sensível, sabe?

JOÃOZINHO — P'ra mim o mal não é tanto o casamento. O diabo é que ela é tão burrinha...

PORFÍRIO — (*intencional*). Eu até que acho uma menina muito viva...

JOÃOZINHO — Muito viva? Ah! Então eu sou um cérebro eletrônico. (*Pausa. Os dois param na posição em que estão. Em seguida vão virando lentamente o rosto um para o outro.*)

PORFÍRIO — Espera aí! De quem é que você está falando?

JOÃOZINHO — Da Loló, ora essa.

PORFÍRIO — Então foi com ela?

JOÃOZINHO — (*cabisbaixo*). Pois é. Foi com ela.

PORFÍRIO — Eu pensei...

JOÃOZINHO — E agora eu vou ter que casar com aquela mentecapta.

PORFÍRIO — Mas você sabendo como você pensa, como é que foi fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — A carne é fraca, Porfírio.

PORFÍRIO — E agora vai casar...?

JOÃOZINHO — (*dramático*). Não posso suportar a idéia de não casar e saber que causei a perdição de uma môça, que lancei no mundo uma infeliz.

(*Nesse instante abre-se a porta e entra Loló, com o ar mais feliz do mundo.*)

LOLÓ — (*sorridente para os dois*). Oba! (*pausa*).

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Até que ela não parece assim tão infeliz... Mas se você acha que deve casar...

JOÃOZINHO — (*cortando*). É uma questão de foro íntimo.

PORFÍRIO — Já sei, que eu não posso compreender porque...

LOLÓ — (*cortando com ar de quem descobriu a pólvora*). Porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Loló, o que me impressiona é a originalidade das tuas conclusões.

(*Nesse instante abre-se a porta e entra o General puxando Daisy pelo braço.*)

GENERAL — (*solene*). Meus senhores, tenho uma revelação a fazer. Perdi a confiança em minha filha. Porque depois da confissão completa do Joãozinho, ela ainda insiste em querer defender sua pureza.

PORFÍRIO — Acontece que houve um engano, General.

DAISY — Eu bem que disse a papai que tinha havido um engano. Não era possível. Eu não me lembrava de nada. E isso é o tipo da coisa que não pode acontecer sem a gente se lembrar.

GENERAL — Qual foi o engano?

PORFÍRIO — A pureza perdida no caso não foi a de sua filha, e sim a de nossa vizinha aqui presente.

DAISY — O quê? Quer dizer que eles dois...

PORFÍRIO — É.

GENERAL — Quer dizer que minha filha ainda...

PORFÍRIO — Ainda.

DAISY — E agora? Que é que vai acontecer?

PORFÍRIO — Agora Joãozinho e Loló vão se casar.

DAISY — (*indignada*). É o fim! O fim do final!

PORFÍRIO — Eu disse a você.



BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0726, p 429

DAISY — Disse o quê?

PORFÍRIO — Que êsse era um plano que funcionava com a precisão de um relógio suíço.

GENERAL — Bom, então... Está tudo resolvido.

DAISY — Joãozinho, fique sabendo que você caiu no meu conceito.

GENERAL — Mas minha filha, êle vai remediar o mal casando com Loló.

DAISY — O problema não é êsse. O fato é que o mínimo de consideração que êle podia ter comigo, era me dar prioridade.

LOLÓ — *(de boca mole)*. Quem vai ao vento perde o assento.

PORFÍRIO — Depois dessa frase bíblica da Loló, eu acho que você não tem outra solução senão se conformar, minha cara Daisy.

DAISY — Não. Antes eu quero ver o que Joãozinho tem a me dizer.

GENERAL — *(consolando)*. Conforme-se, minha filha, conforme-se. Loló teve apenas mais sorte que você. Só isso.

DAISY — *(imperativa)*. Fala, Joãozinho.

JOÃOZINHO — Bem, você sabe... Nós saímos juntos daqui. Loló estava magoada com que o Porfírio tinha dito a ela. Aí ela começou a chorar... Aí eu comecei a consolá-la... Aí ela chorou mais... Você sabe como é. Eu sou um sujeito de coração mole. Não sei resistir a lágrimas de mulher.

GENERAL — Bem amigos, o que passou, passou. E agora chegou o momento da separação. Daisy e eu voltamos hoje mesmo para Minas. *(para Joãozinho e Loló)*. P'ra vocês, meus votos de felicidades.

JOÃOZINHO — Obrigado, General.

GENERAL — E você, Porfírio, veja se segue o exemplo de Joãozinho.

PORFÍRIO — Boas festas, General.

GENERAL — *(encaminhando-se para Daisy)*. Eu vou descer que eu ainda tenho que fazer umas compras. Enquanto isso você pega as suas roupas lá no apartamento do Joãozinho. Depois desce que eu estarei te esperando lá em baixo.

DAISY — Está bem, papai! *(o General encaminhando-se para a porta)*.

GENERAL — *(da porta)*. Bom amigos, até mais ver então. *(sai)*.

PORFÍRIO — JOÃOZINHO — LOLÓ — *(juntos)*. Tchauzinho. Até a vista, General. Até logo, General.

DAISY — *(zangada)*. Joãozinho, você quer então devolver minhas roupas?

JOÃOZINHO — Pois não. *(sacm Joãozinho e Daisy. Pausa)*.

PORFÍRIO — *(ar honesto)*. Loló, nós andamos discutindo um pouco *(aciona o interruptor que reduz a luz do ambiente)*, mas eu não quero que você me compreenda mal. Na verdade eu gosto de você. Você é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei. *(liga a vitrola, entra a marcha militar em bg)*.

LOLÓ — *(admirada)*. Eu, é?

PORFÍRIO — E isso não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

LOLÓ — Por que é que você 'tá falando tão macio?

PORFÍRIO — Porque eu sou muito diferente do que você me julga. No fundo eu sou um romântico. E tôdas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.



BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728/P 430

LOLÓ — Defesa de que?

PORFÍRIO — Do meu próprio subconsciente.

LOLÓ — Próprio o que? Não entendi, não. (*ligeira pausa*). Que música é essa?

PORFÍRIO — (*com ar de rapôsa*). Uma música, ué. Uma música como outra qualquer. O que é que ela te dá vontade de fazer?

LOLÓ — Sair marchando.

PORFÍRIO — (*rápido e aliciante, ajeitando o sumier*). Marchando em direção a que? (*ligeira pausa*).

LOLÓ — Não sei... Sair marchando. Sair marchando.

PORFÍRIO — (*ajeitando melhor o sumier*). Então... Saia marchando.

(*Loló sai marchando em direção à porta, abre a porta e sai de cena, sempre marchando*).

PORFÍRIO — (*sêco e imperativo*). Alto. (*Loló pára*). Meia volta, volver! (*ouve-se o barulho dos pés de Loló fazendo meia volta, fora de cena. Porfírio aciona o interruptor. A luz volta ao normal*). Loló, você quer fazer a gentileza de voltar aqui p'ra dentro?

LOLÓ — (*entrando, um pouco intimidada*). Que foi que eu fiz de errado?

PORFÍRIO — (*contido*). Nada, Loló. (*desliga a vitrola*). Vamos começar de novo. Loló, que é que você acha da injustiça?

LOLÓ — É ruim, não é?

PORFÍRIO — É bárbaro. Agora me diga uma coisa. Você acharia justo, se você fôsse andando pela rua e visse dois pobres, dar um conto de réis a um dos pobres e não dar nada ao outro?

LOLÓ — Não... Não 'tava certo.

PORFÍRIO — Pois o que você está fazendo com o Joãozinho e comigo é exatamente isso.

LOLÓ — P'ra que é que você 'tá me dizendo isso?

PORFÍRIO — P'ra ver se você se revolta contra êsse abominável estado de coisas e se anima a tomar uma providência.

LOLÓ — Providência p'ra que?

PORFÍRIO — P'ra gente aproveitar melhor êsse tempo que nós temos agora.

LOLÓ — Aproveitar como?

PORFÍRIO — Loló, eu vou te dar um outro exemplo, p'ra ver se você me compreende melhor. Você algum dia já viu uma criança pálida e triste espiando um doce na vitrine de uma confeitaria?

LOLÓ — Já.

PORFÍRIO — É uma cena de levar lágrimas até aos olhos de um coveiro, não é?

LOLÓ — É triste p'ra xuxu.

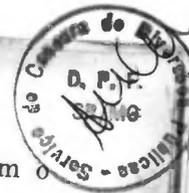
PORFÍRIO — Muito bem. E qual é o impulso ético e humano de uma criatura de bom coração diante dessa cena? (*Pausa. Loló continua com ar apavorado*). Que é que você faria?

LOLÓ — Dava o doce à criança.

PORFÍRIO — Exatamente. Pois nessa novela que eu acabei de contar, a distribuição de papéis é a seguinte. A criança pálida e triste sou eu. O doce é você.

LOLÓ — Você não tem cara nem pálida nem triste.

PORFÍRIO — Isso é o que você pensa. Eu juro que vivo aqui numa melancolia profunda, tão solitário, amargurado e triste que, puxa, quando eu penso no meu caso, morro de pena de mim mesmo. (*ligeira pausa*).



LOLÓ — (*meio em dúvida*). Nada... Isso é conversa tua.

PORFÍRIO — Conversa? Mas eu não sou de conversa. Eu não prometi que fazia o Joãozinho casar com você?

LOLÓ — Prometeu.

PORFÍRIO — E agora êle não vai casar?

LOLÓ — Vai.

PORFÍRIO — Então como é que você pode dizer que eu sou conversa?

LOLÓ — Mas você não ajudou nada p'ra êsse casamento. Foi tudo um esforço meu.

PORFÍRIO — Mas eu influenciei o Joãozinho. É a mim que você deve agradecer a possibilidade dêsse esforço. E agora você quer me fazer essa ingratidão...

LOLÓ — Eu não sou ingrata.

PORFÍRIO — Pois prove isso. Depois de eu ter te arranjado um casamento, você tem obrigação de também me fazer alguma gentileza. Na vida tudo é reciprocidade.

LOLÓ — Mas qual é a gentileza que você quer que eu faça?

PORFÍRIO — Eu já não te disse que eu sou um amargurado?

LOLÓ — Já.

PORFÍRIO — E você não acha que a gente deve dar momentos de alegria aos amargurados?

LOLÓ — Lá isso deve.

PORFÍRIO — E qual é o melhor momento de alegria que você pode me dar? (*ligeira pausa*).

LOLÓ — Ah, não vem com pergunta assim de sopenção que eu me atrapalho tôda.

PORFÍRIO — (*desanimado*). Assim não é possível.

LOLÓ — (*iluminada*). Já sei. Dar um conto de réis a um pobre?

PORFÍRIO — (*subindo em tom*). Não, Loló.

LOLÓ — Te dar um doce de presente?

PORFÍRIO — (*exasperado*). Desde que êsse doce seja você, tá me entendendo? Desde que êsse doce seja você.

LOLÓ — (*em tom seguro*). Ah, então era isso que você queria dizer com aquela história de aproveitar melhor o tempo?

PORFÍRIO — (*ainda exasperado*). Exatamente, Loló.

LOLÓ — (*também nervosa*). Então porque é que você não disse logo?

PORFÍRIO — Está dito agora. (*pausa*).

LOLÓ — (*baixo novamente*). É... mas não pode ser.

PORFÍRIO — (*controlado*). Não pode por que?

LOLÓ — Por causa do Joãozinho.

PORFÍRIO — Joãozinho não tem nada a ver com êsse meu momento de alegria.

LOLÓ — Tem sim.

PORFÍRIO — Por que?

LOLÓ — Porque tem. Joãozinho não ia gostar.

PORFÍRIO — Mas a gente não vai sair espalhando a coisa por aí. Ele não vai saber. E uma pessoa não pode não gostar de uma coisa que não chegou a saber. Você, por exemplo, não pode ficar amolada por ter perdido um broche, se você não chegar a reparar que perdeu êsse broche.

LOLÓ — Eu perdi um broche? Quando?

PORFÍRIO — (*de novo exasperado*). Não Loló, isso foi uma comparação. Escuta. P'ra gente chegar a alguma conclusão, você tem que acompanhar meus raciocínios.



LOLÓ — (*ofendida*). Você 'tá querendo me chamar de burra, é?

PORFÍRIO — Não, Loló. Como é que você foi pensar uma barbaridade dessas?

LOLÓ — 'Tá sim. Você 'tá querendo me chamar de burra. Agora eu percebi muito bem. E eu admito tudo, menos isso. Vou-me embora.

PORFÍRIO — Loló, onde é que está o seu espírito de solidariedade humana? Você não pode ir embora agora.

LOLÓ — (*chorosa*). Vou sim. Você me magoou e eu vou-me embora lá p'ra baixo.

(*Encaminhando-se para a porta*).

PORFÍRIO — Mas Loló...!

LOLÓ — (*da porta*). E só volto quando o Joãozinho voltar (*sai*).

PORFÍRIO — (*furioso, sozinho, andando de um lado para outro*). O que é que há? O que é que há comigo?

(*Nesse instante abre-se a porta e entra Joãozinho*).

JOÃOZINHO — (*patético da porta*). Porfírio, sou um desgraçado.

PORFÍRIO — Desgraçado sou eu. Joãozinho, me diz com toda sinceridade. Você me acha repulsivo?

JOÃOZINHO — Você é um encanto. Eu é que sou um desgraçado.

PORFÍRIO — O seu problema já está todo resolvido.

JOÃOZINHO — Não 'tá não.

PORFÍRIO — P'ro seu raciocínio simplório, casando com a Loló, você não tem mais dramas.

JOÃOZINHO — Tenho sim.

PORFÍRIO — Você já 'tá exagerando nessa história de querer ser um rapaz direito.

JOÃOZINHO — Ninguém me compreende.

PORFÍRIO — (*olhando para a porta*). O que eu compreendo é que há certas vítimas que não estão à altura da beleza de uma cantada psicológica.

JOÃOZINHO — Meu caso não tem solução.

PORFÍRIO — Esta senhora é uma ameba. Uma ameba. E como é que a gente vai convencer uma ameba a dormir com a gente?

JOÃOZINHO — Sou um infeliz.

PORFÍRIO — Basta desse negócio de você ser um infeliz. Eu é que acabei de desonrar pela segunda vez a reputação desse apartamento.

JOÃOZINHO — Mas eu estou com um tremendo problema de consciência.

PORFÍRIO — Pois eu estou exatamente atrás de um problema de consciência igual ao teu.

JOÃOZINHO — Eu sabia que você não ia compreender...

PORFÍRIO — Mas já não está tudo dito e explicado?

JOÃOZINHO — Acontece, Porfírio, que quando Daisy foi buscar as roupas lá no meu apartamento, ela começou a chorar...

PORFÍRIO — (*atônito*). Continua.

JOÃOZINHO — E você sabe que eu não sei resistir a lágrimas de mulher. (*pausa. A fisionomia de Porfírio se contrai. Ele se aproxima até ficar bem junto de Joãozinho*).

PORFÍRIO — (*como que cuspiendo no rosto do outro*). Libertino!



JOÃOZINHO — Mas Porfírio, você não imagina como eu estou sofrendo.

PORFÍRIO — Libertino, sim senhor! Enquanto eu fico aqui numa vida ascética de monge budista, você andá se esbaldando por aí. Devasso! Corrupto e corruptor!

JOÃOZINHO — Não Porfírio, eu sou um rapaz direito!

PORFÍRIO — Você não tinha lenço no seu apartamento?

JOÃOZINHO — Tinha, mas...

PORFÍRIO — Então porque é que você não deu um lenço a Daisy quando ela começou a chorar? Mas não! Você tinha que se demonstrar mais humano e solidário com o sofrimento dela, não é? Eu só espero que minhas irmãs nunca encontrem um rapaz tão humano e solidário quanto você. Descarado!

JOÃOZINHO — Mas Porfírio, você sempre achou isso uma coisa tão normal e salutar...!

PORFÍRIO — Quando era comigo. Você não espera que eu vá gastar a MINHA filosofia p'ra explicar o SEU sem-vergonhismo.

JOÃOZINHO — Mas eu quero remediar tudo.

PORFÍRIO — Como? Remediar tudo como? Eu só quero saber o que é que você pretende fazer agora diante dessa dupla responsabilidade, dessa dupla amargura, dêsse duplo drama de consciência.

JOÃOZINHO — Pois é. Isso é que eu não sei.

PORFÍRIO — Case com as duas. Com uma no Uruguai e com a outra na Argentina. Depois passe as segundas, quartas e sextas com a Daisy e as terças, quintas e sábados com a Loló. Mas os domingos deixe livre. Deixe livre p'ra assistir filmes românticos. E

quando as mocinhas da platéia começarem a chorar, traga tôdas elas aqui p'ro seu apartamento.

JOÃOZINHO — Você está sendo injusto, Porfírio.

PORFÍRIO — (*ainda furioso*). Ou então nem entre no cinema. Vá só p'ra fila. Vá p'ra fila e comece a cortar uma cebola.

JOÃOZINHO — Você está sendo injusto e cruel. Eu estou num momento de intenso sofrimento moral e preciso justamente da ajuda de um amigo como você.

PORFÍRIO — Joãozinho, meta uma coisa na cabeça. A única coisa que eu ainda pretendo fazer por você na vida, é segurar a alça do teu caixão no cemitério. Mais nada.

JOÃOZINHO — Mas como é que eu vou contar o caso ao General?

PORFÍRIO — Usando tato e habilidade. Dê um tapinha nas costas dêle e diga: General, sua filha, bau... bau...! E quando êle disparar o revólver, abra bem a bôca, p'ra ver se você engole depressa a bala, antes dela te estourar o crânio.

JOÃOZINHO — Isso não é hora para brincadeira.

PORFÍRIO — Você não sabe como eu estou falando sério, meu caro Joãozinho. Como eu estou falando sério...

JOÃOZINHO — Você não compreende que se eu casar com a Loló, vou me sentir eternamente responsável pela perdição da Daisy, e se eu me casar com a Daisy, a Loló é que não me dará paz à consciência.

PORFÍRIO — Não case com nenhuma, então. E mande as duas chorar as mágoas aqui no meu apartamento.

JOÃOZINHO — Eu só queria uma coisa de você, Porfírio.



PORFÍRIO — Pode dizer que eu terei o máximo prazer em NÃO fazer.

JOÃOZINHO — Eu vou trazer a Daisy p'ra cá. E depois, se o General vier também, eu só queria que você saísse um pouco com a Daisy, p'ra eu ter minha conversa a sós com o General. Só isso.

PORFÍRIO — Você tem certeza que o que você quer não é que eu saia com o General, p'ra você ter outra conversa a sós com a Daisy?

JOÃOZINHO — Porfírio, depois disso eu juro que não te incomodo nunca mais.

PORFÍRIO — *(após certa hesitação)*. Vá lá. Mas olha. Toma cuidado quando você der a notícia ao General. Ele pode também querer chorar...

JOÃOZINHO — Até já, Porfírio. *(sai)*

(Porfírio fica sozinho em cena. Vai até a vitrola. Ouve-se a marchinha "a vida de casado é boa... mas a vida de solteiro é melhor". Porfírio dá um suspiro de satisfação e vai ao sumier, onde se deita para repousar. Nesse instante abre-se a porta suavemente e entram o General e Loló sorrateiros e cabisbaixos. Entram, fecham a porta e ficam postados de pé na entrada com o ar mais culpado do mundo).

PORFÍRIO — *(do sumier, virando a cabeça)*. Ah, vocês estão aí? *(o General e Loló nada respondem. Porfírio levanta-se, vai até a vitrola e desliga-a)*.

74

PORFÍRIO — *(na vitrola)*. Vocês se encontraram lá embaixo? *(o General e Loló continuam em silêncio e de cabeça baixa)*.

PORFÍRIO — *(guardando o disco)*. Eu estava aqui ouvindo essa musiquinha p'ra repousar um pouco e... *(Porfírio pára de estalo a frase e o que está fazendo. Está com uma expressão de quem de repente entendeu tudo. Vira-se lentamente e vai se encaminhando para o General e Loló)*.

PORFÍRIO — *(a princípio em tom baixo e em seguida subindo em volume a dramaticidade)*. Não. Não! Não!!!

(General e Loló continuam de cabeça baixa e em silêncio).

PORFÍRIO — Vocês não vão me dizer que vocês dois... *(General faz que "sim" com a cabeça)*.

PORFÍRIO — O que me impressiona é a rapidez com que vocês agem.

GENERAL — Você sabe, Porfírio...

PORFÍRIO — *(furioso)*. Não precisam dizer nada. Já sei. Já sei de tudo. Loló chegou lá embaixo chorando, não foi?

GENERAL — Pois é. E agora é que eu compreendi como o Joãozinho é um rapaz de bons sentimentos.

PORFÍRIO — Bons sentimentos? Então eu sou um São Francisco!

GENERAL — A gente não pode resistir, Porfírio. É uma coisa de partir o coração, quando ela começa a chorar.

PORFÍRIO — Vocês precisavam ser menos emotivos, sabe?

75



BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 435

GENERAL — É uma coisa que você não pode compreender, Porfírio, porque você é um...

PORFÍRIO — (*cortando, furioso*). Porque eu sou o que? Diga, se tem coragem. Porque eu sou o que?

GENERAL — (*intimidado*). Porque você... bem, não tem uma sensibilidade assim tão nobre e apurada quanto a nossa.

PORFÍRIO — (*furioso*). Eu sou um puro. Uma criança. Uma criança perdida numa noite de tempestade. Tudo o que me sobra em teoria, vocês estão aí firmes, pondo em prática.

GENERAL — A questão, Porfírio, é que eu estou agora com um problema.

PORFÍRIO — Pois estimo que o senhor continue com êle.

GENERAL — Não sei como contar o caso ao Joãozinho. Você sabe... Isso é um assunto delicado. Afinal de contas, Loló é noiva dêle.

PORFÍRIO — Mas o senhor pretende contar o caso ao Joãozinho?

GENERAL — Claro. Lembre-se que eu sou um homem honrado.

PORFÍRIO — (*irônico*). Ah, perdão. Eu tinha me esquecido.

GENERAL — E aí é que eu precisava de um grande favor teu, Porfírio.

PORFÍRIO — (*apreensivo*). Qual?

GENERAL — É que quando eu fôsse contar o caso ao Joãozinho, você saísse um pouco com a Loló. Você compreende... P'ra eu e êle termos nossa conversa a sós.

PORFÍRIO — 'Tá O.K. Eu agora topo tudo.



(Nesse momento abre-se a porta e entram Joãozinho e Daisy).

JOÃOZINHO — (*meio sem jeito*). Ah, General, o sr. está aí?

GENERAL — (*ultra-amável*). Estava justamente te esperando, meu rapaz.

JOÃOZINHO — (*solícito*). Ora, General, mas o sr. não devia se incomodar...

GENERAL — É sempre um prazer falar com você, meu rapaz.

DAISY — Puxa, papai, você 'tá um bocado gentil, hem?

GENERAL — Joãozinho merece, minha filha. Joãozinho merece.

PORFÍRIO — Bem, eu vou dar uma volta por aí. (*intencional*). Daisy e Loló, vocês não querem vir comigo? (*sai*)

GENERAL — Vai, Loló. Vai passear com o Porfírio.

JOÃOZINHO — Acho melhor você também ir, Daisy. (*saem Daisy e Loló*).

(o General e Joãozinho ficam parados um diante do outro. Sorriem constrangidos).

GENERAL E JOÃOZINHO — (*juntos*). Sente-se General. Sente-se Joãozinho. (*sorriem novamente e sentam. Pausa*).

JOÃOZINHO — O senhor está bem acomodado, General?

GENERAL — Muito bem. Muito bem. Você é que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, 1236

parece que está numa posição um pouco incômoda. *(pega uma almofada que estava em uma poltrona)*.

JOÃOZINHO — Não senhor, está ótimo.

GENERAL — Ponha essa almofada nas costas, meu rapaz. *(levanta-se para colocar a almofada nas costas de Joãozinho)*.

JOÃOZINHO — Ora General, não se incomode...

GENERAL — Não, mas eu insisto.

JOÃOZINHO — Obrigado então, General. *(General senta novamente. Pausa)*.

GENERAL E JOÃOZINHO, — *(juntos)*. General... Joãozinho...

(Quando vêem que falam juntos, param novamente).

JOÃOZINHO — Pode falar, General.

GENERAL — Não, fale primeiro.

JOÃOZINHO — Dessa vez sou eu que insisto, General. O sr. é mais velho.

(O General ajeita-se na cadeira).

GENERAL — Joãozinho, você sabe que eu sou um homem vivido.

JOÃOZINHO — Claro, General.

GENERAL — E uma coisa eu aprendi na vida.

JOÃOZINHO — *(ultra solícito)*. Claro, General.

GENERAL — Foi a compreender certos deslizes que as criaturas às vezes cometem.

JOÃOZINHO — Puxa, General, o sr. não imagina como eu fico satisfeito do senhor dizer uma coisa dessas.

78

GENERAL — Eu é que fico satisfeito de ver a sua compreensão.

(Nesse instante abre-se a porta e entra Porfírio).

PORFÍRIO — *(entrando)*. Joãozinho, você quer vir até cá? *(leva Joãozinho para um canto e cochicha qualquer coisa no ouvido dele. Joãozinho franze a testa e cochicha também. Porfírio cochicha novamente para Joãozinho e então êste, meio a contragosto, entrega ao outro um molho de chaves. Porfírio agradece e sai)*.

GENERAL — Êle é um bom rapaz. É pena que seja tão devasso.

JOÃOZINHO — Mas continue, General. O senhor ia dizendo que estava pronto a compreender um deslize que alguém tivesse tido com sua filha...

GENERAL — Bem, eu não estava me referindo exatamente a minha filha. Eu falava, por exemplo, de um deslize que alguém tivesse tido com a noiva de alguém...

JOÃOZINHO — Ah, era com a noiva?

GENERAL — Por que é que havia de ser com a filha?

JOÃOZINHO — General, eu tenho uma coisa a lhe dizer, mas não sei como explicar.

GENERAL — Diga, que a gente depois encontra a explicação.

JOÃOZINHO — General... O fato é que eu e sua filha... tivemos um deslize. *(pausa)*

GENERAL — Bem, afinal de contas a gente tem que compreender que o deslize é o único método p'ra uma môça de família ter certeza do seu amor por um

79



BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P 437

rapaz. Só quando ela está disposta a deslizar com ele sobre os limites da moral é que o amor é verdadeiro.

JOÃOZINHO — Essa explicação está ótima, General. Continue.

GENERAL — Aliás, os limites da moral provavelmente foram feitos p'ra isso mesmo. P'ra servir de termômetro da intensidade do amor das môças de família.

JOÃOZINHO — Eu não podia esperar que o sr. fôsse mais compreensivo.

GENERAL — Mas agora chegou a sua vez.

JOÃOZINHO — De ser compreensivo?

GENERAL — De me arranjar uma boa explicação.

JOÃOZINHO — P'ra que?

GENERAL — P'ro fato da fidelidade de certas noivas não ser tão canina quanto seria desejável.

JOÃOZINHO — General, o sr. sabe, depois do casamento, a traição é um choque brutal e sem remédio. Mas, entre noivos, é uma coisa que tem até um certo sabor de aviso preventivo. Aviso de que aquêlê casamento não ia mesmo ser feliz. Por isso, General, do fundo do meu coração, eu lhe agradeço ter seduzido minha noiva.

GENERAL — Ora, não há de que, meu rapaz. Não há de que. Mas agora me diga uma coisa. (*solene*). Quais são as suas intenções em relação a minha filha?

JOÃOZINHO — As mesmas que a sua em relação a minha noiva.

GENERAL — (*ainda solene*). Faremos então um duplo casamento.

JOÃOZINHO — (*mesmo tom*). Porque somos dois homens honrados.

GENERAL — (*mesmo tom*). Parabéns, meu rapaz.

JOÃOZINHO — (*mesmo tom*). Parabéns, General.

(Pausa).

GENERAL — (*desfazendo a pôse*). Puxa, até que foi bem mais fácil do que eu pensei. Ainda bem que você também tinha um deslize p'ra contar...

JOÃOZINHO — Nada como dois deslizes p'ra unir duas pessoas...

GENERAL — Onde estarão as meninas?

JOÃOZINHO — Devem estar no meu apartamento, porque Porfírio veio cá me pedir a chave.

GENERAL — O que? Você entregou a chave do seu apartamento àquele libertino, sabendo que ele estava com nossas noivas?

JOÃOZINHO — Bem, mas ainda não deu tempo de ter acontecido nada.

GENERAL — Nunca se sabe. Nunca se sabe. (*nesse instante abre-se a porta e entram Daisy e Loló*).

GENERAL — Ué, vocês estão aí?

LOLÓ — E ouvimos tudo.

DAISY — E vamos querer a maior lua de mel. (*elas se atiram aos braços de seus respectivos noivos*).

JOÃOZINHO — Mas o que foi feito do Porfírio?

DAISY — Ele parece que ficou meio matusquela.

LOLÓ — (*de boca mole*). Logo que nós saímos...

Imagina só o que ele fez. Mandou a gente parar aí

no corredor e disse p'ra eu abrir bem a vista. (*abre desmesuradamente os olhos e a seguir fala rápido*).

Aí ele soprou com tôda a fôrça dentro do meu ôlho!

(*abre-se a porta e entra Porfírio*).

GENERAL E JOÃOZINHO — (*juntos para Porfírio*). Canalha!

DAISY — Eu não entendi p'ra que é que ele fez isso!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07281R.438

JOÃOZINHO — P'ra fazer ela chorar.
GENERAL — (*intencional*). P'ra fazer ela chorar, 'tá compreendendo?
PORFÍRIO — Basta!
LOLÓ — (*rápido*). Mas eu não chorei!
PORFÍRIO — Rua!
DAISY — Eu também não!
PORFÍRIO — Fora todo mundo!
GENERAL — Vamos embora mesmo! Não temos mais nada a fazer aqui na toca dêsse libertino!
JOÃOZINHO — Vamos!

(*Saem todos quatro. Porfírio fica sozinho. Dá um suspiro de alívio e, quando vai sentar, toca a campainha da porta. Indignado, Porfírio pega uma garrafa e parte para a porta, com atitude agressiva. Ao abrir a porta, ouve-se uma voz de mulher, fora de cena.*)

VOZ — (*off*). (*uma mão entrega um embrulho*). Sô Porfírio, vim trazer a roupa!
PORFÍRIO — (*abaixando a garrafa e recebendo o embrulho*). Quanto é?
VOZ — (*off*). Quinhentos mil réis.
PORFÍRIO — (*saindo para o banheiro, com o embrulho*). A senhora tinha dito que era trezentos.
VOZ — (*off*). É, mas agora é quinhentos mesmo. (*pequena pausa*). (*a luz ambiente se reduz*) Porfírio entra de nôvo em cena e vai a vitrola, ouve-se a marcha militar).

82

PORFÍRIO — (*em tom melifluo*). Dona Florisbela, nós andamos discutindo um pouco, mas eu não quero que a senhora me compreenda mal. A senhora é do tipo da mulher bonita, de personalidade e de um coração que eu sempre admirei...
VOZ — (*off, espantadíssima*). Que é isso, sô Porfírio?
PORFÍRIO — (*já quase delirante*). Não, no duro. A senhora tem um encanto pessoal, um carinho envolvente que seduz qualquer pessoa.
VOZ — (*off*). Cruz credo! Até logo, sô Porfírio! Até loguinho!



(*Ouve-se o ruído de passos se afastando. Arrasado, Porfírio se encaminha para apanhar alguma coisa debaixo do sumier, quando entra Joãozinho, rápido e ofegante.*)

JOÃOZINHO — Porfírio, preciso falar com você!
PORFÍRIO — (*tirando uma pequena valise debaixo do sumier, em tom entre dramático e heróico*). Adeus, Joãozinho!
JOÃOZINHO — Mas Porfírio, p'ra onde é que você vai?
PORFÍRIO — (*saltando para a platéia e saindo pelo corredor entre as poltronas*). Vou-me embora p'ra casa da mamãe!!!

(*E assim cai o pano sôbre o terceiro ato, com a figura de Joãozinho perplexo, no centro do palco.*)

83

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072081 4399

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SUP. REG. M. GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER nº 123/ / 82

TÍTULO : " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

A U T O R : GLÁUCIO GIL

CLASSIFICAÇÃO:ETÁRIA:- 18 ANOS (COND. AO ENSAIO GERAL)

RESERVADO

Comparando o texto original da peça teatral: " Toda donzela tem um pai que é uma fera ", de autoria de Gláucio Gil, com o texto liberado pela DCDP, constatei serem eles idênticos, exceto nas descrições de cena, presentes apenas no texto original, fato que em nada altera a faixa etária dada originalmente, que sugiro seja mantida: 18 anos.

Belo Horizonte, 27 de setembro de 1982

Ana Maria Coelho Montes

Ana Maria Coelho Montes

Téc. de Censura



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Relatório Nº 084/82 SCDP/SR/MG

Do: Chêfe da Seção de Coordenação e Controle

Ao: Chefe Substituto do SCDP/SR/MG

Assunto: Relatório de ensaio geral (Encaminha)

Cumprindo Ordem de Missão Nº 184/82 SCDP/SR/MG, compareci no dia 17/12/82, às 10 horas ao Teatro Imprensa Oficial para assistir ao ensaio geral da peça teatral: " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA ", de autoria de Gláucio Gil, com faixa etária de 18 anos , fornecida pela DCDP.

Trata-se de um espetáculo cômico, narrando as trapalhadas de dois jovens, às voltas com um general, pai de Dayse, jo vem com quem um dos rapazes morava, tendo sido criado um mal entendido, onde o pai da jovem pensa que sua filha está amasiada com o rapaz, e quer casá-los de todo jeito.

Vários mal entendidos são então criados, tendo Joãozinho, o jovem com quem Dayse morava criado uma situação, onde quem aparece como culpado é Porfírio, o outro rapaz.

Após várias complicações, tudo chega ao seu lu gar, sendo que até o general se apaixona e resolve se casar com Loló, vi zinha de Porfírio, que participara também da trama.

O cenário e o figurino da peça estavam de acor do com as normas censórias.

Trata-se de um grupo amador, sem maiores pre tensões, cujo desempenho deixa muito a desejar, o que tira muito da ma lícia da comédia. Por isto, sugiro para esta montagem o rebaixamento da faixa etária para maiores de 16 anos.

B. Hte. 17/12/82

Ana Maria Coelho Montes - Téc. Cens



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

0728, P. 442

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

ORIGINAL DE GLÁUCIO GIL

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de FEVEREIRO de 19 83

~~TEMPERÃO ADULTA~~

B. Hte. 18 de DEZEMBRO de 19 82
Brasília,

PROIBIDO
ATÉ
— 16 ANOS —

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Original de GLÁUCIO GIL

Tradução de XXXXX

Adaptação de XXXXX

Produção de VIVENDA (DEPTO. DA FRATERNIDADE IRMTO GLACUS)

Requerida por EWALD SANTOS MIDDELDORF

Tendo sido censurada em 18 de DEZEMBRO de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: 16 ANOS

B. Hte. 18 de DEZEMBRO de 19 82
Brasília,

Sra Maria Coelho Leites

Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

TÍTULO TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

AUTOR: GLÁUCIO GIL

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça SCDP/SR/MG

Obs.: _____

DF. 030 / 01 / 83 / _____

Consolação
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, sem cortes, sendo incluído no sistema do ensino.

Obs: ver Provisório - SR/MG
LE 04 de 01 de 19 83

Brasília - DF de _____ de 1.97

Ob. Impropriedade reduzida de 18 p/16 anos
11. Complexidade do tema

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de P.T. para o qual os censores propõem a classificação etária de 16 anos

Brasília-DF, 06 de 01 de 19 83

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 06 / 01 / 19 83

Solange M. T. Fernandes

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP

11 de janeiro de 1983

0078/82-SE/DCDP

Minas Gerais

"O PONTO PELADO" de Juliana Simões; "A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA" de Mário Brasini; "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Cláudio Gil e "BARREADO" de Ana Eliza Gregori.

Atenciosamente,

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07281 P 446

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 154

PEÇA "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

ORIGINAL DE GLÁUCIO GIL

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

COMPLEXIDADE DO TEMA

VÁLIDO ATÉ 06 de JANEIRO de 19 88

Brasília, 06 de JANEIRO de 19 83

16

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

Solange M. F. Fernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada TODA DONZELA TEM UM PAI QUE E UMA FERA

Original de GLÁUCIO GIL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de VIVENDA (DEPTO. DA FRATERNIDADE IRMÃO GLACUS)

Requerida por EWALD SANTOS MIDDELDORF BELO HORIZONTE - MG

Tendo sido censurada em 18 de DEZEMBRO de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDI-
CIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUAN-
DO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 06 de JANEIRO de 19 83

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura



17 450 1057 005848

DCDP/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 4.354/84- SCDP/SR/SP

Em 16 de Agosto

de 19 84

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

- 01 - "O TERCEIRO BEIJO" de Walci Carrasco
- 02 - "O BICHO DO MATO" de João Guimarães Rosa
- 03 - "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" de Glaucio Gill
- 04 - "A PALAVRA DE DEUS" de Pe. Antonio Vieira
- 05 - "POESIA DO BRASIL" de Hilton Viana
- 06 - "PALHAÇO SAPECA ... LEVADO DA BRECA" de Moacir Jose da Silva
- 07 - "FAIXA DE SEGURANÇA" de Timochenco Wehbi.

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -
testos de estima e consideração.


MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR.a. SOLANGE MARIA T. HERNANDES

DD. Diretor da DCDP

BRASILIA/DF

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO

Antonino Assumpção, brasileiro, residente à Rua Terezinha Setti, 173 - Centro, em São Bernardo do Campo, São Paulo, portador da Cédula de Identidade -RG nº 1.803.136, representando o "GRUPO CÊNICO REGINA PACIS", com sede à Rua Jaboticabal s/nº no Bairro Baeta Neves, São Bernardo do Campo, pretendendo encenar a peça teatral "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA", original de Gláucio Gill, cujo texto se encontra anexo em 03 vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa., que se digne mandar proceder a leitura e exame censório do ensaio geral, em data e hora a serem designadas por essa Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

NOME DA PEÇA : " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

AUTOR : GLÁUCIO GILL

PRODUTOR : GRUPO CÊNICO REGINA PACIS

ELENCO : ANA MARIA MEDICI, CLEIDE BRENDA DO PRADO, JOSÉ LUIZ DO PRADO, JOSÉ BONIFÁCIO DE CARVALHO e JOSÉ MONTEIRO ALVES.

GRUPO AMADOR : GRUPO CÊNICO REGINA PACIS

LOCAL : RUA JABOTICABAL, S/Nº - ESQUINA COM A PRAÇA LÁZARO EQUINI - BAIRO BAETA NEVES - SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP

TELEFONES PARA CONTATO : 452.5988 / 458.9182 / 443.4821 / 452.3706 .

NESTES TERMOS
P. DEFERIMENTO.

São Bernardo do Campo, 16 de abril de 1984.

Antonino Assumpção
Antonino Assumpção

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P 450

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

de GLÁUCIO GILL

SABATO MAGALDI: Uma Comédia Carioca

Os dramaturgos sentem real prazer em ajustar contas no palco. Jean-Louis Barrault, em seus escritos teóricos, insiste na tecla de que o teatro é um ato de justiça. Desde os gregos até hoje, numerosas peças deleitam-se em mostrar logrados os conquistadores, vencidos os tiranos, presos na própria armadilha aquêles que a destinavam aos outros. Essa desforra pode assumir ares sinistros, na punição trágica de um Créon, ou simplesmente um jeito de brincadeira inconseqüente, no desfecho da *Farsa de mestre Pathelin*. A comédia castiga pelo ridículo, quase sempre de desagradável incômodo.

No campo da conquista sentimental, o primeiro enganador enganado foi o Pírgopolinice plautiano. Além das bravatas militares, o soldado fanfarrão gabava-se da irresistibilidade para as mulheres. Ludibriam-no de tal modo que até aquela que está submissa a êle, por direito de senhorio, se escapa com o verdadeiro amado. O comediógrafo não se contenta com o desapossamento total de quem se julgava dono do mundo: ministram-lhe uma surra violenta, quando ingênuamente penetrava no reduto de mais uma suposta apaixonada.

A comédia brasileira contemporânea oferece um delicioso exemplo de herói engolido pela teoria que

tão engenhosamente forja diante do espectador: o Petúnio da sátira *Da necessidade de ser polígamo*, de Silveira Sampaio. Na tese do primeiro ato, o marido confessa com franqueza à mulher que tem uma amante. A antítese do segundo ato coloca a situação inversa — a mulher que revela a Petúnio ter encontrado também outro homem. O ardoroso defensor da poligamia assiste, por fim, ao desmoronamento do ilusório equilíbrio que desejava instaurar, e se encolhe em posição fetal, depois de dizer: “Eu vou pra casa de mamãe”...

Apontar o parentesco de *Tôda donzela tem um pai que é uma fera* com a sátira de Silveira Sampaio não supõe uma dependência nem a presunção de que o jovem comediógrafo Gláucio Gill se deixou secretamente influir (êle afirma, aliás, que, ao escrever seu texto, não havia visto ou lido nenhuma das obras do autor de *A inconveniência de ser esposa*). Mais de uma década separa um trabalho do outro. O teatro brasileiro, nesse curto período, percorreu um longo caminho. Pode-se falar, sem medo de equívoco, na continuidade de um processo, ou mesmo no estabelecimento de uma tradição. As semelhanças e as diferenças das duas experiências formam um capítulo do teatro brasileiro atual.

No fim da década de quarenta Silveira Sampaio inaugurou o Teatro de Bólso de Ipanema, que provara oferecer ao público do Rio uma comédia intelectual e sofisticada, afeita às grandes linhas da psicanálise e do mecanismo político do País. O carioca da Zona Sul, depois de uma exaustiva jornada, no centro, preferia uma diversão próxima da residência, que lhe era acessível em traje esporte. Copacabana tornou-se a nova sede do gênero ligeiro, incompatível

VI

cenário, parodiando os cartazes postos em moda por Brecht, vê-se um quadro, com os seguintes dizeres: “Neste apartamento mora um solteiro feliz”. Petúnio encarnava uma aspiração do burguês carioca, distraído na poligamia o tédio da existência sem projetos. Porfírio sintetiza uma parcela da juventude copacabanense, que ainda se aplica apenas nos exercícios da virilidade e faz das conquistas femininas o seu “hobby” infatigável. Padece êle a antítese entre casamento e o amor, o cotidiano como negação absoluta do romantismo sentimental. Por isso a idéia de amarrar-se a uma só mulher horroriza êsse “don juan” do universo guanabarinense sem ética e que tem como armas, fora a sua possível atração pessoal, um apartamento bem instalado e a ociosidade. Tantas vantagens não bastam para que o herói, no final, deixe de proferir uma frase parecida com a de Petúnio: “Vou-me embora p’ra casa da mamãe!!!”

As duas peças se distanciam sobretudo pelo recheio e pelos propósitos dos autores. Silveira Sampaio preocupou-se mais com a sondagem psicológica e o exame da realidade matrimonial. O desfecho guarda um travo amargo e o espectador percebe o clima de decomposição. A perspectiva de Gláucio Gill é muito mais amável e — cumpre dizer — inconseqüente. Dirige-se êle, com deliberação, para a farsa. A possível penetração nos caracteres cede lugar ao jôgo contínuo de imprevistos. Prefere o comediógrafo agarrar o público à inventiva mecânica de situações sempre renovadas, surpreendendo a cada passo pelo acréscimo de um nôvo elemento, com o qual não se contava. Não entra nessa observação juízo de valor, mas o desejo de definir a maneira de Gláucio Gill. E cabe julgá-lo na medida em que realizou seus inten-

VIII

com o sacrifício do retorno à Cinelândia. Silveira Sampaio passou a pontificar num teatro em que era o factótum — empresário, comediógrafo, encenador e intérprete. Após inevitável estagnação, pela impossibilidade de renovar-se numa faina tão voraz, Silveira Sampaio foi absorvido pela TV, até a morte prematura (e antes que, sedimentando a meditação do longo recesso, se aventurasse de nôvo no teatro), mas a sua fórmula não perdera o sentido. A Zona Sul requer sempre mais autonomia em todos os setores, e as casas de espetáculos se vêm multiplicando. Uma das mais recentes conquistas de Ipanema é o Teatro Santa Rosa (vizinho, aliás, do Teatro de Bólso), no qual Gláucio Gill acumula as funções de empresário, autor e intérprete. Talvez o trabalho anterior de Silveira Sampaio lhe tenha recomendado maior parcimônia nas atribuições: não é o único empresário, um amigo (Léo Júsi) encena os espetáculos e, ao invés de organizar uma empresa à volta de seus textos, êle os vai paulatinamente introduzindo, em meio a outros cartazes. Seu ato único de *Procura-se uma Rosa* juntou-se, após algum tempo, aos dois já escolhidos de Pedro Bloch e Vinícius de Moraes, e sem dúvida revela maior engenhosidade e interesse. Estava patente na brincadeira despreziosa o talento para o diálogo teatral e a capacidade de armar situações imprevistas e de efeito. Um comediógrafo à vista — impunha-se reconhecer.

Ao apresentar *Da necessidade de ser polígamo*, Silveira Sampaio já era homem maduro e compunha um Petúnio que lhe realçava o estilo inconfundível de comediante. Gláucio Gill é ainda um jovem intérprete e Porfírio, em *Tôda donzela tem um pai que é uma fera*, se mantém em intransigente celibato. No

tos, acrescentando mais uma contribuição a um gênero pouco explorado pelos nossos autores.

Não será exagêro reconhecer que Gláucio Gill acimãta ao meio brasileiro as características do “boulevard” francês e das comédias que asseguram os grandes êxitos comerciais da Broadway. Do ponto de vista moral, aparentemente acolhem-se tôdas as licenciosidades das camadas sociais despidas de preconceitos, para no fim restabelecer-se a ordem, dentro do escrito moralismo em vigor. Assim, além de preservar-se uma convenção antiga da comédia, não se descontenta a platéia habitual. Porém a verdade é que êsse dado se apaga ante o gôsto muito mais dinâmico de desencadear o riso, através da sucessão de novos estímulos à trama, e sem que a verossimilhança imediata se imponha como força inibidora. Nesse mundo liberto de lógica irrepreensível, tudo pode acontecer. E tudo acontece em *Tôda donzela tem um pai que é uma fera*.

Gláucio Gill parece egresso de um curso de “Playwriting”, no qual lhe tivessem sido revelados os vários segredos para suscitar a curiosidade do espectador e para tecer múltiplas combinações de episódios. Nesse sentido, sua comédia alcança mestria elaborada com maturidade maior que a de qualquer jovem dramaturgo brasileiro. Ela nada fica a dever às peças do gênero, produzidas regularmente pelos conhecidos fabricantes de êxitos, nas capitais do teatro. Se uma das deficiências dos nossos autores é a falta de domínio técnico, Gláucio Gill está iniciando sua carreira com uma louvável capacidade para lidar com a intriga e o diálogo. Como essas virtudes reclamam inteligência, argúcia e espírito de observação, basta a Gláucio

IX

Gill tornar-se mais ambicioso, para um dia realizar a obra de fôlego a que seu talento está obrigado.

Os ingredientes dêsse gênero, que tateia num mundo já conhecido, não costumam renovar-se, e só conta, por certo, a habilidade com a qual o autor sabe manuseá-los. O texto lança mão de recursos tradicionais — Porfírio, inimigo do casamento, em contraste com Joãozinho, cuja sólida formação doméstica não lhe permite “fazer mal a uma môça sem pretender casar com ela”. Daisy e Loló nivelam-se pelo interesse comum do matrimônio (não se costuma afirmar que tôda jovem, na estrutura social de hoje, procura a qualquer preço a segurança do casamento?), e se diferenciam pelos dotes pessoais — a primeira esperta e viva, e a segunda burrinha. O que elas têm de semelhante provoca esta fala de Porfírio: “Por isso é que eu tenho um horror profundo da môça de família. Por causa dessa... técnica... comunista... de infiltração progressiva”. As diferenças de ambas, entre as quais a circunstância de que surge em cena o pai de uma (general), permitem o andamento do enrêdo. Aí é que o comediógrafo apresenta os seus dons maiores — o prolongamento de uma cena para explorar o “suspense”, a troca de pessoa numa situação imprevisível, a mostra de uma aparência sempre diversa da realidade, com o fito de enriquecer a trama. Embora Gláucio Gill utilize o armário como se estivesse partindo para “a solução francesa”, ainda aí, como no detalhe de um revólver mostrado ao interlocutor, lembra de nôvo Silveira Sampaio — agora na peça *Triângulo escaleno*. Fiel ao desejo de entreter a cada instante a platéia com uma situação insuspeitada, a comédia chega a anunciar

x

as bodas do austero general viúvo com Loló, a jovem que seu futuro genro acabara de possuir.

Joãozinho, que morava com Daisy sem que as cenas de intimidade precisassem ser proibidas para uma audiência de quatorze anos, pratica de subito duas conquistas definitivas. A confessada timidez e a rígida teoria não lhe vedam o acesso intempestivo às duas jovens. Porfírio tem planos subliminares de conquista, com marcha militar, e não desconhece os processos intelectuais: “Isso quatro, cinco, seis vêzes. Almôço, jantares, concertos de piano, convites para assistir peças de Bertolt Brecht. Negócio cultural pra xuxu. E sem falar em sexo. Aí a coitadinha vai começa a ficar intrigada”. Daisy e Loló furtam-se ao assédio de Porfírio e, no final, até D. Florisbela se benze ante a sua investida, feita em desespero de causa. A comédia deixa patente o lôgro de quem se julgava a mais esperta das criaturas. O conquistador impenitente é o único a ficar solitário. E o resto do mundo se casa.

xi

ATO I

Abre-se o pano mostrando um apartamento típico de rapaz solteiro, em Copacabana, dêsses de quarto, kitchenette e banheiro, com a desordem condizente. Deitado num sumier, dormindo, está Porfírio, de pijama de calça curta. Um despertador visível marca dez para as seis. O ambiente está em semi-penumbra, vendo-se numa parede um dêsses quadros com os dizeres: “Neste apartamento mora um solteiro feliz”. Toca a campainha insistentemente. Duas, três, quatro vêzes. Porfírio acorda, meio estremunhado, acende a luz e abre a porta. Entra Joãozinho, rápido e afobado. O cenário é uni-

1

co e a peça tem cinco personagens.

JOÃOZINHO — (*entrando rápido e ofegante*). O porteiro me avisou.

PORFÍRIO — Avisou o quê?

JOÃOZINHO — O homem está lá em baixo e quer subir a todo pulso.

PORFÍRIO — Que homem? Calma, senta, você está afobado.

JOÃOZINHO — O General. O pai da Daisy.

PORFÍRIO — Eu disse a você. Eu disse que essa garôta era um espêto.

JOÃOZINHO — Ele descobriu que Daisy está morando comigo e... Porfírio, vai dar um bode dos diabos. O porteiro me disse que o homem está uma fera.

PORFÍRIO — Por que é que êle ainda não subiu?

JOÃOZINHO — Por causa do portão. Do portão, você está compreendendo?

PORFÍRIO — Não.

JOÃOZINHO — O portão só abre as seis horas. Antes disso não pode entrar ninguém estranho.

PORFÍRIO — Vai ver então êle foi embora e resolveu voltar depois.

JOÃOZINHO — (*agitadíssimo, vai até a janela*). Qual nada. Êle está lá em baixo. E insistiu. E disse que tinha que entrar imediatamente porque precisava tirar satisfações com um patife aqui do prédio.

PORFÍRIO — Mas como é que você sabe que o patife é você?

JOÃOZINHO — Êle disse textualmente. O porteiro

2

no caso, mal conheço a Daisy e não tenho a menor vontade de conhecer o pai da Daisy.

JOÃOZINHO — Você não vai conhecer o pai da Daisy. Você nem vai ver a cara dêle.

PORFÍRIO — (*empurrando Joãozinho para a porta*). Ainda bem que você concorda. Agora você vai dar o fora, que eu...

JOÃOZINHO — (*parando*). Não, você não entendeu. Você não vai ver o General, mas ainda assim é você que vai me salvar.

PORFÍRIO — Joãozinho, você é que não entendeu. O que eu estou querendo dizer é que não pretendo em absoluto me meter nesse carnaval. Em absoluto, você está compreendendo? Não quero nada com o caso.

JOÃOZINHO — Quer dizer que você pretende abandonar o seu amigo numa hora crítica?

PORFÍRIO — Exatamente.

JOÃOZINHO — (*ar de estupefação*). Porfírio!!!

PORFÍRIO — (*tranquilo*). Que é?

JOÃOZINHO — Nunca pensei que você pudesse ser tão desumano.

PORFÍRIO — Joãozinho, eu gosto muito de você, mas êsse bode é seu e eu estimo que êle continue inteiramente seu. Ponto. (*Porfírio começa a se preparar para continuar a dormir*).

JOÃOZINHO — Você esquece que êsse General é uma fera.

PORFÍRIO — Cão que ladra não morde.

JOÃOZINHO — Êsse morde, Porfírio. Eu sinto que êle morde.

PORFÍRIO — Essa é boa. Você se mete nas suas complicações e depois...

JOÃOZINHO — O que eu quero te pedir não vai te custar nada...

4

veio me contar. O patife do 803 que trouxe minha filha para cá.

PORFÍRIO — Ê. Então é você mesmo.

JOÃOZINHO — Êle esbravejou, berrou, gritou, mas o porteiro não deixou êle entrar. Foi duro na queda.

PORFÍRIO — Tá aí. Até que essa múmia dêsse porteiro foi decente.

JOÃOZINHO — (*Decentíssimo*)! Não deixou o General entrar e veio me avisar. Aí eu comecei a raciocinar.

PORFÍRIO — Claro.

JOÃOZINHO — Vi que tinha que agir rápido.

PORFÍRIO — Lógico.

JOÃOZINHO — Precisava de uma saída imediata.

PORFÍRIO — Imediata.

JOÃOZINHO — De alguma coisa ou de alguém que me ajudasse.

PORFÍRIO — Perfeito.

(*Ligeira pausa*).

JOÃOZINHO — Aí eu vi que êsse alguém... era você.

PORFÍRIO — (*aprecensivo*). EU? Mas por que logo eu?

JOÃOZINHO — Porque você é meu amigo.

PORFÍRIO — Mas você tem uma quantidade de amigos. Podia escolher outro.

JOÃOZINHO — Não, Porfírio. Eu insisto em que você me salve porque você é o meu melhor amigo.

PORFÍRIO — Não, Joãozinho. Eu acho que você pode perfeitamente procurar outra solução, sem me meter no barulho. Mesmo porque eu não tenho nada

3

PORFÍRIO — Você quer deixar eu continuar a dormir?

JOÃOZINHO — Você não pode fazer isso comigo. O homem está armado.

PORFÍRIO — Exatamente.

JOÃOZINHO — Exatamente o que?

PORFÍRIO — Exatamente porque o homem está armado é que eu não quero nada com o caso. Tchauzinho. (*deita novamente, pausa*).

JOÃOZINHO — Ingrato!

PORFÍRIO — O que?

JOÃOZINHO — Ingrato sim. É isso que você é. Um ingrato de uma ingratidão monstruosa.

PORFÍRIO — Mas ingrato por que?

JOÃOZINHO — Se lembra daquela prova de física no quarto ano do colégio?

PORFÍRIO — Mas isso foi no quarto ano do colégio.

JOÃOZINHO — Você era prêmio Nobel de analfabetismo.

PORFÍRIO — Nós éramos crianças. Agora a situação é diferente.

JOÃOZINHO — Te dei cola da prova inteirinha. Ou vai dizer que não se lembra que eu te dei cola da prova inteirinha?

PORFÍRIO — Não precisa também me atirar isso na cara.

JOÃOZINHO — (*levemente melodramático*). Mas a vida é assim mesmo. Naquela prova eu me arrisquei p'ra te salvar. Agora você nem ia se arriscar...

Enfim, vá a gente contar com os amigos... De qualquer um, eu seria capaz de esperar isso. Mas de você, Porfírio, eu confesso que não. Você, que quando nós tínhamos sete anos, os garotos da rua não queriam deixar jogar bola de gude... Você se lembra que os

5

garotos da rua não queriam deixar você jogar bola de gude, não se lembra?

PORFÍRIO — Lembro, Joãozinho, lembro.

JOÃOZINHO — E quem foi que convenceu os garotos da rua a deixar você jogar bola de gude?

PORFÍRIO — Foi você, Joãozinho.

JOÃOZINHO — Pois é...

(Pausa).

PORFÍRIO — Se fôsse um outro caso qualquer, eu toparia te ajudar. Mas esse negócio de pai é sério.

JOÃOZINHO — Justamente porque é sério é que eu preciso da tua ajuda.

PORFÍRIO — Olha, já são quase seis horas. É melhor você ir andando. E vai ver a coisa não será assim tão preta quanto você está pensando. Vai ver, no fundo, esse General é até uma boa praça. Um cara liga, do peito...

(*Ouve-se de fora uma voz aos berros: "Eu quero entrar p'ra quebrar a cara dele". Joãozinho e Porfírio correm para a janela.*)

JOÃOZINHO — (*saindo da janela*). Depois disso você concorda que se o General subir, arrambar a porta do meu apartamento e encontrar Daisy lá dentro, vai dar bôlo, não vai?

PORFÍRIO — Bôlo? De aniversário!!

JOÃOZINHO — Agora, você também concorda que se o General chegar lá e NÃO encontrar a filha no meu apartamento, aí não haverá nada, não é?

PORFÍRIO — Claro.

6

JOÃOZINHO — Mas descobrir como?

PORFÍRIO — Nesses momentos todo pai se revela um sherlock.

JOÃOZINHO — Escuta, Porfírio. Se você me negar isso, a cara aqui dêse seu amigo vai ser simplesmente triturada. Você já pensou no remorso que vai sentir quando me vir com os olhos inchados, o nariz sangrando e com quatro dentes a fora da boca? Você já pensou, Porfírio?

PORFÍRIO — Isso é muito relativo. Eu conheço um cara que teve uma briga feia p'ra xuxu e três dias depois estava bom p'ra outra. Você vai se recuperar numa semana no máximo.

JOÃOZINHO — A questão é que o General também pode querer me obrigar a casar com Daisy.

(Pausa).

PORFÍRIO — (*profundamente chocado*). Você acha que êle faria uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — Êle é capaz de tôdas as baixeças...

PORFÍRIO — Bem, agora o caso muda de figura...

JOÃOZINHO — E não é que eu não admita a idéia do casamento, mas...

PORFÍRIO — (*cortando*). Não diga bobagens.

JOÃOZINHO — Mas é que eu ainda não tenho uma situação financeira para isso.

PORFÍRIO — (*enfático*). E mesmo que tivesse. O casamento é uma solução inteiramente primária, sem a menor originalidade.

JOÃOZINHO — (*pomposo*). Falta um minuto para as seis, Porfírio. Eu não quero te forçar a uma decisão. Só peço que daqui a dois anos, quando me encontrares com DEZ filhos nas costas, tu te lembres que tu fôste o responsável.

8

JOÃOZINHO — Pois o que eu queria de você... Mas qual! Não adianta! Você não é amigo bastante p'ra isso.

PORFÍRIO — Fala logo! Que é que você queria?

JOÃOZINHO — Só quero que você concorde que eu traga Daisy para cá e que ela fique aqui, enquanto o General dá a busca no meu apartamento. Só isso. Tipo da coisa garantida.

PORFÍRIO — Garantida, uma brisa. Isso é a mesma coisa que guardar pólvora em casa na hora do incêndio.

JOÃOZINHO — Eu não disse? Você não é amigo bastante p'ra ajudar ninguém. Eu só espero que sua mãe nunca precise de um favor seu. Porque se precisar, vai ser uma desilusão p'ra pobre da velhinha.

PORFÍRIO — Amigo eu sou, mas isso já é industrializar a amizade.

JOÃOZINHO — Industrializar? Você nunca achou que estava industrializando minha amizade tôdas as vezes que me fez pregar as mentiras mais absurdas e deprimentes p'ras suas oitocentas namoradas. Você não achou que estava industrializando nada quando foi para São Paulo e largou a Isaurinha e o marido aqui nas minhas mãos, achou?

PORFÍRIO — Mas ali você podia dizer que não sabia de nada e que não tinha nada a ver com o peixe.

JOÃOZINHO — E nesse caso agora, você nem precisa falar com ninguém. Daisy fica aqui somente enquanto o General estiver passando em revista o meu apartamento. Logo que êle fôr embora, ela volta lá p'ra casa.

PORFÍRIO — E se o General descobrir que ela está aqui?

7

(*Porfírio está com uma cara inteiramente horrorizada. Passam-se alguns segundos.*)

PORFÍRIO — (*emocionado*). Não, Joãozinho, eu seria incapaz dessa maldade. Traz a menina p'ra cá.

JOÃOZINHO — Obrigado, Porfírio. Eu sabia que você era um rapaz de bons sentimentos.

(*Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio dobra o cobertor, guarda algumas roupas e passa um pente no cabelo. Entra Daisy, de négligé, praticamente empurrada por Joãozinho.*)

JOÃOZINHO — (*da porta*). Agüenta a mão aí que eu vou enfrentar a fera.

(*Porfírio e Daisy ficam sós; olham um para o outro. Daisy sorri e ajeita os cabelos. Porfírio está com cara de poucos amigos. Calado, Porfírio senta numa poltrona. Daisy senta em outra, mais ou menos em frente; permanece o silêncio. Por fim, Daisy fala.*)

DAISY — Que maçada, heim?

PORFÍRIO — Maçada? Ah! Eu chamo a isso uma aventura altamente sinistra.

9

DAISY — Mas a culpa não foi minha.

PORFÍRIO — E tem mais. Quero lhe dizer que foi inteiramente a contragosto que eu concordei com essa sua vinda para cá. Foi mesmo só para evitar consequências mais funestas.

DAISY — Eu podia esperar tudo, menos que papai estourasse aqui a essa hora.

PORFÍRIO — Pois sim! Aposto que foi você mesma que deu o enderêço a êle.

DAISY — Eu não! Juro! Você acha que eu ia fazer uma coisa dessas?

PORFÍRIO — GARANTO!

DAISY — Mas p'ra que? Com que interêsse?

PORFÍRIO — (*bairando a voz*). P'ra imprensar o Joãozinho. Fique você sabendo que eu sou um profundo conhecedor da psicologia feminina.

DAISY — Pois nesse caso está redondamente enganado. Quem deu o enderêço a papai só pode ter sido a família na casa de quem eu estava morando aqui no Rio. Eles também são de Minas, de modo que papai recomendou que eu fôsse morar lá. Mas eles eram muito quadrados. Por isso um dia resolvi tomar coragem e vim morar aqui no apartamento do Joãozinho.

PORFÍRIO — Tá aí. Isso até que foi uma atitude muito nobre.

DAISY — Pois é. Mas aí eles fizeram uma onda daquelas.

PORFÍRIO — E o que foi que você fêz?

DAISY — Ué, não dei a mínima e continuei aqui, não é? Mas eles ficaram tão danados que só podem ter sido eles que deram o enderêço p'ra papai. Eles me acham uma perdida.

PORFÍRIO — (*irônico*). E você, o que é que se acha?

10

DAISY — E pode imaginar errado também.

PORFÍRIO — Meu anjo, não é preciso uma grande dose de inteligência p'ra concluir o que se passa entre você e Joãozinho. Muitos naquele apartamento. E olha, na minha opinião não são coisas que se pudesse apresentar num filme p'ra crianças, não.

DAISY — Mas são coisas que se podia perfeitamente apresentar num filme impróprio até catorze anos. Só até catorze anos, você está me compreendendo?

(Pausa).

PORFÍRIO — Você naturalmente acha que uma criança de quinze anos já deve conhecer tôdas as verdades da vida, não é? É um ponto de vista. Aliás é um ponto de vista perfeitamente respeitável.

DAISY — Não. O que eu quis dizer foi que a situação entre eu e Joãozinho não é exatamente essa que você armou com a sua imaginação degenerada. Aliás, bem que o Joãozinho tinha me dito que você era um libertino que só pensava em sexo.

PORFÍRIO — Mas vem cá. Você não está querendo insinuar que você... ainda...

DAISY — (*após leve pausa, semi-constrangida*). Pois é...

PORFÍRIO — Na sua idade?!!!

DAISY — Que é que tem a minha idade?

PORFÍRIO — Na sua idade isso não se admite mais.

DAISY — Bem, mas essa situação também não vai se eternizar.

PORFÍRIO — Mas por que você não se decide logo? Olhe, há um ditado que diz: "Não deixe para amanhã aquilo que pode fazer hoje".

DAISY — Eu já me decidi.

12

DAISY — Eu apenas acredito em amor. P'ra mim é a única coisa que conta neste mundo. O resto é bla-bla-bla.

PORFÍRIO — Mas então me diga uma coisa.

DAISY — (*cortando*). Agora, amor mesmo. Com falta de ar e tudo. Quando eu vejo essas garotas por aí dizendo que estão apaixonadas sem ter falta de ar, eu acho até graça.

PORFÍRIO — Mas se você pensa assim e teve coragem de mudar p'ra cá por que é que você agora não foi homem bastante p'ra enfrentar seu pai? Enfrentar no duro mesmo. Dizer: "papai, eu vim p'ra cá morar com o Joãozinho, etc... etc... boas festas e passe bem". Por que é que você não fêz isso?

DAISY — Porque não era bem o caso.

PORFÍRIO — Como não era bem o caso? Você tinha obrigação de inocentar o Joãozinho. Na minha filosofia, êsse é o papel de uma môça de brio.

DAISY — Não era o momento para uma atitude dessas.

PORFÍRIO — Ah, mas era o momento de entregar o Joãozinho à fúria assassina do seu pai, não é? Não, minha filha. Nessas ocasiões é que uma mulher se revela verdadeiramente mulher. Você tinha que deixar que o Joãozinho se colocasse num discreto segundo plano, permitindo mesmo a êle uma certa covardia, que nesses casos é perfeitamente compreensível, enquanto você tomava as rédeas da situação e assumia diante do seu pai integral responsabilidade pelo ocorrido.

DAISY — Você não pode dizer isso, porque você nem sabe qual é o ocorrido.

PORFÍRIO — (*irônico*). Não sei, mas posso imaginar.

11

PORFÍRIO — Como?

DAISY — Quando eu vim morar no apartamento do Joãozinho, tinha justamente acabado de me decidir.

PORFÍRIO — Mas depois se acovardou...

DAISY — Não. Continuei decidida e até hoje estou decididíssima.

PORFÍRIO — Então o que é que falta?

DAISY — (*após leve pausa*). A colaboração de Joãozinho.

PORFÍRIO — Ué... Mas... por que?...

DAISY — Ih, isso é uma história muito complicada.

PORFÍRIO — Eu gosto de histórias complicadas.

DAISY — É, mas eu não vou contar. E veja lá, hein! Isso é segredo.

PORFÍRIO — Bom, mas então me responda o seguinte. Essa sua decisão, muito digna aliás, se aplica só ao Joãozinho, ou tem assim... uma envergadura mais ampla?

DAISY — Só ao Joãozinho.

PORFÍRIO — E por que essa limitação tôla e inteiramente sem propósito?

DAISY — Porque acontece que o Joãozinho me dá falta de ar e eu pretendo me casar com êle.

PORFÍRIO — Casar?

DAISY — Casar. Por que não?

PORFÍRIO — Quer dizer que você admite, cínicamente, serem essas as suas intenções?

DAISY — Não vejo nada de cínico nem de mau nisso.

PORFÍRIO — É revoltante.

DAISY — É o normal.

PORFÍRIO — É revoltante o maquiavelismo do seu plano. Agora eu vejo exatamente que tipo de criatura você é. Fria, calculada e despida de qualquer

13

sentimento. Responda depressa. Que é que você mais deseja na vida?

DAISY — Bem... é casar.

PORFÍRIO — Está vendo?

DAISY — Por causa da lua de mel.

PORFÍRIO — Você disse que era casar. Não disse que era casar com o Joãozinho.

DAISY — Eu não disse, mas é lógico que pensei no Joãozinho.

PORFÍRIO — Ou no Pedrinho, ou no Henriquinho, se houvesse um Pedrinho ou um Henriquinho na sua lista de vítimas mais prováveis. Você não tem a menor poesia. Você corrompe a beleza de uma ligação de amor, porque no fundo o que você pretende é o casamento.

DAISY — Mas é perfeitamente natural que uma moça queira se casar.

PORFÍRIO — É admissível, mas o que não é admissível é preparar uma ratoeira, onde o queijinho frito é você mesmo.

DAISY — Que queijinho frito?

PORFÍRIO — Ora, não se faça de mal entendida. Agora, uma coisa eu reconheço. É um plano inteligente, suave e bem urdido. Uma moça e um rapaz se conhecem... Vem aquêlê papinho preliminar. Depois trocam o primeiro beijo. Vão ao cinema... Conversam... Passeiam... e o ingênuo está crente que está fazendo uma conquista, quando na verdade ele é que está sendo seduzido. Um dia ele se deixa seduzir um pouco mais... e nesse dia cavou sua própria sepultura.

DAISY — Pois sim. Aí ele dá o fora nela.

PORFÍRIO — Se ela não souber agir com inteligência. O negócio é ir provocando uma neurose no

14

duas pessoas afinarem por completo. E as briguinhas de todo dia acabam com o amor.

DAISY — Mas cada um sempre cede um pouco.

PORFÍRIO — E nessa história de ir cedendo o sujeito está sendo infeliz do mesmo jeito... Só que é uma infelicidade a prestações.

DAISY — Bem, mas pelo menos a lua de mel você concorda que é o máximo.

PORFÍRIO — É apenas a bonança que precede a tempestade.

DAISY — (*inflamada*). Ah, isso é que não. Eu admito tudo, mas não me venha negar a lua de mel.

PORFÍRIO — Que é que tem de especial na lua de mel?

DAISY — É o máximo de romance concentrado. São duas pessoas que se amam não tendo outra coisa a fazer senão se amar.

PORFÍRIO — E quem é que te garante que isso não se torna cansativo?

DAISY — Ainda por cima num lugar lindo, sem a menor preocupação. Cada um sabendo que seu único passatempo é amar o outro. Puxa, é bárbaro!

PORFÍRIO — Você é de um romantismo delinqüente.

DAISY — (*com entusiasmo um tanto excessivo*). São 15 ou 20 dias em que duas pessoas se entredeveram de amor. Não, meu filho, lua de mel é fogo, sabe? É p'ra valer. Eu sou tarada por lua de mel.

PORFÍRIO — (*levemente assustado*). Com essa disposição, você vai acabar com o Joãozinho.

DAISY — Se eu não estivesse tão apaixonada pelo Joãozinho, sabe o que eu fazia? Casava com ele p'ra ter uma lua de mel. No dia em que o casamento não desse mais pé, separava. E ficava sôzinha. Até me apaixonar por outro rapaz. Aí casava de nôvo...

16

rapaz. Continuar a dizer que nem pensa em casamento, mas que, afinal de contas, ele tem certas responsabilidades p'ra com ela. O pobrezinho se debate. Mas ela continua implacável, sem exigir nada dêle. Aí é que está. Sem exigir nada dêle. Vai se criando um drama de consciência no infeliz. Ele sabe que ela fez alguma coisa por ele e que ele não pode fazer nada por ela. A não ser... casar!

DAISY — Está um calor aqui... Posso tirar êsse robe?

PORFÍRIO — Pod' tirar tudo o que quiser. (*Daisy começa a tirar o robe. Porfírio prossegue*). Por isso é que eu tenho um terror profundo da moça de família. Por causa dessa... (*Porfírio começa a ver que Daisy está com uma camisola bastante interessante por baixo do négligé e vai ralentando o ritmo da frase*)... técnica... comunista... de infiltração progressiva. (*Porfírio se cala embevecido por Daisy de camisola*).

DAISY — (*tendo tirado o négligé e colocando-o sobre uma poltrona*). Você estava falando...?

PORFÍRIO — (*acordando*). De que mesmo?

DAISY — Da nossa técnica comunista de infiltração progressiva.

PORFÍRIO — Que aliás eu reconheço que funciona com a precisão de um relógio suíço. É o caminho mais rápido e seguro para o casamento.

DAISY — Eu vou morrer de rir é no dia em que você casar.

PORFÍRIO — Nunca. O casamento é a vala comum onde acabam os conquistadores fracassados. E tem mais. O casamento liquida com qualquer paixão. Sabe por que? Por causa do convívio diário. É impossível

15

Ah, meu filho, só p'ra ter outra lua de mel. E assim por diante.

PORFÍRIO — E você acha isso direito?

DAISY — Seria sempre por amor. Sempre casando e sem a menor leviandade. O problema é que aqui não tem divórcio.

PORFÍRIO — Por isso não. Foi exatamente p'ra solucionar essa nossa falta de divórcio que Deus criou o México.

DAISY — Aí já é um negócio meio torto...

PORFÍRIO — Mas mesmo que não precisasse envolver potências estrangeiras na jogada, você vai me desculpar mas êsse seu plano falha, porque não evita o tédio conjugal.

DAISY — O que você acha então que duas pessoas apaixonadas devem fazer?

PORFÍRIO — Se tiverem um pingo de bom senso, viverem como amantes.

DAISY — Mas aí elas podem se cansar do mesmo jeito, uma da outra.

PORFÍRIO — Viverem como amantes, mas cada um na sua casa. Essa é a única maneira de só se ter os momentos agradáveis do amor.

DAISY — Você é mesmo um libertino! Um libertino de vida inteiramente dissipada.

PORFÍRIO — Não. Sou apenas um solteiro convicto e feliz.

(*Toca o telefone. Porfírio atende*).

PORFÍRIO — (*ao telefone*). Alô. (*horrorizado*). O que? Mas como é que isso foi acontecer?

DAISY — O que foi?

PORFÍRIO — (*ainda ao telefone*). E agora o que é

17

que eu faço? Joãozinho, você é uma centopéia. (desliga).

DAISY — O que foi?

PORFÍRIO — (apavorado). Seu pai está vindo para cá.

DAISY — Ih, e agora?

(Porfírio corre para a cozinha, corre para a porta, vai a janela, está inteiramente transtornado. Não sabe o que fazer).

PORFÍRIO — Eu bem que achei que êsse negócio ia dar bode. (para Daisy). Vamos, não fique aí parada. Tenha uma idéia.

DAISY — Não sei...

PORFÍRIO — Vamos! Uma idéia!

DAISY — Só se a gente...

PORFÍRIO — Só se a gente o que?

DAISY — Fôr para a rua.

PORFÍRIO — De pijama e camisola?

DAISY — Pois é... Então...

PORFÍRIO — Já sei. Partamos para a solução francesa.

(Porfírio pega Daisy pelo braço, abre a porta do armário e começa a enfiar a môça lá dentro).

PORFÍRIO — Entra aí.

DAISY — Mas aí eu vou morrer asfiziada.

PORFÍRIO — (fechando a porta do armário). Problemas posteriores serão resolvidos posteriormente.

18

JOÃOZINHO — General, eu acho...

GENERAL — (cortando). Eu é que acho que vim cair entre dois patifes.

JOÃOZINHO — Perdão, General. O sr. não pode dizer isso de mim. O sr. já vistoriou o meu apartamento e viu que eu não tenho nada a ver com sua filha.

PORFÍRIO — (para Joãozinho). Ah, você não tem nada a ver com a filha dêle? E eu por acaso é que tenho?

GENERAL — Claro que tem. Fique sabendo que o porteiro me deu a sua ficha.

PORFÍRIO — Minha ficha? Que foi que aquela múmia disse ao senhor?

JOÃOZINHO — Eu acho que você não deve se referir ao nosso porteiro nesses têrmos.

PORFÍRIO — Desde quando você virou defensor (calcando as palavras) dessa múmia dêsse porteiro aqui do prédio?

GENERAL — Quando eu não encontrei minha filha no apartamento dêsse... rapaz, eu voltei a falar com o porteiro. Aí êle me disse que tinha mesmo estranhado muito que eu quisesse tirar satisfações com Seu Joãozinho, porque êste era um rapaz direito e de boa família. Agora...

JOÃOZINHO — Por aí o sr. vê quem eu sou.

GENERAL — Agora... Que o que devia estar havendo, era um engano no número do apartamento, e que minha filha devia estar no apartamento do Sr. Porfírio... Seu nome não é Porfírio?

PORFÍRIO — Porfírio da Cruz.

GENERAL — Pois é. Porque o Sr. Porfírio, acrescentou o porteiro, é que era um libertino da pior

20

(Toca a campainha. Porfírio está apavorado sem saber para onde ir).

GENERAL — (do lado de fora). Vamos, abra!

PORFÍRIO — (timidamente). Já vai.

(Porfírio abre a porta. O General entra como um tufo. Joãozinho está com êle. Porfírio fulmina Joãozinho com o olhar).

GENERAL — (entrando). Onde está ela? Onde está minha filha?

PORFÍRIO — Que filha? O sr. deve ter batido na porta errada.

GENERAL — Não se faça de bêsta! (General vai procurar na cozinha e no banheiro).

PORFÍRIO — (indo atrás do General). Não será em outro prédio?

GENERAL — (da cozinha). Deixe disso que eu já sei muito bem que tipo de indivíduo você é.

PORFÍRIO — (baixo, para Joãozinho). Traidor!

JOÃOZINHO — A culpa não foi minha.

GENERAL — Vamos, diga! Onde está ela?

PORFÍRIO — Como é mais ou menos a sua filha?

JOÃOZINHO — (timidamente). General, eu tenho a impressão...

GENERAL — Não tem impressão coisa nenhuma.

PORFÍRIO — Se o sr. me descrever sua filha...

JOÃOZINHO — General, eu acho...

GENERAL — (cortando). Onde está ela?

PORFÍRIO — Eu talvez possa ajudar a procurar.

19

espécie, um sujeito mulhereço que vivia trazendo môças p'ra dentro de casa.

PORFÍRIO — Êle disse isso?

GENERAL — Disse.

PORFÍRIO — (exageradamente incrédulo). Êle disse isso?

GENERAL — Já disse que disse.

PORFÍRIO — (para Joãozinho). Joãozinho, você ouviu o que o General disse que o porteiro disse?

JOÃOZINHO — Ouvi.

PORFÍRIO — (ainda para Joãozinho). E você não tem nada a dizer?

JOÃOZINHO — Bem, êsse porteiro sempre me pareceu um sujeito de confiança...

PORFÍRIO — (fulmina Joãozinho com o olhar). (para o General). General, eu só espero que o sr. tenha tido o bom senso de não acreditar naquele sujeito.

GENERAL — Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Não diga isso, General. Êsse porteiro é um delinqüente, um esquisofrênico, um paranóico que já estêve internado umas dez vêzes.

GENERAL — Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Qual nada, General. Nem pense nisso. Êle é um caluniador da pior espécie. Só o sr. vendo.

Ê um sujeito que tem um senso de humor extremamente primitivo e que se diverte inventando piadas desse gênero. Eu, um libertino! (riso forçadíssimo). Ah... Ah... Ah... Que absurdo.

GENERAL — (solene). Tenho certeza que êle não mentiu.

PORFÍRIO — Mas como é que o sr. pode ter essa certeza?

21

GENERAL — Porque ninguém mente diante de um revólver. (*saca o revólver*). E ele falou com êsse cano encostado na testa. (*com o revólver na cara de Porfírio*). Vamos, diga. Onde está minha filha?

PORFÍRIO — General, o sr. está vendo com seus próprios olhos que sua filha não está aqui. Esteja certo que eu compreendo que isso é uma coisa muito séria, um pai procurando uma filha...

JOÃOZINHO — Foi justamente o que também expliquei ao General.

PORFÍRIO — (*melífluo*). Conforme o senhor mesmo disse, ninguém mente diante de um revólver. E não sei se o sr. reparou nesse detalhe, mas eu estou diante de um revólver. E lhe digo mais. Essa sua estima paterna, êsse seu cuidado com sua filha, é uma coisa que até me comove. Numa circunstância dessas, eu jamais faltaria à verdade.

GENERAL — (*solene*). Você jura que minha filha não está neste apartamento?

PORFÍRIO — (*igualmente solene*). Juro.

GENERAL — Por quem?

PORFÍRIO — Pela mãe do Joãozinho morta.

JOÃOZINHO — Ei! Isso não!

GENERAL — Porque é que êle disse "Ei! Isso não!"?

PORFÍRIO — (*suave e explicativo*). Porque êle é um imbecil, General.

JOÃOZINHO — Não, o que eu quis dizer foi que...

PORFÍRIO — (*cortando*). Foi que num momento como êsse qualquer juramento é ainda pequeno, e que eu devia ter jurado não só pela mãe, como também pelo pai, avós, tíos, e sobrinhos, todos mortos.

GENERAL — (*baixando o revólver, levemente dramático*). O que me dá raiva é que não mereço êste castigo porque jamais prevariquei.

silêncio. Por fim dissipam-se as suspeitas do General).

GENERAL — (*levantando-se*). Bem, eu acho então que vou começar procurando na praia.

JOÃOZINHO — (*animando-o*). Isso mesmo, General. Na praia.

PORFÍRIO — (*entusiasmadíssimo*). Grande idéia, General!

(O General vai saindo quando dá com os olhos no négligé de Daisy, que ficara em cima de uma poltrona).

GENERAL — (*parando de estalo*). Que é isso?

PORFÍRIO — (*rápido*). Isso? Ora, um robe de chambre.

GENERAL — Mas de quem?

PORFÍRIO — Meu. De quem é que havia de ser?

GENERAL — (*definitivo*). Isso não é robe de chambre de homem.

PORFÍRIO — (*falsamente efeminado*). Ora, General, cada um usa o robe de chambre que quer.

(Pausa).

GENERAL — (*peremptório*). Êsse robe não dá em você.

PORFÍRIO — Claro que dá! (*Porfírio se enfia da melhor maneira que pode dentro do négligé, termina a fala de nôvo falsamente efeminado*). Agora, eu acho uma indiscrição muito grande o sr. perguntar mais qualquer coisa a respeito dêsse robe... (*Nôvo silêncio. Daisy tosse novamente. Porfírio tam-*

PORFÍRIO — (*mais resfrito pelo outro ter baixado a arma*). General, nós compreendemos perfeitamente sua preocupação, porque afinal de contas todo mundo sabe como Copacabana está cheia de rapazes pouco respeitadores das virtudes femininas, mas, já que sua filha não está aqui, o sr. não acha que chegou o momento de ir procurá-la em outros lugares?

JOÃOZINHO — Nesse ponto eu acho que êle tem razão, General.

PORFÍRIO — E ir rápido, inclusive porque ela pode estar correndo perigo de vida.

JOÃOZINHO — E numa eventualidade assim, cada minuto conta. (*ligeira pausa*).

PORFÍRIO — Eu nem sei como é que o sr. pode ficar aí parado, sabendo que sua filha pode estar em algum lugar sendo estrangulada (*intencional, olha para o armário*), ou asfiziada.

GENERAL — Realmente, eu acho que você tem razão, mas...

PORFÍRIO — Então vá, General. Faça isso por sua filha... e até por mim. (*vai empurrando o General para a porta*).

GENERAL — (*parando*). Mais ir para onde?

PORFÍRIO — Ora, General, me admira o senhor. Dê uma busca completa. (*cutuca Joãozinho*).

JOÃOZINHO — Claro... claro. Uma busca completa.

GENERAL — (*sentando numa cadeira*). Pois é, mas eu não sei por onde começar. (*Pausa. Os três estão parados. Nessa altura Daisy tosse de dentro do armário. O General levanta os olhos, como que procurando quem tossiu. Imediatamente Porfírio tosse meio assustado e fica olhando para o General. Nôvo*

bém tosse de nôvo, mas o General parte como uma flecha para o armário, abre-o e Daisy cai praticamente desfalecida em seus braços. Porfírio senta desalentado e Joãozinho vai ajudar o General a socorrer a filha).

GENERAL — (*com a filha nos braços e aos berros*). Minha filha! Patife! (*acariciando a filha*). Não, patife não é você não, meu bem. É êsse libertino aí! E de camisolinha (*Porfírio olha para êle*). Não, de camisolinha não é você não, seu libertino. É minha filha. Fala, meu anjo. Você está bem?

DAISY — (*começando a se recuperar*). Papai, êsse rapaz...

GENERAL — (*cortando, carinhoso*). Não precisa dizer nada. Já sei de tudo. Você não teve culpa.

DAISY — Não, papai, o que eu quero dizer...

GENERAL — Não se canse. Eu compreendo. Você foi iludida.

DAISY — Porfírio não tem nada...

GENERAL — (*cortando*). Eu sei, meu bem. Êle não tem nada que preste. Mas descansa. Descansa.

PORFÍRIO — Deixa ela falar, General.

GENERAL — (*para Porfírio*). Cala a bôca.

PORFÍRIO — General, embora possa parecer estranho, eu não tenho nada a ver com sua filha.

GENERAL — Sedutor! (*o General está ainda acomodando Daisy no sofá*).

PORFÍRIO — Joãozinho, explica o caso a êle.

GENERAL — Libertino!

JOÃOZINHO — (*para Porfírio*). É melhor você aguentar a mão um pouco mais.

PORFÍRIO — Melhor por que?

GENERAL — Devasso!

JOÃOZINHO — No fim dá tudo certo.

PORFÍRIO — Depende do que é que você chama de dar certo.

GENERAL — (*para Joãozinho*). Nem dê resposta a êle. Esse sujeito não merece a menor consideração.

PORFÍRIO — General: sua filha não mora aqui comigo.

GENERAL — Você nem sabia que ela estava de camisolinha aí no seu armário, não é?

PORFÍRIO — Isso eu sabia, mas...

GENERAL — E por que é que ela estava de camisolinha aí no seu armário?

PORFÍRIO — P'ra se esconder do senhor, mas...

GENERAL — E de quem foi a idéia de escondê-la no armário?

PORFÍRIO — Foi minha, mas...

GENERAL — Então como é que você ainda quer negar que a seduziu?

PORFÍRIO — (*exasperado*). Mas eu não seduzi. (*aproximando-se do sofá onde Daisy está deitada*).

Daisy, diga a seu pai com toda a honestidade: eu te seduzi?

DAISY — (*ainda não totalmente restabelecida*). Não, papai. Êle não me seduziu.

PORFÍRIO — Está vendo?

GENERAL — Minha filha, não procure defender êsse canalha. Você nem sabe o monstro que êle é.

PORFÍRIO — Daisy, conte a seu pai tudo o que se passou aqui.

GENERAL — Isso é que nunca. Não vou admitir que a ingenuidade de minha filha seja corrompida contando toda a pouca vergonha que se passou entre vocês.

PORFÍRIO — Mas não houve pouca vergonha nenhuma!

26

DAISY — (*ar ingênuo e magoado*). Você não quer casar comigo?

PORFÍRIO — Eu não tenho nada contra você pessoalmente. O que eu tenho é contra o casamento.

GENERAL — Quem aqui fez, aqui paga.

PORFÍRIO — Mas eu não fiz nada.

GENERAL — Você seduziu minha filha e agora vai casar com ela.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Joãozinho, o que é que você me diz a isso?

JOÃOZINHO — Bem, eu acho melhor não contrariar o General, p'ra êle não ficar mais nervoso ainda.

PORFÍRIO — (*vencido*). Eu sou um mártir cercado de víboras por todos os lados.

GENERAL — Daisy, vista o seu robe. Você vai agora mesmo comigo para o hotel. (*Porfírio começa a despir o robe, para Daisy depois vesti-lo*).

JOÃOZINHO — (*solicito*). General, há qualquer coisa que o sr. queira que eu faça?

PORFÍRIO — Joãozinho, comparado a você, Judas Iscariotes foi o sujeito mais honrado que já pôs os pés no mundo.

JOÃOZINHO — Eu estou apenas procurando ser gentil.

GENERAL — Porque é um cavalheiro, e não um libertino cínico como você.

PORFÍRIO — Mas não se esqueça de que Judas acabou com uma corda no pescoço.

GENERAL — (*para Joãozinho*). O que eu quero é que você fique aqui vigiando êsse malandro. (*para Porfírio*). Quanto a você, nem pense em fugir porque eu irei arrancá-lo até da sepultura, p'ra levá-lo p'ra igreja. (*para Daisy*). Vamos, Daisy. (*para os dois*). Nós voltamos mais tarde. (*da porta*). Vamos

28

GENERAL — P'ra você nada é pouca vergonha. Você acha tudo perfeitamente natural. O porteiro me avisou!

PORFÍRIO — Assim não é possível. O sr. não deixa eu explicar.

GENERAL — E não deixo mesmo. Porque p'ra seu crime não há explicação possível. Mas isso não vai ficar assim não.

PORFÍRIO — Pois fique o sr. sabendo que Daisy mora é no apartamento do Joãozinho.

JOÃOZINHO — Porfírio!!

PORFÍRIO — (*imitando Joãozinho*). JOÃOZINHO!

GENERAL — Cínico! Como é que você tem coragem de incriminar um rapaz como o Joãozinho, que é um perfeito cavalheiro?

PORFÍRIO — Mas é com êle que ela mora. Juro.

GENERAL — Você jurou antes que Daisy não estava aqui.

PORFÍRIO — Pergunte a ela.

GENERAL — Ah, mas isso não vai ficar assim, não.

PORFÍRIO — Daisy, não é com o Joãozinho que você mora?

JOÃOZINHO — (*rápido*). Você não vê que a menina ainda não está em condições de responder nada? Que ainda está praticamente sem sentidos?

GENERAL — (*para Porfírio*). Não vai ficar assim, não, porque você vai casar com ela.

DAISY — (*voltando imediatamente a si*). Casar?

GENERAL — Casar, sim. Nem que êsse patife tenha que ir enjaulado p'ra igreja.

DAISY — Bem, se o negócio é casar...

PORFÍRIO — Daisy, Daisinha meu amor, você não pode fazer isso comigo!

27

rápido, porque quero começar a tratar hoje mesmo dos papéis do casamento.

(O General e Daisy saem. Porfírio deixa-se cair desalentado numa cadeira e fecha o pano sobre o primeiro ato).

29

ATO II

(Mesmo cenário. Porfírio de calção faz ginástica com dois pequenos pesos. Está fumegando de ódio. Joãozinho anda de um lado para o outro).

JOÃOZINHO — Foi até bom isso acontecer, porque agora eu pude ver como você é meu amigo. (Pausa; Joãozinho continua a andar. Pára de novo). E não há nada que eu aprecie mais que a amizade. Foi uma coisa que papai sempre me ensinou. (Continua a andar. Pára de novo). Puxa, Porfírio, você não sabe a admiração que eu estou sentindo por você. Mas eu também seria capaz de qualquer sacrifício pela nossa amizade. Olha, por você, eu seria capaz de dar a minha mão esquerda. (Porfírio continua fazendo ginástica em silêncio, fuzilando). Daria até minha mão direita. (o outro continua sem se impressionar). Bom, Porfírio, está bem. Eu daria as duas mãos. (toca o telefone. Joãozinho vai atender).

JOÃOZINHO — (ao telefone, ultra solícito). Alô? Ah, sim, seu General. Pois não, seu General. O que o sr. quiser, seu General. Estou aqui para servi-lo, seu General. Não. Claro. Lógico. Da Cruz, seu General. (desligando). Às suas ordens, seu General.

31

investiga e vira-se para Porfírio, com um sorriso amável e explicativo). Era o General. (Porfírio tem uma contração de ódio). Queria o teu nome completo para os papéis de casamento.

PORFÍRIO — (falando baixo, suave, com um carinho quase maternal com Joãozinho). Joãozinho, você tem que reconhecer que o que você está fazendo comigo é uma sujeira, não é?

JOÃOZINHO — (meditativo e amável). Não, eu não diria que é exatamente uma sujeira.

PORFÍRIO — (suavíssimo). E por que é que você não diria que é exatamente uma sujeira, Joãozinho?

JOÃOZINHO — Bem, porque isso é uma troca de favores entre dois amigos.

PORFÍRIO — (ainda exageradamente calmo). Numa troca de favores, Joãozinho, geralmente há dois favores. Um favor p'ra lá e outro favor p'ra cá. Mas nesse caso, meu caro Joãozinho, só há um favor. (aos berrões). Que é o favor p'ra lá!

JOÃOZINHO — Calma, Porfírio, calma. Você está nervoso.

PORFÍRIO — Nervoso não. O que eu não gosto é de ser feito de palhaço. Você sabe muito bem que tinha obrigação de ter dito ao General que Daisy morava era no SEU apartamento.

JOÃOZINHO — Mas eu achei que seria indelicado.

PORFÍRIO — Indelicado como?

JOÃOZINHO — Depois do homem ter dado aquela bronca tôda com você, fazer êle repetir tudo comigo seria uma descortesia. Ia deixar o General numa posição ridícula.

PORFÍRIO — E daí?

JOÃOZINHO — Isso não se faz.

PORFÍRIO — E isso se faz, o que você está fazendo comigo?

JOÃOZINHO — Mas você é meu amigo.

PORFÍRIO — Joãozinho, você vai me fazer um favor. De hoje em diante, você vai me considerar seu inimigo. Seu inimigo de morte, tá bem?

JOÃOZINHO — P'ra mim você será sempre um irmão, Porfírio.

PORFÍRIO — Aliás, mais importante do que isso, eu quero saber o seguinte. Pelo que eu compreendi, a nossa amiga Daisy ainda é de uma inocência repulsiva em matéria de sexo, não é?

JOÃOZINHO — Como é que você sabe disso?

PORFÍRIO — Não interessa. É ou não é?

JOÃOZINHO — É.

PORFÍRIO — (invectivando). E como é que você explica isso, se ela própria me disse que não teria nenhuma objeção a se associar mais intimamente com você?

(Pausa. Joãozinho baixa a cabeça).

JOÃOZINHO — (amargurado). Esse é que é o meu drama, Porfírio.

(Porfírio fica chocado e sem jeito diante da reação do outro. Não sabe o que dizer).

PORFÍRIO — (procurando consolar Joãozinho). Bem, mas... espera lá. Vamos... com calma. Não se afobe. Isso deve ser um período apenas. Você talvez anda cansado... No outro dia eu li que descobriram uma vitamina genial...

33

JOÃOZINHO — (*cortando rápido*). Você me acha com cara de precisar de vitamina? O meu drama é outro.

PORFÍRIO — Qual é, então?

JOÃOZINHO — Porfírio, eu vou te fazer uma confissão. (*envergonhado*). Eu sou um rapaz direito.

PORFÍRIO — (*seríssimo*). Mas Joãozinho, você precisa superar essa fase.

JOÃOZINHO — (*torturado à la James Dean*). Eu sei que isso é uma coisa que não se admite mais hoje em dia... mas eu não posso. Eu não posso, você compreende? Eu não tenho coragem de fazer mal a uma moça, sem pretender casar com ela.

PORFÍRIO — Mas quem é que disse que você está fazendo mal? É apenas uma questão de ótica.

JOÃOZINHO — Você não pode compreender isso, porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Não, eu compreendo, mas considero um fricote filosófico inteiramente anacrônico.

JOÃOZINHO — Foi por isso que eu até hoje não tive nada com a Daisy. E não é que eu não admita a idéia de poder casar com ela, mas...

PORFÍRIO — (*repugnado*). Não diga isso.

JOÃOZINHO — Mas você sabe que a minha situação financeira tão cedo não permitiria.

PORFÍRIO — Mas então eu não entendo uma coisa. Por que é que você não conta êsse drama todo ao General? De acôrdo com a filosofia antiquada dêle, ele ia te achar formidável e aí não chateava mais, porque via que a filha não tinha sido seduzida por ninguém.

JOÃOZINHO — Eu pensei nisso. Mas depois do escândalo todo que o General fêz com o porteiro, êle

4

PORFÍRIO — Lenta não é bem o têrmo. Ela é um quadrúpede disfarçado em mulher.

JOÃOZINHO — Você já tem algum plano?

PORFÍRIO — Tenho. Dá um pulo aí ao lado e pede a ela p'ra vir cá.

JOÃOZINHO — (*indo para a porta*). Mas se ela é um quadrúpede, como é que você vai explicar o plano a ela?

PORFÍRIO — No regime da arara. Falar e mandar ela repetir. Vai lá.

(*Joãozinho sai, deixando a porta aberta. Porfírio acaba de se vestir a jato*).

JOÃOZINHO — (*de fora, metendo a cabeça na porta*). Ninguém atende.

PORFÍRIO — Diz que é você. Ela deve estar pensando que é algum cobrador.

JOÃOZINHO — (*ainda de fora*). Então ela até que que raciocina um pouco.

PORFÍRIO — Até aí vai a inteligência dela.

(*Joãozinho sai de vista novamente. Em seguida, ouvem-se vozes fora. Joãozinho e Loló aparecem na porta. Loló é uma garôta boa e bonita, mas que em geral fala com boca mole*).

PORFÍRIO — Entre. Pode entrar. Não faça cerimônia.

LOLÓ — (*de boca mole*). (*ainda de fora*). Entrar no seu apartamento?

36

naturalmente iria contar êsse meu drama ao mesmo porteiro, ao síndico, aos vizinhos, a todo mundo, p'ra que ninguém pudesse pensar mal de sua filha. Ai...

PORFÍRIO — (*cortando*). Aí seria ótimo. Você podia tranquilamente se tornar amante dela sem que ninguém pensasse mal de você.

JOÃOZINHO — Nada disso. Aí a notícia iria se espalhar até a turma da praia.

PORFÍRIO — (*sério e pensativo*). Compreendo.

JOÃOZINHO — Quando Daisy veio morar no meu apartamento, ela me explicou que continuaria a receber roupas e dinheiro do pai, de modo que não me daria despesa alguma. Mas a turma da praia pensa que ela não só é minha amante, como ainda que ela me mantém. E isso me dá um cartaz daquêles. Se êles descobrissem agora que eu sou um rapaz direito, eu ficaria desmoralizado para o resto dos meus dias.

PORFÍRIO — Claro! Claro! (*pausa*).

JOÃOZINHO — Não, contar ao General não é solução.

PORFÍRIO — Bom, mas também não é solução deixar o General fazer eu me casar com ela.

JOÃOZINHO — Precisamos encontrar uma saída.

PORFÍRIO — E rápido, porque enquanto isso o General está desencadeado. (*pausa*). (*animado*). Já sei! A Loló!

JOÃOZINHO — Que Loló?

PORFÍRIO — Loló, a nossa vizinha aí do lado.

JOÃOZINHO — Que é que tem ela?

PORFÍRIO — Ela é que vai nos salvar.

JOÃOZINHO — Eu acho muito arriscado qualquer coisa com a Loló.

PORFÍRIO — Por que?

JOÃOZINHO — Porque ela é meio... lenta.

35

JOÃOZINHO — Pois é. Nós queríamos bater um papinho com você.

LOLÓ — Mas eu nunca bati papinho com um rapaz sozinho num apartamento.

PORFÍRIO — (*explicativo, como quem fala com uma criança*). Bom, mas isso era com um rapaz. Aqui nós somos dois rapazes. Logo, não há problema.

(*Pausa*).

LOLÓ — (*com o rosto iluminado, por ter compreendido*). Ah... é mesmo!

(*Loló e Joãozinho entram. Joãozinho fecha a porta*).

PORFÍRIO — Sente-se, Loló.

PORFÍRIO — (*lento e explicativo*). Loló eu precisava de um grande favor teu. Você faz um favor p'ra mim?

LOLÓ — (*de boca mole*). Depende.

JOÃOZINHO — (*aliciante e melífluo*). É uma coisinha à-toa, que não vai custar nadinha.

PORFÍRIO — O que eu queria de você era o seguinte.

LOLÓ — (*assustada*). Ih, é pior.

PORFÍRIO — O que?

LOLÓ — Ficar com dois rapazes em vez de um, sozinho, num apartamento.

JOÃOZINHO — (*meio desalentado*). Êsse negócio vai demorar duas horas.

LOLÓ — Vou-me embora. É pior sim.

PORFÍRIO — Não faça isso, Loló. Seria pior num caso qualquer. Mas no nosso caso é diferente.

LOLÓ — (*ainda de boca mole*). Por que?

37

PORFÍRIO — (*sério e explicativo*). Porque nós, em essência abstrata da situação fenomenológica do homem, substantivamos a priori um espírito dogmático. Nos condicionamos fatores imóveis e justapostos no espaço, pelo repertório de "kosmos" existente em nós. É o trânsito da historicidade nos diagnósticos assimilados. (*pausa*). Compreendeu? (*Joãozinho está olhando Porfírio com expressão inteiramente apavorada diante da explicação incompreensível. Loló está com cara de quem ficou vivamente impressionada. Pausa*).

LOLÓ — (*convicta*). Compreendi

PORFÍRIO — Então senta e ouve. Nós vamos sair e você vai ficar aqui sozinha. Daqui a pouco vai chegar um homem.

LOLÓ — (*levantando, assustada*). Outro homem?

JOÃOZINHO — (*fazendo Loló sentar de novo*). Mas com uma môça.

LOLÓ — Ah, sim.

PORFÍRIO — Aí eles vão perguntar quem é você. E você vai responder que é minha espôsa.

LOLÓ — (*desconfiada*). Espôsa?

JOÃOZINHO — (*tom brincalhão, para eliminar suspeitas de Loló*). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

LOLÓ — Ah! Uma brincadeira que nós vamos fazer...?

PORFÍRIO — Pois é! Uma brincadeira que nós vamos fazer. Bom, então você entendeu bem essa primeira parte?

LOLÓ — Entendi.

PORFÍRIO — Muito bem. Aí eles vão provavelmente perguntar se nós já somos casados há muito

38

LOLÓ — Nisso eu tenho razão. Se p'ra mim eu falo no tratamento de "eu", então eu tenho que mudar a frase que o Porfírio disse, e aí eu não estou mais re-pe-tin-do, porque já não estou mais dizendo as mesmas palavras. (*triumfante*). Conheceu, papudo?

PORFÍRIO — Tá bem, Loló. Ganhou. Você é um gênio.

LOLÓ — (*modesta*). Qual nada! Você é que não pediu muito no que 'tava dizendo.

PORFÍRIO — O importante é que depois de dizer isso tudo, você não responde mais nada que eles perguntarem. Mais nada, tá O.K.?

LOLÓ — Por que?

JOÃOZINHO — Porque... porque senão eles podem desconfiar da brincadeira.

PORFÍRIO — Você só diz isso. Que é minha espôsa, há cinco anos, que nós nos separamos e que agora você voltou p'ra nós continuarmos a viver juntos. Se eles tiverem qualquer dúvida, você diz de novo isso p'ra eles. (*Pausa*).

JOÃOZINHO — Mais alguma coisa, Porfírio? (*Joãozinho vai à janela e olha para baixo*).

PORFÍRIO — Mais nada.

LOLÓ — Mas vem cá.

PORFÍRIO — Que é, Loló?

LOLÓ — Eu conto essa história tôda, mas o que é que eu ganho com isso?

PORFÍRIO — Por êsse favor, Loló, você pode pedir o que quiser.

LOLÓ — O que eu quiser?

PORFÍRIO — O que é que você mais deseja na vida?

LOLÓ — Casar.

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Joãozinho, cada vez eu me convengo mais que as mulheres não têm a

40

tempo. E você vai responder que nós nos casamos há cinco anos, mas que logo depois nos separamos.

LOLÓ — Ih, que brincadeira bôba.

PORFÍRIO — Bom, nos separamos, mas agora você voltou.

JOÃOZINHO — Voltou, tá compreendendo?

PORFÍRIO — Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher. Entendeu?

LOLÓ — Entendi.

PORFÍRIO — Então repete.

LOLÓ — Voltou p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser minha mulher.

JOÃOZINHO — Não. Loló! Você tem que dizer: "Voltei p'ra vir morar com êle, p'ra continuar a ser sua mulher."

LOLÓ — Assim não é repetir.

PORFÍRIO — Por que é que assim não é repetir?

LOLÓ — Porque repetir é dizer igualzinho a mesma coisa.

JOÃOZINHO — Não. Você repete, mas tem que colocar a frase na primeira pessoa.

LOLÓ — Que primeira pessoa?

JOÃOZINHO — Na primeira pessoa. No pronome "EU". Quando o Porfírio fala com você, êle se refere a você no tratamento de "você", mas quando você fala, você se refere a você como "eu" e ao Porfírio como "êle".

LOLÓ — Mas se quando o Porfírio fala comigo, êle se refere a êle como "eu" e a mim no tratamento de "você", e quando eu falo, eu me refiro a mim como "eu" e no Porfírio como "êle"...

PORFÍRIO — (*aos berros*). Chega!

JOÃOZINHO — (*querendo continuar*). Não, mas...

PORFÍRIO — Joãozinho, por santo amor de Deus!!!

39

menor imaginação. (*para Loló*). Por que é que você não pede outra coisa?

LOLÓ — Porque disso é que estou muito precisando.

PORFÍRIO — E se eu te oferecesse um casamento às peles?

LOLÓ — (*de boca mole*). Marido é mais engraçado. (*risinho semi-envergonhado*). (*Pausa*).

PORFÍRIO — Joãozinho, o que é que você está fazendo aí na janela?

JOÃOZINHO — Tou vigiando a chegada do General.

PORFÍRIO — Você que ir buscar um copo com água p'ra Loló?

JOÃOZINHO — (*desconfiado*). Um copo com água?

PORFÍRIO — Perfeitamente. Um copo com água.

JOÃOZINHO — Mas quem é que disse que ela está com sede? Você está com sede, Loló?

PORFÍRIO — Claro que ela está com sede. Então você não está vendo que ela está com sede? Que está até com os lábios rachadinhos? Vai logo.

(*Joãozinho vai indo desconfiado para a cozinha*).

LOLÓ — (*intrigada*). Eu estou com sede, é?

PORFÍRIO — Está sim. Escuta. Se você fizer isso que eu pedi, eu prometo que faço o Joãozinho casar com você.

LOLÓ — Batata?

PORFÍRIO — Batata.

LOLÓ — Então eu topo.

JOÃOZINHO — (*entrando com a água*). Pronto. (*dá o copo a Loló, que já o olha com o ar mais embevecido do mundo*). Porfírio, eu não sei porque eu

41

estou com um pressentimento que esse plano não vai dar certo. (*Joãozinho volta para a janela*).

PORFÍRIO — Claro que vai dar certo. Se o General se convencer que Loló é minha esposa, êle não pode querer que eu seja bigamo, pode?

JOÃOZINHO — Mas você se esquece... (*olha para baixo, agitado*). Aí vêm êles!!

PORFÍRIO — Loló, veja lá, hem! Posso confiar em você? (*Porfírio e Joãozinho preparam-se para sair*).

LOLÓ — Farei os possíveis.

JOÃOZINHO — Deus é grande!

LOLÓ — Escuta, esse homem que vem aí é seu amigo?

PORFÍRIO — Do peito. Só que êle é muito brincalhão e às vezes finge que não gosta de mim. (*êles já estão na porta*).

JOÃOZINHO — (*da porta*). Mas é fingimento. Só fingimento. (*saem e fecham a porta. Loló fica sozinho ensaiando em silêncio as respostas que lhe foram ensinadas. Depois faz uma cara de quem não está entendendo muita coisa. Mas dá de ombros e aguarda. Toca a campainha*).

LOLÓ — (*abrindo a porta*). Pode entrar. (*o General e Daisy entram meio desconfiados e procuram com os olhos Porfírio e Joãozinho*).

GENERAL — Onde estão Porfírio e Joãozinho?

LOLÓ — (*após pequena hesitação*). Saíram.

GENERAL — Mas vão demorar?

LOLÓ — (*nova hesitação*). Acho que não.

GENERAL — (*sentado*). Muito bem. Nós esperamos então. (*Pausa*).

LOLÓ — Ih, começa logo!

DAISY — Começa o que?

42

LOLÓ — Como foi que eu disse mesmo?

GENERAL — A senhora disse: "Voltei p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser sua mulher".

LOLÓ — Olha, deixa eu dizer depressa que sai. (*fecha os olhos e dispara as palavras*). Voltei p'ra vir morar com êle, p'ra continuar a ser sua mulher. (*abre os olhos triunfantes*). Viu?

GENERAL — (*nervoso*). Daisy, você quer ver se descobre quem é essa louca e o que é que ela está fazendo aqui?

DAISY — Vocês tem filhos?

LOLÓ — Isso eu não posso responder.

DAISY — Por que?

LOLÓ — Porque senão vocês vão desconfiar da brincadeira.

GENERAL — Mas afinal de contas, que brincadeira é essa?

LOLÓ — (*coçando a cabeça*). Pois é. Isso é que eu também não sei.

GENERAL — Escuta menina. Responda com toda sinceridade. Você tem certeza que não é maluca?

LOLÓ — (*intimidada*). Eu sou a esposa de Porfírio.

GENERAL — Mas nunca esteve internada?

LOLÓ — Há cinco anos.

DAISY — Você hoje já esteve conversando com o Porfírio?

LOLÓ — Mas logo depois nos separamos.

DAISY — Porfírio disse a você p'ra que é que eu vinha aqui?

LOLÓ — P'ra vir morar com êle, p'ra ser sua mulher.

GENERAL — (*aos berros*). Tá tudo explicado. Mas fique sabendo que o canalhocrata do seu amiguinho não me escapa. E que vai acabar na igreja nem que seja a bala.

44

GENERAL — Desculpe perguntar, mas quem é você?

LOLÓ — (*satisfeita por ter sido finalmente feita a pergunta que esperava, responde convicta*). Eu sou a esposa de Porfírio.

DAISY — (*desconfiada*). Espôsa?

LOLÓ — (*explicativa*). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

GENERAL — Brincadeira? Que brincadeira?

LOLÓ — Não era isso que o sr. devia perguntar agora.

GENERAL — O que é que eu devia perguntar agora?

LOLÓ — Há quantos tempos nós somos casados.

GENERAL — Muito bem. Então me diga. Há quanto tempo vocês são casados?

LOLÓ — Há cinco anos.

DAISY — Mas casados no duro?

LOLÓ — (*hesitante, coçando a cabeça*). Bem, isso êle não explicou, mas eu acho que é.

GENERAL — E onde é que você andou todo esse tempo?

LOLÓ — Nós logo depois nos separamos.

DAISY — Bem, mas onde é que você esteve?

LOLÓ — Por aí.

GENERAL — E agora você voltou?

LOLÓ — Voltei... Espera aí. Como era mesmo?

Voltei... p'ra vir morar comigo, p'ra continuar a ser sua mulher. Teve que ficar assim por causa da primeira pessoa.

(*O General e Daisy se entreolham, desconfiadíssimos*).

GENERAL — A senhora quer fazer o favor de repetir essa frase?

43

LOLÓ — Puxa, se isso é fingimento, o sr. finge bem p'ra xuxu.

GENERAL — Fingimento? Você vai ver a lição que eu vou passar naquele libertino.

(*Nesse momento abre-se a porta com violência e surgem Porfírio e Joãozinho. Porfírio pára dramaticamente na entrada*).

PORFÍRIO — (*olhando Loló*). Querida! Tu volte! (*ligeira pausa*).

LOLÓ — (*de boca mole*). Olha, danou tudo!

(*Porfírio parte para abraçá-la*).

PORFÍRIO — Oh, meu amor! Há quanto tempo!

LOLÓ — 'Tou dizendo que danou tudo!

PORFÍRIO — Compreendo. A tua vida longe de mim é que se danou, não foi? Mas não há de ser nada, meu bem. Vamos recomeçar tudo e reconstruir o nosso lar. (*Porfírio está abraçado com ela; há um silêncio*). Não dizes nada, querida?

GENERAL — (*peremptório*). Não vai reconstruir coisíssima nenhuma.

PORFÍRIO — Ah, General, o senhor está aí?

GENERAL — (*sereno e definitivo*). Eu vim aqui p'ra você assinar os papéis do casamento. (*enfia um papel na mão de Porfírio*).

PORFÍRIO — (*amável, embora recebendo o papel*). Não vê o senhor, General, que eu não lhe disse antes, mas sucede que eu já sou casado.

45

GENERAL — (*aproximando-se de Porfírio e oferecendo-lhe sua caneta*). Você tem caneta? Porque se não tiver, eu não tenho objeção alguma em emprestar a minha.

PORFÍRIO — (*parando*). General, parece que o senhor não compreendeu bem. Eu disse que JÁ ERA casado. (*amável*). E de acôrdo com a lei brasileira, não sei se o senhor sabe, a gente não pode casar duas vezes.

GENERAL — (*sacando o revólver*). Não se faça de bêsta e assina logo, porque eu quero dar entrada nos papéis ainda hoje.

PORFÍRIO — (*violento*). Mas isso é uma violência. O sr. não pode fazer isso. É um crime contra a liberdade individual de um cidadão. Afinal de contas, eu tenho meus direitos. (*ralentando gradativamente o ritmo da frase*). E não posso ser forçado assinar... uma coisa... com a... qual... eu... não... estou... de acôrdo. (*baixo e humilde*). Não posso... Ou posso?

GENERAL — (*ainda amável*). Pode. (*Porfírio está com o papel e a caneta na mão*).

PORFÍRIO — (*com os olhos fixos no revólver*). Joãozinho, você me acharia um traidor se eu agora contasse tudo... Mas tudinho mesmo?

JOÃOZINHO — Ainda não chegou o momento de empregar medidas tão extremas.

PORFÍRIO — (*após rápida leitura*). De minha livre e espontânea vontade, General?

GENERAL — (*sempre amabilíssimo*). Assina, meu anjo.

(*Porfírio vai assinar, mas pára*).

DAISY — Fique sabendo que nenhum de nós está aqui disposto a aturar seu sarcasmo nem seu mau humor.

PORFÍRIO — Você se esquece que vocês é que estão na minha casa? Os incomodados que se mudem.

DAISY — E você se esquece que está falando praticamente com a sua espôsa?

PORFÍRIO — Espôsa?

LOLÓ — (*convencida que está acertando em cheio*). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

PORFÍRIO — (*rosnando*). Loló, chega, ouviu? Essa brincadeira já acabou.

LOLÓ — (*chorosa*). Você não tem direito de falar assim comigo. Eu respondi tudo direitinho.

JOÃOZINHO — Calma, Loló.

LOLÓ — (*ainda chorosa*). Não posso entender porque é que não deu certo.

JOÃOZINHO — Não chora. No fundo, Porfírio não está zangado com você.

PORFÍRIO — (*irônico*). Claro que não. (*sardônico, para Loló*). Eu só queria era um outro favor teu.

LOLÓ — (*de boca mole*). Pois não, Porfírio.

PORFÍRIO — (*ultra-sardônico*). Era que você pegasse uma gilete e cortasse uma a uma as veias de teu pulso. Ou então tomasse café com formicida. (*vai pegando um tom violento*). Ou ateasse fogo às vestes. Ou metesse uma bala na cabeça.

(*Loló, que conforme Porfírio falava ia ficando cada vez mais assustada, rebentando num pranto convulsivo*).

JOÃOZINHO — Calma, Loló. Não chore. É que Porfírio está nervoso. (*vai levando Loló para a por-*

PORFÍRIO — Joãozinho, só p'ra minha informação, eu queria saber o seguinte. Você acha que o momento de empregar medidas extremas p'ra salvar um guilhotinado é antes ou depois da cabeça pular fora?

GENERAL — (*aos berros, com o revólver na cara de Porfírio*). Assina!

PORFÍRIO — Já que falou com bons modos...

(*Porfírio assina. O General guarda o revólver. Pega o papel, olha-o com carinho e então enxuga uma lágrima furtiva*).

GENERAL — (*emocionado*). Meus filhos, vocês me desculpem a emoção, mas é que eu sou um velho de natureza sentimental. (*Porfírio olha com cara de poucos amigos para êle*). É êsse o momento romântico com que eu sempre sonhei na minha vida; ver minha filha pedida em casamento. Mas como eu não sei fazer discursos bonitos, só quero dizer uma coisa a vocês: sejam felizes. (*beija os dois*).

PORFÍRIO — Isso já é tripudiar.

GENERAL — (*encaminhando-se para sair*). Daisy, meu bem, fique aí direitinho com seu noivo, que o papai já volta. (*para Porfírio*). Meu genro, comporte-se, sim! (*para Joãozinho e Loló*). P'ra vocês que ficam, até logo. (*Sai. Pausa*).

LOLÓ — (*de boca mole*). Até que êle é um bocado simpático, não é?

PORFÍRIO — (*de boca mole, imitando Loló*). Você acha, acha?

DAISY — Ih, você já vai começar, é?

PORFÍRIO — Começar o que?

ta). Vamos sair um pouco. Vamos dar uma voltinha (*sucm*).

DAISY — (*para Porfírio*). Você não tem mesmo um pingão de coração.

PORFÍRIO — Vocês por acaso é que têm? O que eu acho querido é o tom com que você já fala comigo.

DAISY — Que tom?

PORFÍRIO — Êsse tom de vida de casado.

DAISY — Não diga bobagens, porque nós ainda nem sequer somos casados.

PORFÍRIO — A simples perspectiva do casamento, transforma qualquer Pier Angeli em um Boris Karloff.

DAISY — Bem, eu realmente fui um pouco indelicada com você, mas voce também foi muito indelicado com a Loló.

PORFÍRIO — (*levemente representando*). Não, não tem importância. E não me compreenda mal. Eu gosto de você. Você é o tipo de mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei.

DAISY — (*surpresa e um tanto irônica*). Que é que há com você, hem?

PORFÍRIO — Não, no duro. Não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

DAISY — É isso que você diz a tôdas as suas namoradas?

PORFÍRIO — Bem, se você se acha repulsiva e não quer acreditar, isso é problema seu. Uma coisa te digo. Eu estou fazendo exatamente o que eu estou sentindo.

DAISY — É que você mudou tão de repente...

PORFÍRIO — (*ainda levemente representando*). Dai-

y, eu sou muito diferente do que vocês me julgam. No fundo eu sou um romântico. E tôdas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

DAISY — Por que você ainda não se encontrou...?

PORFÍRIO — Exatamente. E na verdade eu levo uma vida triste, solitária e tremendamente amargurada.

DAISY — (*sincera*). Puxa, você deve sofrer um bocado.

PORFÍRIO — (*falsamente amargurado*). Não há nada pior que ter cada dia uma pequena. Do que cada dia conhecer um corpo diferente. E um sofrimento pavoroso.

DAISY — Eu nunca imaginei que os homens pudessem pensar assim.

PORFÍRIO — Eu não sou um homem como os outros. Eu acho que sexo, apenas por sexo, sem uma ligação afetiva, não é um ato digno de criaturas evoluídas.

DAISY — É exatamente o que eu também acho.

PORFÍRIO — Pois é. Eu senti que você pensava assim. Por isso, logo à primeira vista, eu gostei de você.

DAISY — Até que você não é tão ruim quanto eu pensava.

PORFÍRIO — E agora nós vamos nos casar.

DAISY — Aliás, aí há uma coisa que eu quero te explicar, Porfírio.

PORFÍRIO — Eu também tenho uma coisa que eu quero te explicar. É o seguinte. Eu sou definitivamente contra a noite de núpcias.

DAISY — Contra?

PORFÍRIO — É. Eu acho que o dia do casamento é um dia muito agitado, muito cheio de corre-corre,

50

PORFÍRIO — Mas você não vai permitir que êsse detalhe técnico atrapalhe tôda minha vida.

DAISY — Fique sabendo que nós só vamos nos casar p'ra eu me libertar das garras de papai e p'ro Joãozinho não poder mais ter aqueles dramas de rapaz direito. Em seguida, eu venho morar aqui para não dar despesas ao Joãozinho e mesmo porque, perante a lei, você tem obrigação de me manter. Mas não vou ter nada um com o outro, 'tá me entendendo? Todas as minhas noites de amor, eu as passarei com o Joãozinho. E pode começar juntar dinheiro também, porque é você que vai pagar minha lua de mel com meu amor.

PORFÍRIO — (*estupefato*). Mas isso não se faz a um cão danado.

DAISY — E tem mais. Quero êsse apartamento limpo, arrumado e, de hoje em diante, sem aquêle quadro libidinoso na parede. (*Daisy parte para o quadro "neste apartamento mora um solteiro feliz"*).

PORFÍRIO — (*num apêlo patético*). Não! Isso não!

DAISY — (*vivando o quadro*). Quero decência aqui dentro!

PORFÍRIO — (*num gemido repugnado*). Decência?

DAISY — E acima de tudo moral. (*começa a cair o pano. Daisy abre a porta para sair*). Moral, tá me entendendo? (*sai batendo a porta*).

(*Termina de fechar o pano sobre o segundo ato*).

52

de modo que, p'ra minha sensibilidade, a noite desse dia não é em absoluto o momento ideal para a primeira ligação de amor entre duas pessoas.

DAISY — E daí?

PORFÍRIO — Daí, que na minha opinião, quando duas pessoas se casam, já devem se conhecer com tôda intimidade, p'ra evitar constrangimentos. E, para se conhecerem, nada melhor do que um momento tranqüilo e despreocupado em que os dois estejam juntos, numa profunda e perfeita comunhão espiritual. (*pausa*). Um momento como êsse que nós estamos vivendo agora.

DAISY — Continua.

PORFÍRIO — Na noite de núpcias, quando o rapaz segura a mão da môça, há um certo mal estar, porque aquilo já estava pré-determinado. Mas num dia qualquer, quando êle segura a mão dela (*segura a mão de Daisy*), aquilo tem um significado muito mais profundo, porque foi alguma coisa que surgiu com emoção e espontaneidade. Por outro lado...

DAISY — (*desprende-se dêle*). Basta de tapiação. Você pensa que eu não sei onde você quer chegar? O que eu fico bôba é de ver como você pode querer fazer isso com a namorada de seu melhor amigo.

PORFÍRIO — (*furioso*). Bolas! E com quem meu melhor amigo quer me ver casado.

DAISY — Isso não tem nada a ver com o peixe.

PORFÍRIO — Isso é o próprio peixe.

DAISY — Você é mesmo um libertino sem moral.

PORFÍRIO — Nós não vamos nos casar?

DAISY — Vamos.

PORFÍRIO — Então porque é que a gente não pode começar, a se amar logo, desde hoje?

DAISY — Porque você não me dá falta de ar.

51

ATO III

(*Mesmo cenário, mas sem o quadro "neste apartamento..." na parede. Porfírio e o General estão em cena jogando uma partida de xadrez*).

PORFÍRIO — General, eu não sei como lhe dizer isso, mas sou forçado a lhe dar uma notícia desagradável que vai alterar muitos dos seus planos.

GENERAL — (*apreensivo*). O que é?

PORFÍRIO — Eu compreendo que o sr. fêz uma série de projetos baseado num fato e que agora, com essa notícia, êsses projetos irão todos por água abaixo, mas...

GENERAL — Fale logo.

PORFÍRIO — ... Mas chegou o momento em que não posso mais lhe sonegar o que está se passando aqui. General, o sr. vai me desculpar imensamente eu lhe dizer isso, mas a realidade nua e crua... é que sua filha... é virgem. (*pausa*).

GENERAL — Por que?

PORFÍRIO — Porque... Ora, porque. O sr. tem idade bastante p'ra saber porque.

GENERAL — O sr. tem alguma deficiência?

PORFÍRIO — Não é bem êsse o caso, General!

53

GENERAL — (*mais queimado*). O sr. está então por acaso querendo insinuar que minha filha não é atraente o bastante para entusiasmar um homem?

PORFÍRIO — General, eu tinha prometido ao Joãozinho não contar nada a respeito dêsse caso. Mas agora eu já fui empurrado até muito perto do altar, de modo que sou forçado a quebrar minha promessa. Daisy morava, não comigo, mas com o Joãozinho.

GENERAL — Mesmo que isso fôsse verdade, continua inteiramente inexplicável essa pureza de minha filha.

PORFÍRIO — Acontece que o Joãozinho tem o grave defeito de ser um rapaz direito.

GENERAL — Bem, vamos ver isso por partes. Primeiro. Como é que você pode provar que Daisy não morava com você e sim com o Joãozinho?

PORFÍRIO — Vou lhe responder também por partes. Primeiro. O sr. já percebeu que nas novelas policiais o assassino não é nunca aquele que tá na cara que devia ser?

GENERAL — Já.

PORFÍRIO — E quem é normalmente o assassino?

GENERAL — O mordomo.

PORFÍRIO — Que é o tipo do sujeito que é um verdadeiro doce de côco e que ninguém desconfiava, não é?

GENERAL — Exatamente.

PORFÍRIO — Muito bem. Pois no nosso caso, o mordomo é o Joãozinho. (*pausa*). Segundo. Que é que todo mundo diz que eu sou?

GENERAL — Um libertino.

PORFÍRIO — E o sr. acha que um libertino que se preza, um sujeito que tem um horror mortal ao casa-

54

PORFÍRIO — Observando os seguintes detalhes. Um. O ar aparvalhado do Joãozinho, que é típico de rapaz direito. O vigarista tem um brilho fascinante no olhar que o sujeito honesto nunca tem. Dois. A preocupação de Joãozinho em querer ficar "bem" diante do sr. O libertino não se incomoda de ser considerado libertino. Três. A ansiedade desvairada de Daisy em querer casar e ter uma lua de mel. A môça que... já encontrou na vida, também quer casar, mas com serenidade.

GENERAL — Isso significa uma mudança completa nos meus planos.

PORFÍRIO — Mas também significa que se acabaram as suas preocupações.

GENERAL — Só que Daisy volta a ficar sem nenhum marido à vista.

PORFÍRIO — Acima de tudo, General, o importante é que agora não se justifica mais o sr. andar sacando seu revólver por aí.

GENERAL — (*cordial*). Você é um patife de última classe, mas ainda assim eu quero explicar que se assumi uma atitude aparentemente violenta foi...

PORFÍRIO — Aparentemente?

GENERAL — ... Foi porque eu tenho uma estima e um amor imenso a minha filha. A mãe morreu quando ela tinha dois anos e você sabe que não é fácil para um pai substituir o seio materno.

PORFÍRIO — (*intencional*). Claro!

GENERAL — Nem tornei a me casar para me dedicar inteiramente a ela. E esta vida sozinho foi me tornando cada dia mais austero.

PORFÍRIO — Todo sujeito só é um moralista.

GENERAL — Quando ela quis vir para o Rio, eu só concordei porque ela vinha morar na casa de uma

56

mento, iria estar morando com uma môça numa vida em tudo e por tudo semelhante a do casamento?

GENERAL — Realmente... Parece que não.

PORFÍRIO — Terceiro. Quando o sr. entrou no apartamento do Joãozinho, qual foi sua impressão?

GENERAL — Muito boa.

PORFÍRIO — E quando o sr. entrou no meu apartamento, qual foi sua impressão?

GENERAL — Uma respeitável bagunça.

PORFÍRIO — Uma salutar e respeitável bagunça masculina. Muito bem. Agora me diga uma coisa. O sr. considera sua filha uma relapsa?

GENERAL — Não.

PORFÍRIO — Então onde é que é mais provável que Daisy estivesse morando? No meu apartamento ou no do Joãozinho?

GENERAL — No do Joãozinho.

PORFÍRIO — Quarto e último. Quando o sr. estava procurando Daisy neste apartamento, o sr. chegou a ir até o banheiro?

GENERAL — Cheguei.

PORFÍRIO — E o que é que o sr. viu lá?

GENERAL — Apenas alguns jornais espalhados.

PORFÍRIO — (*inflamado*). E o sr. acha que há alguma mulher no mundo que permita ao marido ou ao amante êsse prazer humano e singelo de ler tranquilamente seus jornais?

GENERAL — De forma alguma.

PORFÍRIO — Então o sr. concorda que êsses benditos jornais são a prova definitiva da minha vida de solteiro?

GENERAL — Você me convenceu. Daisy morava com o Joãozinho. Mas como é que eu agora posso ter certeza de que êle não abusou de minha filha?

55

família conhecida. Mas agora vi que, mesmo assim, os perigos são muitos. Nunca se pode ter certeza de que ela vá encontrar sempre rapazes honrados e distintos como o Joãozinho. Há também os tipos como você. Por isso vou levá-la de volta p'ra minha companhia.

PORFÍRIO — (*despedindo-se dêle*). Embora em matéria de amor o sr. seja o tipo do reacionário, eu acho que gosto do senhor.

(*Nesse instante entra Joãozinho, cabisbaixo e amargurado*).

GENERAL — (*alegre, para Joãozinho*). Meu rapaz, já sei de tudo!

JOÃOZINHO — (*espantado*). Tudo?

PORFÍRIO — (*definitivo*). Graças a mim.

GENERAL — (*pomposo*). E devo dizer que admirei imensamente sua conduta irreprochável.

JOÃOZINHO — Irreprochável?

GENERAL — Não é todo dia que se encontra um gentleman como você, meu rapaz. Um gentleman com a retidão moral e o caráter que você demonstrou.

JOÃOZINHO — O sr. tá exagerando, General...

GENERAL — Não seja modesto. Você é um dos poucos que pode dizer com orgulho: eu sou um cavalheiro.

JOÃOZINHO — Mas general, eu não sou...

GENERAL — (*cortando*). Meu rapaz, no meu nome e no de minha filha...

JOÃOZINHO — (*nervoso*). General...

GENERAL — Eu quero lhe agradecer o fato de não ter feito aquilo que qualquer libertino teria feito.

57

JOÃOZINHO — (*exasperado*). General, o que eu estou tentando dizer é que acabei de fazer exatamente aquilo que qualquer libertino teria feito.

GENERAL — (*perplexo*). Mas como é que o sr. pôde fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — Como? Da maneira tradicional!!!

PORFÍRIO — (*divertido*). Quando foi isso?

JOÃOZINHO — Agora... agorinha.

GENERAL — E eu que o julguei um cavalheiro.

PORFÍRIO — (*imitando o General*). Meu rapaz, meus parabéns.

GENERAL — Súcia de crápulas.

JOÃOZINHO — (*abatido*). Sou um canalha.

GENERAL — (*partindo para a porta*). Vou buscar minha filha. Vou imediatamente buscar minha filha.

(*Sai. Pausa. Joãozinho deixou-se cair numa poltrona arrasado*).

JOÃOZINHO — (*amargurado*). Que é que eu faço agora, Porfírio?

PORFÍRIO — (*tranqüilíssimo*). Ora, o caso também não é assim tão sério...

JOÃOZINHO — Eu me sinto o último dos canalhas.

PORFÍRIO — Obrigado. (*Porfírio começa a arrumar o apartamento*).

JOÃOZINHO — Obrigado por que?

PORFÍRIO — Porque assim, no máximo, eu poderei ser o penúltimo.

JOÃOZINHO — Brincadeira tem hora, Porfírio.

PORFÍRIO — E eu acho essa hora agora tão boa quanto qualquer outra.

58

ência sub-liminar. A figura vai começando a ficar com vontade de assumir uma atitude heróica. E a tendência ao leito se torna uma consequência lógica irreversível.

JOÃOZINHO — Isso já é colocar uma cantada em termos de sistema filosófico.

PORFÍRIO — Você conhece a Mariusca?

JOÃOZINHO — Aquela boa, que não dá bola p'ra ninguém?

PORFÍRIO — Exatamente. Pois eu boleei uma técnica infalível para atraí-la a este apartamento.

JOÃOZINHO — Ela não quer nada.

PORFÍRIO — Quer. Eu sei que quer porque apliquei um teste psicológico. Perguntei a ela, se ela tivesse que ir à Europa, e se pudesse visitar somente uma cidade, qual cidade que ela escolheria. Ora, uma moça preocupada em estudos, responderia Roma. Uma romântica, diria Veneza. Mas ela respondeu Paris. O que revela suas tendências óbvias.

JOÃOZINHO — E o que é que você vai fazer?

PORFÍRIO — Começar a sair com ela.

JOÃOZINHO — Isso é o que todos têm feito.

PORFÍRIO — Mas com a diferença que eu não vou querer absolutamente nada. Vou pegá-la em casa, de automóvel, muito digno, passear um pouco e depois levá-la de nôvo em casa de automóvel, sem nem pedir p'ra segurar na mão.

JOÃOZINHO — Não 'tou vendo onde você quer chegar.

PORFÍRIO — Isso quatro, cinco, seis vezes. Almoços, jantares, concertos de piano, convites p'ra assistir peças de Bertolt Brecht. Negócio cultural p'ra xuxu. E sem falar em sexo. Ai a coitadinha vai começar a ficar meio intrigada.

60

JOÃOZINHO — Você não vê que eu me envolvi numa responsabilidade tremenda?

PORFÍRIO — Não vejo responsabilidade nenhuma. (*Porfírio pega o quadro "neste apartamento"... para recolocá-lo na parede*).

JOÃOZINHO — Você não pode compreender isso porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Comparado com o que vocês planejam e agem aqui, eu 'tou chegando à conclusão que eu sou um anjinho fugido de presépio.

JOÃOZINHO — Será que você não podia me ajudar em nada?

PORFÍRIO — (*definitivo*). Não. Caso você ainda não tenha percebido, eu agora vou pedir a vocês todos que sumam do meu apartamento e começo vida nova, meu velho. Longe de preocupações e, se Deus quiser, uma vida inteiramente sem moral. (*aciona um interruptor, que reduz a luz do ambiente. Em seguida liga a vitrola. Entra em bg uma marcha militar do gênero do hino dos fuzileiros navais americanos*).

JOÃOZINHO — Você não vai nem se interessar pelo que vai acontecer comigo?

PORFÍRIO — Que tal minha nova técnica?

JOÃOZINHO — Antigamente a música era romântica.

PORFÍRIO — Ai é que está. Música romântica é justamente o que a vítima está esperando. É um condicionamento muito elementar.

JOÃOZINHO — O que eu acho formidável é esse acabamento profissional que você empresta a uma conquista.

PORFÍRIO — A marcha militar exerce uma influ-

59

JOÃOZINHO — Puxa, êsse plano é a longo prazo.

PORFÍRIO — Mas funciona. Ela vai começar a pensar lá com seus botões. Que é que há com êsse cara, que canta tudo que é pequena e comigo não quer nada?

JOÃOZINHO — (*fascinado*). E vai achar que o defeito talvez seja dela. Que ela é que não é boa o bastante p'ra você.

PORFÍRIO — E vai passar a se oferecer. Vai falar com aquela boquinha linda assim bem juntinho da minha. E eu nem pelota.

JOÃOZINHO — Você vai traumatizar a garôta.

PORFÍRIO — Até o dia em que eu marcar um encontro aqui no meu apartamento. Ela vai vir rastejando. Implorando o meu amor. (*pausa*). O resto, eu deixo a sua imaginação completar.

JOÃOZINHO — (*fascinado*). Isso é que é vida. (*Porfírio desliga a vitrola*). (*amargurado*). Puxa, p'ra que é que eu fui inventar de ser um rapaz direito?

PORFÍRIO — Joãozinho, você tem que se convencer de uma coisa. Na vida, tudo que é bom, é pecado.

JOÃOZINHO — Uma coisa eu não posso perdoar meus pais.

PORFÍRIO — O que é?

JOÃOZINHO — Terem me dado uma formação moral tão sólida.

PORFÍRIO — Você ainda insiste nessas idéias "démódées"?

JOÃOZINHO — (*solene*). Depois do que eu fiz a única solução é o casamento.

PORFÍRIO — Joãozinho, eu vou te pedir uma coisa.

JOÃOZINHO — Fala.

PORFÍRIO — É que você tenha um pouco mais de

61

audor e não fale em casamento com tanta naturalidade. Eu sou um sujeito muito sensível, sabe?

JOÃOZINHO — P'ra mim o mal não é tanto o casamento. O diabo é que ela é tão burrinha...

PORFÍRIO — (*intencional*). Eu até que a acho uma menina muito viva...

JOÃOZINHO — Muito viva? Ah! Então eu sou um cérebro eletrônico. (*Pausa. Os dois param na posição em que estão. Em seguida vão virando lentamente o rosto um para o outro.*)

PORFÍRIO — Espera aí! De quem é que você está falando?

JOÃOZINHO — Da Loló, ora essa.

PORFÍRIO — Então foi com ela?

JOÃOZINHO — (*cabisbaixo*). Pois é. Foi com ela.

PORFÍRIO — Eu pensei...

JOÃOZINHO — E agora eu vou ter que casar com aquela mentecapta.

PORFÍRIO — Mas você sabendo como você pensa, como é que foi fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO — A carne é fraca, Porfírio.

PORFÍRIO — E agora vai casar...?

JOÃOZINHO — (*dramático*). Não posso suportar a idéia de não casar e saber que causei a perdição de uma môça, que lancei no mundo uma infeliz.

(*Nesse instante abre-se a porta e entra Loló, com o ar mais feliz do mundo.*)

LOLÓ — (*sorridente para os dois*). Oba! (*pausa*).

PORFÍRIO — (*para Joãozinho*). Até que ela não parece assim tão infeliz... Mas se você acha que deve casar...

62

DAISY — Disse o quê?

PORFÍRIO — Que êsse era um plano que funcionava com a precisão de um relógio suíço.

GENERAL — Bom, então... Está tudo resolvido.

DAISY — Joãozinho, fique sabendo que você caiu no meu conceito.

GENERAL — Mas minha filha, êle vai remediar o mal casando com Loló.

DAISY — O problema não é êsse. O fato é que o primeiro de consideração que êle podia ter comigo, era me dar prioridade.

LOLÓ — (*de boca mole*). Quem vai ao vento perde o assento.

PORFÍRIO — Depois dessa frase bíblica da Loló, eu acho que você não tem outra solução senão se conformar, minha cara Daisy.

DAISY — Não. Antes eu quero ver o que Joãozinho tem a me dizer.

GENERAL — (*consolando*). Conforme-se, minha filha, conforme-se. Loló teve apenas mais sorte que você. Só isso.

DAISY — (*imperativa*). Fala, Joãozinho.

JOÃOZINHO — Bem, você sabe... Nós saímos juntos daqui. Loló estava magoada com que o Porfírio tinha dito a ela. Aí ela começou a chorar... Aí eu comecei a consolá-la... Aí ela chorou mais... Você sabe como é. Eu sou um sujeito de coração mole. Não sei resistir a lágrimas de mulher.

GENERAL — Bem amigos, o que passou, passou. E agora chegou o momento da separação. Daisy e eu voltamos hoje mesmo para Minas. (*para Joãozinho e Loló*). P'ra vocês, meus votos de felicidades.

JOÃOZINHO — Obrigado, General.

64

JOÃOZINHO — (*cortando*). É uma questão de fôro íntimo.

PORFÍRIO — Já sei, que eu não posso compreender porque...

LOLÓ — (*cortando com ar de quem descobriu a pólvora*). Porque você é um libertino.

PORFÍRIO — Loló, o que me impressiona é a originalidade das tuas conclusões.

(*Nesse instante abre-se a porta e entra o General puxando Daisy pelo braço.*)

GENERAL — (*solene*). Meus senhores, tenho uma revelação a fazer. Perdi a confiança em minha filha. Porque depois da confissão completa do Joãozinho, ela ainda insiste em querer defender sua pureza.

PORFÍRIO — Acontece que houve um engano, General.

DAISY — Eu bem que disse a papai que tinha havido um engano. Não era possível. Eu não me lembrava de nada. E isso é o tipo da coisa que não pode acontecer sem a gente se lembrar.

GENERAL — Qual foi o engano?

PORFÍRIO — A pureza perdida no caso não foi a de sua filha, e sim a de nossa vizinha aqui presente.

DAISY — O quê? Quer dizer que êles dois...

PORFÍRIO — É.

GENERAL — Quer dizer que minha filha ainda...

PORFÍRIO — Ainda.

DAISY — E agora? Que é que vai acontecer?

PORFÍRIO — Agora Joãozinho e Loló vão se casar.

DAISY — (*indignada*). É o fim! O fim do final!

PORFÍRIO — Eu disse a você.

63

GENERAL — E você, Porfírio, veja se segue o exemplo de Joãozinho.

PORFÍRIO — Boas festas, General.

GENERAL — (*encaminhando-se para Daisy*). Eu vou descer que eu ainda tenho que fazer umas compras. Enquanto isso você pega as suas roupas lá no apartamento do Joãozinho. Depois desce que eu estarei te esperando lá em baixo.

DAISY — Está bem, papai! (*o General encaminhando-se para a porta*).

GENERAL — (*da porta*). Bom amigos, até mais ver então. (*sai*).

PORFÍRIO — JOÃOZINHO — LOLÓ — (*juntos*). Tchauzinho. Até a vista, General. Até logo, General.

DAISY — (*zangada*). Joãozinho, você quer então devolver minhas roupas?

JOÃOZINHO — Pois não. (*saem Joãozinho e Daisy. Pausa*).

PORFÍRIO — (*ar honesto*). Loló, nós andamos discutindo um pouco (*aciona o interruptor que reduz a luz do ambiente*), mas eu não quero que você me compreenda mal. Na verdade eu gosto de você. Você é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei. (*liga a vitrola, entra a marcha militar em bg*).

LOLÓ — (*admirada*). Eu, é?

PORFÍRIO — E isso não é confete, não. Honestamente. Você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

LOLÓ — Por que é que você 'tá falando tão macio?

PORFÍRIO — Porque eu sou muito diferente do que você me julga. No fundo eu sou um romântico. E tôdas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

65

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 2469

LOLÓ — Defesa de que?

PORFÍRIO — Do meu próprio subconsciente.

LOLÓ — Próprio o que? Não entendi, não. (*ligeira pausa*). Que música é essa?

PORFÍRIO — (*com ar de rapôsa*). Uma música, ué. Uma música como outra qualquer. O que é que ela te dá vontade de fazer?

LOLÓ — Sair marchando.

PORFÍRIO — (*rápido e aliciante, ajeitando o sumier*). Marchando em direção a que? (*ligeira pausa*).

LOLÓ — Não sei... Sair marchando. Sair marchando.

PORFÍRIO — (*ajeitando melhor o sumier*). Então... Saia marchando.

(*Loló sai marchando em direção à porta, abre a porta e sai de cena, sempre marchando*).

PORFÍRIO — (*séco e imperativo*). Alto. (*Loló pára*). Meia volta, volver! (*ouve-se o barulho dos pés de Loló fazendo meia volta, fora de cena. Porfírio aciona o interruptor. A luz volta ao normal*). Loló, você quer fazer a gentileza de voltar aqui p'ra dentro?

LOLÓ — (*entrando, um pouco intimidada*). Que foi que eu fiz de errado?

PORFÍRIO — (*contido*). Nada, Loló. (*desliga a luz*). Vamos começar de novo. Loló, que é que você acha da injustiça?

LOLÓ — É ruim, não é?

PORFÍRIO — É bárbaro. Agora me diga uma coisa. Você acharia justo, se você fôsse andando pela rua e visse dois pobres, dar um conto de réis a um dos pobres e não dar nada ao outro?

66

LOLÓ — (*meio em dúvida*). Nada... Isso é conversa tua.

PORFÍRIO — Conversa? Mas eu não sou de conversa. Eu não prometi que fazia o Joãozinho casar com você?

LOLÓ — Prometeu.

PORFÍRIO — E agora êle não vai casar?

LOLÓ — Vai.

PORFÍRIO — Então como é que você pode dizer que não sou conversa?

LOLÓ — Mas você não ajudou nada p'ra êsse casamento. Foi tudo um esforço meu.

PORFÍRIO — Mas eu influenciei o Joãozinho. É a mim que você deve agradecer a possibilidade dêsse esforço. E agora você quer me fazer essa ingratidão...

LOLÓ — Eu não sou ingrata.

PORFÍRIO — Pois prove isso. Depois de eu ter te arranjado um casamento, você tem obrigação de também me fazer alguma gentileza. Na vida tudo é reciprocidade.

LOLÓ — Mas qual é a gentileza que você quer que eu faça?

PORFÍRIO — Eu já não te disse que eu sou um amargurado?

LOLÓ — Já.

PORFÍRIO — E você não acha que a gente deve dar momentos de alegria aos amargurados?

LOLÓ — Lá isso deve.

PORFÍRIO — E qual é o melhor momento de alegria que você pode me dar? (*ligeira pausa*).

LOLÓ — Ah, não vem com pergunta assim de soptão que eu me atrapalho tôda.

PORFÍRIO — (*desanimado*). Assim não é possível.

68

LOLÓ — Não... Não 'tava certo.

PORFÍRIO — Pois o que você está fazendo com o Joãozinho e comigo é exatamente isso.

LOLÓ — P'ra que é que você 'tá me dizendo isso?

PORFÍRIO — P'ra ver se você se revolta contra êsse abominável estado de coisas e se anima a tomar uma providência.

LOLÓ — Providência p'ra que?

PORFÍRIO — P'ra gente aproveitar melhor êsse tempo que nós temos agora.

LOLÓ — Aproveitar como?

PORFÍRIO — Loló, eu vou te dar um outro exemplo, p'ra ver se você me compreende melhor. Você algum dia já viu uma criança pálida e triste espiando um doce na vitrine de uma confeitaria?

LOLÓ — Já.

PORFÍRIO — É uma cena de levar lágrimas até aos olhos de um coveiro, não é?

LOLÓ — É triste p'ra xuxu.

PORFÍRIO — Muito bem. E qual é o impulso ético e humano de uma criatura de bom coração diante dessa cena? (*Pausa. Loló continua com ar apavorado*). Que é que você faria?

LOLÓ — Dava o doce à criança.

PORFÍRIO — Exatamente. Pois nessa novela que eu acabei de contar, a distribuição de papéis é a seguinte. A criança pálida e triste sou eu. O doce é você.

LOLÓ — Você não tem cara nem pálida nem triste.

PORFÍRIO — Isso é o que você pensa. Eu juro que vivo aqui numa melancolia profunda, tão solitário, amargurado e triste que, puxa, quando eu penso no meu caso, morro de pena de mim mesmo. (*ligeira pausa*).

67

LOLÓ — (*iluminada*). Já sei. Dar um conto de réis a um pobre?

PORFÍRIO — (*subindo em tom*). Não, Loló.

LOLÓ — Te dar um doce de presente?

PORFÍRIO — (*exasperado*). Desde que êsse doce seja você, tá me entendendo? Desde que êsse doce seja você.

LOLÓ — (*em tom seguro*). Ah, então era isso que você queria dizer com aquela história de aproveitar melhor o tempo?

PORFÍRIO — (*ainda exasperado*). Exatamente, Loló.

LOLÓ — (*também nervosa*). Então porque é que você não disse logo?

PORFÍRIO — Está dito agora. (*pausa*).

LOLÓ — (*baixo novamente*). É... mas não pode ser.

PORFÍRIO — (*controlado*). Não pode por que?

LOLÓ — Por causa do Joãozinho.

PORFÍRIO — Joãozinho não tem nada a ver com êsse meu momento de alegria.

LOLÓ — Tem sim.

PORFÍRIO — Por que?

LOLÓ — Porque tem. Joãozinho não ia gostar.

PORFÍRIO — Mas a gente não vai sair espalhando a coisa por aí. Êle não vai saber. E uma pessoa não pode não gostar de uma coisa que não chegou a saber. Você, por exemplo, não pode ficar amolada por ter perdido um broche, se você não chegar a reparar que perdeu êsse broche.

LOLÓ — Eu perdi um broche? Quando?

PORFÍRIO — (*de novo exasperado*). Não Loló, isso foi uma comparação. Escuta. P'ra gente chegar a alguma conclusão, você tem que acompanhar meus raciocínios.

69

LOLÓ — (*ofendida*). Você 'tá querendo me chamar de burra, é?

PORFÍRIO — Não, Loló. Como é que você foi pensar uma barbaridade dessas?

LOLÓ — 'Tá sim. Você 'tá querendo me chamar de burra. Agora eu percebi muito bem. E eu admito tudo, menos isso. Vou-me embora.

PORFÍRIO — Loló, onde é que está o seu espírito de solidariedade humana? Você não pode ir embora agora.

LOLÓ — (*chorosa*). Vou sim. Você me magoou e eu vou-me embora lá p'ra baixo.

(*Encaminhando-se para a porta*).

PORFÍRIO — Mas Loló...!

LOLÓ — (*da porta*). E só volto quando o Joãozinho voltar (*sai*).

PORFÍRIO — (*furioso, sòzinho, andando de um lado para outro*). O que é que há? O que é que há comigo?

(*Nesse instante abre-se a porta e entra Joãozinho*).

JOÃOZINHO — (*patético da porta*). Porfírio, sou um desgraçado.

PORFÍRIO — Desgraçado sou eu. Joãozinho, me diz com tôda sinceridade. Você me acha repulsivo?

JOÃOZINHO — Você é um encanto. Eu é que sou um desgraçado.

PORFÍRIO — O seu problema já está todo resolvido.

JOÃOZINHO — Não 'tá não.

70

JOÃOZINHO — Mas Porfírio, você não imagina como eu estou sofrendo.

PORFÍRIO — Libertino, sim senhor! Enquanto eu fico aqui numa vida ascética de monge budista, você anda se esbaldando por aí. Devasso! Corrupto e corruptor!

JOÃOZINHO — Não Porfírio, eu sou um rapaz direito!

PORFÍRIO — Você não tinha lenço no seu apartamento?

JOÃOZINHO — Tinha, mas...

PORFÍRIO — Então porque é que você não deu um lenço a Daisy quando ela começou a chorar? Mas não! Você tinha que se demonstrar mais humano e solidário com o sofrimento dela, não é? Eu só espero que minhas irmãs nunca encontrem um rapaz tão humano e solidário quanto você. Descarado!

JOÃOZINHO — Mas Porfírio, você sempre achou isso uma coisa tão normal e salutar...!

PORFÍRIO — Quando era comigo. Você não espera que eu vá gastar a MINHA filosofia p'ra explicar o SEU sem-vergonhismo.

JOÃOZINHO — Mas eu quero remediar tudo.

PORFÍRIO — Como? Remediar tudo como? Eu só quero saber o que é que você pretende fazer agora diante dessa dupla responsabilidade, dessa dupla amargura, dêsse duplo drama de consciência.

JOÃOZINHO — Pois é. Isso é que eu não sei.

PORFÍRIO — Case com as duas. Com uma no Uruguai e com a outra na Argentina. Depois passe as segundas, quartas e sextas com a Daisy e as terças, quintas e sábados com a Loló. Mas os domingos deixe livre. Deixe livre p'ra assistir filmes românticos. E

72

PORFÍRIO — P'ro seu raciocínio simplório, casando com a Loló, você não tem mais dramas.

JOÃOZINHO — Tenho sim.

PORFÍRIO — Você já 'tá exagerando nessa história de querer ser um rapaz direito.

JOÃOZINHO — Ninguém me compreende.

PORFÍRIO — (*olhando para a porta*). O que eu compreendo é que há certas vítimas que não estão à altura da beleza de uma cantada psicológica.

JOÃOZINHO — Meu caso não tem solução.

PORFÍRIO — Esta senhora é uma ameba. Uma ameba. E como é que a gente vai convencer uma ameba a dormir com a gente?

JOÃOZINHO — Sou um infeliz.

PORFÍRIO — Basta dêsse negócio de você ser um infeliz. Eu é que acabei de desonrar pela segunda vez a reputação dêsse apartamento.

JOÃOZINHO — Mas eu estou com um tremendo problema de consciência.

PORFÍRIO — Pois eu estou exatamente atrás de um problema de consciência igual ao teu.

JOÃOZINHO — Eu sabia que você não ia compreender...

PORFÍRIO — Mas já não está tudo dito e explicado?

JOÃOZINHO — Acontece, Porfírio, que quando Daisy foi buscar as roupas lá no meu apartamento, ela começou a chorar...

PORFÍRIO — (*atônito*). Continua.

JOÃOZINHO — E você sabe que eu não sei resistir a lágrimas de mulher. (*pausa. A fisionomia de Porfírio se contrai. Ele se aproxima até ficar bem junto de Joãozinho*).

PORFÍRIO — (*como que cuspidando no rosto do outro*). Libertino!

71

quando as mocinhas da platéia começarem a chorar, traga tôdas elas aqui p'ro seu apartamento.

JOÃOZINHO — Você está sendo injusto, Porfírio.

PORFÍRIO — (*ainda furioso*). Ou então nem entre no cinema. Vá só p'ra fila. Vá p'ra fila e comece a cortar uma cebola.

JOÃOZINHO — Você está sendo injusto e cruel. Eu estou num momento de intenso sofrimento moral e preciso justamente da ajuda de um amigo como você.

PORFÍRIO — Joãozinho, meta uma coisa na cabeça. A única coisa que eu ainda pretendo fazer por você na vida, é segurar a alça do teu caixão no cemitério. Mais nada.

JOÃOZINHO — Mas como é que eu vou contar o caso ao General?

PORFÍRIO — Usando tato e habilidade. Dê um tapinha nas costas dêle e diga: General, sua filha, bau... bau...! E quando êle disparar o revólver, abra bem a bôca, p'ra ver se você engole depressa a bala, antes dela te estourar o crânio.

JOÃOZINHO — Isso não é hora para brincadeira.

PORFÍRIO — Você não sabe como eu estou falando sério, meu caro Joãozinho. Como eu estou falando sério...

JOÃOZINHO — Você não compreende que se eu casar com a Loló, vou me sentir eternamente responsável pela perdição da Daisy, e se eu me casar com a Daisy, a Loló é que não me dará paz à consciência.

PORFÍRIO — Não case com nenhuma, então. E mande as duas chorar as mágoas aqui no meu apartamento.

JOÃOZINHO — Eu só queria uma coisa de você, Porfírio.

73

PORFÍRIO — Pode dizer que eu terei o máximo prazer em NÃO fazer.

JOÃOZINHO — Eu vou trazer a Daisy p'ra cá. E depois, se o General vier também, eu só queria que você saísse um pouco com a Daisy, p'ra eu ter minha conversa a sós com o General. Só isso.

PORFÍRIO — Você tem certeza que o que você quer não é que eu saia com o General, p'ra você ter outra conversa a sós com a Daisy?

JOÃOZINHO — Porfírio, depois disso eu juro que não te incomodo nunca mais.

PORFÍRIO — (após certa hesitação). Vá lá. Mas olha. Toma cuidado quando você der a notícia ao General. Ele pode também querer chorar...

JOÃOZINHO — Até já, Porfírio. (sai)

(Porfírio fica sozinho em cena. Vai até a vitrola. Ouve-se a marchinha "a vida de casado é boa... mas a vida de solteiro é melhor". Porfírio dá um suspiro de satisfação e vai ao sumier, onde se deita para repousar. Nesse instante abre-se a porta suavemente e entram o General e Loló sorrateiros e cabisbaixos. Entram, fecham a porta e ficam postados de pé na entrada com o ar mais culpado do mundo).

PORFÍRIO — (do sumier, virando a cabeça). Ah, vocês estão aí? (o General e Loló nada respondem. Porfírio levanta-se, vai até a vitrola e desliga-a).

74

GENERAL — É uma coisa que você não pode compreender, Porfírio, porque você é um...

PORFÍRIO — (cortando, furioso). Porque eu sou o que? Diga, se tem coragem. Porque eu sou o que?

GENERAL — (intimidado). Porque você... bem, não tem uma sensibilidade assim tão nobre e apurada quanto a nossa.

PORFÍRIO — (furioso). Eu sou um puro. Uma criança. Uma criança perdida numa noite de tempestade. Tudo o que me sobra em teoria, vocês estão aí firmes, pondo em prática.

GENERAL — A questão, Porfírio, é que eu estou agora com um problema.

PORFÍRIO — Pois estimo que o senhor continue com êle.

GENERAL — Não sei como contar o caso ao Joãozinho. Você sabe... Isso é um assunto delicado. Afinal de contas, Loló é noiva dêle.

PORFÍRIO — Mas o senhor pretende contar o caso ao Joãozinho?

GENERAL — Claro. Lembre-se que eu sou um homem honrado.

PORFÍRIO — (irônico). Ah, perdão. Eu tinha me esquecido.

GENERAL — E aí é que eu precisava de um grande favor teu, Porfírio.

PORFÍRIO — (apreensivo). Qual?

GENERAL — É que quando eu fôsse contar o caso ao Joãozinho, você saísse um pouco com a Loló. Você compreende... P'ra eu e êle termos nossa conversa a sós.

PORFÍRIO — 'Tá O.K. Eu agora topo tudo.

PORFÍRIO — (na vitrola). Vocês se encontraram lá embaixo? (o General e Loló continuam em silêncio e de cabeça baixa).

PORFÍRIO — (guardando o disco). Eu estava aqui ouvindo essa musiquinha p'ra repousar um pouco e... (Porfírio pára de estalo a frase e o que está fazendo. Está com uma expressão de quem de repente entendeu tudo. Vira-se lentamente e vai se encaminhando para o General e Loló).

PORFÍRIO — (a princípio em tom baixo e em seguida subindo em volume a dramaticidade). Não. Não! Não!!!

(General e Loló continuam de cabeça baixa e em silêncio).

PORFÍRIO — Vocês não vão me dizer que vocês dois... (General faz que "sim" com a cabeça).

PORFÍRIO — O que me impressiona é a rapidez com que vocês agem.

GENERAL — Você sabe, Porfírio...

PORFÍRIO — (furioso). Não precisam dizer nada. Já sei. Já sei de tudo. Loló chegou lá embaixo chorando, não foi?

GENERAL — Pois é. E agora é que eu compreendi como o Joãozinho é um rapaz de bons sentimentos.

PORFÍRIO — Bons sentimentos? Então eu sou um São Francisco!

GENERAL — A gente não pode resistir, Porfírio. É uma coisa de partir o coração, quando ela começa a chorar.

PORFÍRIO — Vocês precisavam ser menos emotivos, sabe?

75

(Nesse momento abre-se a porta e entram Joãozinho e Daisy).

JOÃOZINHO — (meio sem jeito). Ah, General, o sr. está aí?

GENERAL — (ultra-amável). Estava justamente te esperando, meu rapaz.

JOÃOZINHO — (solicito). Ora, General, mas o sr. não devia se incomodar...

GENERAL — É sempre um prazer falar com você, meu rapaz.

DAISY — Puxa, papai, você 'tá um bocado gentil, hem?

GENERAL — Joãozinho merece, minha filha. Joãozinho merece.

PORFÍRIO — Bem, eu vou dar uma volta por aí. (intencional). Daisy e Loló, vocês não querem vir comigo? (sai)

GENERAL — Vai, Loló. Vai passear com o Porfírio.

JOÃOZINHO — Acho melhor você também ir, Daisy. (saem Daisy e Loló).

(o General e Joãozinho ficam parados um diante do outro. Sorriem constrangidos).

GENERAL E JOÃOZINHO — (juntos). Sente-se General. Sente-se Joãozinho. (sorriem novamente e sentam. Pausa).

JOÃOZINHO — O senhor está bem acomodado, General?

GENERAL — Muito bem. Muito bem. Você é que

77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 072818 472

parece que está numa posição um pouco incômoda. *(pega uma almofada que estava em uma poltrona)*.
JOÃOZINHO — Não senhor, está ótimo.

GENERAL — Ponha essa almofada nas costas, meu rapaz. *(levanta-se para colocar a almofada nas costas de Joãozinho)*.

JOÃOZINHO — Ora General, não se incomode...

GENERAL — Não, mas eu insisto.

JOÃOZINHO — Obrigado então, General. *(General senta novamente. Pausa)*.

GENERAL E JOÃOZINHO — *(juntos)*. General... Joãozinho...

(Quando vêm que falam juntos, param novamente).

JOÃOZINHO — Pode falar, General.

GENERAL — Não, fale primeiro.

JOÃOZINHO — Dessa vez sou eu que insisto, General. O sr. é mais velho.

(O General ajeita-se na cadeira).

GENERAL — Joãozinho, você sabe que eu sou um homem vivido.

JOÃOZINHO — Claro, General.

GENERAL — É uma coisa eu aprendi na vida.

JOÃOZINHO — *(ultra solícito)*. Claro, General.

GENERAL — Foi a compreender certos deslizes que as criaturas às vezes cometem.

JOÃOZINHO — Puxa, General, o sr. não imagina como eu fico satisfeito do senhor dizer uma coisa dessas.

78

rapaz. Só quando ela está disposta a deslizar com ele sobre os limites da moral é que o amor é verdadeiro.

JOÃOZINHO — Essa explicação está ótima, General. Continue.

GENERAL — Aliás, os limites da moral provavelmente foram feitos p'ra isso mesmo. P'ra servir de termômetro da intensidade do amor das moças de família.

JOÃOZINHO — Eu não podia esperar que o sr. fosse mais compreensivo.

GENERAL — Mas agora chegou a sua vez.

JOÃOZINHO — De ser compreensivo?

GENERAL — De me arranjar uma boa explicação.

JOÃOZINHO — P'ra que?

GENERAL — P'ro fato da fidelidade de certas noivas não ser tão canina quanto seria desejável.

JOÃOZINHO — General, o sr. sabe, depois do casamento, a traição é um choque brutal e sem remédio. Mas, entre noivos, é uma coisa que tem até um certo sabor de aviso preventivo. Aviso de que aquêlê casamento não ia mesmo ser feliz. Por isso, General, do fundo do meu coração, eu lhe agradeço ter seduzido minha noiva.

GENERAL — Ora, não há de que, meu rapaz. Não há de que. Mas agora me diga uma coisa. *(solene)*. Quais são as suas intenções em relação a minha filha?

JOÃOZINHO — As mesmas que a sua em relação a minha noiva.

GENERAL — *(ainda solene)*. Faremos então um duplo casamento.

JOÃOZINHO — *(mesmo tom)*. Porque somos dois homens honrados.

GENERAL — *(mesmo tom)*. Parabéns, meu rapaz.

80

GENERAL — Eu é que fico satisfeito de ver a sua compreensão.

(Nesse instante abre-se a porta e entra Porfírio).

PORFÍRIO — *(entrando)*. Joãozinho, você quer vir até cá? *(leva Joãozinho para um canto e cochicha qualquer coisa no ouvido dêle. Joãozinho franze a testa e cochicha também. Porfírio cochicha novamente para Joãozinho e então êste, meio a contragosto, entrega ao outro um molho de chaves. Porfírio agradece e sai)*.

GENERAL — Ele é um bom rapaz. É pena que seja tão devasso.

JOÃOZINHO — Mas continue, General. O senhor ia dizendo que estava pronto a compreender um deslize que alguém tivesse tido com sua filha...

GENERAL — Bem, eu não estava me referindo exatamente a minha filha. Eu falava, por exemplo, de um deslize que alguém tivesse tido com a noiva de alguém...

JOÃOZINHO — Ah, era com a noiva?

GENERAL — Por que é que havia de ser com a filha?

JOÃOZINHO — General, eu tenho uma coisa a lhe dizer, mas não sei como explicar.

GENERAL — Diga, que a gente depois encontra a explicação.

JOÃOZINHO — General... O fato é que eu e sua filha... tivemos um deslize. *(pausa)*

GENERAL — Bem, afinal de contas a gente tem que compreender que o deslize é o único método p'ra uma moça de família ter certeza do seu amor por um

79

JOÃOZINHO — *(mesmo tom)*. Parabéns, General

(Pausa).

GENERAL — *(desfazendo a pôse)*. Puxa, até que foi bem mais fácil do que eu pensei. Ainda bem que você também tinha um deslize p'ra contar...

JOÃOZINHO — Nada como dois deslizes p'ra unir duas pessoas...

GENERAL — Onde estarão as meninas?

JOÃOZINHO — Devem estar no meu apartamento, porque Porfírio veio cá me pedir a chave.

GENERAL — O que? Você entregou a chave do seu apartamento àquele libertino, sabendo que êle estava com nossas noivas?

JOÃOZINHO — Bem, mas ainda não deu tempo de ter acontecido nada.

GENERAL — Nunca se sabe. Nunca se sabe. *(nesse instante abre-se a porta e entram Daisy e Loló)*.

GENERAL — Ué, vocês estão aí?

LOLÓ — E ouvimos tudo.

DAISY — E vamos querer a maior lua de mel. *(elas se atiram aos braços de seus respectivos noivos)*.

JOÃOZINHO — Mas o que foi feito do Porfírio?

DAISY — Êle parece que ficou meio matusquela.

LOLÓ — *(de boca mole)*. Logo que nós saímos... Imagina só o que êle fêz. Mandou a gente parar aí no corredor e disse p'ra eu abrir bem a vista. *(abre desmesuradamente os olhos e a seguir fala rápido)*.

Aí êle soprou com tôda a força dentro do meu ôlho! *(abre-se a porta e entra Porfírio)*.

GENERAL E JOÃOZINHO — *(juntos para Porfírio)*. ..Canalha!

DAISY — Eu não entendi p'ra que é que êle fêz isso!

BR DFANBSB NS.ÇPR.TEA.PTE. 0728, 473 81

JOÃOZINHO — P'ra fazer ela chorar.
 GENERAL — (*intencional*). P'ra fazer ela chorar, 'tá compreendendo?
 PORFÍRIO — Basta!
 LOLÓ — (*rápido*). Mas eu não chorei!
 PORFÍRIO — Rua!
 DAISY — Eu também não!
 PORFÍRIO — Fora todo mundo!
 GENERAL — Vamos embora mesmo! Não temos mais nada a fazer aqui na toca dêsse libertino!
 JOÃOZINHO — Vamos!

(*Saem todos quatro. Porfírio fica sozinho. Dá um suspiro de alívio e, quando vai sentar, toca a campainha da porta. Indignado, Porfírio pega uma garrafa e parte para a porta, com atitude agressiva. Ao abrir a porta, ouve-se uma voz de mulher, fora de cena.*)

VOZ — (*off*). (*uma mão entrega um embrulho*). Sô Porfírio, vim trazer a roupa!
 PORFÍRIO — (*abaixando a garrafa e recebendo o embrulho*). Quanto é?
 VOZ — (*off*). Quinhentos mil réis.
 PORFÍRIO — (*saindo para o banheiro, com o embrulho*). A senhora tinha dito que era trezentos.
 VOZ — (*off*). É, mas agora é quinhentos mesmo. (*pequena pausa*). (*a luz ambiente se reduz*). Porfírio entra de novo em cena e vai a vitrola, ouve-se a marcha militar).

82

Tôda donzela tem um pai que é uma fera foi levada à cena pela primeira vez no Teatro Santa Rosa, do Rio de Janeiro, a 5 de julho de 1962, com a seguinte distribuição:

Porfírio	Gláucio Gill
Joãozinho	Daniel Filho
Daisy	Joana Fomm
General	Arthur Costa Filho
Loló	Renata Fronzi

Cenário de Cláudio Moura
 Figurinos de Virgínia Guimarães Ferreira
 Direção de Leo Júsi
 Produção de Hélio Bloch.

Em São Paulo, foi apresentada pelo elenco do Teatro Oficina, a partir de 9 de junho de 1964, com os papéis assim distribuídos:

Porfírio	Tarcísio Meira
Joãozinho	Cláudio Marzo
Daisy	Miriam Mehler
General	Eugênio Kusnet
Loló	Ítala Nandi

Cenário de Fuad Jorge Cury
 Figurinos de Ana Maria Nabuco
 Direção de Benedito Corsi
 Produção de Ety Fraser.

84

PORFÍRIO — (*em tom melífluo*). Dona Florisbela, nós andamos discutindo um pouco, mas eu não quero que a senhora me compreenda mal. A senhora é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei...
 VOZ — (*off, espantadíssima*). Que é isso, sô Porfírio?
 PORFÍRIO — (*já quase deirante*). Não, no duro. A senhora tem um encanto pessoal, um carinho envolvente que seduz qualquer pessoa.
 VOZ — (*off*). Cruz credo! Até logo, sô Porfírio! Até loguinho!

(*Ouve-se o ruído de passos se afastando. Arrasado, Porfírio se encaminha para apanhar alguma coisa debaixo do sumier, quando entra Joãozinho, rápido e ofegante.*)

JOÃOZINHO — Porfírio, preciso falar com você!
 PORFÍRIO — (*tirando uma pequena valise debaixo do sumier, em tom entre dramático e heróico*). Adeus, Joãozinho!
 JOÃOZINHO — Mas Porfírio, p'ra onde é que você vai?
 PORFÍRIO — (*saltando para a platéia e saindo pelo corredor entre as poltronas*). Vou-me embora p'ra casa da mamãe!!!

(*E assim cai o pano sobre o terceiro ato, com a figura de Joãozinho perplexo, no centro do palco.*)

83

brasiliense de bolso
 série teatro universal

volumes publicados

1. shakespeare — a tempestade
2. górkí — pequenos burgueses
3. jorge andrade — vereda da salvação
4. nelson rodrigues — bonitinha, mas ordinária
5. goldoni — mirandolina
6. büchner — a morte de danton
7. gláucio gill — tôda donzela tem um pai que é uma fera
8. gil vicente — auto da barca do inferno, a farsa de inês pereira e o velho da horta
9. shelagh delaney — um gosto de mel
10. an-sky — o dibuk

em preparo

- | | |
|-------------------------|--|
| | — a "commedia dell'arte" |
| augusto boal | — revolução na américa do sul |
| arthur miller | — a morte do caixeiro viajante depois da queda |
| brendan behan | — o refém |
| dumas filho | — a dama das camélias |
| gianfrancesco guarnieri | — eles não usam black-tie a semente |
| joão bethencourt | — a ilha de circe ou mister sexo |
| lope de vega | — o melhor juiz, o rei — adaptação de augusto boal, gianfrancesco guarnieri e paulo josé |
| pirandello | — vestir os nus |
| sean o'casey | — juno e o pavão o arado e as estrelas |
| tennessee williams | — um bonde chamado desejo |

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE
ACORDO COM PARECER DOS CENSO
RES

Em 03, 08 84

OFF. SR. SP

Chefe de S.C.D.P.

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

14 anos.

Leitura de Texto.

Identificação

Autor: Gláucio Gill

Produção: Grupo Cênico Regina Pacis

Grupo: Amador

Conteúdo

Comédia que envolve uma moça casamenteira, seu pai e dois rapazes, um deles tendo a fama de conquistador. Este acaba sendo envolvido em uma trama e quase é obrigado a casar com a namorada do amigo, mas acaba sozinho e desacreditado.

Linguagem

Coloquial.

Mensagem

A peça visa o entretenimento.

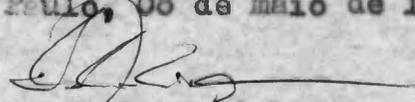
Público Alvo

Adolescentes e adultos.

Parecer

Peça já representada inúmeras vezes. Opinamos pela sua liberação para maiores de 14 anos, considerando a maliciosidade de alguns diálogos.

São Paulo, 08 de maio de 1984.


Dalva R. Marinho
Matr. 2.417.032

"TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA"

14 anos.

Ensaio Geral.

Autor: Glaucio Gill

Produção: Grupo Cênico Regina Pacis

Grupo: Amador

Local: São Bernardo do Campo

Conteúdo

Comédia envolvendo uma moça casamenteira, seu pai, su namorado tímido e o amigo deste, um conquistador. A moça acaba fazendo crer ao pai, que o conquistador a seduzira e ele obriga-os a casarem-se. Desesperado, o rapaz consegue provar sua inocência, envolvendo uma vizinha nos acontecimentos. No final, fica provado que o D. Juan não consegue conquistar ninguém, a jovem casa-se com o namorado e seu pai com a vizinha.

Mensagem

A peça visa o entretenimento e ao mesmo tempo ridiculariza o tipo conquistador.

Linguagem

Comum, informal.

Público Alvo

Adolescente e adulto.

Grau de Persuasão

Razoável.

Ensaio Geral

O cenário simula um quarto de apartamento. O figurino constitui-se de roupas comuns. A marcação nada possui de inusitado. Na sonoplastia são utilizadas músicas clássicas.

A montagem mostra-se bastante despojada. Opinamos pela sua liberação para maiores de 14 anos, considerando o nível de linguagem, inadequado para um público infantil.

São Paulo, 01 de agosto de 1984.

Dalva R. Marinho
Dalva R. Marinho
Matr. 2.417.032

EXPECI-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARÂMETROS DOS CENSO RES	
Em	03 / 08 / 84
DFF / SR / SP	
Cena de SCDP	



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 477

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA "

ORIGINAL DE GLAUCIO GIL

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 03 de OUTUBRO de 19 84

S. Paulo,
~~Escrito~~ 03 de AGOSTO de 19 84

PROIBIDO PARA MENORES DE
14 ANOS

Maria Inês Rolim Cauchioli

MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI
CHEFE SCDP/SR/SP

~~Director da DCDF~~

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA PERA "

Original de GLAUCIO GILL

Tradução de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Adaptação de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Produção de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Requerida por GRUPO CÊNICO REGINA PAULS

Tendo sido censurada em _____ de _____ de 19 _____ e recebido

a seguinte classificação: IMPROPRIA P/ MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DE TEXTO CARIMBADO.

S. Paulo de AGOSTO de 19 84

Araceli Aparecida Corrêa
Chefe do Serviço de Censura
SCC/SCDP/SR/SP

TEATRO

TÍTULO " TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA."

AUTOR DA PEÇA: GLAUCIO GILL.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 ANOSPraça SCDP/SR/SR

Obs.: _____

DF. 17 / AGOSTO / DE / 1984

Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação impropria para menores de 14 (catorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio

Obs.: Completude do tema
Brasília-DF, 23 de agosto de 19 84

[Assinatura]
Eliste [Assinatura] Titulo
TC [Assinatura] Mat. 1227

Obs.: Foi reduzida a impropriedade de 16 para 14 anos.
Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 (catorze) anos

Brasília-DF, 24 de 08 de 19 84

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 24 / 08 / 19 84

[Assinatura]
Belange M. T. Hernandez
Diretora da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 400

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 0154	EMIÇÃO 24 AGOSTO DE 1984	VALIDADE 24 AGOSTO DE 1989
-------------------------------	------------------------------------	--------------------------------------

TÍTULO
TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

AUTOR (ES)
GLÁUCIO GIL

CLASSIFICAÇÃO
14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE
COMPLEXIDADE DO TEMA.

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 DIRETORA DA DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO: **TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA**
 ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **0154**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **ANTONINO ASSUMPTÃO - SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP.**

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE (14) QUATORZE ANOS. CONDI-
 CIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO
 SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVI-
 DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
 CHEFE DO SC - DCDP

ASSINATURA

BSB, 24 DE AGOSTO DE 1984.

RR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07241.461

27 agosto de 1984

1.531/84-SE/DCDP

SP.

" TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA ", de
Gláucio Gil.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 482

2 MAI 1958 000000

SÃO PAULO - 3200

32 11,43P

DCDP / DSA

201923

0200 DE 020500 DCDP/SR/SP PAT SOL INFO CLASS ET PRADO VAL
CERT PEÇAS TEATRAIS DIRT "O CASACO ENCANTADO" DE LUCIA
BERTUZZI VG "MURAL POETICO" DE C. VIEIRA VG "NA RUA DO LA-
ZER VOCE TEM O QUE FAZER" DE MARLEI SILVA ET "TODA DONZELA
TEM UM PAI QUE E UMA FERA" DE CLAUDIO GILL PT

DCDP

CH DCDP/SR/SP

INFORMAÇÃO/ARQUIVO/DCDP

Obs: AS PEÇAS TEATRAIS: MURAL POÉTICO E NA RUA DO LAZER VOCE TEM O QUE FAZER NADA CONSTA

113334201FE BR

113334201FE BR

MF

05/05/86

CA

Walter de Oliveira
Chefe do Arquivo/DCDP

TELEFONE

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as palavras com 2 espaços

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 07288 483



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº
SINAL 70 30 86 000000

PREÂMBULO
Espécie: OFICIAL Número..... Data:.....
Origem..... Palavras..... Hora:.....

ENDEREÇO
SCDP/SR/SP

POSICÃO:
QUITAÇÃO
HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR
Nº 341/DCDP de 05 05 86 RERA NR 6209 SCDP/SR/SP VG INFO PEÇAS
TEATRAIS BIPT "O CASACO ENCANTADO" VG CLASS LIVRE VG CERT VAL 131088
PTVG "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" VG CLASS QUATORZE ANOS
VG CERT VAL 240889 PTVG DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

DPF-SAv. 84

Assinatura ou rubrica do expedidor *Raymundo Custódio de Mesquita*
Chefe do Serviço de Gramática DCFP

Recebido as 11:10 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P484

Em 10/09/86

mat. 6190636

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

09 SET 14 43 000000
44 090

DE SAO PAULO SP 12654 50 091000 P

DCDP/BSA

DCDP

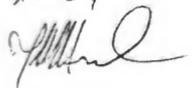
NR 12654/SCDP/SRDPF/SP - 090986 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT
PECAS TEATRAIS BIPT "O CASTELO DE MULUMI" DE JURANDIR PEREIRA VG
"TALVES ANANHA" DE EDSON CORREA VG "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE
EH UMA FERA" DE CLAUDIO GIL VG "ALZIRA POWER" DE ANTONIO BIVAR VG
"ESPACOLINO VISITA A TERRA" DE RUBEN HEYER VG VG "UEFA: QUE PERIGO"
DE AUGUSTO FRANCISCO VG "O MARINHEIRO" DE FERNANDO PESSOA VG "UM
MARIDO EN APUROS" DE R. BELMAR VG "SHOW MEDICINA" DE MARCELO
VALENTE; PT

RECEBIDO EM 09-03-86

SCDP/SRDPF/SP

AS: 1731 HIS

VIDE VERSO



NNNN

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

7 1 SET 1986

Nº

85

000002

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número..... Data:.....

Origem.....

Palavras..... Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/SP

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR:

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 677/DCDP de 10 09 86 RERA NR 12654/SCDP/SR/SP DE 090986 VG
INFO PEÇAS TEATRAIS BIPT "O CASTELO DE MULUMI" CLASS LIVRE VG CERT
VAL 270390 PTVG "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE EH UMA FERA" LIB QUA-
TORZE ANOS VG CERT VAL 240889 VG J.I. TEMATICA COMPLEXA PTVG "ALZI
RA POWER" LIB DEZOITO ANOS VG CERT VAL 300890 VG J.I. TEMATICA ADUL
TA PTVG "ESPAÇOLINO VISITA A TERRA" CLASS LIVRE VG CERT VENC EM
101278 PTVG "O MARINHEIRO" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 011188 VG J.I.
TEMATICA COMPLEXA PTVG "BASILISCO" OU "CADE O PEIXE" OU "UFA BIPT
QUE PERIGO..." CLASS LIVRE VG CERT VEC 050886 PT "TALVEZ AMANHA" VG
"UM MARIDO EM APUROS ET "SHOW MEDICINA" NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. *Raimundo Custódio de Mesquita*..... DPF-84

Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0728, P. 486

DE SAO PAULO SP NR 9703 A/C 26/05 10,00

23424

DCDP/DPF/BSA

SCDP

NR 9703 DE 26/05/87 SCDP/SR/DPF/SP PT
 SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT "OS DONOS DA TERRA" DE MARIO CESAR RODRIGUES VG "KRONOS" DO PROPRIO GRUPO VG "DELIRIO" DE ANTONIO MONTEIRO CARDOSO VG "POSICOES TROCADAS" DE LUIZ CARLOS CARDOSO VG "ALDINE E O PRINCIPE" DE JORGE GONCALVES VG "NOITE ASPECTOS SOMBRIOS E LUMINOSOS DO SER" DE ARMANDO CELIA JUNIOR VG "TESTAMENTO DE UM CAFAGESTE" DE DICLEI REMORINI VG "UMA ELEICAO EM BRUXOPOLIS" DE DENERJANIO TAVARES DE LYRA VG "NAO CONVERSE COM O MOTORISTA" DE FERNANDO CESAR DE OLIVEIRA VG "O PEQUENO PRINCIPE" DE ANTOINE SAINT EXUPERY VG "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE EH UMA FERA" DE GLAUCIO GILL PT

SCDP/SR/DPF/SP

NNNN
DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

R. 3251035

Recebi às 11:20
Em 27/05/87
mat. 6190636 &
(genia 694)

ARQUIVO/DCDP
 consta reg. das peças:
 - O PEQUENO PRINCIPE
 - TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA
 Quanto as demais, usada consta.
 [Signature]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

POSIÇÃO:

QUITAZÃO

HRS:

OPR. *[Assinatura]*

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL

Número..... Data:.....

Origem.....

Palavras..... Hora:.....

ENDEREÇO

SCIP/SR/SPO/SP

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 302/DCCP de 27 05 87 RERA NR 9703 SCIP/SP 260587 VG INFO
PEÇAS "O PEQUENO PRÍNCIPE" CLASS LIVRE CERT VENC 220283 PTVG "TO-
DA PONZELA TEM O PAI QUE É UMA FERA" CLASS QUATORZE ANOS CERT VAL
240889 J.I. TEMATICA COMPLEXA PT DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCCP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

[Assinatura]
Milm Helena Echar Domingos

Chefe do SC - DCCP

Substituto

DPF-84

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços